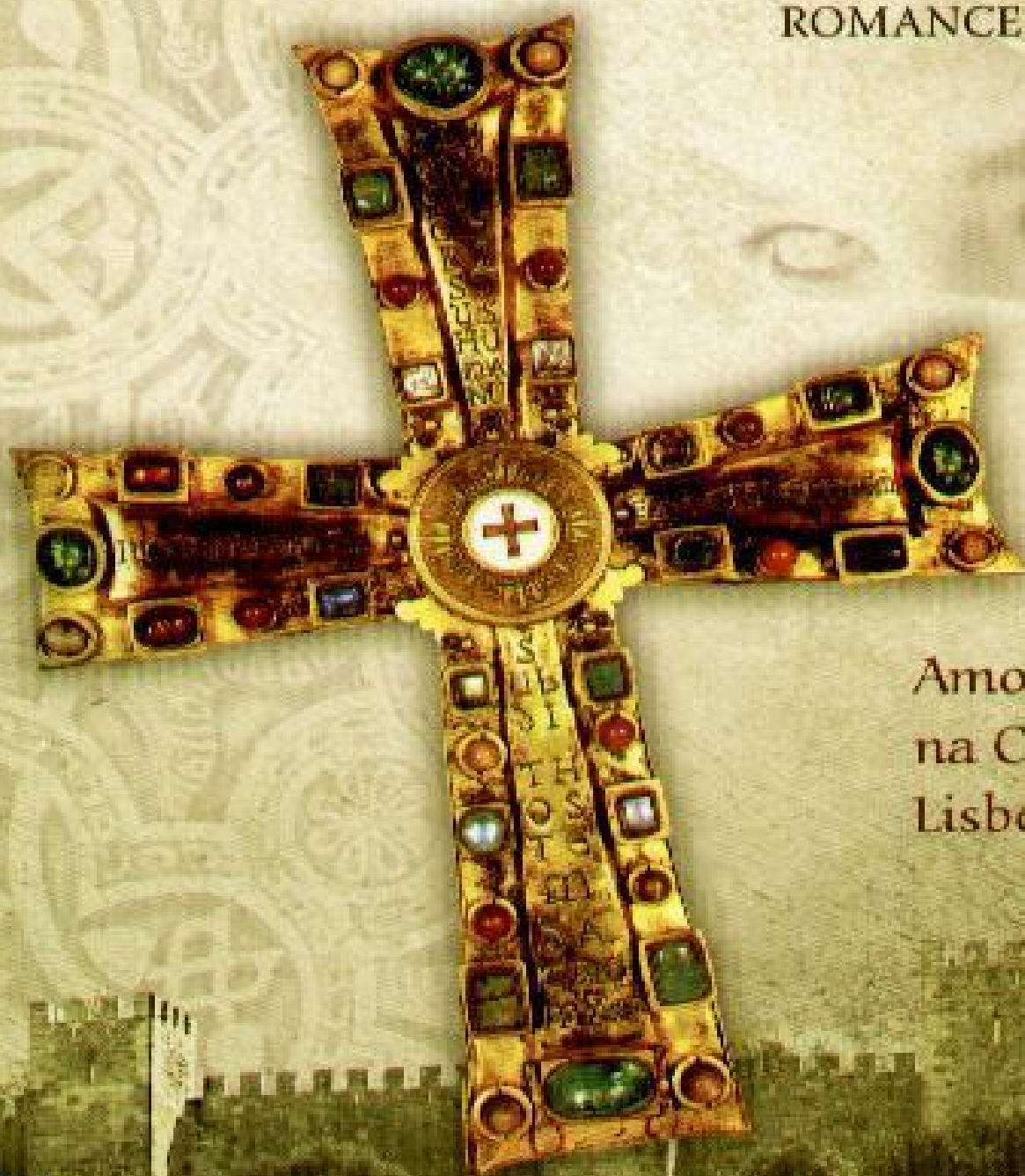


CRISTINA TORRÃO

A CRUZ DE ESMERALDAS

ROMANCE HISTÓRICO



Amor e mistério
na Conquista de
Lisboa em 1147

ÉSQUILO



A CRUZ DE ESMERALDAS

CRISTINA TORRÃO

ROMANCE HISTÓRICO

Amor e mistério na Conquista de Lisboa em 1147

Revisão: António Vicente, Carla Cavaleiro, Severina Gonçalves

Projecto Gráfico: Gabinete gráfico da ÉSQUILO

Impressão: Rolo & Filhos II, SA

Distribuição: Sodilivros - Tel.: 213 815 600

1.a Edição: Outubro 2009

ISBN: 978-989-8092-61-8

Depósito Legal: 300 808/09

Copyright: Esquilo e autor

ÉSQUILO edições e multimédia, Ida

Av. António Augusto de Aguiar, 17 - 4.º Esq.

1050-012 Lisboa

Tel.: 21 350 24 10

Fax: 21 350 24 19

E-mail: multimedia@esquilo.com

Endereço na Web: www.esquilo.com

Obrigada ao Paulo Alexandre Loução, que continua a apostar na minha escrita, e a toda a equipa da Esquilo pelo seu excelente trabalho.

Agradeço também aos meus pais, Dr. José Manuel Torrão e Maria Margarida dos Santos Pinto, pelo apoio que me tem prestado.

O talento e a imaginação só se soltam, encontrando espaço, e só dão fruto em terreno fértil. Caso contrário, mantêm-se adormecidos, à espera de uma oportunidade, que muitas vezes nunca surge.

O Horst deu-me essa oportunidade. Cria o espaço necessário ao meu talento e cuida do solo onde germina a minha fantasia.

1

LUSBUNA - Verão de 1142

Por sobre o adarve, o velho Abdalah esticou o braço em direcção às tropas cristãs que se retiravam e lançou trágico:

— Eles regressarão!

Depois de terem saqueado as aldeias e as quintas à volta de Lusbuna, os portugueses, junto com alguns cruzados francos, haviam tentado conquistar a "cidade branca", a jóia junto à foz do Tejo, há muito cobiçada pelo rei Ibn Errik.

Abdalah elevou os braços trementes aos céus e bradou:

— O nosso fim está próximo! Que Alá, o Altíssimo nos guarde! As crianças espetavam olhares receosos na figura frágil, à qual, não obstante as vestes pobres, as longas barbas brancas conferiam respeito e sapiência. Por baixo do turbante branco, o olhar turvo mergulhou em tristeza e o ancião iniciou o seu lamento habitual:

— O meu pai, Alá o tenha em misericórdia, foi testemunha do esplendor de Qurtuba (Nota 1). Porque não souberam os crentes da fé verdadeira manter o califado de al-Andalus? Existisse ainda essa força, essa imponência, e os cristãos jamais nos venceriam!

Mais uma vez, os pequenos se perguntavam que idade o ancião teria. O califado já se extinguiu há cem anos e, se o pai dele era desse tempo, Abdalah era capaz de já ter passado os oitenta!

— Dos quatro cantos do mundo nos chegavam estudantes e sábios, a fim de se deleitarem com as dezenas de milhares de livros e manuscritos existentes na biblioteca de Qurtuba.

Nota 1 - Córdova.

Todos os crentes eram ávidos de conhecer o Califado do Oeste. E a orgulhosa cidade recebia-os de braços abertos...

Interrompeu-se no seu abraço ao horizonte, que mirava como se a saudade que lhe atormentava a alma lá estivesse estampada.

Aischa quedava-se suspensa. A brisa agitava-lhe os caracóis negros, que lhe acariciavam as faces de pele clara, herança de sua mãe... e que de repente lhe lembraram de que se esquecera do véu! Com doze anos, ainda não enraizara o hábito de se cobrir em público. A conhecida tolerância de seu pai, um dos mercadores mais ricos de Lusbuna, de nada lhe valeria, descobrisse ele que ela nem sequer amarrara os cabelos.

Abdalah parecia não fazer tensões de regressar à sua história e Aischa acabou a suspirar de impaciência. A moça suava debaixo do sol, na alcáçova, o ponto mais alto da cidade, apesar das suas vestes de algodão leve. Sentia a garganta seca e ansiou pela frescura do seu jardim, o repuxo a jorrar fios de água cintilantes...

— Sangue!

Aischa estremeceu àquele grito inesperado de Abdalah, que apontava, muito abertos, os olhos meio cegos às crianças:

— Rios de sangue jorraram durante afinal Os crentes combateram-se entre si, cercaram Qurtuba, pilharam-na, incendiaram-na. Condenaram o califa à morte, o próprio sucessor do Profeta, que Alá tenha em glória! E al-Andalus ainda não parou de se dividir em reinos cada vez mais pequenos, cada vez mais fracos...

— Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, fechou a mão num punho trememente. — Como foi possível que nos tivéssemos esquecido de que só a unidade conduz à vitória? — Elevou de novo os braços aos céus e citou o Corão: — No dia em que a Terra se transformará noutra Terra e o Céu noutro Céu, todos comparecerão perante Deus, o Único, o Poderoso. Os culpados serão postos a ferro, pez líquido cobrir-lhes-á os corpos, fogo consumirá as suas faces... — Tornou a encarar as crianças e soltou, numa voz de trovão: — O dia do Juízo Final está próximo! Supliquemos Misericórdia a Alá, senhor dos Mundos!

Assustada, Aischa virou-lhe as costas. Desceu as escadas do adarve e atravessou a bâb al-qasbâ, ou Porta da Alcáçova, saindo

para o terreiro onde normalmente havia um pequeno mercado, mas que não funcionava há alguns dias, devido aos combates.

Encontrava-se lá muita gente a comentai os feitos de Ibn Errik.

A moça pôs-se a caminho de casa, colina abaixo, por entre as ruas labirínticas, até atingir o principal eixo viário da cidade que ligava a oriental bâb al-maqbara, ou Porta do Cemitério, à grande Porta do Ocidente bâb al-garbi, a maior de Lusbuna, junto à mesquita aljama. Nas imediações deste templo, começava a zona do suq, o ponto de ligação entre a cidade alta e a baixa, onde as ruas, um pouco mais largas, facilitavam a actividade dos mercadores. Mas Aischa tomou a direcção oposta da mesquita, aproximando-se da bâb al-hammã, ou Porta das Termas, situada perto das nascentes de águas quentes e frias, onde se haviam construído as termas abobadadas. Por isso mesmo, muitas famílias ricas, como a dela, tinham-se instalado naquela zona ribeirinha intramuros.

Ninguém diria que aquelas simples paredes caiadas abrigavam casas sumptuosas, a cujas entradas só se tinha acesso através de travessas privadas. Muitas delas eram construídas em sobradado, ou seja, o piso superior avançava sobre a rua, formando balcões de ressalto e passadiços, cobrindo completamente amplos troços das ruelas estreitas. Adufas, portadas de madeira finamente trabalhada, decoravam as janelas e permitiam que as mulheres pudessem observar o exterior sem serem vistas.

Por toda a parte se comentavam os feitos de Ibn Errik, o rei cristão, que há três anos, para os lados de Ourique, vencera um exército três vezes maior do que o dele. Aischa não acreditava que ele possuísse forças sobrenaturais, como se dizia. Até parecia que os muçulmanos de Lusbuna não estavam habituados a lidar com cristãos! Afinal, moravam ali quase tantos moçárabes como seguidores do Profeta Maomé.

A própria mãe de Aischa só se convertera ao islamismo ao casar com o mercador mouro, trocando o nome de Beatriz por Zubaida. Decisão que a mulher tomara de coração pesado, pois assistira à destruição do senhorio de seu pai e à matança da sua família pelos mouros. Só ela e uma irmã haviam sobrevivido. Transformadas em escravas, tinham sido postas à venda no mercado de Lusbuna, mas a irmã morrera de febre antes de ser vendida.

O mercador rico Malik Ibn Danaf comprou aquela escrava, mal lhe pôs a vista em cima. Teria sido a combinação de pele clara com os caracóis negros que o enfeitiçou? A verdade é que resolveu casar com ela, indignando a família.

Casamentos daquele tipo não constituíam novidade, mas não lhe chegaria manter a cristã como concubina? Ao fim e ao cabo, tinha já duas esposas. Malik Ibn Danaf não deu ouvidos a ninguém e a escrava transformou-se numa das senhoras mais ricas de Lusbuna.

Zubaida ensinava a sua língua latina à filha, facto que as outras duas esposas criticavam, mas que o marido não proibia. Ele próprio e os seus dois filhos conheciam os dialectos romanos, o que lhes permitia negociar com os moçárabes.

Aischa não possuía chave e preparava-se para bater à sua porta, quando esta se abriu e duas criadas de cozinha passaram por ela apressadas. A moça entrou e, depois de atravessar um pequeno corredor, penetrou num dos jardins mais bonitos de Lusbuna, à volta do qual se distribuíam as divisões da casa. À semelhança do jardim de Alá, um oásis do bem-estar, os muçulmanos tentavam criar o seu próprio Paraíso.

Sobre caminhos ladrilhados e por entre canteiros de jasmims, rosas e camélias, Aischa caminhou até chegar ao repuxo, no centro. Num dos esguichos, recolheu o líquido cristalino nas mãos, que levou à boca, e a frescura deslizou-lhe pela garganta. Levantou os caracóis negros que lhe caíam pelas costas e humedeceu o pescoço e a nuca. Fechou os olhos, inspirou o perfume doce à sua volta e sentiu-se realmente no Paraíso...

Um Paraíso mais sossegado do que o costume! Pelos vistos, tinham ido todos comentar os acontecimentos para a rua, até os escravos cristãos.

Aischa aproveitou para se dirigir à biblioteca do pai, no rés-do-chão, onde se encontravam os aposentos dos homens e onde as mulheres só podiam entrar com a permissão daqueles. Mas a moça atreveu-se, sentindo a casa vazia, pois gostava de ler poemas e histórias de amor. Ser-lhe-ia difícil ter que viver sem eles, era-lhe inconcebível que nos reinos cristãos quase ninguém soubesse ler!

Agarrou num volume de Ibn Hazm, um poeta cordovês do tempo do califado, e subiu as escadas que, partindo do pátio, davam

acesso aos aposentos das mulheres, no primeiro andar. Cortinas coloridas e leves separavam os quartos. Aischa entrou naquele que dividia com a mãe, abriu o dossel branco e transparente que envolvia a sua alcova, sentou-se, abriu o livro ao acaso e leu:

*Indício do pesar são o fogo que abrasa o coração
e as lágrimas que se derramam e correm pelas faces.
Mesmo que o amante esconda o segredo do seu peito,
as lágrimas dos seus olhos publicam-no e declaram-no.
Quando as pálpebras deixam fluir as suas fontes
é que no coração há um doloroso tormento de amor.*

Aischa sentiu uma melodia arrastada e triste apoderar-se dos seus pensamentos. A moça tinha jeito para a música, já começara a compor as suas próprias cantigas e o pai apreciava-lhe a voz. Tanto que, quando ela expressara o desejo de aprender a tocar alaúde, o mercador contratara uma das tocadoras do harém do alcaide para a ensinar.

Aquele poema de Ibn Hazm, no entanto, não lhe inspirou apenas uma nova melodia. Aischa perguntou-se que aspecto teria o jovem que um dia haveria de desenvolver sentimentos daquele tipo por ela. Tentou concentrar-se na imagem de um muçulmano de olhar doce e penetrante. Porém, os ricos brocados que o vulto envergava teimavam em transformar-se em vestes humildes de escravo! E o turbante desaparecia, descobrindo cabelos que brilhavam dourados ao sol!

A moça deixou-se cair em cima das almofadas de seda que guarneciam a alcova. Nunca mais se esquecera de um grupo de escravos que vira no porto de Lusbuna, vindos do norte longínquo, negociados pelos judeus. Mas tinha que lutar contra tais impulsos! Como filha de um mercador rico, estava-lhe destinado um casamento com um muçulmano respeitável, quiçá pertencente à elite que vivia na al-qasbâ...

— Pára de sonhar, Aischa!

Pôs-se de pé num salto. Deparou com a mãe, que a olhava severa. Mas a moça recompôs-se depressa. Afinal, Zubaida raramente sorria.

Além disso, Aischa sabia que ela não amava mais ninguém como a sua única filha, cujo nascimento fora considerado um milagre. Antes dela, Zubaida dera duas crianças mortas à luz, da segunda vez tinha ela própria quase morrido e ficara infértil durante anos.

— Assustaste-me, mãe. Não foste para a rua com as outras? Apesar do receio que todos sentem, desconfio que em breve se começará a festejar mais esta vitória...

— Derrota! Uma derrota do rei cristão, filho do saudoso conde D. Henrique, de quem meu pai era vassalo fiel! Pensas mesmo que eu era capaz de festejar tal coisa?

— Oh tem cuidado. Se alguém te ouve...

— Não ficou mais ninguém em casa, depois que mandei as duas ajudantes de cozinha a um recado. Queria falar a sós contigo.

— Ora, e como é que sabias que eu vinha antes dos outros?

— Tinha a certeza — respondeu Zubaida, adquirindo um olhar febril. — Deus disse-me!

Por Alá, pensou a moça, estará a endoidecer?

— Anda filha! — Agarrou-lhe na mão. — Quero mostrar-te uma coisa.

— Agora? Estou tão cansada...

— Vamos, antes que mais alguém surja!

Zubaida conduziu-a à cozinha e abriu o alçapão que dava acesso à cave, onde se armazenavam trigo, cevada, uvas-passas, amêndoas, figos secos e azeite ao abrigo do calor.

— Queres conferir agora as reservas? — perguntou Aischa espantada, enquanto as duas desciam a escada de madeira. Mas a mulher apenas retorquiu:

— Ajuda-me a arrastar estas bilhas!

Depois de terem mudado as bilhas de lugar, o espanto da moça não parou de crescer. Na esquina à sua direita, a mãe contou, do chão para cima, seis tijolos e depois sete para a esquerda. Empurrou o sétimo tijolo sem esforço para dentro da parede e puxou o que estava ao lado desse. Do buraco assim aberto tirou uma pequena caixa de madeira.

— O que é isso, mãe?

— Olha minha filha!

Zubaida abriu a caixa emocionada. Lá dentro, encontrava-se uma bolsa de linho escuro. Para espanto de Aischa, a bolsa guardava uma das jóias mais bonitas que já vira: uma cruz de ouro, enfeitada com pedras preciosas, de entre as quais sobressaíam quatro grandes esmeraldas, uma em cada ponta. Estarrecida, perguntou:

— A quem pertence?

— E a única coisa que sobrou do património da minha família.

— E tu conseguiste salvá-la sem ninguém saber? Mesmo depois de teres sido escravizada?

Zubaida replicou com um sorriso:

— Eu sabia onde o meu pai a tinha escondido. E há alguns anos viajei a norte de Leiria, não te lembras?

— Lembro. O pai autorizou-te, quando lhe disseste que querias visitar o local do teu nascimento pela última vez.

— Nem acreditava no que via, quando encontrei a cruz enterrada no mesmo sítio de sempre!

Zubaida fechou os olhos e encostou a cruz ao peito. Os seus lábios começaram a murmurar uma prece cristã, uma ladainha que causava arrepios a Aischa e a moça sentiu necessidade de quebrar o encanto:

— Porque me mostras isso agora? Zubaida abriu os olhos:

— O filho do conde D. Henrique conquistará Lusbuna, o que significará a ruína do teu pai e de toda a família.

— Pela tua alma, não digas uma coisa dessas!

— Mas é a verdade. — Repetiu, de olhos novamente febris: — Deus disse-me!

"O nosso fim está próximo!". As palavras de Abdalah soavam na cabeça de Aischa, que acabou a suplicar:

— Alá se amerceie de nós!

— Alá de nada te adiantará, quando D. Afonso Henriques regressar, trazendo consigo um exército de dezenas de milhar de cruzados, que o ajudarão a conquistar a cidade. Montará um longo cerco, muita gente morrerá, o rio cobrir-se-á de sangue...

— Pára com isso! Zubaida agarrou-lhe as mãos:

— Se eu também me for, serás a única a ter conhecimento deste pequeno tesouro. Tu sabes falar a língua dos cristãos e conheces muito da sua religião...

— Mas porque hás-de tu morrer? Eu não quero que morras, mãe!
— Eu não tenho medo da morte, filha. Sabes bem como esta minha vida de mentiras e aparências me asfixia. Cada vez me custa mais suportar esta tortura.

Zubaida tornou a pôr a cruz dentro da bolsa e esta na sua caixa, que a mulher devolveu ao buraco. Depois de a parede estar tapada, agarrou os ombros da filha e perguntou:

- Fixaste o esconderijo?
- Acho que sim.
- Vê lá. Eu não quero que te arruines com o resto da família.
- Mas...
- Jura que não contarás a ninguém o que te mostrei hoje!

As mãos de Zubaida apertavam-lhe os ombros, os olhos febris espetavam-se nos seus. Aisha baixou a cabeça, murmurou:

- Eu não sei se... A mãe abanou-a.
- Olha para mim e jura!

Relutante, a moça fez o que ela lhe pedia.

Zubaida libertou-a. Pela segunda vez nesse dia, presenteou-a com um dos seus raros sorrisos e disse, enquanto lhe afagava os caracóis:

- Não tenhas medo! Deus nunca te abandonará!

O sol de Dezembro mais não era do que uma estrela distante e fria a espalhar a sua luz desmaiada na praça da catedral de Colónia, onde decorria o mercado. Depois de ter passado horas a suar na ferraria, Konrad aconchegava-se enregelado na sua capa de lã grosseira. Ainda assim, o frio evitava que chapinhasse em lama, ao não permitir que a neve derretesse.

Uma caneca de vinho quente, temperado com canela, cravinho e pimenta, aquecer-lhe-ia as entranhas... mas não seria melhor poupar o dinheiro? Na verdade, um ajudante de ferreiro nem se podia queixar, tinha mais na sua bolsa do que a maioria do povo. Konrad alimentava, contudo, planos ambiciosos e precisava de todas as moedas que ganhasse. Reparou num grupo de fidalgos que segurava canecas fumegantes nas mãos e o cinzento azulado dos seus olhos congelou, como se tivesse engolido a neve. Munidos de mantos forrados a peles, os fidalgos não precisavam de se encolher do frio.

Barretes, igualmente forrados, protegiam-lhes as cabeças e as botas grossas, ao contrário das suas sapatas finas de couro de cabra, evitavam que o gelo se lhes entranhasse nos pés. Riam-se, satisfeitos. Konrad cerrou os dentes e afastou-se.

Porque é que o destino lhe fora tão cruel? Também ele nascera no seio de uma família fidalga e, no entanto, era obrigado a fabricar armas e a ferrar os cavalos dos ricos e poderosos para sobreviver. Não fora seu pai um parvo, que perdera o património num torneio de cavalaria!

Konrad não se lembrava bem de sua mãe, morrera tinha ele cinco anos, nem da irmã, que não sobrevivera à infância. O seu pai, Lothar, um cavaleiro com castelo próprio, começou, depois da morte prematura da esposa, a beber e a desleixar-se nas suas obrigações para com o senhor a quem prestava vassalagem.

Com oito anos, Konrad mudou-se, como era hábito, para o castelo de um nobre conhecido, a fim de iniciar a sua educação. Começou como pajem, com catorze anos passou a escudeiro e com vinte foi armado cavaleiro.

Entretanto, o pai tornou a casar, o que restabeleceu a ordem na sua vida. A nova esposa deu-lhe outro filho, Johann, mas mais uma vez o azar bateu à porta da família. Depois de alguns desmanchos, a senhora morreu ao dar à luz uma criança, que não sobreviveu sequer uma semana, e Lothar tornou a deixar-se dominar pela bebida.

Há três anos atrás, cheio de dívidas, o homem apostara o seu património num torneio de cavalaria e perdera tudo. Morrera pouco depois, ao envolver-se numa rixa de taberna, onde fora afogar o seu desespero. Konrad, que acabara de ser armado cavaleiro, viu-se de um momento para o outro destituído de herança. Ele e o irmão foram rejeitados pelo próprio nobre que o educara, não tinham sequer onde morar e viram--se obrigados a pedir ajuda a Otmar, o melhor ferreiro de Colónia, que havia trabalhado para o pai. Otmar ferrava os cavalos dos melhores clientes, mas a sua especialidade eram as armas. Usava um aço especial para espadas, um segredo só dele, que as fazia muito cobiçadas. Também manufacturava cotas de malha, um trabalho de filigrana, que poucos dominavam: milhares de pequenas argolas eram produzidas uma a uma e depois fundidas ou entrelaçadas umas nas outras.

Otmar não hesitou em empregar o atlético Konrad, mas para o irmão magrinho, de doze anos, não havia trabalho na sua oficina. A única solução que o mais velho encontrou foi confiar o rapazito à guarda dos monges beneditinos de Deutz, mosteiro situado na margem direita do Reno, em frente à cidade de Colónia. Os monges prontificaram-se a ficar com Johann, na condição de que o rapaz trabalhasse em todo o lado, onde dele precisassem, fosse na cozinha, na ervanária, nos estábulos, no hospital ou na casa de hóspedes. A Konrad custou-lhe deixar o irmão entre os monges, mas estava decidido a, assim que pudesse, o ir buscar e fazer dele um bom cavaleiro.

Depois da sua volta pelo mercado, Konrad regressou à ferraria. Aí, libertou-se da capa, da túnica e até da camisa interior, pôs o avental de couro em cima do tronco nu e amarrou os cabelos castanho-claros num rabo-de-cavalo. Com a ajuda de uma tenaz, tirou o pedaço de ferro, que antes da pausa do almoço deixara no forno e começou a martelá-lo. Tudo fez sem dizer palavra e Otmar comentou:

— A volta pelo mercado parece que não te fez muito bem! Konrad não respondeu. Continuou a martelar aquilo que mais tarde seria a ponta de uma lança, como se quisesse desfazer a bigorna que lhe servia de apoio.

O ferreiro trocou um olhar com os seus outros dois ajudantes e perguntou:

— Tornaste a sonhar com coisas que não podes pagar?

O jovem parou de martelar e fitou o mestre. Os seus olhos, que na parca iluminação da oficina eram cinzentos como a fuligem, escondiam a revolta que o devorava, e ele limitou-se a replicar:

— Isso é comigo. Otmar abanou a cabeça:

— Devias aceitar o teu destino, homem. Enquanto sonhares com uma vida de cavaleiro glorioso, não encontrarás paz.

Konrad respirou fundo, a fim de não agredir o único homem que o ajudara na fase mais difícil da sua vida, e retomou o seu trabalho. Mas o mestre insistiu:

— O teu futuro não é tão negro como isso. És forte, esperto e trabalhador, podes ser ainda melhor ferreiro do que eu. E tu sabes que eu deposito a máxima confiança em ti...

Konrad sabia aonde ele queria chegar. Deus havia dado ao ferreiro mais famoso de Colónia seis filhas, mas nenhum herdeiro, e ele alimentava a esperança de que o jovem casasse com uma das duas ainda solteiras e um dia lhe tomasse conta da ferraria. Apesar da família dele ter caído em desgraça, Konrad nascera fidalgo, o que, como Otmar costumava dizer, saltava aos olhos de qualquer um. Só um cavaleiro poderia emanar tanta autoridade, como se nada nem ninguém fosse capaz de o amedrontar ou surpreender. Além disso, o ferreiro pretendia evitar que alguma das suas moças se precipitasse, pois notava como elas pareciam derreter perante os olhos que tanto eram cinzentos como azuis, conforme a luminosidade, e os longos cabelos castanhos.

Konrad admitia que ter a ferraria como herança não era uma má perspectiva. Os outros dois ajudantes invejavam-no por isso. E quando se imaginava a casar com a loira Hildrun, uma das raparigas, a tentação era grande...

Mas não cederia! Era filho de nobre e não passaria a sua vida a suar à boca do forno!

Da sua herança perdida, conseguira salvar duas espadas, um punhal, um capelo e a cota de malha do seu pai, que ele tratava com desvelo.

Nos seus tempos livres, tinha construído dois escudos, um para ele e outro para o Johann. Além disso, treinava-se na arte de combater com jovens da baixa nobreza, aspirantes a cavaleiros, que o tinham aceite no seu grupo.

Nos primeiros tempos de trabalho na ferraria, planeava juntar dinheiro para comprar um bom cavalo, que lhe permitisse participar em torneios e ganhar grandes quantias ou até um feudo... se houvesse outro doido, que, como o seu pai, apostasse o seu património!

Teve no entanto que desistir de tais planos, ao dar-se conta que só dali a uns cinco anos de poupanças drásticas possuiria o suficiente para averbar um bom animal. E depois, de quanto tempo precisaria até atingir todos os seus objectivos? Tinha sobretudo que pensar no Johann. O rapaz já completara quinze anos, não aprendia as artes da guerra e brevemente nada mais lhe restaria do que tornar-se monge.

Konrad não se conseguia imaginar a viver num convento e pretendia salvar o irmão de tal destino.

Ultimamente, surgira-lhe uma nova ideia: tomar o sinal da cruz! A cidade de Edessa, na Terra Santa, caíra há dois anos em poder dos turcos. Bernardo de Claraval, o monge cisterciense mais famoso da Cristandade, mentor do próprio papa, tinha, nesse ano do Senhor de 1146, pregado a favor de novas cruzadas em toda a França, Borgonha, Lotaríngia e Flandres.

Konrad ainda não tinha informado Otmar sobre estes planos. Agora, fosse porque o mestre o enervava, fosse por não mais poder adiar a questão, disse:

— Bernardo de Claraval vai pregar pelas cruzadas na catedral de Speyer, no Natal.

— Não só por isso ele irá lá — replicou Otmar, que depositava novos pedaços de ferro no forno. — O nosso arcebispo Arnold pediu-lhe para acabar com a matança dos judeus.

— O culpado é esse monge Radulf — opinou um dos ajudantes, enquanto dava ao fole. — Ele é de opinião que a gente devia acabar com os inimigos de Deus aqui na nossa terra, antes de partir para a Terra Santa.

— Um grande disparate! — retorquiu Otmar, que entre os seus clientes contava com judeus ricos. — As cruzadas servem para tornar os caminhos e os lugares santos mais seguros aos nossos peregrinos. Ora, o que é que os judeus que aqui moram têm a ver com isso?

— Mas os pobres gostam de ouvir o monge Radulf pregar — insistiu o outro, — desesperados como estão, depois do desastre das colheitas.

Konrad também não via sentido nestas matanças de judeus, mas a história desviava a conversa do seu objectivo e anunciou:

— Gostaria de ir a Speyer no Natal. Dás-me uns dias livres?

— O que te leva lá? — perguntou Otmar.

— Quero ouvir a pregação do monge Bernardo, para melhor me poder decidir.

— Decidir?

— Sim... talvez embarque nas cruzadas.

— O quê? — O mestre aprontava-se para tirar um pedaço de ferro do forno, mas interrompeu-se.

— Tu sabes desde o início que esta não é a vida que tenciono levar. Otmar atirou com a tenaz para cima de uma mesa e vociferou:

— E o que esperas atingir com uma história dessas?

— As cruzadas são a minha única possibilidade, minha e do Johann, de alcançar glória e riqueza.

— Esqueceste de que vos espera um empreendimento cheio de perigos?

— Eu sou um cavaleiro e não tenho medo da guerra!

— Um cavaleiro? Se não fosse eu, não tinhas sequer um prato de papa bolorenta por dia para forrar o estômago.

Konrad esforçou-se por manter a calma:

— Estou-te eternamente grato, mestre. Mas eu sou um homem livre e tenho o direito de fazer da minha vida o que muito bem entender.

— E queres levar o enfezado do Johann contigo? Ele nem sequer sabe o que é uma espada.

— Infelizmente é verdade. Mas a viagem dura meses, ele terá oportunidade de treinar.

— Se não morrer antes de cansaço.

— Não posso permitir que o rapaz apodreça num convento. Otmar sabia que não lhe adiantava opor-se a um homem que havia sido armado cavaleiro. Mas ainda disse:

— Eu confio em ti, que diabo, e tinha tantas esperanças...

— Encontrarás outro. Quem não quer trabalhar para o famoso ferreiro Otmar? Quando se tornar conhecido que procuras um novo ajudante, forma-se logo uma bicha à porta da ferraria.

— E quando é que os cruzados se fazem ao caminho?

— Ainda não sei. Por isso quero ir a Speyer.

Speyer situava-se a uma centena de milhas de Colónia, Reno acima. Há cerca de sessenta anos, o imperador Henrique IV tinha mandado ampliar a catedral da cidade, fazendo dela a maior construção de toda a Cristandade. Konrad constatou, porém, que naquele Natal de 1146 ela bem poderia ser duas ou três vezes maior. Só com dificuldade se embrenhou no meio do povo que se apertava no seu interior. Teve que se contentar com um lugar de pé, perto da

porta principal, mas de onde via o monge Bernardo de Claraval e o rei, ambos sentados ao lado do altar. Que estranha coincidência ele ter o mesmo nome do monarca! Tratava-se com certeza de um bom presságio.

Toda a gente sabia que Konrad III não estava muito entusiasmado com as cruzadas, ao contrário de Luís VII, rei de França. Teria a ver com os conflitos que constantemente opunham o monarca alemão ao papa? O pontífice ainda não o havia coroado imperador em Roma, quebrando a tradição, pois o rei alemão regia sobre o chamado Sacro Império Romano, que incluía vastos territórios da Europa Central e o norte de Itália.

O povo seguia emocionado a cerimónia na catedral de Speyer, apesar de quase ninguém entender a missa rezada em latim. Mas as gentes humildes vergavam-se ao peso das palavras misteriosas, murmuravam preces, na esperança de que o Todo-Poderoso lhes concedesse solução para os seus problemas, cura para as suas doenças e a entrada no Paraíso.

Chegou a altura da pregação e Bernardo de Claraval levantou-se. O seu hábito branco de cisterciense reflectia a luz das velas, o que, àquela distância, dava a Konrad a impressão de que avistava um vulto envolto numa aura divina. Bernardo empurrou o capucho para trás e mostrou um rosto ressequido, marcado pela ascese.

O homem podia ser frágil e seco, mas a voz que emanava enchia os cem pés de altura da nave principal. Entranhada na pedra, percorria as paredes e alcançava os cantos mais remotos da catedral. O povo convenceu-se de que aquela não era outra senão a voz de Deus, até Konrad, pois parecia-lhe que os lábios do cisterciense mal se moviam.

Ao contrário da missa, a pregação pelas cruzadas era traduzida. Bernardo acedeu ao pedido do arcebispo de Colónia e condenou a violência contra os judeus.

Depois, fez surgir uma bula papal do interior do seu hábito, em que o pontífice garantia absolvição para todos os pecados de quem tomasse o sinal da cruz.

— Assim obténs tu, bravo cavaleiro — pregava a voz poderosa, — obténs tu, homem guerreiro, um campo de batalha, onde lutarás

sem medo, pois que a vitória conduz à glória, mas também a morte significa ganho.

Bernardo enumerou os perigos que ameaçavam a Terra de Cristo e elevou os alemães a heróis:

— A vossa terra é fértil em homens fortes e corajosos. Por todo o mundo circula a fama da vossa heroicidade. Por isso vos digo: tomai as vossas armas com fervor, em nome de Cristo! Tomai o sinal da cruz e, para tudo o que o vosso coração arrependido confessar, obtereis perdão!

Por fim, o monge referiu-se desagradado à hesitação de Konrad III em participar neste empreendimento, dizendo que o rei alemão era ingrato, ao recusar-se lutar por Cristo, que tanto por ele fizera.

Estas palavras ofensivas criaram no povo um certo receio quanto à reacção do rei. Mas que mais lhe restaria senão obedecer à voz de Deus? E assim aconteceu: Konrad III anunciou ter mudado de ideias e resolvido participar nas cruzadas!

Konrad perguntava-se se a pregação o teria impressionado àquele ponto, ou se ele apenas tentava uma aproximação ao papa, a fim de ser finalmente honrado com a coroa imperial. Fosse como fosse. Na Primavera, o rei alemão far-se-ia ao caminho, tal como Luís VII de França.

O povo jubilou. Depois de sucessivas colheitas desastrosas, a que se seguiam Invernos de fome, prontificavam-se milhares a tentar a sua sorte na Terra Santa.

— As cruzadas? — repetiu Johann, os olhos castanho-claros escancarados. — Achas mesmo que devemos tomar parte nelas?

Konrad observava o irmão perplexo, que, apesar dos seus quinze anos, ainda lhe parecia um miúdo, com os seus cabelos claros e lisos cortados em redondo.

— Logo tu tens dessas dúvidas? Haverá melhor maneira de servir a Deus?

— Um monge também o faz.

— Encolhido num convento?

— Os monges não dormem e rezam o tempo todo, como se diz por aí.

Quem haveria de tratar dos doentes e dos pobres e alojar os viajantes sem posses?

O mais velho não tinha contado com a resistência do rapaz. Ele próprio estava tão ansioso que lhe custara esperar até ao fim do jejum do Advento, a 6 de Janeiro, dia da Epifania, para vir ao convento de Deutz. Sempre pensara que Johann receberia a novidade exultante.

— Não estás bom da cabeça, se tencionas passar a tua vida aqui metido!

— Pelo menos, é seguro.

Konrad agarrou-o pelo hábito e vociferou:

— Serás tu, o meu próprio irmão, um cobarde?

— Não é nada disso. Eu quero ser copista e ilustrador. O mais velho largou-o espantado:

— O que é que tu queres ser?

— Adoro trabalhar no scriptorium, apesar de este não ser aquecido. Mas eu lá não dou conta nem do frio, nem do passar do tempo. Lemos e copiamos livros bonitos, sabias? E aprendemos muito. Além disso, o irmão Bonifácio diz que tenho um talento especial para ilustrar. E aprendo o latim tão depressa, que já me aborrece, por isso comecei também com o grego.

— Um fidalgo deve ser letrado quanto baste, também eu acho que foi bom ter aprendido a ler e a escrever alguma coisa. Fica bem assinar os documentos pelo próprio punho. — Baixou a voz: — Mas há coisas que a um monge são proibidas e que tu deverias experimentar.

O rapazito corou e titubeou:

— Achas?

— Claro. Não me digas que não pensas em mulheres!

Johann levou o indicador aos lábios, aconselhando o irmão a falar ainda mais baixo, e cochichou:

— Lá pensar, penso. Mas os irmãos dizem que não devemos ceder à tentação da carne...

— Ora, deixa-os falar! Devias conhecer a vida antes de te decidires. Depois dos votos sagrados não se pode voltar atrás.

— Lá isso é verdade.

— Nas cruzadas esperam-nos aventura, riqueza e glória. Se tu depois ainda achares que te deves tornar monge, não terei nada a opor.

Depois de uma curta reflexão, o rapaz retorquiu:

— Combinado!

— Assim é que tu me agradas.

— E quando nos juntamos às tropas do nosso rei? Konrad respirou fundo, antes de responder:

— Não o faremos.

— Porquê?

— Não temos cavalos, teríamos que fazer a viagem a pé, meses a fio. E, apesar de atravessarmos terras cristãs, há sempre o perigo de se gerarem conflitos, como da primeira vez.

— É verdade. Quando a fome atacava os cruzados, eles devastavam campos e aldeias.

— E não esqueçamos a fadiga e as doenças. Muitos peregrinos morrem antes mesmo de avistar a Terra Santa. — Konrad escondia, porém, o facto de que, indo sozinho, se juntaria às tropas do rei. Receava contudo que Johann não fosse suficientemente resistente. E afinal havia outra possibilidade: — Ouvi dizer que muitos cruzados viajarão de barco, ao longo da costa hispânica, até ao mar a que chamam Mediterrâneo.

— É mesmo?

— Parece que em terras hispânicas há um rei descendente da Casa de Borgonha, como o próprio Bernardo de Claraval. Por isso, o prestigiado monge incumbiu um sobrinho do falecido duque da Baixa-Lotaríngia, de seu nome Arnulf de Aarschot, de se juntar a cruzados ingleses, que preferem a rota marítima. Parece que esse rei precisa de ajuda para conquistar uma grande cidade, que se encontra nas mãos dos infiéis. Chama-se Lasbo... não, Lisba...

— Lusbuna?

— É isso mesmo. Como é que sabes?

— Não te disse que aprendia muito nos livros? Além disso, aqui no convento fala-se muito sobre a Reconquista hispânica. Há uns cinquenta anos, o Papa Urbano II até a reconheceu como a cruzada do ocidente.

— Seja como for. Espero que não fiquemos muito tempo por lá. O nosso objectivo é a Terra Santa. Eu quero combater ao lado do nosso rei. Esse português que dê conta sozinho da sua Rico... Raco...

— Reconquista.

— Quero lá saber. Ele que lute sozinho. Depois de um curto silêncio, Johann disse:

— Tu tens razão. Vamos viver muitas aventuras.

— E na nau vais ter mais tempo para te treinares nas artes de combater.

— Ainda tens as espadas, a cota de malha e...

— Claro, e construí dois escudos. Estou agora a trabalhar num capelo para ti, mas para uma cota de malha não tenho tempo. Vou-te comprar um gibão, aquela vestimenta almofadada, que...

— Eu sei o que é um gibão!

— Tanto melhor. E até partirmos, aproveitaremos bem o tempo. Treinarás no meu grupo. Eu peço permissão ao abade. Como tu vais ser um soldado de Cristo, penso que ele não levantará objecções.

— Com certeza que não.

— Prepara-te! Na Primavera faremos parte da armada de Arnulf de Aarschot!

2

Aischa, que já completara dezassete anos, dirigia-se ao hammã, os banhos públicos, que às quartas-feiras estavam reservados às mulheres. Acompanhavam-na as suas três irmãs solteiras, duas das esposas de Malik Ibn Danaf e algumas escravas. Esta era uma das poucas ocasiões em que as mulheres saíam de casa e Aischa alegrava-se com o facto de seu pai lhes permitir a ida ao hammã, apesar de possuírem tinas de banho em casa.

As termas abobadas situadas na zona ribeirinha intramuros haviam dado o nome ao bairro onde ela vivia: al-hammã. Assim se chamavam também uma das Portas orientais de Lusbuna, que se abria num recanto que a muralha formava, e ainda o arrabalde extramuros, aninhado nas rochas que serviam de alicerce às muralhas e cuja população se dedicava à faina marítima. Aischa achava contudo que era uma pena as termas se situarem tão perto de sua casa. Lembrava-se com saudade dos tempos em que, com as outras crianças, percorria as ruas de Lusbuna, a fim de procurarem o velho Abdalah, que lhes contava histórias da altura do califado. Agora, fora estas excursões semanais, só estava autorizada a ir às sextas-feiras à mesquita, ou, de vez em quando, ao casebre do pobre ancião, para lhe levar comida.

Às quartas-feiras, não era só o pequeno passeio que lhe agradava. Nos banhos, tinha a oportunidade de conversar com amigas, além de gozar os prazeres que as águas termais lhe proporcionavam. Prazeres aos quais a sua mãe não dava grande valor, pois raramente lá ia. A moça andava muito preocupada com Zubaida, que emagrecia a olhos vistos, ficando vulnerável a doenças. Parecia ter perdido a vontade de viver e a filha não sabia o que fazer para lha devolver.

Zubaida nunca fora capaz de travar amizade com as outras duas esposas do mercador mouro, no que aliás não era a única culpada.

Tarube e Cassima pareciam suspeitar da antiga cristã, mas talvez apenas por invejarem uma mulher dez anos mais nova do que elas. A própria Aischa tinha dificuldades em se dar com parte da família. Com quatro das suas seis irmãs entendia-se mal. Agora, já três delas haviam casado e deixado a casa paterna.

Naquela manhã soalheira, mas fresca, de Março, Aischa e Jamila, a sua irmã preferida, não paravam de cochichar e de dar risadas, o que provocava olhares severos das duas mulheres mais velhas. Mas Aischa não conseguia controlar a sua excitação: iria nesse serão receber a visita do seu noivo Amir.

Amir pertencera igualmente ao grupo de crianças que se reuniam à volta de Abdalah, mas, desde que Aischa se tornara mulher e se vira obrigada a levar uma vida recatada, nunca mais pousara os olhos no rapaz. Mesmo na mesquita não tinha oportunidade de lhe lançar um olhar que fosse, pois uma parede separava as mulheres dos homens.

Aischa era invejada. O pai de Amir era um ulama, um sábio do Islão, que ensinava o árabe e o Corão aos rapazes e que fazia parte da assembleia de notáveis, à qual o alcaide al-Attar presidia. Vivia na al-qasbâ, ou alcáçova, como os cristãos lhe chamavam, o bairro adjunto à residência do alcaide, que uma muralha interior separava do resto da cidade. Chegada às termas, Aischa mergulhou nas águas quentes e frias. A sua escrava Flora secou-a delicadamente com uma toalha de algodão e massajou-a com óleos perfumados de rosas bravas. A cristã Flora sentia-se bem na casa do mercador mouro, apesar da sua condição de escrava. Como filha de um servo, um trabalhador da terra, que, como os escravos, não era livre, dava graças a Deus que lhe proporcionara tal destino, sem passar fome e vivendo com mais conforto do que alguma vez imaginara. Por ser meiga e de confiança, fora a ama da pequena Aischa e entre as duas desenvolvera-se uma relação afectiva.

As mulheres regressaram a casa animadas e descontraídas, mas o pai de Aischa veio ter com elas de semblante preocupado. E anunciou:

— Ibn Errik conquistou no sábado passado a cidade de Shantarin (Nota 2), provocando grande matança entre os crentes.

Nota 2 - Santarém.

Muitos dos sobreviventes procuram agora refúgio na nossa cidade.

As mulheres ficaram aterrorizadas. Shantarin, ou pelo menos a sua alcáçova, situada num promontório adjacente ao Tejo e rodeada de imponentes muralhas, sempre fora considerada impossível de ser tomada. Aischa perguntava-se se tinham razão aqueles que apontavam forças sobrenaturais a esse... Afonso Henriques.

— Temos que contar com restrições — acrescentou Malik Ibn Danaf. — Os portugueses cortaram o trânsito fluvial entre Shantarin e Lusbuna, muitas das matérias-primas e dos produtos que aqui chegavam através do Tejo vão-nos faltar, como madeira e louças.

— Mas ainda podemos ser fornecidos a partir do mar, não é verdade? — perguntou Cassima, uma das esposas.

— Sim — respondeu o mercador. — Com a ajuda de Alá, continuarei a ter à disposição tecidos e tapetes para vender.

— Mas não quererá o rei cristão — lembrou Aischa, — conquistar igualmente Lusbuna?

Esta pergunta tornou a agitar as mulheres. O pai respondeu sereno:

— Isso já ele pretende há muito, minha filha, mas Lusbuna é muito maior do que Shantarin. Teríamos dez mil homens armados à disposição para defender a cidade. O exército português conta no máximo cinco mil.

Aischa lembrou-se do que sua mãe lhe dissera há cinco anos atrás: que milhares de cruzados ajudariam Afonso Henriques a conquistar Lusbuna. E de facto todos já tinham ouvido falar de novas cruzadas, centenas de milhar de combatentes e peregrinos estavam prestes a pôr-se a caminho do Oriente. Aischa olhou para sua mãe. O rosto pálido de Zubaida apresentava, como sempre, indiferença em relação ao que afligia a família, mas a moça notou o brilho febril nos olhos dela. Não se aguentou e perguntou ao pai:

— E se Ibn Errik receber a ajuda de cruzados?

As mulheres explodiram de novo num murmúrio de receios, enquanto lançavam olhares indignados à moça, que não parava de fazer perguntas incómodas. Malik Ibn Danaf manteve a calma:

— Poucos passarão por aqui, a maioria viajará por terra com os reis francos. Além disso, Lusbuna já resistiu a vários ataques dos majus, esses pagãos vindos do norte. Não tenhas medo! E lembra-te de que hoje é um dia muito importante para ti.

— Amir mantém a sua visita?

— Claro. Mas tu sabes que o casamento só se realizará em Junho. Partirei brevemente para Batalyaws (Nota 3), de onde, em companhia do meu irmão, me dirigirei a Ishbiliya (Nota 4) e a Qurtuba em negócios.

O tio de Aischa, de seu nome Yussuf, era igualmente um mercador rico em Batalyaws.

— Não penses em desgraças — insistiu o pai, — o serão de hoje pertence-te! — Ao vê-la sorrir, murmurou: — O Amir nem adivinha a sorte que o espera.

Aischa preparou-se para o serão com a ajuda de Flora. Poliu os dentes com um pano de linho grosseiro e refrescou a boca com água de mirra. Vestiu uma túnica amarela, de uma mistura de linho e seda, num processo de tecelagem que dava origem a um relevo em forma de pequenos losangos, e debruada com motivos florais coloridos. Um cinto de corduan, o famoso couro de Qurtuba, macio e flexível como nenhum outro, envolvia-lhe a cinta. A moça enfeitou-se ainda com vários colares e pulseiras de ouro, como o faziam as mouras de al-Andalus em ocasiões especiais. Cobriu a cabeça e o rosto com um véu branco de linho fino e assim apareceu no salão das visitas, no rés-do-chão, onde, além dos homens, também se encontrava a sua mãe.

A um canto queimava incenso, numa taça de prata. A espiral de fumo aromático entranhava-se nos tapetes de seda que cobriam as paredes e o chão. Malik Ibn Danaf, os seus dois filhos, Zubaida, Amir e o pai deste estavam sentados em cima de almofadas, à volta de uma mesa baixa. Os jovens estavam vestidos de sedas coloridas, enquanto a mãe de Aischa e os dois homens mais velhos envergavam vestes de brocado de Almeria, seda entretecida de fios de prata. A cabeça e o rosto de Zubaida estavam cobertos por um véu azul-escuro, os homens ostentavam turbantes brancos.

Tinham acabado a sua refeição de cabrito estufado em azeite, cebola e alho, temperado com cominhos e acompanhado de grão-de-

bico, legumes e pão de trigo. Sobre a mesa, pousavam tabuleiros de prata com uvas-passas e figos e pêssegos secos.

Nota 3 - Badajoz.

Nota 4 - Sevilha.

Os copos dos homens continham vinho, pois, apesar de o Corão proibir o consumo de álcool, o cultivo da vinha era tradição entre os mouros de al-Andalus, sobretudo entre os de Lusbuha, cidade que já há muito gozava de uma certa independência em relação ao resto do Gharb, a parte ocidental do território muçulmano. O poeta Ibn Hafaga fora um dos que dedicara versos ao consumo do vinho:

*Quantas noites passámos de mão em mão o vinho vermelho-
-laranja enquanto corria uma conversa suave como a brisa que sopra
sobre as rosas.*

*Retomávamos o vinho sem cessar
enquanto a taça aromatizava com o seu hálito perfumado.*

Aischa parou à entrada, de olhos postos no chão, o coração quase lhe saltava do peito.

O irmão Rashid, de vinte anos, aproximou-se dela, ostentando um sorriso amigável e encorajador. Ela já calculara que poderia contar com a simpatia dele. Em criança, ele sempre tomara o partido dela, em caso de zangas entre as irmãs.

O rosto de Rashid era inconfundível: os olhos esverdeados, que brilhavam no meio da pele escura, perturbavam e encantavam ao mesmo tempo. Mais ninguém na família fora presenteado com um olhar daqueles, só a mãe dele, Tarube, tivera um avô com a mesma cor de olhos exótica.

Rashid trouxe-a até à mesa. Também os outros lhe dirigiram semblantes amigáveis, excepto Zubaida, que mal parecia dar conta do que se passava à sua volta, e naturalmente Abu, o irmão mais velho, que, ao contrário de Rashid, nunca desenvolvera simpatia por Aischa. A jovem contudo não se incomodou, pois estava habituada, tanto à apatia da mãe, como à animosidade de Abu. Arriscou um

olhar a Amir e, perante a avidez que transparecia no rosto do noivo, deu graças a Alá por o véu lhe esconder o rubor que se lhe apoderava das faces. De resto, o rapaz agradou-lhe: não obstante a ansiedade com que a fitava, o brilho dos olhos negros espelhava a bondade do seu coração.

Aischa sentou-se entre Rashid e o pai. Achava-se incapaz de proferir palavra, enquanto se conversava sobre os preparativos do casamento.

Assim que Malik Ibn Danaf considerou o momento oportuno, dirigiu-se-lhe com as palavras:

— Autorizo Amir a admirar a tua beleza!

Ela desfez-se do véu, na esperança de que ninguém notasse a tremura das suas mãos. Os caracóis negros espalhados pelos ombros eram encantadores, mas o rubor regressara com mais intensidade às faces delicadas e as longas pestanas cobriam o brilho dos seus olhos, onde se reuniam vários tons de castanho, como numa pedra de âmbar. Gerara-se silêncio e ela perguntava-se se estariam à espera que dissesse alguma coisa. Porém, o medo que tinha em desiludir Amir mantinha-a muda, quase a asfixiava.

De repente, o rapaz falou:

— Ouvi dizer que Aischa canta muito bem e gostaria de a ouvir.

— Certamente — respondeu o pai dela e mandou vir um alaúde.

A moça sentiu um certo alívio, sabia que a sua voz agradava. O alaúde chegou-lhe às mãos e ela cantou um muwashshahat, um género musical andalusino baseado na repetição de estrofes. Estas tanto eram cantadas no árabe regional de al-Andalus, como no dialecto latino da região.

A melodia cantada pela moça envolveu os versos do poeta Ibn Bassâm de Shantarín:

*Porque é que não sentes piedade
Por quem te devota tanto amor?
Por mais que te cante o meu fervor
Vais-te, deixas-me o gosto da saudade.
Ó dona única da consolação,
Tem dó! Não tarda a separação.*

No fim, foi tão elogiada, que os seus lábios se abriram num sorriso, mostrando os dentes cintilantes. A descontracção permitiu-lhe demorar-se no rosto de Amir. Os cabelos que o turbante dele cobria não brilhariam dourados ao sol, mas já há algum tempo que ela não ligava a fantasias dessas.

De volta ao recolhimento do seu quarto, Aischa regozijava-se com o facto de lhe agradar o noivo que o pai escolhera para ela. Na verdade, Amir agradava-lhe tanto, que ela se achava incapaz de ter que esperar até Junho para se casar.

3

Debruçado sobre a balaustrada da nau, Johann vomitava mais uma vez. Konrad, que o observava preocupado, sentiu uma mão sobre o ombro e ouviu a voz de Hadwig:

— Não te apoquentes, estamos a chegar.

— E pensar que optei pela rota marítima, com medo de que ele não aguentasse a viagem por terra.

— O pior já passou — lembrou o companheiro, cujo cabelo e sobrancelhas eram tão louros, que pareciam brancos. — Até já dobrámos esse Cabo a que chamam de Finisterra. E o Mar Mediterrâneo será mais calmo.

— Espero bem que sim. Desconfio que nenhum de nós sobreviveria a uma segunda tempestade como a que enfrentámos no Golfo da Gasconha.

Johann quase não se aguentava nas pernas e os dois ajudaram-no a alcançar a manta que lhe servia de cama.

— Se ele ao menos tivesse um tecto sobre a cabeça... — queixou-se Konrad.

Só o capitão possuía aposentos fechados, todos os outros se arrumavam pelo convés, a não ser que tivessem de remar, debaixo deste, quando o vento não soprava de feição.

— Ainda bem que a cidade do Porto não é longe — comentou Konrad. — Por mais que me custe ter que fazer uma pausa nesse Portugal, ficarei contente pelo rapaz.

A viagem, na nau abaulada de um único mastro, não corria como ele imaginara. Além do desconforto e dos perigos que haviam enfrentado, faltava espaço para se treinarem no combate.

O comandante Arnulf de Aarschot havia reunido os seus homens em Colónia, aos quais se juntaram muitos peregrinos e voluntários, como Konrad, Johann e Hadwig. Este era um rapaz bem constituído, de cabelo e sobrancelhas quase brancos e olhos de um azul desmaiado. Pertencia à baixa nobreza, o pai dele tinha, nas suas dez

jeiras de terra, alguns camponeses a seu cargo. Mas Hadwig era o filho mais novo, sem direito a herança, e tentava a sua sorte nas cruzadas, como tantos outros.

Partiram a 27 de Abril, navegando Reno abaixo, até à foz, na costa flamenga. Aí, juntaram-se-lhes franceses, frísios e flamengos, dirigidos por Christian de Gistell, de maneira que já eram sete mil quando se dirigiram ao porto inglês de Dartmouth. Os ingleses estavam há anos envolvidos numa guerra civil e entre eles não houvera muita pregação pelas cruzadas. Clérigos e comandantes locais tinham, ainda assim, entre combatentes, monges e outros peregrinos, conseguido reunir oito mil homens.

Apesar dos violentos enjoos, Johann arranjava tempo para impressionar os companheiros de viagem com os seus conhecimentos de latim. Dizia-se que os hispânicos falavam uma língua parecida e muitos interessavam-se pelas lições do rapaz. Konrad achava que era uma perda de tempo:

— Não estais bons da cabeça, se pensais que vamos mesmo lutar por esse rei português!

Na verdade, a maioria dos cruzados também não se entusiasmava com a ideia, mas os seus comandantes tencionavam, pelo menos, ouvir quais as recompensas que os portugueses lhes destinavam. Konrad esperava naturalmente que as negociações com Afonso Henriques falhassem. Ele queria alcançar a glória ao lado do seu rei. Só assim poderia regressar em triunfo à sua terra e vingar-se em todos aqueles que tinham virado as costas a ele e ao irmão.

Em fins de Maio, enfrentaram uma grande tempestade no Golfo da Gasconha. Durante esses momentos infundáveis de terror, em que a nau, fustigada pelos ciclones e chuvas, mais não era do que um brinquete nas mãos de ondas gigantescas, Johann limitava-se a rezar, encolhido a um canto, e Konrad maldizia a sua sorte, arrependido de não ter deixado o miúdo a salvo no convento. Deus parecia, no entanto, ter ouvido as preces do rapaz: a 30 de Maio aportaram sãos e salvos em Gijón, no norte da Hispânia. Todavia, dos quase duzentos barcos que haviam partido de Inglaterra, só lá chegaram cinquenta. Que era feito dos outros?

Nada mais lhes restava do que seguir viagem. Apanharam outro susto no mar traiçoeiro da costa galega, ao dobrar o Cabo Finisterra.

Deus poupou-os contudo a nova tempestade e puderam atracar nas margens do rio Tambre, perto de Santiago de Compostela, aonde se dirigiram em peregrinação, a fim de visitar o túmulo do Apóstolo. Rezaram, assistiram às missas... e eis que se dá algo, por muitos considerado um milagre: aos poucos, iam-se-lhes juntando os outros barcos. Quando a 15 de Junho partiram em direcção a Portugal, a armada estava quase completa.

No dia seguinte, avistaram a foz do rio Douro. Debaixo de um sol radioso, uma extensão infinita de praias estendia-se de Norte a Sul. A cidade do Porto situava-se a menos de uma légua de distância, mas no seu cais apenas havia lugar para as naus dos comandantes e dos prelados. As restantes embarcações tiveram que atracar na zona da foz, a de Konrad ancorou numa pequena enseada, a meia hora de marcha do Porto. Arnulf de Aarschot, Christian de Gistell, os comandantes ingleses e franceses e os clérigos foram recebidos pelo bispo, D. Pedro Pitões, que regia sobre a cidade.

Sentado sobre a sua manta, ao lado do prostrado Johann, Konrad olhava com inveja para os companheiros de viagem que se preparavam para ir dar uma volta à cidade.

Gunther, um ruivo baixote mas encorpado, perguntou-lhe:

— Não queres vir? Não precisas também de divertimento?

— O Johann está tão mal — suspirou Konrad. — Passou o dia enjoado, sem comer nada. E logo hoje custa-me deixá-lo sozinho. É o dia do seu aniversário.

— Como é que sabes isso? — admirou-se o ruivo.

— O meu pai fazia questão dessas coisas.

— Ah é verdade. A gente até se esquece de que éreis filhos de um cavaleiro. E, já agora, quantos anos faz o fedelho?

— Dezasseis.

— Mais uma razão para que venhais os dois connosco!

— Ele não está em condições de...

— Sabes do que é que ele precisa? De uma mulher! Nem imaginas com que velocidade ele depois desabrocha.

— Se calhar tens razão — replicou Konrad, com um sorriso. — Já vai sendo tempo.

— Levanta-te, rapaz! — bradou Gunther.

— Não posso. Estou doente.

— E eu conheço o remédio que te há-de curar!

Anoitecia, quando Konrad, Johann, Hadwig e Gunther se puseram a caminho da cidade. O tempo ameno dispensava capotes, bastavam as suas túnicas de linho, que, por cima das calças, lhes chegavam aos joelhos. Como era costume, levavam punhais enfiados nos cintos. Os cabelos castanho-claros de Konrad caíam-lhe pelos ombros, os outros três usavam-nos curtos.

As colinas eram cada vez mais altas, tanto numa como na outra margem, o Douro revelava-se um lutador que criara o seu próprio caminho por entre o desfiladeiro. Pescadores trabalhavam nas suas redes e conversavam à porta das suas cabanas. A passagem dos estrangeiros, chamavam o resto da família, para que todos pudessem lançar um olhar aos cruzados vindos de longe.

Depois de mais uma curva, a cidade surgiu no cimo de um cerro de uns duzentos e cinquenta pés de altura, rodeada pelas muralhas. Também do outro lado do rio se via uma povoação, com o castelo no alto e várias casas espalhadas pelas escarpas.

As construções escuras de granito junto ao cais do Porto não pareciam convidativas, mas, assim que os quatro entraram numa das tabernas, envolveu-os uma atmosfera hospitaleira. Não só os locais se divertiam por lá, também muitos dos estrangeiros. Apesar do entendimento ser difícil, estabeleciam-se conversas entre os homens de várias nacionalidades. Os locais estarreceram quando Hadwig surgiu, provavelmente nunca tinham visto cabelos e sobrancelhas tão claros.

Os quatro sentaram-se à volta de uma mesa e o empregado, um rapaz magro de caracóis escuros, desejou-lhes as boas-vindas e serviu-lhes vinho tinto. Todos se apressaram a esvaziar as suas canecas, excepto Johann, que parecia um condenado à morte sentado à mesa da sua última refeição.

Um portuense aproximou-se, pois a mesa deles era das poucas em que sobrava uma cadeira. O indivíduo era atlético, embora não tão alto como Konrad e Hadwig. Usava os cabelos pretos curtos e um bigode farfalhado dominava-lhe o semblante. Sentou-se e começou logo a conversar com eles; a bem da verdade, gesticulava mais do que falava. Disse chamar-se Julião e Johann animou-se ao constatar que o homem conseguia realmente entender algumas

palavras isoladas de latim, embora nunca tivesse aprendido tal língua.

Assim, foram percebendo que ele e o seu amigo Tomé, o empregado que os servira, tencionavam ir com os cruzados até Lusbuna e queriam saber se ainda havia lugar no barco deles (Julião pronunciava o nome da cidade de maneira estranha, mais como Lisbuna). Konrad respondeu que, para a viagem curta, se poderia dar um jeito. De si para si, pensou admirado que pelos vistos não passava pela cabeça dos portugueses que os estrangeiros recusassem o apelo do seu rei!

Depois de já terem bebido algumas canecas, Hadwig resolveu ir direito ao assunto com gestos evidentes: segurando uma imaginária anca feminina entre as mãos, movia estas para trás e para a frente. Julião desatou às gargalhadas e acenou entendimento com a cabeça.

Apontando para Johann, Gunther berrou, eufórico de vinho:

— O fedelho aqui faz anos! E é a sua primeira vez!

— Cala-te — rosnou o rapaz, apesar de Julião não ter entendido o ruivo. — Estou cansado e vou já regressar ao barco.

— Não sejas parvo — atirou Gunther e tornou a dirigir-se ao português, desta vez gritando ainda mais alto, como se o outro o entendesse melhor assim: — É a sua primeira vez!

Julião não percebia patavina.

— Com mil raios — vociferou o ruivo. — Johann, como se diz "primeira vez" em latim?

— Pensas mesmo que te vou dizer?

— Ora — atalhou Konrad, — eu não aprendi muito latim, mas chega para...

— Pensei que estivesse do meu lado — interrompeu-o o irmão, de olhar ofendido.

— Não sejas desmancha-prazeres! — pediu o mais velho. — O Julião precisa de saber o que se passa, pois hoje tens direito a tratamento especial.

Hadwig e Gunther desataram às gargalhadas.

— Ora bem — começou Konrad — primeira acho que se diz prima... não é?

— Prima! — gritou logo Gunther, enquanto fazia os mesmos gestos de Hadwig e apontava para o Johann.

A estratégia acabou por funcionar! Julião observou o rapazito divertido. Depois, chamou o empregado, com quem trocou algumas palavras.

Finalmente, os quatro entenderam que a taberna estava quase a fechar e que deviam esperar pelo Tomé.

Os dois portuenses levaram-nos a um bordel. A dona, uma morena avantajada, cujos seios só com dificuldade se mantinham dentro do seu decote generoso, veio recebê-los. Konrad percebeu que Julião e Tomé falavam com ela sobre o Johann. A mulher sorriu matreira, desapareceu por momentos e regressou com uma mocinha que era magra demais para o vestido grosseiro que envergava e que teria no máximo quinze anos. A pele bronzeada assinalava a sua origem humilde, mas os seus longos cabelos pretos e lisos brilhavam como algas à luz das velas. Os olhos negros amendoados davam-lhe uma beleza inesperada para uma plebeia. Ela porém não encarava os homens, o que revelava a sua falta de experiência.

— Não, não, não! — bradou Konrad. — O rapaz precisa de uma mulher experiente.

A dona do bordel olhou-o embasbacada, pois não fazia ideia que bicho o teria mordido. Depois, apontou para a rapariga e disse algo aos portugueses.

— Não — insistiu Konrad. — Ela é nova demais. — Virou-se para Julião e Tomé e acrescentou: — Ele precisa de outra, assim mais... rodada.

Não o entendiam. A morena redonda começou a barafustar e os dois portugueses tentavam por sua vez dizer algo a Konrad. Até que ele se virou para Hadwig e desabafou:

— Não adianta! É melhor irmos a outro lado.

— Pois eu não saio daqui! — afirmou Gunther, que olhava extasiado para a dona do bordel. — Tenho que fornicar este pedaço de mulher!

— Tu estás mas é bêbedo — gritou-lhe Konrad.

— Acalma-te — lançou Hadwig. — Já viste a cara do Johann? Konrad virou-se para o irmão, que olhava para a rapariga como se ela fosse uma preciosidade nunca vista.

— Ela agrada-lhe — insistiu o loiro.

— Pois a mim não me agrada esta história — replicou Konrad. — Rameiras inexperientes causam problemas. E com estes dois pivetes tenho mesmo um mau pressentimento.

— Porquê? — perguntou Gunther, no falar arrastado de quem bebeu demais. — Pois eu acho que eles combinam muito bem.

Konrad tornou a olhar para o irmão, que parecia de repente ter-se curado de várias semanas de enjoos. Ela, por seu lado, começava a sorrir-lhe tímida. E o mais velho acabou a suspirar:

— Está bem, pronto!

Assim que a dona do bordel notou que o estrangeiro grande de cabelos compridos acabara de protestar, tornou a adoptar uma expressão satisfeita. Juntou a mão de Johann à da rapariguita e conduziu-os a um quarto. Konrad, que os seguia com os olhos, desabafou:

— Espero que corra tudo bem.

— E o que é que haveria de correr mal, homem? — retorquiu Hadwig.

— Eles bem saberão o que têm a fazer — atalhou Gunther. Hadwig desatou às gargalhadas, mas Konrad manteve a sua expressão preocupada. O loiro dirigiu-se a Gunther:

— Pelos vistos, já fizeste a tua escolha.

— Oh sim. Fico-me por este colosso!

Hadwig deu uma palmada nos ombros de Konrad e sugeriu:

— Anda ver as outras!

— Vamos Konrad? — perguntou Johann, depois da ceia.

— Hoje não vou à cidade.

— Porquê?

— Depois de três noites de bazófia preciso de uma pausa.

— Então... terei que ir sozinho.

Konrad olhou espantado para o irmão, que inquiriu:

— O que foi? Já sei o caminho, não me perco.

— Como queiras, por mim...

— Só que... preciso de dinheiro...

Konrad atirou-lhe uma moeda e o rapazito deixou o barco de olhos radiantes e de passos leves como um passarinho.

Hadwig, que estava sentado ao lado do amigo, comentou a rir:

— O pequeno agora não quer outra coisa.

- Não me agrada que procure sempre a mesma rapariga.
 - Qual é o problema?
 - Será bom ligar-se assim a uma rameira?
 - Ora, não protejas tanto o teu irmãozinho. De qualquer maneira, partiremos em breve.
 - Já vai sendo tempo. Estes ares até me agradam, mas não devemos esquecer que a Terra Santa nos espera.
 - Tão depressa não chegaremos lá.
 - Achas mesmo que vamos participar no cerco a essa Lusbuna... ou Lisboa, ou lá como o raio da cidade se chama?
 - Vamos ver o que o bispo do Porto tem para nos dizer amanhã. O nosso comandante parece tencionar seguir viagem, mas o inglês, esse Hervey de Glanville, está com vontade de ajudar os portugueses.
 - Sim, um dos seus prelados, Gilbert de Hastings, já travou amizade com o bispo. Mas os seus próprios homens não estão pelos ajustes.
 - No fim, terão que obedecer ao comandante, tal como nós.
- Na manhã seguinte, o bispo do Porto fez a sua pregação no largo da Sé, o ponto mais alto da cidade. Tratava-se de uma ocasião solene, o prelado tinha a seu lado o arcebispo de Braga, representante máximo da Igreja Portuguesa, os bispos de Viseu e Lamego e um fidalgo cavaleiro em representação d'el-rei D. Afonso Henriques.
- Como o largo da Sé não era suficientemente grande para todos os quinze mil cruzados e D. Pedro Pitões pregava em latim, língua que apenas uma minoria entendia, a maioria resolveu esperar nos barcos pelos seus prelados, que lhe transmitiriam a mensagem do bispo. Konrad e os seus amigos pertenciam, no entanto, aos poucos mais de mil homens que assistiam à pregação, pois Johann não tinha dificuldades em traduzi-la.
- O bispo chama a atenção para as obrigações dos bons cristãos
 - declarou o rapaz. — Diz que devemos colocar o serviço de Deus e da Cristandade à frente dos nossos desejos materiais. Portugal não é um reino rico, gasta muito na guerra contra os infiéis.
 - Isto não começa nada bem — comentou Hadwig. — Estarão eles à espera que os ajudemos por nada?

— Ele pede-nos que não estejamos ansiosos por prosseguir viagem

— continuou Johann. — Diz que o combate aos hereges aqui nesta terra é tão importante e tem tanto efeito sobre os nossos pecados quanto os combates na Terra Santa.

Os outros olharam-se desconfiados e Konrad acabou por sussurrar:

— Em Speyer, Bernardo de Claraval só garantiu absolvição para os combatentes na Terra Santa.

— Mas estes mouros daqui não são infiéis como os outros? — indagou Gunther.

Os outros encolheram os ombros e já Johann fazia sinal para que se calassem, enquanto ouvia atentamente o latim de D. Pedro Pitões.

— Lembra-nos que as lutas contra os infiéis fazem parte de uma "guerra justa" — disse por fim. — Cruzados dignos desse nome não podem recusar a luta contra os infiéis, neste caso, os mouros cruéis. Mais diz que as lutas entre cristãos, não só enfraquecem a Cristandade, como são condenadas por Deus e pela Igreja. Combater só é pecado quando não tem o consentimento de quem dispõe da legítima autoridade: a Igreja.

Neste ponto, alguns dos cruzados resolveram intervir. Exigiam saber com que recompensas podiam afinal contar, caso libertassem Lusbuna das mãos dos infiéis. O bispo do Porto retorquiu que se tratava de uma cidade rica, mas que ele não estava autorizado a negociar a recompensa. Por isso, pedia-lhes em nome d'el-rei que velejassem até à foz do Tejo, onde D. Afonso Henriques se encontraria com eles.

Como já era de esperar, o inglês Hervey de Glanville e o seu prelado Gilbert de Hastings puseram-se ao lado dos portugueses. E no fim todos concordaram em navegar até Lusbuna, pois qual era o mal em ouvir o que D. Afonso Henriques tinha para lhes oferecer?

Levantavam-se as amarras. Todas as naus transportavam agora mais passageiros, incluindo o arcebispo e os três bispos. Konrad apercebia-se preocupado de quantos portugueses, a maior parte deles camponeses e pescadores, que não entendiam nada de combate nem sequer possuíam armas, tencionavam participar no cerco de Lusbuna, como se este fosse assunto já decidido. Tolerava-se a

presença de mulheres, como era aliás costume em campanhas militares, pois elas contribuíam para manter a boa-disposição entre os guerreiros.

Só Johann teimava em não aparecer!

— Onde diabo se meteu esse danado? — perguntava-se Konrad desesperado.

— Confesso que também estou preocupado — replicou Hadwig.
— O nosso barco está quase a partir.

Konrad começou a reunir as suas coisas e as do irmão e o amigo perguntou-lhe espantado:

— O que te deu agora?

— Não posso deixar o miúdo aqui sozinho. Hadwig escancarou os olhos azuis:

— E arriskas-te a ficares aqui também?

— Só o tempo que levar a encontrá-lo. Está de certeza no bordel, a divertir-se com a rameirita e nem se dá conta do passar do tempo. Assim que o arrancar de lá, dar-lhe-ei uma boa sova. E depois fazemo-nos ao caminho, em direcção a essa... Lusbuna.

— Vós os dois sozinhos?

— Não nos perderemos, afinal só precisamos de seguir ao longo da costa. Duzentas milhas são, para dois homens, cerca de uma semana de marcha, no máximo dez dias. Como vós ireis ficar algum tempo por lá para negociardes com o rei, nós lá vos apanharemos.

— Deus queira que sim... Nisto, Gunther bradou:

— Lá vem ele!

Konrad virou a cabeça. E não queria acreditar no que os seus olhos viam: Johann vinha numa correria e pela mão trazia... a rameirita, que transportava uma pequena trouxa! Os dois saltaram a bordo, mesmo antes do barco se descolar do cais.

— Que significa isto? — berrou Konrad, mal conseguindo controlar a sua fúria.

— Ela vem comigo — respondeu Johann ofegante.

— Isso vejo eu.

— Então porque perguntas?

Konrad forçou-se a manter a calma e replicou:

— Não hão-de faltar rameiras rapaz! Para que é que hás-de levar uma?

— A partir de hoje, ela já não o é.

— Como?

— Vou casar com ela!

Konrad precisou de algum tempo para recuperar do seu estarrecer, mas depois vociferou:

— Enlouqueceste frangalhote? Como se eu fosse permitir uma coisa dessas!

— E quem precisa da tua autorização? — berrou Johann. — Estou de farto de fazer o que tu me mandas.

— Não sabes o que dizes. Era o que mais me faltava, ir com uma rameira às...

— Nunca mais a chames assim! — A pele clara de Johann enrubescceu até à raiz dos cabelos, as suas mãos cerraram-se em punhos. — Ela tem um nome: Ausenda. E é minha noiva!

— Seu danado! — rugiu Konrad, lançando-se ao irmão. — Já te vou ensinar a...

— Tem calma, homem!

Hadwig e Gunther agarraram-no pelos braços e separaram-no do mais novo. Johann pegou na mão de Ausenda e levou-a para o canto onde tinha a manta.

— Não dá para acreditar! — fungou Konrad.

— Para que te hás-de exaltar dessa maneira? — retorquiu Gunther. — Verás como o miúdo se enche dela num instante.

4

O mês de Junho aproximava-se do fim e Aischa ainda não casara com Amir. A cerimónia fora adiada, pois a mãe dela jazia moribunda.

Zubaida comera cada vez menos, até que chegou a uma altura em que só ingeria líquidos. Os médicos, estupefactos, admitiam que ela sofresse de uma doença misteriosa. Depois de uma semana inteira a prescindir de alimentos, Zubaida apanhou febre e o seu organismo estava fraco demais para a combater. Agora, esperava-se pelo seu último suspiro.

Este parecia próximo quando um ataque febril se apoderou do corpo mirrado, mas Zubaida lá se acalmou e adormeceu por algumas horas. Ao acordar, anunciou que o seu último desejo era uma conversa a sós com a filha.

— Aischa, só por tua causa me custa deixar este mundo. De resto, anseio pela redenção. E sei que irei direita a Deus.

— Não fales assim! Fazes-me recear pela tua alma.

— Não receies! Deus Nosso Senhor prometeu-me que me levaria para junto Dele. Apareceu-me em sonho e revelou-me muita coisa.

— Que estás para aí a dizer?

— Eu disse-Lhe que não aguentava mais esta minha vida, mas que por outro lado pretendia evitar manchar-me com o pecado do suicídio. Ele aconselhou-me então a recusar os alimentos e a viver em ascese, como muitos dos nossos santos.

— Oh será possível?

— Pedi-Lhe que tomasse conta de ti, mesmo depois dos cristãos terem conquistado Lusbuna. E sabes o que Ele me disse? Assegurou-me que sobreviverias ao cerco e que encontrarias um cavaleiro cristão do teu agrado!

— Não quero ouvir mais nada! Casarei com Amir e manter-me-ei fiel à fé verdadeira!

— Viverás o teu futuro ao lado de um cristão, minha filha. El-rei D. Afonso Henriques manter-vos-á sob a sua protecção.

— El-rei?! Esse homem horrível, Alá o maldiga! Endoideceste, mãe! Desculpa que o diga nestas circunstâncias, mas acho que a tua doença te roubou o discernimento.

— Eu falei com Deus — insistiu Zubaida.

— Não há outro Deus a não ser Alá e Maomé é o Seu profeta!

A moribunda fechou os olhos. Depois de um breve silêncio, tornou a abri-los e disse:

— Estou orgulhosa de ti, minha filha. Guardaste o nosso segredo.

— Mas irei revelá-lo.

Zubaida agarrou as mãos da moça e pediu aflita:

— Não o podes fazer. A cruz pertencia à minha família. Só tu deverás usufruir dela.

— A cruz está escondida na casa de meu pai. Ele tem o direito de saber o que se passa dentro das suas quatro paredes.

— Não, tens que me prometer que...

— Por favor mãe, poupa-me a uma coisa dessas!

— Mas irás pertencer a um cruzado e vós os dois deveis guardar a cruz.

— Porque me torturas dessa maneira? — replicou Aischa, de lágrimas nos olhos. — Eu quero casar com Amir, ser uma boa esposa e uma boa mãe para os filhos dele.

— Oh sim, e ter que o dividir com outra, duas ou até três mulheres! Aischa tinha que admitir que essa perspectiva não lhe agradava. No entanto, teria que se sujeitar a isso, caso o seu futuro marido se resolvesse a manter mais esposas, pois o Corão permitia a um homem o máximo de quatro. Ripostou:

— Se tiver que ser... Afinal, a maior parte dos cristãos casados mantém concubinas, apesar da sua religião os proibir de tal, alguns sem se darem ao trabalho de as esconder.

Zubaida esboçou um sorriso indulgente:

— Independentemente do que digas, não escaparás ao teu destino. E a cruz...

— Não!

Zubaida apertou as mãos da filha e até ergueu o tronco. A sua voz tremia devido ao esforço:

— Não sobreviverei a esta noite. Tens que me prometer que manterás o segredo.

— Não posso — replicou a moça, que já soluçava.

— Por favor! — Zubaida tinha também lágrimas nos olhos. — Pertenceu à minha família, que vi perecer às espadas dos infiéis, era ainda mais nova do que tu. Peço-te, minha filha!

Apesar das mãos da moribunda tremerem violentamente, não aliviavam a pressão que exerciam nas de Aischa. Era o último desejo de sua mãe e a jovem teve de ceder:

— Está bem. Prometo-te minha mãe, fica descansada!

— Graças a Deus — suspirou Zubaida. Deixou cair a cabeça em cima da almofada e fechou os olhos.

Não os tornou a abrir nem a proferir palavra, até que uma hora mais tarde deixou de respirar.

Zubaida foi a enterrar a 29 de Junho, o sol brilhava radioso no céu azul. A família de Malik Ibn Danaf dirigiu-se ao almocavar, o cemitério islâmico fora de muros, que se estendia pela encosta leste da alcáçova. O pai de Amir, como sábio do Corão e líder religioso, presidiu à cerimónia.

Quando já regressavam, ainda antes de entrarem na cidade, ouviram a voz do muezim que, do alto do minarete, chamava os crentes à oração. Aischa e os seus acompanhantes olharam-se perplexos, pois o sol ainda não se punha: era cedo demais para a oração da tarde.

Ao passarem a bâb al-maqbara, porta assim chamada por ser a que se usava para se deslocarem ao cemitério, ainda se espantaram mais. Gente apressada cruzava as ruas, até mulheres, que a esta hora adiantada raramente saíam de casa. Também muitos dos habitantes dos arrabaldes entravam na cidade, como se procurassem refúgio, fugindo a um perigo extremo.

Teria a ver com o malfadado Ibn Errik, que já há alguns dias devastava a região com os seus homens? Conquistara torres de atalaia e rubut, os mosteiros-fortalezas, dos quais o mais conhecido era o de Saqabân (Nota 5).

Os portugueses tinham-se porém mantido à distância, tanto de Lusbuna, como de Sintra, pelo que todos haviam acreditado que estivessem prestes a retirar, satisfeitos com os despojos. Malik Ibn Danaf avistou um conhecido e perguntou-lhe:

— O que se passa?

— Alá o Altíssimo nos guarde! — retorquiu o homem. — Foi avistada uma enorme armada de majus, esses pagãos vindos dos confins do norte. Mais de uma centena de naus prepara-se para entrar no Wâdi Tâjuh! (Nota 6)

O coração de Aischa começou a martelar. Teria a alma de sua mãe, cujo corpo tinham acabado de enterrar, alguma coisa a ver com isto?

— O rei português — acrescentou o homem — foi ao encontro deles. Al-Attar o nosso alcaide vai agora dirigir-se aos fiéis na mesquita aljama.

Também o mercador e a sua família se dirigiram à maior mesquita de Lusbuna.

As mulheres, separadas dos homens, ajoelharam-se em cima dos tapetes, viradas para o mihrab, o sinal na parede da mesquita que indicava a direcção das preces: o leste, onde se situava a cidade de Meca. O alcaide dirigiu-se ao mindbar, o púlpito ao lado do mihrab, onde ao meio-dia das sextas-feiras os líderes religiosos pregavam aos crentes, e anunciou:

— Ainda não sabemos quantos majus vieram. Os nossos vigias contaram entre 150 a 200 naus, serão por isso mais de dez mil homens. O exército de Ibn Errik, Alá o maldiga, é o maior que ele alguma vez reuniu, já que recebeu reforços do norte do seu reino. Depois da conquista de Shantarín, os seus comandantes apelaram novamente às armas e conseguiram entusiasmar muitos, pois certamente já sabiam que esses cruzados vinham a caminho. Nada mais nos resta do que nos barricarmos na nossa cidade. Mas não desesperemos! Tentaremos recuperar as reservas alimentares guardadas na matmurâ situada fora de muros, antes que os cristãos montem cerco. E rezemos para que, mesmo depois de sitiados, tenhamos acesso aos al-hurí cavados no flanco da encosta da al-qasbâ. Não esqueçamos ainda que a maior parte dos habitantes dos

arrabaldes procurou refúgio dentro da cidade, assim como aldeões das redondezas, e muitos deles trouxeram animais de criação consigo.

Nota 6 - Rio Tejo.

Tenhamos fé! Não há força senão em Alá, o Alto, o Magnífico! Se for Sua vontade que resistamos aos invasores, salvando a nossa cidade, assim acontecerá!

Arrasada pelos acontecimentos, Aischa só tinha uma certeza: a vida, como ela até àquele momento a conhecera, desaparecera. Como se a sua mãe, ao morrer, a tivesse levado consigo.

5

Na zona da foz do rio Tejo, ou Wâdi Tâjuh, na linguagem dos mouros, a armada dos cruzados deparara com várias enseadas onde as naus lançaram as suas âncoras. O Atlântico parecia finalmente ter-se cansado de formar ondas gigantescas, que batiam iradas contra a costa rochosa ou que pareciam querer engolir o areal das praias, e quedava-se tranquilo como se de um lago gigantesco se tratasse.

Konrad, Hadwig e Gunther refrescavam-se na água fria de uma das enseadas. Johann e Ausenda estavam sentados na areia e a rapariga ensinava-lhe o seu idioma. O rapaz aprendia depressa, não só por ser inteligente, mas também por mal ver a hora em que pudesse conversar com ela. Os dois só se banhavam ao escurecer, para que Ausenda ficasse protegida de olhares cobiçosos.

O ruivo Gunther, metido na água até ao pescoço, exclamou:

— Já viste como a areia brilha ao sol? Muitos de nós acham que há ouro em pó lá misturado, trazido pelo mar.

— Isso é que era bom — atirou Konrad.

— Ora — contrapôs Hadwig, — todos nós já ouvimos falar de ouro aqui na região. Do outro lado do rio, perto de mais uma fortaleza moura, diz-se que o mar lança palhetas de ouro sobre a margem.

— E deste lado — acrescentou Gunther, — também há um sítio em que se tira ouro da água, um pouco a norte dessa... Lisboa. Os infiéis devem ser muito ricos e ter tesouros escondidos nas suas casas!

Konrad fungou incrédulo, mergulhou mais uma vez e disse:

— Já me banhei que chegue, vou-me deitar ao sol.

Os outros seguiram-no para fora da água e deitaram-se por cima das suas vestes, que jaziam estendidas na areia.

— Isto é que é vida — suspirou Hadwig.

— Sim — concordou Gunther, — só me falta uma...

Os risos de Johann e Ausenda interromperam-no. Gunther apoiou-se nos cotovelos e comentou:

— Quem diria? O rapazola saiu-se o mais esperto de nós os quatro. Konrad sentou-se e declarou, enquanto observava o parzinho:

— Muita pena me fazia sabê-lo no convento. Nunca pensei que chegasse a invejá-lo.

Os outros riram-se e ele acrescentou:

— Mas não há-de casar com ela. Era o que me faltava! Quando já estavam secos e o sol lhes começou a queimar a pele, vestiram a roupa húmida, que tornou a refrescá-los e que evitava que apanhassem uma insolação.

Konrad viu os dois portugueses que tinham vindo do Porto com eles e perguntou-se se trariam novidades. O rei e os seus fidalgos tinham-se reunido com Arnulf de Aarschot, os comandantes dos outros cruzados e os clérigos, que serviam igualmente de tradutores.

— Johann! — chamou ele. — Anda ver se percebes alguma coisa! O rapazito, com a ajuda da moça, lá falou com o Julião e o Tomé e anunciou depois:

— Pelo que eu entendi, as negociações não correram bem para o rei. Os nossos comandantes não gostaram das ofertas dele.

— Que estranho — admirou-se Hadwig. — Então não há aqui muitas riquezas?

— O rei quer evitar um saque — acrescentou Johann.

— Deve estar a brincar connosco — atalhou Gunther. — O vencedor tem sempre direito ao saque. Não viemos para exterminar esses infiéis?

— D. Afonso Henriques disse estar mais interessado na conquista de terras do que no massacre de homens. E que se deve aproveitar o conhecimento e o trabalho dos mouros e dos judeus vencidos. Além disso, quer proteger os cristãos que vivem em Lusbuna.

— Há cristãos a viver lá? — admirou-se o ruivo. — No meio dos infiéis?

— Se calhar entendeste-os mal — replicou Konrad dirigido ao irmão.

Johann tornou a falar com os portugueses e, depois de mais algumas palavras e muitos gestos, informou:

— É mesmo assim. Moram lá cristãos e são quase tantos como os mouros.

Têm que pagar um imposto caro, uma tal jizia, mas pelos vistos até um bispo há em Lusbuna. Esses cristãos são apelidados de moçárabes, por terem adoptado muitos dos costumes dos infiéis. Os alemães olharam-se estarelecidos. Johann acrescentou:

— O rei parece não saber quão ricos os habitantes de Lusbuna realmente são.

— Então, o que é que ele tem para oferecer em troca da nossa ajuda? — quis saber Konrad.

Depois de Johann trocar mais algumas palavras com os dois portugueses, respondeu:

— Prometeu terras, para os que quiserem ficar aqui.

— Mais nada?

— Trata-se de uma região fértil, de Invernos amenos e chuvosos. E como vemos, não falta sol.

— E os outros que quiserem depois seguir viagem? — lembrou Hadwig. — Estará o rei à espera que arrisquem a pele por nada?

— Por mim — atalhou Gunther, — não me importava de passar aqui o Verão.

— Pensas que seria sempre assim tão bom? — interpelou-o Konrad. — Quando tivéssemos que combater debaixo deste calor, o Paraíso depressa se transformaria num Inferno. — E, virado para o irmão: — Os nossos comandantes não recusaram logo a sua ajuda?

— Não, pediram dois dias de reflexão, durante os quais pretendem consultar-nos.

Arnulf de Aarschot e Christian de Gistell reuniram-se com os seus homens, que expressaram os seus desejos. A maioria era da mesma opinião de Hadwig: os que seguissem viagem, depois do cerco, exigiam igualmente a sua recompensa.

Os dois comandantes encontraram-se depois com os seus congéneres ingleses e franceses. Estes acrescentaram outras às propostas dos alemães e dos flamengos e chegaram a acordo em relação às exigências que iriam apresentar ao rei na próxima reunião: todos os bens dos fidalgos mouros seriam distribuídos apenas entre os cruzados; os portugueses ficariam de fora, não só desta distribuição, como também do saque, do qual os estrangeiros não

prescindiam; os que pretendessem ficar em Portugal exigiam, além das terras, poder manter os costumes e os direitos dos seus países, assim como liberdade de impostos e de portagens para os seus produtos e barcos em todos os portos e cidades portugueses.

— As negociações falharam — anunciou um dos monges alemães. Konrad e Hadwig sorriram-se satisfeitos. O clérigo acrescentou:

— O rei recusa-se a deixar-nos todos os bens dos mouros. E do saque continua a não querer ouvir falar.

— Quando vamos prosseguir com a nossa viagem? — perguntou Konrad.

— Isso ainda não se sabe — respondeu o monge. — A D. Afonso Henriques foi concedido um tempo de reflexão.

— Ora essa! Para quê?

— No fim, acabou por dizer que queria pensar melhor nas nossas propostas. Além disso, pretende cumprir o código de cavalaria e enviar uma delegação até junto das muralhas, que tentará convencer os infiéis a renderem-se, entregando a cidade pacificamente.

— E quem pertence a essa delegação? — perguntou Gunther desconfiado. — Só portugueses?

— Não. O comandante inglês e o seu clérigo, Gilbert de Hastings, acompanharão o arcebispo de Braga e o bispo do Porto.

Konrad alegrava-se com o facto de a maioria dos cruzados já estar a preparar a sua partida, depois de os mouros terem recusado a rendição. Além disso, o tempo de reflexão concedido ao rei ia-se alongando e os homens perdiam a paciência.

A sua alegria estava porém ensombrada: Johann pretendia levar Ausenda com ele até à Terra Santa! Os irmãos só não tinham chegado a vias de facto, porque Hadwig conseguira acalmar o mais velho. Que mal é que tinha, perguntara, acrescentando que a rapariga era humilde e sossegada. Konrad teve que lhe dar razão, parecia não se confirmar o seu receio de que ela se continuasse a oferecer a quem melhor lhe pagasse.

No barco de Konrad conversava-se sobre a partida, quando um grupo de portugueses, ao qual pertenciam Julião e Tomé, saltaram a bordo. Gritavam e gesticulavam como doidos, os estrangeiros olhavam--nos embasbacados. Hadwig perguntou a Johann:

— Percebes alguma coisa?

O rapaz pediu a Julião que se acalmasse e, depois de trocar algumas palavras com ele, informou:

— Um grupo de portugueses surpreendeu alguns mouros que tentavam descarregar reservas de um depósito subterrâneo perto da cidade. Depois de aprisionarem os infiéis, entraram nessa matmûrâ e espantaram-se com as quantidades enormes de cereais lá armazenados, além de muitas outras coisas.

— Eles guardam os cereais debaixo da terra? — admirou-se Gunther. — Não têm celeiros?

— É para os proteger do calor — replicou Johann. Julião gesticulava e continuava a falar.

— Ele diz — traduziu o rapaz, — que nós devíamos ir ver esse depósito... ou matamorra, como ele lhe chama.

— Para quê? — perguntou Konrad.

— E porque não? — atirou um dos seus companheiros de viagem. — Talvez possamos arrebanhar mais reservas para o resto do caminho.

Não eram eles os únicos que se punham em movimento em direcção à cidade. De todas as outras naus saltavam cruzados e seguiam grupos de portugueses que tinham espalhado a novidade.

Marcharam ao longo do rio, que, ao contrário do Douro, não parecia ter pressa em se juntar às águas do oceano. Corria tão calmo e espraído, originando um leito tão extenso, que se diria espreguiçar-se ao sol. Junto à margem existiam salinas e Konrad admirava as plantações espalhadas pelas colinas à sua esquerda: searas, vinhas, oliveiras, para não falar dos pomares de laranjas, limões, figos e romãs. Também se viam pastagens, mas poucos animais. As aldeias, os campos e as salinas estavam abandonados, a maior parte dos aldeões procurara abrigo dentro das muralhas de Lusbuna. Konrad ouvia expressões de entusiasmo à sua volta:

— Que região tão fértil!

— E está tudo à mão de semear. O cerco seria uma brincadeira. Konrad começou a inquietar-se. O que estava a acontecer aos homens que, momentos antes, mal podiam esperar a partida?

Do cimo de um cerro, avistaram o lado ocidental de Lusbuna, com o seu arrabalde incrustado nas rochas que serviam de alicerce às

muralhas. As casas deste bairro estavam construídas de maneira a formar um conjunto hermético, coladas umas às outras, sem aberturas para o lado exterior.

As muralhas da cidade desciam em socacos, desde o ponto mais alto, a norte, onde dominava a torre quadrangular da alcáçova, até à margem do Tejo.

Torres mais pequenas, todas quadradas, reforçavam as muralhas em vários pontos. No topo noroeste dos muros da alcáçova, um pano de muralha prolongava-se pela encosta abrupta, terminando numa torre, que delimitava e protegia o arrabalde.

Nas ameias, entre os merlões quadrados, adivinhavam-se as sentinelas mouras, mas os cruzados encontravam-se fora do alcance dos seus tiros de besta, pois uma vasta e verde pradaria separava-os da cidade. Essa pradaria era atravessada por um curso de água, aos pés do arrabalde, que a norte se dividia em duas ribeiras, rodeando o sopé de uma colina. Para sul, alargava-se num esteiro, juntando-se ao Tejo. A foz do esteiro parecia ser um porto de abrigo e nos seus areais havia um estaleiro, mas ninguém trabalhava nas embarcações, que jaziam abandonadas. Era difícil de dizer quanta gente ainda se encontrava no arrabalde, com as casas assim construídas, em jeito de muralha. Ainda junto à foz do esteiro, no extremo sudoeste da cidade, avistava-se uma grande torre albarrã, adiantada algumas jardas das muralhas e a estas ligadas por um passadiço.

O pano de muralha junto ao porto fundeava em terreno baixo, chegava quase ao rio, e dava a ver o casario de Lusbuna, que se distribuía pela colina. Konrad e os outros quedaram-se boquiabertos. Esta cidade era bem diferente das que eles conheciam, em que a maioria das casas era feita de madeira e onde, durante quase todo o ano, reinava a humidade, o frio e a escuridão. Lusbuna parecia ser feita de brancura e de luz. As paredes caiadas reflectiam a luminosidade do sol e a grande mesquita, a última construção que se avistava, antes de a muralha engolir a cidade baixa, ostentava sete cúpulas cobertas de telhas vidradas a verde, a cor do Profeta Maomé. Também o minarete adjacente, forrado a azulejos da mesma cor, cintilava ao sol.

Toda aquela luminosidade atraía Konrad de uma maneira irresistível. A cidade, à qual ele tanto desejava virar as costas, parecia

enfeitiçá-lo, querer engoli-lo...

Konrad deixou de ouvir as conversas excitadas dos seus companheiros e foi descendo a colina, como que em transe, até chegar à planície verdejante. Os seus olhos fixaram-se numa grande Porta, rasgada numa das torres quadradas que guarneciam as muralhas, nas imediações da mesquita. A esquerda desta Porta, começava o arrabalde e, à direita, estendia-se, até à torre de vigia na ponta sudoeste, mais um pequeno bairro, na zona ribeirinha.

De repente, Konrad teve a impressão de que as grossas portadas de madeira chapeadas em ferro se abriam! Devem ser brincadeiras deste sol diabólico, pensou, enquanto piscava os olhos.

Sentiu necessidade de refrescar as têmporas e caminhou até à margem do esteiro, aproximando-se perigosamente do arrabalde, no qual ninguém sabia dizer se havia sentinelas por sobre os terraços das casas que formavam uma verdadeira muralha. Alheio ao perigo, Konrad humedeceu a testa e os cabelos. E logo uma brisa o refrescou.

Ainda sob o efeito daquele estranho feitiço, ele observou as embarcações abandonadas, que flutuavam sobre as ondas suaves. Era altura de maré cheia e o Tejo, forçado pelo oceano, despejava água no esteiro, alargando-o cada vez mais e originando a doce ondulação, que embalava as faluas dos pescadores. Konrad teve vontade de se deitar numa delas. Que sonhos lhe traria aquele doce embalar?

O esteiro galgava a areia das suas margens a olhos vistos. Numa questão de momentos, Konrad encontrava-se enfiado na água até aos joelhos.

Mas permanecia tranquilo. Tudo à sua volta se quedava estranhamente calmo e sereno... Tornou a observar a grande Porta, encimada por arcadas duplas que assentavam em colunas de mármore...

— Konrad!

Era Lusbuna que o chamava? Que segredos esconderia a Porta majestosa? Assomava-se-lhe convidativa, dava-lhe a entender que se abriria, fosse ele suficientemente corajoso para se aproximar dela...

— Konrad!

Deu-se conta da voz alarmada de Hadwig:

— Enlouqueceste ou quê? Não te ponhas ao alcance dos besteiros mouros, homem! São conhecidos pela sua pontaria.

Konrad virou a cabeça. O amigo estacara a umas trinta jardas dele, não se atrevia a avançar mais e insistia aflito:

— Anda daí, antes que te espetem uma seta na barriga!

Foi ao encontro de Hadwig, que suspirou de alívio e, achando que ele andava lento demais, o puxou colina acima, até alcançarem os outros, que seguiam agora para norte.

Desceram até à ribeira que rodeava a próxima colina pelo poente, atravessaram-na e, em plena encosta, escondida atrás de umas silvas, lá estava a entrada para a tal matamorra. Quando nela entrou, Konrad arregalou os olhos. Os portugueses não tinham exagerado.

Encontravam-se ali várias cargas de trigo e cevada, cântaros enormes de azeite, uvas-passas e figos secos. Estes últimos impressionaram especialmente os cruzados, pois nas suas terras os figos, assim como as laranjas que tinham visto nos pomares, eram raridades caras, só servidas às mesas de reis e fidalgos.

— Quanta riqueza — murmuravam os homens. Novamente cá fora, Konrad perguntou a Hadwig:

— Também estás impressionado?

— Aqui há alimentos que cheguem para meses.

— Achas que nos podemos alimentar só de uvas-passas e figos? Os grãos só nos são úteis transformados em pão, assim só servem para dar às galinhas. E o que é que fazemos com o azeite? Bebemo-lo?

— Nós passámos por muitas aldeias, onde existem moinhos e fornos. Lá terias o teu pão fresco. E no rio há peixe com fartura, que certamente sabe bem frito em azeite.

— Quem é que pensa aqui em comida? — atirou Gunther, que acabara de sair do depósito. — Se os habitantes dessa Lisboa guardam coisas tão preciosas fora das suas muralhas, o que não haverá lá dentro?

— É isso mesmo — concordou um outro companheiro. — Os portugueses dizem que os mouros têm caves em casa, onde guardam tesouros.

— A cidade brilha, está cheia de tesouros — gritaram vários. — Temos que ir buscá-los!

— Valha-vos Deus — vociferou Konrad. — Acaso esqueceis que nem mesmo o rei admitiu saber quão ricas são as gentes de Lisboa?

— Mas sabemos todos que os infiéis têm jeito para o comércio — atalhou um outro.

— E também lá vivem muitos judeus — acrescentaram uns quantos. Konrad tentava lembrar-lhes que em toda a Cristandade viviam judeus, não era uma novidade de Lusbuna, mas a sua voz foi engolida pelas outras:

— Não esqueçamos as salinas! Não é o sal tão valioso como ouro?

— Ouro em pó encontraremos nós na areia — gritou Gunther. — Assim como ela brilha!

— Sim — concordaram vários, — ouro, à mão de semear! Enquanto os homens vociferavam esgazeados, Konrad perguntou a Hadwig:

— Mas que bicho lhes mordeu? Imaginam eles tudo isso, ou têm razão?

— Quem sabe?

— Já ouvistes? — guinchou um soldado, que acabava de se juntar ao grupo. — Os portugueses e os ingleses acham que Lisboa esconde um tesouro enorme!

— Temos que entrar nessa cidade e procurar o tesouro! Konrad resolveu novamente intervir:

— O rei português não quer ouvir falar de nenhum saque.

— E depois? Como é que ele nos poderá impedir de saquear a cidade, assim que os mouros estejam derrotados?

— É isso mesmo. Porque é que haveríamos de nos aventurar numa viagem perigosa, durante meses, se tudo com o que sonhamos está aqui ao nosso alcance?

— Fiquemos aqui!

— Conquistemos essa Lisboa!

Já ninguém acalmava os cruzados eufóricos. Konrad e Hadwig suspiraram conformados.

A cidade esconderia mesmo um tesouro subterrâneo? Iria o rei português autorizar um saque? Ninguém sabia respostas para estas perguntas. Mas todos estavam resolvidos a não arrancar pé dali, enquanto Lusbuna não estivesse sob poder cristão.

El-rei convocou uma reunião com os quinze mil cruzados e os guerreiros portugueses. Como a sua mensagem seria traduzida pelos clérigos, que se espalhariam pelo campo, os estrangeiros deixaram as primeiras filas aos locais. Konrad misturou-se porém entre estes últimos. Não lhe interessava tanto a mensagem, como o homem por quem eles iriam lutar.

Os súbditos de D. Afonso Henriques já o tinham elevado ao estatuto de lenda. E não só por ele se ter libertado do jugo de seu primo Afonso VII, que se intitulava imperador de toda a Hispânia. Contava-se que Jesus Cristo lhe aparecera na noite anterior a uma batalha contra os mouros e lhe prometera a vitória. Por isso os portugueses se lançaram à luta, apesar de o seu exército contar com menos de metade dos guerreiros das tropas inimigas, comandadas por cinco reis mouros... E venceram!

Konrad conseguiu um lugar nas primeiras filas, que se apertavam em frente de um pequeno morro, o púlpito improvisado para o discurso.

El-rei surgiu montado no seu cavalo castanho de sangue árabe. A seu lado, encontrava-se o bispo do Porto, D. Pedro Pitões, que traduziria as suas palavras em latim. Os fidalgos portugueses e estrangeiros posicionaram-se atrás deles, em jeito de escolta.

A montada real estava coberta por uma manta branca, ornada em todos os quatro cantos com uma cruz azul, o brasão português. Em cima do cavalo, Konrad viu um homem alto e forte, que apesar do calor se apresentava completamente armado. Na sua cabeça pousava o elmo cónico com protecção nasal, que deixava o rosto livre. Konrad deu-se assim conta de um olhar escuro e autoritário e de um bigode preto. Em cima dos ombros largos caíam cabelos ondulados. A cota de malha, que quase lhe chegava aos joelhos, estava polida e reluzia debaixo da cota de armas branca, desprovida de mangas, e que apresentava sobre o peito a cruz azul de Portugal. O manto real, igualmente azul, era segurado sobre o ombro direito por uma fíbula de ouro. Botas de couro e acicates brilhantes completavam a figura do monarca.

Esta aparição logo silenciou os portugueses, subjugados à veneração, transbordando de confiança cega. Este povo, pensou Konrad, atirar-se-ia para as labaredas eternas do inferno, fora esse o

desejo de D. Afonso Henriques. Ele próprio admitia que a simples presença do homem impunha mais respeito do que a de outros vociferando palavras ameaçadoras.

E quando Konrad ouviu a voz real, teve a certeza de que ela atravessava o vasto campo, troava sobre as cabeças de milhares de homens, ouvindo-se até às últimas filas.

Como ele entendia um pouco do latim que o bispo do Porto emanava, traduzindo as palavras do seu soberano, percebeu que D. Afonso agradecia aos cruzados pela ajuda e prometia recompensas, glória e poder. Lembrou que o Papa Urbano II, na sua pregação pelas primeiras cruzadas há cinquenta anos atrás, chamara a atenção para o facto de que o combate contra os mouros na Hispânia não poderia ser menos importante do que a conquista de Jerusalém.

D. Afonso Henriques explicou como as tropas se deveriam distribuir no terreno e no fim Konrad, apesar de não ter entendido nem metade, quase jubilou com os outros, entusiasmado com o carisma e a voz do rei.

Mas só quase! Ali, longe das muralhas e do feitiço que Lusbuna havia exercido sobre ele, aquele cerco representava uma perda de tempo nos seus planos.

6

Desobedecendo às ordens do pai, Aischa escapulira-se de casa. As mulheres estavam proibidas de sair, desde que os cruzados tinham chegado, mas a moça não achava que houvesse grande perigo. Apesar dos majus já se encontrarem junto à foz do Wâdi Tâjuh há uma semana, ainda não tinham montado cerco. Desconfiava-se até que não se entendiam com os portugueses, embora já tivessem desferido um rude golpe nos habitantes da cidade, ao descobrirem a maior matmúrâ que havia fora de muros. Agora, já ninguém conseguiria ir lá buscar as preciosas reservas, o que se podia revelar trágico em caso de cerco prolongado.

Com uma tigela de açorda na mão e de rosto coberto por um véu azul-celeste, Aischa dirigia-se ao casebre de Abdalah, que ficava encostado à muralha, perto da bâb al-khawkha, a Porta situada nas imediações da muralha interior da alcáçova e que abria para o arrabalde ocidental. Abdalah cegara totalmente e sentia-se tão fraco, que raramente deixava o leito. Lá chegada, Aischa abriu a porta e entrou na única divisão do casebre de madeira.

— Vieste outra vez, meu anjo? — perguntou Abdalah do seu catre, estendendo-lhe as mãos, que ela afagou nas suas. — Alá o Misericordioso manda um anjo alimentar-me!

— Deixa-me aquecer-te a açorda.

Depois de se livrar do véu, a moça sentou-se num mocho em frente à lareira. Com uma tenaz, espalhou as brasas e pousou a tigela de barro sobre elas.

— O dia do Juízo Final aproxima-se — balbuciou Abdalah. — Alá o Sublime vai julgar entre os vivos e os mortos. Eu estou preparado.

Aischa arrepiou-se.

— Irei ao encontro de meu pai — prosseguiu o ancião, com um sorriso nos lábios. — E juntos percorreremos as ruas da Qurtuba antiga, onde viviam os sábios e os ricos em ruas iluminadas durante

toda a noite, onde se tecia seda com fios de ouro, onde se manufacturavam baixelas de ouro e prata...

Enquanto ele assim pairava e a açorda aquecia, os pensamentos de Aischa tornaram a concentrar-se na história que o irmão Rashid lhe tinha contado: no dia em que os cristãos descobriram a grande matmúrâ, um dos cruzados aproximara-se sozinho do esteiro, a fim de lavar as mãos e a cara! Rashid e os seus companheiros, por sobre as muralhas, nem queriam acreditar no que viam. Alguns estiveram mesmo prestes a disparar as suas setas. Mas a calma e a coragem que o maju demonstrara, acabara por lhe salvar a vida. Ninguém se atreveu a disparar sobre um homem mal armado e que, pelo menos naquela altura, não mostrara qualquer instinto agressivo. Limitaram-se a observá-lo.

— Ali ficou ele — dissera Rashid, — momentos infinitos, com os olhos fixos na Porta Férrea, até a água da maré cheia lhe chegar aos joelhos. Os cabelos compridos brilhavam-lhe como ouro ao sol!

Estas palavras teimavam em não sair da cabeça de Aischa. Perturbavam-na tanto, que chegou a sonhar que havia subido às muralhas e deparado com a figura do estrangeiro de cabelos de ouro e as pernas enfiadas na água. E mal acordou, vieram-lhe as palavras da mãe à ideia: "Irás pertencer a um cruzado e vós os dois deveis guardar a cruz...".

O sibilar de gotas de açorda fervente caindo sobre as brasas tirou-a daquele torpor. Com a ajuda de um farrapo, pegou na tigela e, depois de pôr uma segunda almofada atrás das costas de Abdalah, sentou-se sobre o catre e ajudou-o a comer. Entre colheradas, ele continuava a balbuciar sobre o fim do mundo e o tribunal de Alá.

A açorda já estava quase no fim, quando ela notou uma excitação fora do comum na cidade. Cobriu-se de novo com o véu, chegou-se à porta do casebre e viu guerreiros que se precipitavam sobre o lanço de escadas que, junto à bâb al-khawkha, conduzia ao adarve. Do lado de fora das muralhas, vindos do arrabalde, ouviam-se gritos.

Seria um ataque dos cristãos? E o que haveria ela de fazer? Abrigar-se no casebre? A periclitante construção de madeira não oferecia grande protecção, o melhor era fugir dali. Mas... deveria deixar Abdalah sozinho? Aproximou-se dele e perguntou-lhe:

— Consegues levantar-te com a minha ajuda? Desconfio que os cristãos abriram as hostilidades e estarias mais seguro em minha casa.

Viu perplexa que Abdalah sorria e não fazia o mínimo esforço para deixar a enxerga.

— A que é que achas graça? — inquiriu.

— Não temos nada a temer.

— Como não?

— Tu és um anjo descido dos céus. E eu não tenho medo do Juízo Final.

— Por Alá, o que estás para aí a dizer? Peço-te que te levantes! Puxava-o pelos braços, mas não adiantava. Sozinha, seria incapaz de o arrancar dali. Resolveu ir procurar ajuda e tornou a cobrir-se com o véu azul-celeste.

Os soldados que enchiam as ruas não lhe prestavam atenção, tão ansiosos estavam em alcançar o adarve ocidental. Alguns deixavam mesmo os seus postos noutros pontos da cidade.

Aischa sentiu uma curiosidade enorme de ir ver o que se passava, mas não se atrevia. O melhor era mesmo regressar a casa. Abdalah era conhecido em toda a cidade e, se corresse perigo no seu casebre, alguém haveria de...

— Aischa?!

Deu meia-volta e, ao deparar com o seu noivo Amir, o coração disparou-se-lhe. Amir ficava tão garboso na sua cota de malha, de espada à cinta, o elmo com protecção nasal e a besta na mão. Ele era até conhecido pela sua pontaria.

Amir estava ainda hesitante, pois o véu tapava a cara da moça:

— És mesmo tu Aischa? Que estás aqui a fazer? Pensei que as mulheres estivessem todas abrigadas em casa.

— Eu... vim dar de comer a Abdalah e ouvi a confusão. O que se passa?

— Os cristãos nem esperaram que o cerco estivesse bem montado para atacarem o bairro de Alcamim.

— O cerco? Quer dizer que se entenderam uns com os outros?

— Sim. Os portugueses estão a montar as suas tendas na colina a noroeste da cidade, a que está rodeada pelas duas ribeiras. Controlam assim a al-qasbã e o arrabalde deste lado. Os majus

distribuíram-se entre a colina do outro lado do esteiro e o monte a oriente, em frente ao almocavar. A cidade está completamente cercada e o porto é controlado pelos barcos deles.

— Alá nos ajude!

— Eu levo-te a casa, anda!

Aischa quase concordou. Mas de repente sentiu que não podia desperdiçar esta oportunidade:

— Leva-me contigo lá para cima, Amir! O rapaz olhou-a perplexo:

— Mas... é perigoso demais...

— Só quero ver o que se passa. E os cruzados atacaram o bairro de Alcamim, não a cidade. Não vês que os homens sobre o adarve nem precisam de se defender?

— Mas...

— Por favor, Amir! — Agarrou-lhe a mão e sentiu-o estremecer.

— Queria tanto ver o que se passa!

Com a mão dela na dele, o rapaz paralisou. E olhava-a como se o encantasse a ideia de passar alguns momentos com ela. Acabou por concordar:

— Está bem. Mas ficas a meu lado, entendeste? Aconteça o que acontecer.

— Nem me passaria outra coisa pela cabeça.

Amir sorriu-lhe, afagando-lhe a mão, e guiou-a pela escada acima.

Não havia muito espaço sobre o adarve, tão cheio estava de homens. Alguns olhavam espantados para a moça coberta pelo véu azul-celeste, mas não a importunaram, pois Amir caminhava resolutamente com ela pela mão. O rapaz encontrou um lugar vazio atrás de um merlão, já na zona da alcáçova. E os dois espreitaram com cuidado para o lado de fora.

Os habitantes que restavam no bairro de Alcamim tentavam defender-se de uma tentativa de assalto perpetrada por alguns cruzados, arremessando pedras dos terraços das suas casas. O arrabalde ocidental era conhecido como bairro de Alcamim, devido à sua igreja de Santa Maria de Alcamim, uma santa moçárabe.

— Os cruzados — perguntou Aischa — não saberão que os habitantes do bairro são cristãos como eles?

— Ora — retorquiu Amir, — o que sabem estes homens, vindos de tão longe, sobre a realidade aqui na nossa Lusbuna?

— Os portugueses bem sabem o que são moçárabes — replicou ela furiosa. — Ibn Errik não é o comandante deste cerco? Porque consente ele numa coisa destas?

— Não me parece que seja um ataque planeado. Pelos vistos, os majus mal podiam esperar para usar as suas armas e lançaram-se ao bairro já meio desabitado.

Nisto, alguns mouros atreveram-se a uma surtida pela bâb al-khawkha, pois urgia defender os al-huri, os celeiros subterrâneos mais pequenos localizados no flanco da encosta da alcáçova. Mouros e moçárabes pareciam estar em vantagem devido à sua situação, por sobre a encosta. Mas cada vez mais cruzados se aventuravam pelas ruelas íngremes de Alcamim. Alguns lograram mesmo atingir a linha de cintura defensiva da alcáçova, um caminho que, começando na bâb al-khawkha, circundava o monte do castelo pelo poente e norte. Os atacados viram-se assim igualmente cercados pelo lado de cima.

Ao constatarem que os al-hurí e as suas preciosas reservas estavam perdidos, os mouros apressaram-se a regressar à segurança das muralhas, logo fechando a bâb al-khawkha e barrando a entrada à maior parte dos habitantes de Alcamim, que tentava agora desesperadamente fugir. Iniciaram-se combates sangrentos pelas ruelas do arrabalde. Os moçárabes serviam-se de adagas, punhais, ou mesmo de pedras.

— Este espectáculo não é para os teus olhos — disse Amir à sua noiva. — Anda, vamos...

— Não te preocupes comigo! Nada me arrancaria daqui agora. Tenho que ver no que dá esta refrega!

O rapaz observava-a espantado, mas ela quase não notou, concentrada nos acontecimentos. Até que bradou:

— Muitos moçárabes conseguem fugir, circundam o monte. Não os podemos seguir?

Amir parecia incapaz de a contrariar. Guiou-a pelo adarve da alcáçova fora e passaram a curva na ponta noroeste, onde a couraça, o lanço de escadas fortificadas, fazia a ligação à torre albarrã. Continuaram até à torre na ponta nordeste, onde Amir constatou:

— Os fugitivos aproximam-se do almocavar!

— E não os podemos ajudar? — Na sua fúria, Aischa dirigiu-se aos soldados que estavam de guarda naquela torre: — Porque não se torna a abrir uma das portas, a fim de deixar entrar os coitados?

— Seria arriscado demais — respondeu um dos homens. — Muitos cruzados poderiam aproveitar a oportunidade para se infiltrarem na al-qasbâ.

— Os perseguidores não são tantos como isso — insistiu ela. — A maior parte parece ter ficado no bairro de Alcamim, a fim de saquear as casas e os al-hurí.

— Além disso — acrescentou Amir, apoiando-a, — os moçárabes parecem levar a melhor nos combates junto ao almocavar, põem muitos dos majus em fuga. Bem se podia abrir uma porta, enquanto não surgem mais...

— Tarde demais — retorquiu o soldado, apontando para a encosta da colina do acampamento português.

Aischa olhou para a sua esquerda e os olhos dilataram-se-lhe ao aperceber-se de que os homens de Ibn Errik vinham em ajuda dos seus aliados. E foi ali, junto ao almocavar, o cemitério islâmico onde estava enterrada a sua mãe, que deram o golpe de misericórdia naquele punhado de fugitivos moçárabes.

A moça virou enfim as costas aos acontecimentos e encostou-se ao merlão, respirando às golfadas. O que mais a transtornava era porém a ideia de que a sua mãe teria contribuído para aquela desgraça. Tinha a certeza que Zubaida intercedera junto do seu Deus, para que os cruzados e os homens de Ibn Errik levassem a melhor na refrega.

— Não devia ter-te trazido para aqui — murmurou Amir, afagando-lhe os ombros.

Ele olhava-a tão preocupado, que ela se arrependeu de o ter convencido a isso.

— Eu é que fui a culpada. Devia ter-te dado ouvidos e...

— Mas o que vem a ser isto?

Aischa estremeceu, perante o semblante furioso do seu irmão mais velho. Abu agarrou-a por um braço, arrancando-a das mãos de Amir:

— Mas será que nunca aprendes? — Os dedos dele apertavam-na tanto, que ela sentiu as lágrimas chegarem-lhe aos olhos. — Sempre foste desobediente, sua desgraçada. Nem imaginas o que te faço, assim que chegarmos...

— A culpa foi minha — interrompeu-o Amir. — Convencia de que não corria perigo.

— Não passas de um miúdo inconsciente!

— Não te atrevas a ofender-me! Esqueceste de quem sou filho? E de que, se não fossem todos estes contratempos, Aischa e eu já estaríamos casados?

Abu resmungou algo incompreensível, mas não continuou a admoestar o filho de um ulama, braço direito do alcaide. Deu mais um puxão a Aischa e bradou:

— Vamos! Em casa veremos o que...

— Eu acompanho Aischa a casa e falarei com o vosso pai — intrometeu-se novamente Amir. — Pedir-lhe-ei desculpa, pois, ao contrário do que pensas, responsabilizo-me pelos meus actos.

Só muito contrariado, Abu largou a irmã.

Aischa suspirou de alívio. Sabia que Abu não hesitaria em lhe dar uma sova, mas, com sorte, o pai ficaria por algumas palavras de advertência. Malik Ibn Danaf tinha um fraco por aquela filha e, além disso, Amir arcaria com a culpa. Quando já se encontravam fora do alcance do irmão, sussurrou enternecida:

— Obrigada.

Amir beijou-lhe o alto da face, que o véu descaído descobrira.

— Não me agradeças! Isto não foi nada, comparado com o que eu me prontificaria a fazer por ti. O dia do nosso casamento será o mais feliz da minha vida.

Estas palavras deixaram Aischa sem respiração. Causavam-lhe porém mais desconforto do que alegria. Por mais que Amir lhe agradasse, ela acabava de se aperceber de que dificilmente conseguiria retribuir a densidade do amor que ele sentia por ela.

7

Konrad, que vivera três anos em Colónia, estava habituado aos bairros labirínticos e às ruas estreitas das cidades, mas o arrabalde oriental de Lusbuna ainda assim espantava-o. Com as suas casas implantadas nas rochas, as ruas, além de íngremes, mediam no máximo oito pés de largura. O que se lhe revelava agora uma vantagem, pois não lhe faltavam recantos e esquinas onde se esconder dos besteiros mouros que vigiavam as redondezas, ao abrigo dos merlões. Konrad percorria as ruelas sozinho. Mais uma vez, sentira o desejo irresistível de se aproximar de Lusbuna, como se andasse à procura de algo... Só não sabia o quê!

Depois da ocupação do bairro de Alcamim pelos ingleses, os habitantes do arrabalde oriental haviam-no abandonado, receando um ataque por parte dos alemães e flamengos, acampados no monte em frente. Muitos desses pescadores e artesãos tinham-se rendido ao cruzados, alguns até se prontificaram a lutar ao lado deles, contra os mouros, por serem igualmente cristãos. Tratava-se dos tais moçárabes, que praticavam os velhos ritos visigóticos. Vivendo entre os muçulmanos, não tinham adoptado a nova liturgia romana, introduzida na Hispânia há cerca de sessenta anos por D. Afonso VI de Leão, o avô do rei português.

Estes cristãos arabizados explicaram aos flamengos e alemães que aquele bairro se chamava al-hammã, por estar aninhado na reentrância que as muralhas formavam entre a Porta do Almocavar e a Porta de al-hammã, já mais perto do rio, protegida por uma torre albarrã. Al-hammã era o nome árabe para termas e os banhos públicos de Lusbuna situavam-se naquela zona ribeirinha intramuros. Nas suas imediações, existia um pequeno bairro habitado por mercadores ricos, ali se situavam as lojas dos prateiros e ourives, das sedas e brocados.

Konrad perguntava-se se era isso que parecia estar à sua espera em Lusbuna: as riquezas que os mercadores de al-hammã

escondiam...

Resolveu não abusar mais da sua sorte e regressar ao acampamento, situado no monte a oriente da cidade, o que lhes permitia vigiar, não só as Portas do Almocavar e de al-hammã, mas também a ribeira oriental. Também os portugueses tinham escolhido uma boa colina, que possuía ainda a vantagem de estar rodeada por duas ribeiras, uma defesa natural. Os ingleses e franceses, a ocidente, do outro lado do esteiro, controlavam a Porta da Alfofa, nome que os cristãos davam à bâb al-khawkha, e a do Ferro, a grande Porta ocidental, assim chamada por dar acesso às ferrarias do bairro de Alcamim, além de ser chapeada em ferro.

Lusbuna abria-se no entanto, e sobretudo, para o Tejo, que durante a maré-alta chegava mesmo a bater nas muralhas. A ribeira oriental, uma praia de pescadores, era servida por três portas. Para a ocidental, o porto por excelência, por possuir um cais de pedra do tempo dos romanos, abriam duas portas e dois pequenos postigos.

Debaixo do sol escaldante, os cruzados alemães e flamengos ocuparam as três semanas seguintes a construir cinco fundas baleares e os ingleses uma torre móvel com mais de noventa pés de altura. Serviam--se da madeira dos pinheiros que abundavam nas florestas circundantes. Também se planeava a construção de minas até aos fundamentos das muralhas. Estes seriam, então, substituídos por traves de madeira, às quais se chegaria o fogo, provocando a queda dos muros.

As fundas baleares, também chamadas trabucos, usavam-se para lançar pedregulhos. Uma base servia de apoio a dois postes com sete a dez pés de altura. Entre estes postes, montava-se um eixo, que permitia mover o braço de arremesso. Num dos seus extremos, este braço possuía um recipiente, que, cheio de areia, serviria de contrapeso. No outro extremo, pendurava-se uma bolsa, dentro da qual se colocaria a rocha a lançar.

Konrad sabia que existiam fundas baleares enormes, capazes de arremessar rochas com mais de 50 arráteis de peso, mas para isso faltava-lhes o ferro. Tudo tinha que ser feito em madeira, incluindo o eixo que movia o comprido braço de arremesso, de maneira que estes cinco trabucos se limitariam a lançar pedras de, no máximo, 20 arráteis.

Devido à situação da cidade, a torre dos ingleses só poderia ser utilizada junto ao rio, pois, noutros pontos, seria impossível galgar as rochas que serviam de alicerce às muralhas.

A alcáçova, situada no ponto mais alto, apresentava o problema mais difícil de resolver. Os portugueses, que a controlavam, esperariam para ver no que dava o primeiro ataque dos cruzados, que, quanto mais não fosse, serviria para provocar baixas e desgastar o inimigo.

Os cruzados escolheram o dia 3 de Agosto para o seu ataque. Com as fundas baleares posicionadas entre a torre albarrã, que protegia a Porta de al-hammã, e a ponta sudeste, junto à praia, flamengos e alemães esforçar-se-iam por abrir uma fenda na muralha. Por seu lado, os ingleses tentariam, com a sua torre móvel, alcançar as muralhas em frente ao porto, a zona entre a torre albarrã e uma das Portas do Mar.

Não só a construção dos engenhos fora trabalho pesado, também a sua utilização o era. Konrad, o irmão, os seus dois amigos e mais alguns homens preparavam o trabuco para o lançamento do pedregulho. Com a ajuda de cordas, puxavam o braço de arremesso para junto do solo. Carregavam o pedregulho para dentro da bolsa preparada para o efeito e, quando tudo estava a postos, o braço era largado e a pedra voava em direcção às muralhas.

Para melhor se protegerem, os cruzados haviam construído paliçadas à volta das fundas baleares. As suas vestes acolchoadas, chamadas gibões, não resistiriam a um tiro certo de besta, que poderia mesmo perfurar a cota de malha de Konrad. A besta era bem mais eficaz do que o arco. Apesar de a sua cadência de tiro ser lenta, pois demorava a carregar, os projecteis atingiam distâncias mais longas e tinham muito maior poder de penetração.

— Maldito sol! — praguejou Johann, limpando o suor do rosto com a manga.

Konrad sorriu irónico. Eleja calculara que o sol seria de amaldiçoar, assim que começasse o trabalho duro. A ele até lhe custava menos a aguentá-lo, pois habituara-se durante três anos a suar à boca do forno do ferreiro. E já aprendera, observando os cavaleiros portugueses: vestia sempre uma túnica por cima da sua cota de malha, para evitar que o metal sobreaquecesse. Muitos dos

cruzados já sofriam de insolação, nomeadamente aqueles que, durante a construção dos engenhos, haviam despido as suas vestes, um gesto espontâneo em gente que não estava habituada a tais calores.

— Que diabo — soltou Gunther. — Os mouros atacam-nos sem descanso!

Konrad também se admirava com isso, pois os besteiros precisavam de um certo tempo para carregarem as suas armas e fazerem pontaria. Os mouros, porém, pareciam incansáveis, apesar de se encontrarem sob o ataque dos pedregulhos. As suas setas espetavam-se nas paliçadas e uma ou outra encontrava mesmo o seu caminho por cima destas, provocando baixas entre os cruzados.

— Esperemos que os ingleses alcancem depressa as muralhas com a sua torre — disse Hadwig. — Que saltem lá para dentro e acabem com o diabo dos besteiros!

— Pois ainda não há sinal deles por sobre o adarve — retorquiu Konrad.

Preparavam-se para lançar mais um pedregulho, quando ouviram os gritos dos seus companheiros que operavam outro dos cinco trabucos. Depressa descobriram o motivo de tal arraial: a paliçada deles ardia!

— Mas que raio... — começou Gunther, quando um dos homens gritou:

— Os mouros disparam setas incendiárias!

— Abrigai-vos! — berrou Konrad, ao ver várias dessas setas virem na direcção deles.

Todos se baixaram. A maioria dos projecteis espetou-se na paliçada, mas um deles atingiu o trabuco, pegando-lhe o fogo.

— Dão-nos cabo dos engenhos — lamentou Johann.

— Água, depressa — gritaram vários.

Logo muitos se dirigiram com os seus cantis ao rio, mas, como estes eram pequenos, alguns prontificaram-se a ir buscar barris ao acampamento. E foi aqui que começou a verdadeira desgraça. Ao terem que deixar os seus abrigos, os homens ficavam, mais do que nunca, à mercê das setas mouras. E os fogos consumiam-lhes as fundas baleares num abrir e fechar de olhos.

— Temos que fugir daqui — gritou Konrad. — Nada podemos fazer para salvar os engenhos e ainda morremos queimados.

Os mouros, animados pelo êxito e livres do arremesso dos pedregulhos, cada vez disparavam mais. Os cruzados fugiam debaixo da chuva de setas. Konrad era dos mais rápidos, mas Johann ia ficando para trás.

— Mais depressa rapaz, mexe-te!

A sua volta caíam companheiros atingidos. Os feridos gemiam, suplicavam ajuda, mas quem se atrevia a parar? Ao ver que Johann perdia as forças, Konrad recuou e agarrou-o pela mão.

Chegaram esgotados ao acampamento, mas vivos.

À medida que o mês de Agosto avançava, o moral dos cruzados ia baixando. A derrota do primeiro ataque era difícil de digerir, pois provava que os mouros, ao abrigo dos seus merlões, eram capazes de provocar o caos entre eles. As máquinas de guerra, que tanto trabalho tinham dado a construir, arderam totalmente, incluindo a torre dos ingleses, que nunca chegara às muralhas. O terreno junto ao porto não permitia o rolamento de tão grande e pesada construção. A torre atolara-se na areia e ali ardera.

Pensara-se assim que as minas seriam a melhor solução. Pelo menos, debaixo da terra, os homens estariam ao abrigo das setas. Entre alemães, flamengos e ingleses, foram construídos três túneis... em vão! Os sitiados, adivinhando a direcção que as escavações tomavam, construíam as chamadas contra-minas: novas galerias que iam de encontro às dos cristãos, atacando os invasores lá dentro, ou fazendo ruir os túneis, ao remover o travejamento.

Os cruzados estavam perplexos com as baixas que o inimigo já provocara entre eles. Alemães e flamengos organizaram um cemitério perto do acampamento e o mesmo fizeram franceses e ingleses, no lado oeste.

Também os portugueses não tinham sorte junto à alcáçova. Ainda tentaram escalar os muros com a ajuda de escadas, mas também este perigoso empreendimento falhou. Os soldados atingiam o cimo dos muros individualmente e o inimigo logo os trespassava com as suas armas, além de que provocava a queda das escadas através de forquilhas, fazendo com que um bom número de homens rolasse desamparado pela encosta rochosa e abrupta, de quase trezentos pés

de altura. Os portugueses achavam agora que talvez compensasse tentar abrir a porta que ligava a alcáçova ao exterior e que se situava perto da torre da cisterna do castelo, no pano norte da muralha. Antes disso, porém, os muçulmanos teriam que estar famintos e desmoralizados.

Mas como conseguir isso, se os verdadeiros desmoralizados eram os cristãos?

Em fins de Agosto, a esperança foi regressando.

Começaram-lhes a surgir fugitivos, que se escapavam da cidade para se lhes oferecer como criados, a troco de comida. Diziam já haver fome em Lusbuna, as gentes sem recursos tinham começado a comer cães e gatos. Os cruzados mais ferozes, porém, em vez de aceitarem a rendição e os serviços dos coitados, decepavam-lhes pés e mãos e devolviam-nos à cidade, a fim de desmoralizarem a população. E já se faziam novos planos: escavariam novos túneis, ingleses e franceses construiriam uma nova torre, mais pequena, para não ser tão pesada, e novas fundas baleares. Se era verdade que os sitiados já sentiam dificuldades em guarnecer as suas mesas, não se passava fome nos acampamentos. O rio estava cheio de peixe, as reservas das matamorras e dos alfolis ainda duravam e as mulheres moíam os grãos e faziam pão nas aldeias. Os habitantes moçárabes que não tinham procurado protecção entre as muralhas não se importavam que se usassem os seus moinhos e fornos. Ainda assim, geravam-se conflitos, alguns graves, que resultavam em mortes, quando os cruzados se apoderavam de galinhas, porcos ou cabras, saqueavam pomares e hortas e, muitas vezes, violavam mulheres.

Num fim de tarde, Konrad, Johann e os seus dois amigos foram até ao rio, onde se lavaram e pescaram. Konrad observava o irmão e deu-se consigo a pensar que, pelo menos para o rapaz, já a viagem compensara. O moço perdera a palidez e os seus ombros tinham alargado. Para não falar do fim do seu celibato. Por outro lado, Johann estava cada vez mais ligado a Ausenda, o que não agradava ao mais velho.

Chegaram ao acampamento cheios de peixe para fritar e onde Ausenda já os esperava com pão fresco. No fim da refeição, deleitavam-se com uvas-passas à luz das fogueiras, quando Julião e Tomé se lhes juntaram. Os quatro alemães estavam ansiosos por

falar com estes dois, pois tinham ouvido dizer que as tropas portuguesas, que controlavam a margem sul, haviam, na noite anterior, atacado um pequeno barco mouro. Os comandantes Arnulf de Aarschot e Christian de Gistell sabiam talvez pormenores sobre o acontecimento, mas não transmitiam grandes informações aos soldados, o que os deixava desconfiados. Os quatro esperavam, porém, que os dois portugueses, com quem tinham travado amizade, os pusessem ao correr da situação. Konrad logo lhes perguntou:

— O que está por detrás dessa história do barco mouro?

Também ele já se ia expressando na língua latina, aprendia muito nas suas conversas com Julião, no fundo, mais depressa do que ele imaginara. Johann até dizia que os dois deveriam ter herdado uma certa habilidade para aprender idiomas estrangeiros. E ao saber que Julião trabalhara igualmente numa ferraria, Konrad perdia serões com ele. Tomé, por seu lado, aprendera a cozinhar na taberna onde trabalhara e, não raro, presenteava-os com sopas e guisados.

— Os mouros pediram ajuda aos do Gharb, os territórios a sul do Tejo — começou Julião. Konrad e os outros trocaram olhares assustados. — As nossas sentinelas descobriram um pequeno barco que tentava alcançar a margem sul ao abrigo da escuridão. Atacaram-no e os mouros saltaram logo para a água. Os nossos puxaram o barco para terra e encontraram lá uma carta.

Johann precisava, ainda assim, de traduzir parte da informação, principalmente a Gunther que sentia dificuldades em entender os portugueses. Julião acrescentou depois:

— Na carta, os daqui pediam ajuda ao rei de Évora, de seu nome Abu Muhammad Ibn Wazir.

Johann desabafou:

— Deus nos valha! Esse Ibn Wazir é poderoso?

— Para quê a preocupação? — retorquiu Gunther, antes que Julião pudesse responder. — Os portugueses não apanharam a carta?

— El-rei e os seus fidalgos — replicou Tomé — pensam que os mouros enviaram várias cópias, para terem a certeza de que pelo menos uma atingiria o seu destino.

— Naturalmente — concordou Konrad. — É esse o procedimento habitual em situações semelhantes. Temos que contar que esse rei de Évora receba o pedido de ajuda.

— Então, o melhor é fugirmos enquanto é tempo — opinou Hadwig.

— Calma — retorquiu Julião. — Lisboa já pertenceu ao reino mouro de uma cidade que fica a alguns dias de marcha, para nascente, chamada Batalós, ou coisa parecida. Mas há muitos anos que se tornou independente. Não há portanto grandes amizades entre o alcaide e esse Ibn Wazir ou qualquer outro rei infiel.

— Mas os infiéis não se quererão ajudar mutuamente? — inquiriu Hadwig.

— Provavelmente não — respondeu Tomé. — El-rei D. Afonso selou amizade com um tal de Ibn Qasi, um muladi.

— E o que vem a ser isso de muladi? — quis saber Gunther.

— Assim se chama um cristão convertido ao Islão.

— Aqui nesta terra há traidores desses? — admirou-se o ruivo.

— Que haja — retorquiu Julião, encolhendo os ombros. — Estes moçárabes podem ser cristãos, mas não são como nós, mais parecem mouros, até a linguagem deles entendem. E esse Ibn Qasi é uma espécie de chefe religioso, que mantém o Gharb sob a sua influência. Diz-se que o rei de Évora é seu discípulo.

— Além disso — acrescentou Tomé, — D. Afonso Henriques é de opinião que este pedido de ajuda só prova que os mouros aqui de Lisboa estão desesperados. Se calhar, até já se regateiam os preços das ratazanas lá no mercado deles, o tal suq!

Riram-se todos, menos Konrad, que continuava a reflectir sobre o episódio da carta. Acabou por dizer:

— A questão é o que esse Ibn Wazir de Évora considera ser mais importante: manter a paz com Ibn Qasi, ou vir ajudar os seus irmãos de fé?

— Ninguém pode com toda a certeza responder a essa pergunta — admitiu Julião. — Mas podemos rezar. E el-rei está confiante, o que nos sossega.

— A voz de D. Afonso Henriques é a voz de Deus — completou Tomé.

8

Aischa sabia que não conseguiria adormecer. Esperou que as outras mulheres se deitassem para se escapulir para o jardim. Agachou-se a um canto junto ao repuxo, que nestes tempos não era posto a funcionar, e deixou correr as lágrimas.

Este dia de início de Setembro tinha sido um dos mais difíceis, desde que o cerco começara. Não que os cruzados tivessem levado a cabo algum ataque mais forte, mas Abdalah morrera, sem parar de balbuciar que o fim do mundo estava próximo. Passara as últimas duas semanas em casa de Malik Ibn Danaf, a pedido de Aischa, para que se pudesse tratar melhor dele. O que em princípio seria tarefa das criadas e escravas, mas Aischa fizera-o muitas vezes pessoalmente, quanto mais não fosse, para ter com que se ocupar. E gostava sinceramente do ancião, que tantas vezes a encantara com as suas histórias, considerava-o quase como um avô.

Abdalah morrera na certeza que se reencontraria com o seu pai e que, no Paraíso de Alá, reviveria o esplendor do califado de al-Andalus. Mas Aischa arrepiava-se, ao pensar que o cadáver seria devorado pelo fogo, sem lhe fazerem o funeral. Esta era, no entanto, a melhor solução, pois o almocavar estava inalcançável.

Mas não se dava tal destino a todos os cadáveres. Morria tanta gente, que era impossível queimá-los todos e havia, além disso, o medo de incêndios. Assim se iam os cadáveres empilhando pelas ruas, lançando o seu odor pestilento. Doenças iam-se espalhando, o número de feridos em combate aumentava de dia para dia e houvera necessidade de improvisar um hospital na mesquita aljama, pois todos os outros já rebentavam pelas costuras.

Agora, havia quem dissesse que seria melhor levar para lá também os cadáveres, a fim de evitar a propagação de mais doenças. Aischa, porém, atormentava-se com a ideia de que se chegasse ao ponto em que ninguém se prontificaria a ir lá tratar dos doentes, devido ao cheiro, deixando-os para lá a agonizar.

Também ela e a sua família se arriscavam a morrer de fome. As refeições eram cada vez mais parcas. O pai dela possuía burros de carga e dois cavalos, mas nenhuns animais de criação. Sempre comprara a carne de cabrito, a mais apreciada entre os mouros, aos aldeões das redondezas. Muitos desses pastores haviam procurado protecção entre as muralhas, trazendo alguns animais, mas já quase não havia nenhum. Também as galinhas desapareceriam antes de começar o Inverno e os pescadores não podiam sair para deitar as suas redes ao rio.

Ainda se poderiam alimentar dos burros ou dos cavalos, em último caso de cães e gatos. Já havia quem o fizesse e o estômago de Aischa revoltava-se perante tal pensamento. Felizmente, eles ainda tinham alguns grãos de trigo, frutos secos e azeite na cave, mas já eram racionados, o que não causava apenas problemas na alimentação. Os candis que antigamente se encontravam por toda a casa em nichos nas paredes, iluminando os quartos, corredores e até o jardim, limitavam-se agora às divisões onde estivessem pessoas.

Os dias iam ficando mais pequenos e a escuridão, a tristeza e a pestilência apoderavam-se de Lusbuna, outrora a cidade-luz. Aischa lembrou-se ainda daqueles que se rendiam aos cruzados, na esperança de ficarem ao seu serviço, a troco de comida. Mas alguns majus eram tão cruéis, que lhes decepavam pés e mãos e os devolviam à cidade. Os coitados acabavam por morrer junto às muralhas, apedrejados pelos próprios concidadãos, que os apelidavam de traidores.

Aischa chorou até não ter mais lágrimas. Se não fosse tão tarde, iria buscar o seu alaúde e cantaria a melancolia que lhe atormentava a alma. Assim, fechou os olhos e começou a compor em silêncio uma cantiga sobre a Lusbuna que desaparecia: a multidão a regatear preços no suq, à sombra das coberturas de pano ou das esteiras de esparto, que se estendiam entre as casas, protegendo as ruelas do sol abrasador; o aroma da canela e dos cominhos, vindos de outras terras do Islão, através do Mar Mediterrâneo; o peixe prateado nos cestos dos pescadores; as lojas dos prateiros e dos ourives, das sedas e brocados, junto à bâb al-hammã...

Viu-se no meio da loja movimentada do pai, que lhe dizia:

— Precisas de tecidos? Escolhe o que quiseres, minha filha! A frescura das sedas deslizava-lhe por entre os dedos...

Um sopro de vento fez-lhe chegar um remoto odor pestilento às narinas, um gemido de dor fez-se ouvir ao longe, trazendo a moça de volta à realidade, ao seu canto escuro. Lusbuna nunca mais será a mesma, pensou, e eu não tornarei a ser feliz. Mais valia morrer antes que os cruzados tomassem a cidade e comessem a saquear, a matar os homens, a violar as mulheres...

Ouviu passos e afligiu-se. Se Abu a descobrisse aqui, a esta hora... Mas não era o irmão mais velho que se aproximava dela, viu os olhos esverdeados de Rashid a luzir na escuridão.

— Aischa, que estás aqui a fazer ao frio? Ainda apanhas alguma febre.

— E qual era o mal?

— Ora, não chegues ao ponto de desejar a morte.

— Já não aguento mais, Rashid. Não é só toda esta miséria que me oprime. Tu, o pai e Abu correis grande perigo todos os dias. Que faríamos sem vós?

Rashid suspirou:

— Desde que o rei de Évora recusou a sua ajuda, pouca esperança haverá de...

— Como é que esse Ibn Wazír pode assistir impávido à miséria dos seus irmãos de fé? — inquiriu furiosa. — Não quer melindrar o rei português? Esse Ibn Errik deve ter um pacto com o diabo!

— Não uses linguagem dessa, Aischa!

— Ainda tens esperança Rashid? Onde a vais buscar? Haverá maneira de nos salvarmos?

Estavam sozinhos, mas o irmão olhou mesmo assim à sua volta e respondeu num sussurro:

— Não digas a ninguém, mas tenho para mim que o alcaide se deveria render!

— Achas que seria mais seguro?

— Pelo menos ele estaria assim em condições de negociar com o rei português e talvez este prescindisse do saque. De qualquer maneira, teríamos que entregar tudo.

— Ficaríamos sem nada?

— Claro. E seríamos expulsos da nossa casa, como é costume.

— E é isso que te dá esperança?!

— O tio Yussuf ajudar-nos-ia a recomeçar as nossas vidas... em Batalyaws.

Aischa olhou-o em silêncio e exalou depois:

— Em Batalyaws, com o tio Yussuf! São esses então os planos do pai?

— São. Desde que Alá Altíssimo nos permita sair daqui vivos!

Aischa acordou com o chamamento do muezim para a oração da manhã, ao nascer do sol. Custou-lhe a levantar-se, depois do sono curto, mas não queria perder uma única oportunidade de rezar. Não o fazia só para suplicar a Alá que protegesse a sua família nestes tempos difíceis. Havia outros assuntos que a atormentavam e lhe pesavam na consciência. Receava viver em pecado, por esconder de seu pai a existência da cruz de esmeraldas... Mas não só!

Pouco depois da morte de Zubaida, Aischa encontrara uma chave da porta da casa entre as coisas da mãe, o que a espantou. A única mulher autorizada a possuir uma chave dessas era Tarube, a primeira esposa do mercador. De resto, havia sempre criados ou escravos em casa e, depois do anoitecer, nenhuma mulher estava autorizada a sair, sem o fazer na companhia de pelo menos um dos homens da família.

Aischa lembrou-se então de um acontecimento de há vários anos. Cassima, a segunda mulher de Malik Ibn Danaf, acusara Zubaida de frequentar missas cristãs em segredo, na igreja de Santa Maria de Alcamim. Zubaida negara tal comportamento diante do marido, que aliás não conseguia imaginar que à mulher fosse possível escapulir-se de casa. Mesmo assim, revistara os pertences dela, sem contudo encontrar a chave ou qualquer outro objecto suspeito.

Uma das mulheres mentira. Mas quem? Na altura, Aischa pensou que Cassima levantara, por inveja, falsos testemunhos... Até que encontrou a chave! Mas se Zubaida realmente conseguira de vez em quando ausentar-se de casa sem ninguém notar, a fim de exercer tal pecado, levara o segredo para o túmulo, pois nem na sua última conversa com a filha o confessara.

O primeiro impulso de Aischa tinha sido ir ter com o pai e dar-lhe a chave. Mas perguntou-se: valeria a pena manchar a memória de sua mãe para sempre? A verdade não seria nunca descoberta,

pois, embora alimentasse a suspeita, a chave não provava que Zubaida tivesse assistido às missas. Por outro lado, Cassima, já de si cheia de presunção, sentir-se-ia vencedora e essa satisfação Aischa não lha queria dar.

A jovem escondera o objecto polémico no seu cofrezinho de marfim trabalhado, junto com as suas jóias. Mas a consciência pesava-lhe e, sempre que rezava, pedia a Alá compreensão e misericórdia, para si e para a sua falecida mãe. Lembrava o Todo-Poderoso de que fora a infelicidade de Zubaida que a levara a cometer certas excentricidades.

Assim se juntou Aischa naquela manhã às outras mulheres. Com a mesquita transformada em hospital, rezava-se em casa, o que não apresentava grande problema para os muçulmanos. O mais importante era que o lugar das rezas, assim como o próprio corpo, estivessem limpos.

As mulheres começaram com as lavagens rituais: rosto, mãos, antebraços e pés. Depois, ajoelharam-se sobre os tapetes, viradas a leste, e curvaram-se, até a cabeça tocar o chão, enquanto murmuravam:

— Allahu Akbar! Alá é grande. Não há outro Deus a não ser Alá e Maomé é o Seu enviado e Profeta!

9

Quantas vezes Konrad se vira regressar rico e poderoso à sua terra, um cavaleiro imponente, segurando as rédeas da sua montada garbosa, recompensado pelo seu próprio rei? Sorriu amargamente, pois havia semanas que se limitava a ser uma toupeira na semi-escuridão, vivendo com o medo permanente de ser enterrado vivo. Apesar de os homens irem escorando o túnel com traves de madeira, os desabamentos faziam parte da ordem do dia. Os cemitérios dos cruzados cresciam. O rei português até lá mandara construir capelas, onde todos os dias se rezaria pelas almas dos mortos.

Konrad dava graças a Deus por Johann ter sido escalado para trabalhar à entrada do túnel: recolhia a terra e transportava-a até ao atoleiro preparado. Era, sem dúvida, um trabalho pesado. Mas estava-se em fins de Setembro, o sol já não queimava tanto e labutar ao ar fresco sempre era melhor do que entupir os pulmões de terra húmida, à luz de umas velas raquíticas.

Este já era o quarto túnel que alemães e flamengos construíam. Sabe-se lá porque artes do diabo, os infiéis descobriam constantemente em que direcção os cruzados escavavam. E construíam contra--minas. Defendiam a sua cidade tão afincadamente como no início. As tropas cristãs não vislumbravam o fim do cerco. Não obstante os rumores de fome e pestilência na cidade, ninguém sabia se os mouros ainda teriam provisões suficientes para que mais de vinte mil pessoas sobrevivessem ao Inverno.

Por seu lado, os cruzados começavam a preocupar-se com a falta de pão e de vinho. No início, parecera-lhes que o conteúdo das matamoras duraria eternamente, mas trinta mil almas já o tinham desbastado.

Além disso, ninguém se preocupava em cuidar dos pomares e das hortas. Havia figos para colher e uvas para vindimar, tarefas que as mulheres lá iam cumprindo, mas quem se iria ocupar da confecção

do vinho? O que beberiam? A água provocava muitas vezes diarreias e febre, que já tinham causado as suas vítimas. Também o gado, de que os cruzados se tinham apoderado, já fora quase todo consumido. Felizmente, iam-se caçando lebres e patos bravos, houvesse tempo. E podia-se pescar todos os dias, que o peixe não acabava.

Naquele dia, Konrad fora logo pela manhã apoderado de um mau pressentimento e entrara no túnel de dentes cerrados. Já tinham atingido os fundamentos das muralhas e havia que substituí-lo por traves de madeira, às quais mais tarde se chegaria o fogo. Mas o terreno entre a Porta de al-hammã e o porto era muito instável e algo dizia a Konrad que a mina desabaria. Rezava o tempo todo, pedindo a Deus que lhe permitisse sair dali vivo.

Atingiu-se felizmente o meio do dia sem ameaças de desabamento. Konrad e os homens que com ele trabalhavam no fim do túnel fizeram uma pausa para comer. Não estavam autorizados a sair, comiam mesmo ali as merendas que outros lhes traziam. Cheio de fome, Konrad fez um esgar de descontentamento perante o caldo de nabos frio e o pedaço de pão duro que lhe coubera em sorte. Mas era melhor que nada e ele lá fez por engolir aquilo.

A refeição ia a meio, quando fios de terra começaram a cair do tecto. Konrad sentiu o medo nas entranhas e praguejou:

— Com mil raios! Será que o diabo da mina irá mesmo desabar? Ele mal tinha acabado de falar, quando se aperceberam de ruídos surdos sobre as suas cabeças.

— Pior que isso — retorquiu um dos outros, aterrorizado. — Acho mas é que os mouros tornaram a...

Não acabou a frase. De um momento para o outro, a parte final do túnel desabou por cima de meia dúzia de homens. Konrad, que felizmente se encontrava afastado o suficiente para não ser atingido, pôs-se de pé num salto, olhando horrorizado para o espaço onde os seus companheiros jaziam enterrados. Será que o resto também desabaria? Não teve tempo para perder com essa conjectura. Do tecto, de onde a terra tinha caído, surgiram-lhes quatro mouros armados até aos dentes. Os cruzados largaram as suas malgas e deitaram a correr, pois não estavam suficientemente armados para lhes dar luta. Konrad trazia a sua espada à cinta e o elmo na cabeça,

mas não tinha, nem a cota de malha, nem o escudo, que só o atrapalhariam nas escavações.

Pelo túnel fora, o inimigo atrás deles, gritavam aos outros que escoravam a mina noutros pontos mais sensíveis:

— Os mouros descobriram-nos! É fugir!

Mas quantos mais homens fugiam à sua frente, mais devagar se movia a fila. Os que estavam mais para trás, como Konrad, bem incitavam os companheiros para que acelerassem. Era difícil porém coordenar uma fuga espontânea num túnel tão apertado.

Konrad não era o último da fila, dois cruzados corriam atrás dele. E ele apercebeu-se de como o último era aniquilado. Desembainhou a sua espada para o que desse e viesse, enquanto gritava para a frente:

— Mais depressa, com mil raios! Atacam-nos!

Deu-se conta como o companheiro imediatamente atrás dele caía, com um gemido. E os que corriam à sua frente não eram suficientemente rápidos. Tinha que se virar e lutar. Não só se defenderia a si próprio, como possibilitaria a fuga aos seus companheiros.

Deu meia-volta. As velas ao longo da mina, que ainda não se tinham apagado com a deslocação do ar, chegavam para ver o vulto do inimigo de espada em punho, envergando uma cota de malha e segurando um escudo redondo na mão esquerda. Konrad lançou-se a ele com um grito de raiva, tentando atingi-lo na cabeça com a sua espada que segurava com as duas mãos. O mouro, que não contava com ataque tão repentino, quase caiu, mas teve o reflexo de levantar o escudo, contra o qual bateu a arma de Konrad. E logo respondeu ao ataque.

Konrad defendia-se como podia, em clara situação desvantajosa, por não estar tão bem armado. Não aguentaria muito tempo. Deu-se entretanto conta que se formara um grande espaço entre ele e os que fugiam à sua frente. Assim que a luta o permitiu, tornou a virar-se e correu o mais que podia. Quanto faltaria até chegar ao fim do túnel? Há algumas semanas que ele o percorria pelo menos duas vezes por dia e conhecia, por assim dizer, os cantos à casa. Mas tinha perdido qualquer noção de espaço. E quando se aproximou dos seus

companheiros em fuga, mais lentos, teve que se lançar mais uma vez à luta.

O mouro era ágil e rápido, Konrad sabia que dificilmente lhe poderia causar ferimentos letais. Além disso, via-se obrigado a usar a sua própria espada mais como arma de defesa do que de ataque. As forças começaram-lhe a faltar, mas entretanto os seus companheiros tinham-se tornado a distanciar.

E o túnel haveria de chegar ao fim.

Desta vez, revelava-se-lhe difícil arranjar uma oportunidade para virar costas à luta. Arriscou um ataque, descurando a própria defesa. Deu certo: o mouro teve que cobrir a cabeça com o escudo e Konrad aproveitou para lhe virar as costas. Mas pelos vistos não foi suficientemente rápido. O outro avançou de espada em punho e atingiu-lhe o braço. A dor lancinante fez com que as pernas de Konrad lhe fraquejassem. Mas, se ali caísse, era o seu fim. O desespero deu-lhe forças que ele não imaginava ter e viu-se a correr a toda a velocidade.

O sangue escorria-lhe do braço direito e a dor roubava-lhe o discernimento. Não fazia ideia seja estava perto dos seus companheiros, nem se o mouro o alcançava. Ficou tonto, sentia-se desmaiar. Já não corria, cambaleava de encontro às paredes da mina... Até que caiu ao chão.

Contava a todo o momento que o mouro lhe desse o golpe de misericórdia. Mas, fosse porque milagre fosse, isso não aconteceu. O outro parecia ter-se diluído no ar! Gritou por socorro, a saída do túnel não podia estar longe. Depois, arranjou forças para se levantar. E lá foi cambaleando, à procura da saída e gritando por ajuda.

A luz do sol já se fazia notar, quando viu homens a virem ao seu encontro. Ajudaram-no a sair da mina, em cuja entrada uma pequena multidão o esperava. Johann pendurou-se-lhe ao pescoço, de lágrimas nos olhos:

— Konrad! Estás vivo, graças a Deus!

Também Hadwig e Gunther se regozijavam. Konrad balbuciou, entre golfadas de ar:

— O mouro... deixou... de me seguir?

— Fazem sempre assim — replicou alguém ao lado dele. — Destroem as minas, matam uns quantos dos nossos e tornam a

barricar-se na cidade.

— Pelos vistos — completou Hadwig, — o teu adversário contentou-se em infligir-te esse ferimento no braço.

— Anda — disse Johann. — Tratemos disso, antes que te esvaiares em sangue.

Konrad estava deitado na sua tenda e Ausenda envolvia-lhe a ferida do braço com uma compressa de flores de camomila. As tendas eram pequenas e apertadas, só os fidalgos tinham direito às grandes, redondas, com um mastro no meio, no cimo do qual se içava uma bandeira.

Os dois nunca tinham estado tão próximos um do outro. E estavam sozinhos, Johann tido ido apanhar lenha para a ceia.

Ausenda nunca lhe parecera tão bonita. Ajoelhada a seu lado, tinha a saia levantada acima dos joelhos, para melhor se poder mover. Curvava-se sobre o braço dele, dando a ver um pouco dos seios no decote redondo do vestido de linho. Os lábios, que eram um pouco grossos e de um vermelho vivo, estavam entreabertos. Os cabelos negros, amarrados num rabo-de-cavalo, emanavam um leve aroma a alfazema. Ao apertar a compressa, ela fez com que o braço esticado de Konrad se movesse e as costas da mão dele tocaram-lhe na pele bronzeada e quente da coxa.

Apesar de ferido e fraco, Konrad excitou-se. Depois de um dia de tantas agruras, ansiava por um pouco de consolo. Deu-se conta que, desde que partira nesta aventura, nunca tinha desejado tanto uma mulher como desejava agora a rapariga meiga dos olhos amendoados. Não resistiu à tentação de, com as costas dos dedos lhe afagar a coxa. Estava expectante quanto à reacção dela. Há mais de três meses que ela se dedicava exclusivamente a Johann, mas tinha sido afinal uma rameira.

Ausenda, porém, se se apercebeu das suas intenções, deu a entender o contrário. Não o encarou uma vez que fosse e, assim que terminou a sua tarefa, deixou a tenda, sem proferir palavra.

Sozinho, Konrad deu-se conta do fresco que o fim de tarde trazia e que a sua ferida latejava. Puxou a manta até ao pescoço, invejando o irmão, que tinha uma moça tão bonita a adoçar-lhe as noites. Lembrou-se de Hildrun, a filha do ferreiro Otmar e pela primeira vez arrependeu-se de não ter casado com ela. Sonhara com uma vida

gloriosa de cavaleiro, mas as cruzadas revelavam-se bem diferentes daquilo que ele imaginara. Deixara a sua terra natal há quase meio ano e nem sequer pousara ainda os pés na Terra Santa! E a ferraria de Otmar, a melhor de Colónia, bom dinheiro dava...

Amargurado, Konrad notou que estava cansado demais para conjecturas dessas. Fechou os olhos e adormeceu.

Acordou ao som de gargalhadas mornas e do crepitar do lume. Sentia-se muito fraco, mas conseguiu sair da tenda. Havia como sempre fogueiras por todo o acampamento. Também Johann, Ausenda, Hadwig e Gunther se encontravam sentados à volta das chamas, onde a ceia era preparada. Assim que o viu, o irmão veio ao seu encontro:

— Não precisas de te levantar. Eu levo-te a comida à tenda.

— Ora essa! Seria preciso mais do que um arranhão no braço para me pôr de cama.

— Mas não terás febre?

— Com a fome que tenho?!

Os outros riram-se aliviados. Muitas vezes, uma ferida aparentemente inofensiva poderia conduzir à morte, caso infectasse, alastrando o seu veneno a todo o corpo.

Ausenda mexia com uma colher de pau o conteúdo de uma panela de ferro de três pernas pousada à beira do lume e Konrad perguntou:

— O Tomé tornou a mandar-nos sopa?

— Sim — respondeu a rapariga, — com toucinho. Cheira tão bem! Já comiam, quando Konrad comentou:

— Mais uma mina que falhou.

— Quem haveria de dizer que os mouros resistiriam tanto tempo? — replicou Gunther.

— E hoje não deram só cabo do nosso túnel — acrescentou Nadwig. — Também neutralizaram um ataque português à alcáçova.

— É mesmo? — admirou-se Konrad. — Os portugueses tornaram a trepar às muralhas?

— Não — respondeu Johann. — Desta vez atacaram a porta perto da torre da cisterna.

— E o que é que falhou?

— Ainda não sabemos — respondeu Hadwig. — Mas, ou muito me engano, ou os nossos dois amigos nos virão informar, depois da ceia.

Assim aconteceu. Julião, e Tomé vinham agitados, clamando que naquele dia tinha morrido um herói! Contaram uma história curiosa sobre um grupo de portugueses que, ao notarem que os mouros tentavam fazer uma surtida pela porta da alcáçova, os atacaram. Ao verem--se descobertos, os muçulmanos logo regressaram ao seu refúgio. E preparavam-se para fechar a porta, quando um cavaleiro português, de nome Martim Moniz, não se conformando com o desfecho da refrega, se precipitou sozinho para o meio dos infiéis. Ao mesmo tempo que lutava com uma horda deles, assim contavam Julião e Tomé, atravessou-se na porta, impedindo que esta se fechasse e permitindo que alguns dos seus companheiros entrassem na alcáçova...

Acabou por morrer esmagado. E os portugueses que já haviam entrado não tiveram muito melhor sorte. O seu acto, porém, juravam Julião e Tomé, servia de exemplo a todos os guerreiros.

Os dois estavam convencidos de que, durante todo o cerco, ainda não tinha havido um herói como Martim Moniz!

A Konrad, que naquele dia também enfrentara perigos, salvando vários companheiros da morte certa, não lhe apetecia continuar a ouvir os elogios com que os dois portugueses enchiam o tal cavaleiro. Sentindo-se com forças, depois de matar a fome, levantou-se, lançou a sua capa pelos ombros e, com o punhal enfiado no cinto, caminhou até à margem do rio. Preparava-se para se sentar na areia, quando olhou para a sua direita. Archotes iluminavam o cimo das muralhas, junto à Porta de al-hammã.

De novo atingido por aquela atracção estranha, foi-se aproximando da cidade. Apercebia-se dos movimentos das sentinelas mouras, mas a escuridão à sua volta impedia que o inimigo o descobrisse. Quando se encontrava a uns cinquenta passos de distância da Porta de al-hammã, sentou-se no chão.

Apesar de, ao contrário dos seus companheiros, não acreditar no tesouro subterrâneo, não se conseguia livrar do pressentimento de que esta cidade tinha algo de importante para lhe oferecer. Tinha quase a certeza de que um dia atravessaria uma das portas de

Lusbuna, a fim de encontrar algo que lhe pertenceria! Mas o quê? Esta ideia era tão absurda, porquanto ele considerava este cerco uma perda de tempo que o impedia de alcançar a Terra Santa.

Nesta noite, sentado sozinho no meio da escuridão, estes pressentimentos iam ainda mais longe: algo lhe dizia que ele não mais deixaria Portugal! Os cabelos da nuca arrepiaram-se-lhe, pois só encontrava uma explicação para isso: acabaria no cemitério dos cruzados alemães e flamengos, na colina a leste de Lusbuna!

Ouviu passos atrás de si e pôs-se de pé num salto, enquanto desembainhava o punhal. Mas deparou apenas com Johann. Que estranho o rapaz vir ter com ele! À noite, não se separava nunca da sua amada Ausenda.

— Preciso de falar contigo — anunciou Johann, de olhos postos no chão.

Desconfiado, Konrad tomou a sentar-se, no que foi seguido pelo irmão. Esperava pelas palavras do rapaz, mas este emudeceu, enquanto fazia desenhos na areia com um pauzito. Ausenda ter-se-ia queixado? Konrad amaldiçoou-se por aquele seu momento de fraqueza.

A última coisa que pretendia, seria causar um desgosto ao Johann. Mas responderia pelo seu acto e, como o rapaz não se resolvia a falar, ele decidiu encorajá-lo:

— Diz lá, o que se passa?

— Eu sei que mal podes esperar para seguir viagem...

— Bem o podes dizer... conquanto sobrevivamos a esta história!

Johann respirou fundo e anunciou:

— Não irei contigo!

— Que estás para aí a dizer?

O rapaz pousou finalmente os olhos castanho-claros nos do irmão e insistiu:

— Ficarei aqui.

Depois de uma curta hesitação, Konrad inquiriu:

— Mas porquê? Disse ou... fiz alguma coisa que te aborrecesse?

Johann olhou-o cheio de espanto:

— Tu? Não, que ideia. Tem mais a ver com a Ausenda. Pensei em levá-la comigo, mas... A viagem seria perigosa demais para ela...

— Perigosa? Ela é magrinha, mas rija. É das poucas pessoas em todo o acampamento que ainda não teve que se ver com uma diarreia das fortes.

— Não me deixaste acabar. Ela... está prenhe!

Konrad levantou-se de um salto, pousando os olhos esbugalhados no irmão:

— Ainda és mais pacóvio do que o que eu pensei, pivete!

— Que queres dizer com isso? — replicou Johann, enquanto se levantava. — Não era de esperar uma coisa dessas?

— Uma rameira sabe muito bem o que tem de fazer para...

— Não a chames assim! — gritou-lhe o mais novo. — Há três meses que ela é a minha noiva.

— Não me digas! E a criança também é tua?

Ignorando o ferimento do irmão, Johann lançou-se a ele, que, apanhado desprevenido, caiu ao chão. Os dois rolaram sobre a areia, mas, embora Konrad não estivesse nas melhores condições, depressa forçou o outro a deitar-se de costas. Sentou-se em cima dele, como se montasse, e segurou-lhe os braços. O moço tentava libertar-se, berrando:

— Larga-me!

— Só quando prometeres respeitar o teu irmão mais velho. Onde já se viu, abalroar-me assim, sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos? Não perdes uma oportunidade de insultar a Ausenda. O que tens contra a rapariga? Toda a gente sabe que ela não se meteu com mais ninguém, desde que deixou o maldito bordel.

Konrad caiu em si. Ainda há poucas horas ele confirmara esta afirmação. Largou o rapaz e levantou-se, sem uma palavra. Enquanto sacudia a areia da túnica, Johann acrescentou:

— O próprio pai a vendeu à dona da espelunca, apenas a uma semana da nossa chegada ao Porto.

— Pelo jeito dela, até pode ser verdade. Mas não te deixes levar pela pena que ela...

— Não se trata de ter pena dela. Mesmo que não estivesse prenhe, eu ficaria aqui e casaria com ela.

— Santo Deus, tu és de origem nobre! Quando é que vais meter nessa tua cabeça que não podes casar com uma moça qualquer? Só

podes casar com uma fidalga. O que aliás não te impede de assumires a paternidade da criança da Ausenda e sustentá-la... nem tão-pouco de teres a rapariga sempre que te apetecer...

— Acaba com isso! Estou cheio de te ouvir falar dos nossos antepassados com pergaminhos. Do que é que isso me adianta? Sou tão miserável quanto a Ausenda.

— Recuperaremos a nossa honra na Terra Santa!

— Para te ser sincero, deixei de acreditar nisso.

— Ora essa! Porquê?

— Pensas que lá vai ser muito diferente daqui? Continuaremos a batalhar em cercos destes, meros instrumentos nas mãos dos poderosos! E só com muita sorte sobreviveremos à trapalhada. A nossa própria vida é a nossa única e verdadeira riqueza!

Konrad respirou fundo e replicou:

— Eu não desistirei! Regressarei a Colónia como cavaleiro honrado e rico e vingar-me-ei de todos aqueles que nos viraram as costas!

— Alimentar desejos de vingança não está de acordo com a nossa religião. Jesus Cristo era avesso a ideias dessas. Disse que nos amássemos uns aos...

— Não me venhas com o teu latim de convento!

— Como queiras — suspirou Johann e acrescentou: — Faz o que achas que tens de fazer. Mas sem mim.

Depois de um curto silêncio, Konrad perguntou:

— Posso saber como tencionas alimentar a tua mulher e o teu filho?

— O rei prometeu terras aos que aqui quiserem ficar. E ele vai cumprir a sua palavra, quanto mais não seja, a fim de povoar esta região com cristãos, evitando que os mouros tomem a dominá-la. — Depois de uma pausa, disse: — Tudo o que eu desejo nesta vida é ter a minha própria herdade e constituir uma família com a Ausenda!

Os olhos de Konrad, cinzentos no escuro da noite, tornaram a fixar-se nas muralhas de Lusbuna. O rapaz teria razão? As cruzadas não lhe trariam as riquezas e a glória com que ele contava? Deveria também ele contentar-se com as terras que o rei iria distribuir e ficar por aqui? Era isso que Deus lhe tentava dizer sempre que, ao observar a cidade, se apoderava dele a tal sensação estranha?

Não, iria com o seu plano até ao fim! Virou-se para o irmão:

— Devia era ter-te deixado no mosteiro. Estavas lá sossegado e eu vim expor-te a tanto perigo...

— Não, fizeste bem em trazer-me! Aprendi mais neste meio ano do que no resto da minha vida. — Sorriu atrevido: — Acho até que aprendi algo que tu ainda não sabes!

— O que vem a ser isso agora?

— Refiro-me ao amor.

— A quê?!

— Tu, meu caro irmão, nunca amaste uma mulher!

— Mas que conversa vem a ser essa?

— Aceitas mas não compreendes a minha decisão, em relação à Ausenda. E, no entanto, seja tivesses estado apaixonado...

Konrad lembrou-se pela segunda vez naquele dia dos cabelos loiros de Hildrun e retorquiu:

— Claro que já estive. Quase casei com a filha de Otmar.

— Mas não o fizeste.

— Porque não queria trabalhar toda a vida na ferraria.

— Ou porque não a amavas o suficiente?

— Deixa-me em paz, Johann! Sabes qual é a diferença entre nós os dois? Eu não permito que nenhum rabo de saias decida sobre o rumo a dar à minha vida!

Johann não se deixou impressionar, pelo contrário: continuava a sorrir, como se troçasse das palavras do mais velho. Konrad já se preparava para mais uma vez o admoestar, quando um cântico mouro cortou o silêncio da noite. Uma das sentinelas por sobre o adarve cantava em tons arrastados, cheios de melancolia, e a sua voz parecia encher o mundo inteiro.

Os moçárabes que se haviam juntado aos cruzados tinham dito que o tema preferido das cantigas dos mouros eram os amores perdidos... ou impossíveis. E, embora não as entendesse, Konrad ficava por vezes tão incomodado com a angústia que tais cantorias transmitiam, que nem conseguia dormir.

— Hás-de conhecê-la! Konrad estremeceu:

— O quê? Quem?

— A mulher que decidirá sobre o rumo a dar à tua vida!

— Que diabo, Johann! Acaba de vez com os teus disparates!
Regressou ao acampamento em passadas furiosas.

10

Em meados de Outubro, reinava uma grande euforia no acampamento dos alemães e flamengos. Haviam finalmente escavado um túnel e substituído os alicerces das muralhas por traves de madeira, sem despertar a mínima desconfiança entre os mouros, talvez por esta mina se situar por baixo do arrabalde oriental. Os homens mal viam agora a hora de lhe pegar fogo, a fim de provocar o desmoronamento das muralhas.

Era a grande oportunidade de entrar na cidade. Precisavam ainda assim da ajuda dos ingleses, que deveriam atacar o lado ocidental, para que os mouros concentrassem aí homens. A segunda torre ainda não estava pronta, mas os ingleses deixaram-se convencer a levar a cabo uma grande ofensiva no dia 16 de Outubro com as suas duas fundas baleares. Os trabucos operariam junto à Porta do Ferro, assistidos por cerca de duzentos homens, o que permitiria uma cadência de tiro rápida. Os sitiados concentrariam aí o grosso das suas tropas, sem desconfiar que, do outro lado da cidade, um grande lança de muralha se desmoronaria. Quando disso dessem conta, já a maior parte dos cruzados alemães e flamengos teria invadido a cidade.

Konrad, Johann e os seus dois amigos preparavam-se para o ataque.

— Tens a certeza de que não queres vestir a cota de malha? — perguntou Konrad ao irmão.

— Já te disse que ela é grande e pesada demais para mim. Qual seria a sua utilidade se eu, por causa dela, não tivesse forças para manejar a espada?

Johann crescera nos últimos meses, os ombros tinham alargado e seria pai na próxima Primavera, mas Konrad distinguia nele os traços infantis.

No rosto entretanto bronzeado a barba ainda crescia irregular. E os cabelos lisos curtos davam-lhe um eterno aspecto de rapazola.

— Além disso — acrescentou Johann, enquanto cobria a cabeça com o capelo, — tu não cabes no gibão feito à minha medida.

Este casacão acolchoado era, junto com o gibão de couro endurecido, a peça de protecção mais comum dos peões, que estavam de resto armados como Gunther: capacete semi-esférico com uma banda larga a toda à volta, escudo redondo, adaga ou punhal. Konrad, Johann e Hadwig eram dos poucos peões que possuíam uma espada e os escudos oblongos, ou de cometa, iguais aos dos cavaleiros, com mais de 40 polegadas de altura. Ainda menos eram os que se gabavam de ter uma cota de malha, como Konrad.

— Maneja bem o teu escudo — avisou Konrad e desembainhou a espada. — Anda, treinemos um pouco!

— Ora, já o fizemos centenas de vezes.

— E depois? Força!

Começou a simular um ataque. Com o escudo na mão esquerda, Johann conseguia defender-se bem, mas o braço da espada ficava imóvel.

— Dá-me luta — exigiu Konrad. — Tens que usar os dois braços. Ou baixas o escudo momentaneamente e atacas por cima dele, ou levanta-lo sobre a cabeça e atacas por baixo. Vamos!

Johann dominava a técnica, mas faltava-lhe força. Hadwig aproximou-se deles para animar o rapaz:

— Mais depressa, Johann! Ergue a maldita espada! Tens que ser capaz de atingir a cabeça do adversário.

Passado algum tempo, Konrad pôs fim ao treino, pois o irmão já arquejava e eles deviam poupar forças. Aproximou-se do rapaz que, depois de tirar o capelo, puxou o capucho acolchoado para trás, a fim de limpar o suor da testa, e afagou-lhe os cabelos.

— Não está mau, irmãozinho. Mas lembra-te de que a tua própria vida estará em jogo. E, aconteça o que acontecer, mantém-te a meu lado!

— Ele safar-se-á — opinou Hadwig. — No meio da escaramuça, um homem desenvolve forças sobrenaturais.

Os ingleses já tinham começado a arremessar pedregulhos junto à Porta do Ferro. Do outro lado, alemães e flamengos esperavam

ansiosos que o lanço de muralha desmoronasse, pois já haviam deitado fogo às traves que escoravam a mina.

— Que espera danada — queixou-se Gunther. — E quanto mais tempo aqui ficarmos inactivos, armados até aos dentes, mais desconfiados os mouros ficarão.

— Sim — concordou Konrad, — esse também é o meu receio.

— Está a ceder! — gritou um companheiro, depois de descer as ruas labirínticas do arrabalde. Tinha ido auscultar a situação no sopé das muralhas. — Está a ceder! Não demorará muito!

Tinha razão. Com um estrondo, a muralha ruiu, abrindo uma brecha de uns quinze passos de largura. Os cruzados logo se lançaram ao ataque, numa gritaria doida. Quando se embrenharam pelas ruelas íngremes, porém, o grupo compacto desfez-se. Em caso de luta, seria cada um por si.

Konrad esforçava-se por ficar perto do irmão e dos dois amigos. Mas os escombros da muralha e de algumas casas que haviam ruído dificultavam o avanço e Johann começou a ficar para trás. E os mouros já vinham ao encontro deles, mais rapidamente e em maior número do que o esperado, não os deixando atingir o sopé dos muros. Os combates começaram na encosta do arrabalde, ainda os cruzados estavam longe da brecha da muralha.

Konrad não via o irmão.

— Onde diabo se meteu o Johann?

— Esquece o miúdo — retorquiu Gunther. — Toma conta de ti próprio. Cuidado!

Konrad sentiu uma pancada violenta sobre o escudo que segurava com a mão esquerda. E logo o mouro ergueu o seu sabre, num gesto como se tencionasse cortar-lhe a cabeça. Konrad levantou o escudo no momento certo, evitando o golpe do inimigo, e atacou por baixo. Antes que o outro se apercebesse do que lhe acontecia, já ele lhe enterrara a espada nas entranhas. Arrancou a arma ensanguentada do corpo, que caiu morto.

Logo lhe surgiu o próximo. Estes combates homem a homem revelavam-se difíceis no meio dos escombros e dos pedregulhos, por sobre a encosta abrupta, cheia de becos e esquinas. Os mouros conseguiam impedir que eles chegassem à brecha e a invasão da cidade, que todos haviam tomado por fácil, não se verificava.

Com a sua força atlética e usando o instinto e a rapidez que anos de treino lhe haviam inculcado, Konrad desenvencilhava-se bem dos seus inimigos e conseguia avançar no terreno. Mas... e Johann? Sempre que podia, Konrad olhava à sua volta.

Até que, quando já estava a atingir a brecha nas muralhas, descobriu o irmão algumas jardas mais abaixo, lutando. O rapaz era ágil com a espada, mas o seu gibão estava muito danificado e o seu adversário, um mouro bem constituído, forçava-o para um canto cheio de escombros.

Konrad preparava-se para ir em sua ajuda, quando uma espada lhe bateu nas costas. A sua cota de malha protegeu-o da lâmina, mas a pancada fê-lo cair. No chão, rolou instintivamente, de maneira a ficar deitado de costas, cobrindo-se com o escudo. Em boa hora: logo sentiu a espada do outro contra a sua arma de defesa.

O mouro não parava de desferir pancadas, evitando que ele se levantasse. Konrad viu o caso mal parado e jogou tudo numa cartada. Por mais que lhe custasse, largou a sua espada, a fim de segurar o escudo com as duas mãos. Conseguiu deste modo levantá-lo um pouco, até que avistou os pés do seu adversário, que, como ele calculara, se encontravam afastados um do outro. Konrad levantou a perna com quanta força tinha, atingindo o outro na zona genital, que logo se encolheu, dando-lhe tempo de tornar a agarrar na espada, se levantar e dar cabo dele.

Konrad tornou a olhar na direcção do irmão. No preciso momento em que Johann tropeçava com os calcanhares nos escombros e caía de costas, completamente desamparado, abrindo os braços num acto reflexo, perdendo a espada e desprotegendo o corpo. Konrad correu ao seu encontro, mas, antes que Johann se pudesse tornar a proteger com o escudo, a espada do adversário trespassou-lhe o corpo.

— NÃO!

O grito de Konrad fora tão poderoso, que o mouro se virou estarecido. Debaixo do capelo cónico, que lhe deixava a cara livre, Konrad viu dois olhos esverdeados a brilhar no meio da pele escura. E também estareceu, convencido de que encarava o próprio diabo.

Johann gemeu, um gemido de moribundo, e o mais velho foi atingido por uma angústia que lhe turvou o discernimento. Em vez

de atacar o mouro, pôs o escudo a tiracolo e ajoelhou-se ao pé do irmão, que se esvaía em sangue. Teve sorte, pois também o mouro se quedou especado, fosse por espanto perante reacção tão inesperada, fosse por não querer atacar o homem que, na tentativa de ajudar o ferido, não estaria em condições de se defender.

— Valha-me S. Jorge!

Este grito vinha da boca de Hadwig, que se encontrava a alguns passos de distância e que suplicou a alguns dos seus companheiros:

— Temos que os ajudar! Vinde!

O mouro dos olhos estranhos também recebeu ajuda, os dois grupos envolveram-se numa luta, Hadwig e Gunther tentavam fazer uma barreira à volta de Konrad, que soluçava com o rapazito nos braços:

— Johann... Johann... Hadwig berrou-lhe:

— Desaparece enquanto podes! Leva-o daqui para fora!

Konrad reagiu. Pegou no rapaz e correu pela encosta abaixo. Chegado ao sopé, notou que Hadwig e o seu grupo se lhes juntavam.

— Resolvemos fugir — gritou o loiro. — O ataque falhou, nunca conseguiremos entrar na cidade.

De facto, já todos os cruzados recuavam e fugiam em direcção ao acampamento.

Konrad e os seus companheiros correram até ficarem fora do alcance das setas, que choviam das ameias, e pararam ofegantes. Konrad deitou o irmão no chão. O rapaz ainda respirava, mas o sangue corria-lhe às golfadas da barriga e o seu rosto adquirira uma palidez cadavérica.

— Johann — soluçou Konrad, — o que é que eu fiz contigo? Johann agarrou-se às vestes do irmão e tentou falar, mas da sua boca só saiu um gorgolejar, junto com mais sangue.

— Fica sossegado rapaz — aconselhou Hadwig, que, junto com Gunther, também se ajoelhara ao pé dele.

Mas Johann tanto se esforçou que, no meio do gorgolejar, os outros ouviram as palavras:

— Toma conta deles! — Os olhos castanho-claros estavam cravados no irmão. — Da Ausenda... e do filho...

— Johann... — murmurou Konrad confuso.

O rapazito tossiu mais sangue. Em seguida, a sua mão agarrou o irmão ainda com mais força e, num esforço terrível, o moço titubeou:

— Toma conta...

— Está bem, está bem. Tomarei conta dos dois.

— Promete! — insistia o rapaz. — Não a deixes...

— Prometo! Nunca lhe faltará nada, nem a ela, nem à criança. Prometo-te Johann!

O moço apontou-lhe um olhar que, de tão agradecido, metia dó. Konrad sentiu como a mão que o agarrava ficava cada vez mais fraca, até que a cabeça do irmão caiu para o lado. Estava morto.

Konrad apertou o corpo inanimado contra o peito e desatou num choro convulsivo. Hadwig e Gunther rezavam, com lágrimas nos olhos.

Depois de mais um ataque falhado, havia muitos mortos para enterrar. Também Johann foi a sepultar no monte a leste da cidade, onde se começava a construir uma capela para que, como el-rei dissera: "os portugueses lembrem para sempre os cruzados que nos ajudaram a libertar Lisboa das mãos dos infiéis".

O céu estivera encoberto nos últimos dias e agora começava a cair uma chuva miudinha. Julião e Tomé vieram ao enterro. O monge alemão rezou uma prece rápida e virou-lhes logo as costas, pois tinha imenso que fazer. Depois de os dois portugueses também já se terem ido embora, Konrad e os outros mantiveram-se ao pé da sepultura, para cima da qual Ausenda se tinha atirado em pranto.

— A culpa foi minha — murmurou Konrad.

— Tira essa ideia da cabeça, homem — aconselhou Hadwig.

— Johann queria ficar no convento de Deutz e ser copista. Possuía talento e haveria de ilustrar livros bonitos. Mas eu arrastei-o para a sua morte.

— Estamos todos nas mãos de Deus — sentenciou Gunther. — Também nós podemos morrer em qualquer altura.

— Porque é que não o deixei no convento? — soluçava Konrad, inconsolável. — Porque é que não viajei a pé com as tropas do meu rei, longe desta malfadada terra? Porquê?

Hadwig limitou-se a pousar a mão no ombro do amigo. Quando finalmente se afastaram do cemitério, Ausenda ficou ainda em cima da terra húmida.

— Maldita cidade! — praguejou Konrad. — Mas porque me prende desta maneira? Até parece bruxedo! Tanto ansiava vê-la pelas costas e agora, para mal dos meus pecados, estou ligado a ela para sempre! Mas que mal fiz eu a Deus?

— Para sempre?

Konrad apontou um olhar desesperado ao amigo:

— Estou condenado a ficar aqui, Hadwig! Terei que me contentar com as terras que o rei distribuir, a fim de poder tomar conta da Ausenda e criar o meu sobrinho, ou sobrinha.

É o mínimo que posso fazer para cumprir a promessa que fiz a Johann.

Os quatro caminharam algum tempo em silêncio, até que Hadwig soltou:

— Quando acabará este cerco? Quando é que os mouros se renderão?

— Pois eu acho — atalhou Gunther — que, da maneira acirrada como eles ainda defendem a cidade, os infiéis ainda têm muitas reservas alimentares, num depósito subterrâneo gigantesco, junto com o tesouro.

Konrad estacou, de olhos muito abertos. Os outros dois fixavam-no surpresos, até que ele lhes perguntou:

— Matastes o infiel?

Hadwig e Gunther ficaram ainda mais embasbacados. O loiro acabou por retorquir:

— Qual infiel, homem? Há lá milhares deles!

— Quem havia de ser? O diabo que matou Johann!

— Ora... e como é que querias que a gente soubesse qual deles era? Konrad agarrou-o pelas vestes e bradou:

— Os olhos verdes luziam-lhe no rosto como labaredas na escuridão do inferno!

— Tem calma — intrometeu-se Gunther, fazendo-o largar o amigo.

— Deitámos a fugir, assim que pudemos. Sei lá o que é que aconteceu ao grupo de mouros com que lutámos!

— Pois se o desgraçado ainda está vivo, hei-de apanhá-lo! Continuaram a sua caminhada e, ao fim de algum tempo, Hadwig arriscou dizer:

— Acaso te esqueces de que o Johann pereceu no meio de uma guerra? O que o matou pode ser um infiel, mas limitou-se a defender a sua cidade e a própria vida. Também tu já mandaste vários para o inferno.

— Hadwig tem razão — opinou Gunther. — Esquece essa história! Guerra é guerra, cada um de nós tenta salvar a própria pele, matando tantos dos deles quanto possível. Não podemos censurar o inimigo por proceder da mesma maneira.

— E o que vem a ser isso duns olhos verdes? — inquiriu Hadwig.

— Então, os infiéis não têm todos olhos escuros?

— Insinuas que minto? — berrou-lhe Konrad. — Ou pior ainda, que eu endoideci?

— Pela minha alma, homem, não é nada disso.

Mas ao veres o teu irmão à mercê do inimigo, perdeste o discernimento. Quando penso que, em plena carnificina, embainhaste a espada e te ajoelhaste ao lado do miúdo... Uma sorte, ainda estares vivo!

— Sei muito bem o que vi — insistiu Konrad. — E reconheceria o filho da puta em qualquer lado!

11

Este 16 de Outubro, o dia do décimo oitavo aniversário de Aischa, estava a ser o mais horrível da sua vida. Nunca sentira tanto terror, como no momento em que o lanço de muralha desabara, bem perto de sua casa. No entanto, e enquanto as mulheres da sua família se encolhiam a rezar e se ouviam os combates ali bem perto, o medo dela dera lugar à raiva. Descera ao rés-do-chão e vasculhara os aposentos dos homens, até encontrar um punhal. Haveria de o espetar no peito de um qualquer desses cruzados, que tanta miséria traziam à sua vida e à dos seus! Envergonhava-se de ter estado obcecada com a história do estrangeiro que fora lavar a cara ao esteiro. Todos eles não passavam de demónios que tinham vindo espalhar o terror a Lusbuna! Em vez de bazares, havia mortos empilhados pelas ruas; em vez de rezas em louvor a Alá, a mesquita aljama albergava doentes, que agonizavam ao lado de cadáveres!

Preparava-se para sair de casa, quando Jamila se lhe atravessou no caminho. De lágrimas nos olhos, a sua irmã preferida suplicou-lhe que não fosse. Aischa não estava tentada a dar-lhe ouvidos, mas Jamila agarrou-se a ela em pranto:

— Não permitas que eu te perca! Não me deixes Aischa!

Acabou por ceder, embora estivesse convencida de que não sobreviveria ao cerco. Já passava fome, em sua casa apenas havia azeite e alguns grãos de trigo, com que se ia fazendo pão.

A cidade estava perdida. Porque é que o alcaide não se rendia, evitando mais desgraças e miséria? Sobreviveriam o pai e os irmãos de Aischa a este dia terrível?

Anoitecia e as mulheres esperavam cheias de angústia pelos três homens, que ainda não tinham chegado a casa nem mandado notícias.

Nenhuma delas ceou, nem o teriam feito, mesmo que tivessem iguarias à sua disposição. Limitavam-se a rezar.

O sol já se pusera há quase três horas, quando sentiram alguém a chegar a casa. Abu subiu aos aposentos delas, informando-as que também o pai e Rashid estavam bem.

— Mas só viemos comer qualquer coisa — acrescentou. — Passaremos esta noite a construir uma paliçada de madeira para tapar a brecha que o desmoronamento da muralha causou.

— E de que adiantará isso? — soltou Aischa. Abu fulminou-a com o olhar.

— Não opines sobre coisas que não te dizem respeito! Só mesmo tu, para meteres o nariz onde não és chamada.

Aischa achava que também as mulheres deveriam ter uma palavra a dizer. Afinal, a miséria do cerco atingia toda a gente. Mas decidiu calar-se, Abu não toleraria mais nenhum argumento seu. Todavia, quando pensava que ele já dera o assunto por encerrado, o irmão exigiu:

— Vem comigo!

— Ora, Abu — replicou ela receosa. — Não entendes que eu só falei por estar desesperada? Não é isso razão suficiente para perdoares...

— Acaba com as lamúrias! O pai quer falar-te.

A moça olhou-o espantada. O que queria o pai com ela? De repente, lembrou-se da chave que encontrara entre os pertences da mãe e que escondera. Teria ele descoberto tal procedimento e queria castigá-la? Já há muito tempo que ela não pegava no seu cofrezinho das jóias, era bem possível que alguém a tivesse revistado sem ela dar conta.

Como se mantinha paralisada, o irmão bradou:

— De que estás à espera? Acaso pretendes não obedecer a mais uma ordem? Vamos, mexe-te!

De pernas trementes, seguiu Abu, que levava um candil na mão e a conduziu através da casa escura ao salão principal, onde o dono da casa e Rashid comiam um guisado agudo de carne de cavalo que havia sido distribuído pelos guerreiros, os únicos com direito a tais privilégios. Para já, ainda só se tinham matado alguns burros e os cavalos mais velhos e fracos, mas também os animais valiosos seriam sacrificados, caso o cerco se prolongasse pelo Inverno.

Aischa olhou a medo para o pai. Mas este não parecia zangado com ela. Ostentava, sim, uma expressão angustiante, o que aliás ainda a assustou mais.

— Que se passa, meu pai?

— Tens que ser forte, minha filha. Tenho uma má notícia para te dar.

— O que pode ser tão mau, se vos vejo aos três sãos e salvos?

— Trata-se de Amir.

Aischa mordeu o lábio inferior, atingida por um vago sentimento de culpa. Em nenhum momento desse dia os seus pensamentos se tinham ocupado com o noivo. No início do cerco, quando ela ainda acreditava que a sua gente afugentaria os cruzados em pouco tempo, sonhava com o casamento. Mas, desde que aprendera o que era ter fome e medo, perdendo a esperança de sobreviver a este pesadelo, o sonho fora desvanecendo. Como se o casamento, apesar de nunca ter acontecido, pertencesse ao passado, a um tempo de felicidade que não mais voltaria.

O olhar de Malik Ibn Danaf tornou-se mais angustiado do que nunca, quando ele pronunciou as palavras fatais:

— Amir morreu, minha filha!

A jovem levou as mãos ao peito. Parecia-lhe que o coração, ainda agora tão agitado, lhe parara de bater. Mas logo a seguir lhe desatou aos saltos, mais apressado do que nunca.

— Quando nos apercebemos de que os cruzados estavam à espera de que algo acontecesse, — prosseguiu o pai — começámos a desconfiar da mina. Mas onde a teriam eles desta vez construído? A resposta só surgiu com o desmoronamento da muralha. Por ser um besteiro de grande pontaria, Amir passava o tempo sobre o adarve... E hoje teve o azar de se encontrar no cimo do lanço que desmoronou.

A moça tentava engolir o nó que se lhe formara na garganta, asfíxiando-a.

— Mesmo sob ataque — prosseguiu o pai, — conseguimos recuperar alguns feridos dos escombros. Mas Amir não estava entre eles. Só ao anoitecer, quando começámos a construir a paliçada, descobrimos o seu corpo sem vida.

Como se não aguentassem mais sofrimento, os pensamentos de Aischa começaram a ocupar-se com a sua infância feliz. Viu-se de

novo no grupo de crianças que rodeavam Abdalah, a fim de ouvir as suas histórias. Mas deparou com Amir. Os seus olhos pretos e brilhantes pareciam querer engolir as palavras do ancião... Depois viu o rosto iluminado do jovem, que lhe dizia: "O dia do nosso casamento será o mais feliz da minha vida."

— Confortemo-nos com o facto — acrescentou o pai — de que Amir terá tido morte imediata. Alá o tenha em misericórdia!

O chão parecia querer fugir debaixo dos pés de Aischa, arrastando-a para dentro de um buraco sem futuro. Tivesse ela não dado ouvidos a Jamila e saído de casa, com o punhal na mão. Com sorte, teria acabado com algum maldito cruzado! E encontrado a morte redentora, perto de Amir! Rompeu num pranto convulsivo.

— Tens que ser forte, minha filha — repetiu o pai. — Verás que sobreviveremos a este pesadelo. O meu irmão de Batalyaws não permitirá que caiamos na miséria. E tu encontrarás outro homem que te mereça. — Pousou-lhe a mão sobre o braço: — Voltarás a ser feliz. Não percas a esperança em Alá o Sublime!

A única esperança de Aischa era morrer de fome, antes que um cruzado a viesse violar.

12

Depois da promessa que fizera a Johann, nada mais restava a Konrad do que conformar-se com a ideia de que viveria o seu futuro em Lisboa. Tinha assim dois objectivos imediatos: vencer definitivamente os infiéis e procurar o mouro dos olhos esquisitos, a fim de vingar a morte do irmão. Decidiu por isso participar no ataque que ingleses e franceses estavam a preparar para o dia seguinte, 19 de Outubro. Há dois dias que ele e os seus companheiros tentavam destruir a paliçada de madeira com que os mouros tinham tapado a brecha na muralha. Mas sem o mínimo sucesso, pois as ruas apertadas e íngremes do arrabalde dificultavam-lhes o acesso e impediam um ataque em massa. Konrad depositava agora todas as suas esperanças na nova torre móvel dos ingleses, que seria protegida por peles de boi húmidas contra as setas incendiárias.

Na manhã de 19 de Outubro, procedeu-se aos preparativos para arrastar o engenho até ao porto, à volta da torre albarrã na ponta sudoeste de Lisboa. Konrad não era o único alemão a participar nesta operação. Outros seus compatriotas e alguns flamengos viam igualmente neste ataque a última hipótese de conquistar a cidade antes do Inverno.

Do cimo do engenho, arqueiros e besteiros ingleses fustigavam os defensores da torre albarrã, enquanto dezenas de outros cruzados puxavam pelas cordas que moviam a construção e outros iam pondo traves de madeira debaixo dos rodízios, protegendo-os da areia. Dava resultado. O engenho movia-se mais depressa do que o planeado. O sucesso animava os cruzados, dava-lhes forças. Mesmo Konrad aguentava firme, apesar de, ao mesmo tempo que puxava pela corda, ter que carregar o peso da cota de malha e do escudo que transportava a tiracolo, pois queria estar preparado para o que desse e viesse.

Tinham acabado de rodear a grande torre albarrã, quando os ingleses começaram a dar vivas. Konrad, que não entendia o que eles diziam, olhava à sua volta estupefacto. Os que estavam perto dele, entendendo o seu problema, apontavam para a torre da cidade. E, quando ele se apercebeu do que se passava, também jubilou: os mouros que deviam estar lá no cimo não aguentaram o fogo dos arqueiros ingleses e haviam retirado, utilizando o passadiço que ligava a torre às muralhas.

Era uma pequena vitória. Mas havia que continuar a puxar, tentando aproximar o engenho dos muros, para que os cruzados pudessem saltar para o adarve. Ainda não tinham avançado a distância de dois passos, quando os mouros começaram a disparar as suas temíveis setas incendiárias. As peles que protegiam a torre de madeira acabariam por secar. Desta vez, contudo, os cruzados estavam preparados. Muitos tinham sido encarregados de ir buscar água, a fim de manter as peles húmidas e, seguindo as ordens dos seus cavaleiros, formaram filas. Pequenos barris e outros recipientes eram rapidamente passados de mão em mão.

Depressa notaram os mouros que a torre não arderia. Por outro lado, ela tornara-se mais lenta e ainda estava longe de alcançar as muralhas. Os comandantes dos cruzados não paravam de incitar os seus guerreiros, alguns desmontavam mesmo e ajudavam a deslocar o engenho. Mas os mouros viram a sua oportunidade de virar o jogo e um grupo deles atreveu-se a uma surtida através do postigo atrás da torre albarrã. Konrad desembainhou a sua espada, agarrou o escudo com a mão esquerda e juntou-se aos outros cruzados, numa formação em linha. Ombro a ombro, formaram um muro de escudos.

O inimigo precipitou-se sobre a formação, os seus sabres, espadas e maças batiam contra os escudos. Havia que aguentar este choque e, ao mesmo tempo, forçar os mouros a recuarem. O que, sob o fogo dos besteiros no cimo das muralhas, se revelou bem difícil. Enquanto segurava firme o seu escudo, Konrad sentia as setas a passar rente à sua cota de malha, duas até lhe chegaram a bater no capelo, felizmente sem consequências. Mas nem todos os cruzados tinham essa sorte. Muitos eram atingidos nos ombros ou no pescoço.

Tinham que ser substituídos, sem desfazer a formação, e em breve já não havia homens suficientes para mover a torre.

O esforço, no entanto, compensou: os mouros recuavam, tentavam barricar-se novamente na cidade, a pressão sobre os escudos dos cruzados aliviou e estes desataram a correr atrás dos soldados inimigos. E apanharam muitos deles antes que o postigo se fechasse.

A praia ia-se cobrindo de cadáveres e a areia empapava-se de sangue, o que dificultava os movimentos e impossibilitava o arrastar da torre. Além disso, os homens estavam esgotados e os comandantes cristãos decidiram acabar com o ataque. Removeriam os corpos, recuperariam forças e continuariam no dia seguinte.

Ao cair da noite, Konrad juntou-se aos soldados que pilhavam os cadáveres dos mouros. Não andava como os outros à procura de uma espada, dum elmo ou dumas botas melhores do que as dele. E de uma cota de malha também não precisava. Limitava-se a examinar o rosto dos mortos.

Em vão. Nenhum deles ostentava olhos verdes!

Os combates só foram retomados dois dias mais tarde, a 21 de Outubro, pois os ingleses quiseram terminar a construção de uma ponte, que facilitaria a passagem do cimo da torre para o interior das muralhas. Tornou-se a arrastar o engenho e a protegê-lo, mantendo húmidas as peles que o cobriam. E eis que, apesar dos tiros dos besteiros mouros, a torre chegou finalmente às muralhas.

Chegara o momento por que Konrad tanto ansiara: os cruzados estavam prestes a invadir a cidade! Assim que a ponte estivesse lançada, ele subiria pela torre acima.

Quando tudo estava a postos, Konrad galgou os degraus no interior da construção de madeira, Hadwig foi atrás dele. Mas já estavam quase no cimo da torre, quando se viram impedidos de prosseguir. Os que iam à sua frente haviam simplesmente parado!

— Mas que diabo aconteceu? — explodiu Konrad. — Os mouros arreganharam-vos os dentes? Se não tendes coragem suficiente para prosseguir, deixem ao menos passar quem tem sangue na guelra!

Muitos dos alemães que estavam no interior da torre deixaram-se atíçar por estas palavras e exigiam avançar. Os ingleses, por sua vez, gritavam com eles e não se moviam. Era uma balbúrdia, ninguém se

entendia no meio daquele espaço exíguo. A fúria de Konrad e dos seus companheiros aumentava:

— Deixem-nos passar, seus cobardes!

Hadwig era o único que tentava deitar água na fervura: então haviam de começar a lutar uns com os outros, agora que estavam prestes a atingir os seus objectivos? Os seus compatriotas não lhe ligavam, os ingleses não o entendiam... O caso estava mal parado.

Mas eis que um cruzado alemão, que já estivera no cimo da torre, tentava abrir caminho pelas escadas abaixo, enquanto gritava para os seus compatriotas:

— Depuseram as armas! Pedem tréguas!

Interromperam-se as discussões e o homem teve ocasião de explicar aos seus companheiros aquilo que os ingleses já sabiam:

— Assim que a ponte foi lançada, os mouros viram-se perdidos e depuseram as armas. Pedem um dia de tréguas.

— Graças a Deus — suspirou Hadwig, enquanto os outros jubilavam. Mas Konrad não encontrava sossego:

— Deixem-me passar! Eu tenho que entrar lá dentro!

— Estás maluco? — replicou-lhe o amigo, agarrando-o pelas vestes. — Queres atacar homens que depuseram as armas? Logo tu, um cavaleiro, não estás disposto a respeitar as regras elementares?

Num primeiro momento, parecia que Konrad se viraria contra ele. Mas caiu em si. Embainhou a espada e, quando Hadwig o largou, começou a descer as escadas da torre.

Quando já iam de regresso ao acampamento, o amigo, adivinhando-lhe os pensamentos, disselhe:

— Esquece essa tua vingança, homem! Ainda arranjas problemas. Tréguas são tréguas, acabou-se a matança.

Konrad estacou e lançou-lhe um olhar duro:

— O mouro que matou Johann há-de pagar por isso!

Nessa noite, de 21 para 22 de Outubro, em que Lusbuna estava praticamente conquistada, ninguém dormia no acampamento dos alemães e flamengos. Não se conformavam com o facto de os mouros só quererem negociar com o rei português. O alcaide tinha mandado mensageiros a D. Afonso Henriques, que, em resposta, enviara uma delegação à alcáçova. Esta comunicara ao governador mouro que el-rei concordava com as tréguas até ao dia seguinte, mas

que exigia dois reféns, a fim de se assegurar que o inimigo não aproveitaria o escuro da noite para atacar os acampamentos dos cristãos ou vir incendiar os engenhos de guerra dos ingleses.

Mas nem o facto do comandante inglês, Hervey de Glanville, ter feito parte desta delegação, acalmava os cruzados.

— Afinal — berrava um gordo, que gostava de armar confusão, — o que é que os portugueses fizeram, além de alguns ataques inofensivos à alcáçova?

— Querem-nos tramar — bradou outro — e ficar com o tesouro só para eles!

— Bandidos — gritou um terceiro. — Demos a nossa ajuda em troca dos bens dos mouros.

— Pois sim — atirou Gunther. — Ainda ficamos de mãos a abanar!

— Depois de termos sido nós a conquistar a cidade? — indignou-se o gordo.

— Tenhamos calma — aconselhou Konrad, que tivera tempo de refrear os seus ímpetos. Além disso, não lhe agradava que os seus companheiros se revoltassem contra uma personagem real. — O rei irá de certeza ter em conta as nossas exigências.

— Mas nós temos direito a tudo — insistiu o gordo. — Os portugueses têm que ficar de fora, enquanto saqueamos a cidade.

— Foi isso mesmo que ficou acordado — lembrou Gunther. Dois camaradas, que tinham ido apalpar o terreno no acampamento a oeste da cidade, surgiram ofegantes:

— Os ingleses pretendem amotinar-se!

— Ora essa — admirou-se Hadwig. — O comandante deles não acompanhou o português à alcáçova, hoje à tarde?

— Também estão revoltados com ele. Apelidam-no de traidor, por ele ter concordado em que os dois reféns ficassem em poder do rei português e em que D. Afonso vá amanhã sozinho negociar com os mouros. Hervey de Glanville até acabou de mandar um mensageiro ao rei.

— A meio da noite? — espantou-se Konrad.

— Deve estar a borrar-se de medo.

— Amotinemo-nos também! — bradou o gordo. — Tomemos o comando e...

— Esperemos primeiro para saber qual é a resposta de D. Afonso — interrompeu-o Konrad.

— Estou de acordo — anunciou Hadwig. — Se ela não agradar aos ingleses e estes decidirem mesmo amotinar-se, poderemos então decidir se fazemos o mesmo.

A maioria aceitou esta proposta.

Pouco depois, foi-lhes comunicado que o rei dera a sua palavra de honra ao comandante e ao prelado ingleses de que todos os soldados seriam recompensados. Embora alemães e flamengos estivessem longe de ficar satisfeitos, o resto da noite passou-se sem mais distúrbios.

Na tarde de 22 de Outubro, D. Afonso Henriques foi à alcáçova negociar a entrega da cidade com o alcaide mouro. Os ânimos no acampamento de Konrad, que nunca tinham verdadeiramente acalmado, iam-se novamente exaltando e ele ficava cada vez mais preocupado. Impedir as negociações de rendição da cidade, desobedecendo a um rei, poderia trazer consequências trágicas.

Ao cair da noite, Arnulf de Aarschot e Christian de Gistell surgiram em cima do palanque de madeira, de onde costumavam dirigir-se aos seus homens, e o comandante alemão anunciou:

— O alcaide rendeu-se oficialmente. D. Afonso faz questão de que não se verta mais sangue. Teremos por isso que prescindir do saque.

Levantou-se um murmúrio de descontentamento e uma voz gritou:

— Temos direito ao saque!

— Os bens serão distribuídos de maneira justa — prosseguiu Arnulf. — Ficou combinado que, daqui a dois dias, um contingente de trezentos cristãos entrará em Lisboa e tratará de reunir as posses dos habitantes. Além disso, os mouros e os judeus serão obrigados a deixar a cidade e só poderão levar o que conseguirem transportar nas próprias mãos. Os que quiserem ficar por aqui serão autorizados a aquartelar-se extramuros. As suas vidas serão poupadas e poderão continuar a praticar a sua religião.

Arnulf fez uma pausa e observou preocupado os rostos contrariados à sua frente. Depois, acrescentou:

— Dois mouros foram autorizados a manter as suas posses: o alcaide e o seu genro.

— O quê? — explodiu o gordo. — Mas isso é uma injustiça! Esses dois devem ser os homens mais ricos de Lisboa.

Arnulf e Christian aconselharam os seus homens a manter a calma e afastaram-se do palanque. Konrad ouvia à sua volta:

— O rei não cumpriu a sua palavra!

— Querem-nos roubar a recompensa a que temos direito!

— E os nossos comandantes pactuam com esta pouca-vergonha!

O descontentamento foi crescendo, até que um grande grupo chefiado pelo gordo penetrou traiçoeiramente na cidade com o intuito de procurar o tesouro. Por mais que lhe agradasse ir em busca do mouro dos olhos esquisitos, Konrad não pactuaria com o espectáculo degradante do ataque a populações desarmadas. Ao contrário do que muitos achavam ser um direito dos vencedores, o pai dele, por mais defeitos que tivesse tido, inculcara-lhe que tal comportamento não condizia com os valores nobres a que os cavaleiros se comprometiam.

Ao saber do que se passava, o rei português ficou furioso e exigiu aos comandantes alemão e flamengo que acabassem com a desordem. Arnulf de Aarschot e Christian de Gistell achavam-se contudo incapazes de controlar os seus homens. E as más notícias não paravam de chegar, Gunther anunciou aos seus dois amigos:

— O resto dos homens tenciona atacar o acampamento dos portugueses!

— Deus do céu — soltou Konrad.

— Qual é o teu problema? — espantou-se o ruivo. — Pões-te ao lado do rei?

— Seus pacóvios! Não vedes que sem D. Afonso Henriques se instalará o caos? Quem assumirá o comando? Os nossos capitães? Os dos ingleses? Nas disputas que se seguirão, ainda nos matamos uns aos outros.

— Ele tem razão — opinou Hadwig. — Os mouros esfregarão as mãos de contentes e esperarão que nos dizimemos a nós próprios.

Perto da meia-noite, quando os homens se preparavam para tomar de assalto o acampamento dos portugueses, surgiram Arnulf

e Christian e pediram mais um pouco de paciência, pois D. Afonso enviara-lhes um mensageiro a dizer que pretendia falar com eles.

— Peço-vos — dizia Arnulf, — esperemos para ver o que ele tem para nos dizer!

Embora contrariados, os cruzados decidiram dar mais uma oportunidade ao monarca. Esperaram impacientes durante uma hora, até que os seus comandantes regressaram e lhes anunciaram:

— D. Afonso Henriques faz saber: se não desistirdes dos vossos intentos, ele e o seu exército virarão as costas a Lisboa!

O silêncio abateu-se sobre o acampamento, os homens trocavam olhares perplexos. Arnulf acrescentou:

— Nas suas próprias palavras, D. Afonso Henriques prefere prescindir de Lisboa do que quebrar os acordos já firmados, perdendo a sua honra.

Os cruzados mantiveram-se confusos durante mais alguns instantes. Porém, um deles acabou por berrar:

— E depois? Não era isso que nós queríamos? Ver-nos livres do rei português e das suas tropas?

Konrad notou preocupado como os ânimos se tornavam a incendiar. A incapacidade que Arnulf e Christian demonstravam em restabelecer a ordem despertou-lhe uma vontade indomável de tomar conta da situação. Abriu caminho por entre os homens, saltou para cima do palanque e, ignorando a indignação dos comandantes, anunciou:

— Tenhamos cuidado, companheiros!

A sua voz de comando abafou a dos arruaceiros.

— Ficaríamos à deriva nesta terra, sem o rei português e o seu exército. O alcaide ainda mudaria de ideias.

— Que mude — berrou um deles. — Os mouros chegaram ao fim das suas forças.

— E não ganhariam nova coragem? — insistiu Konrad. — Quando vissem que os portugueses nos abandonassem? Afinal, o exército cristão ficaria reduzido a quase metade.

Alguns começavam a ficar indecisos. Konrad prosseguiu:

— Quereis arriscar perder a cidade, depois de quatro meses de lutas? Não vos chega de miséria e de mortes? — Engoliu em seco e acrescentou: — E os que querem seguir viagem? Não estão ansiosos

por alcançar a Terra Santa? Em vez de nos ocuparmos a arranjar razões para nos exterminarmos uns aos outros, deveríamos festejar a nossa vitória!

Os rostos pareciam convencidos, mas Konrad não se atrevia a olhar para Arnulf e Christian. Estes dois continuavam, no entanto, a dar-lhe caminho livre e ele acrescentou:

— As posses dos habitantes serão distribuídas e quem decidir ficar aqui, receberá terras. Não vos chega, amigos? Cumprimos a nossa missão de cruzados: libertámos Lisboa das mãos dos infiéis! Continuemos a defender os valores cristãos e chamemos os nossos companheiros à razão, esses que entraram na cidade, pois o seu comportamento enche-nos de vergonha!

Os homens nada contrapunham, alguns erguiam os ombros conformados e Konrad respirou de alívio. Sentiu uma mão sobre o ombro e virou a cabeça.

Arnulf de Aarschot olhava-o agradecido. Mas, antes de falar com ele, o comandante dirigiu-se aos soldados:

— Dai-lhe ouvidos! Ele é um de vós e falou palavras sábias. E quem quiser fazer parte da milícia que restabelecerá a ordem na cidade, apresente-se perante o comandante Christian de Gistell! — Virou-se finalmente para Konrad: — Quem és tu?

— Chamo-me Konrad, senhor.

— Como o nosso rei? Se combateres com bravura a meu lado na Terra Santa, falar-lhe-ei de ti.

Konrad emudeceu. A realização dos seus sonhos encontrava-se ao seu alcance! E porque não haveria de seguir viagem? A rameirita não merecia que ele desistisse dos seus planos por causa do bastardo que carregava na barriga!

Mas, meu Deus, não se tratava de um bastardo qualquer e sim do filho de Johann! Não podia quebrar a promessa que fizera ao rapaz.

Porque é que o destino lhe continuava a ser cruel? Engoliu a sua decepção e retorquiu:

— Não irei convosco.

— Uma destas!

— Prometi ficar aqui e cumprirei a minha palavra.

Konrad juntou-se à milícia comandada pelos capitães alemão e flamengo, que entrou na cidade e conseguiu acabar com os

distúrbios. Mas o mal que os arruaceiros tinham causado, já ninguém podia emendar. Konrad ainda examinou os rostos de alguns cadáveres mouros espalhados pelas ruas, mas o seu desejo de vingança parecia desvanecer, face ao banho de sangue desnecessário que os seus compatriotas haviam causado. Muitos dos cadáveres mutilados eram mulheres e crianças. Nem moçárabes escaparam à fúria dos cruzados, até o velho bispo lá jazia, de goela cortada!

Assim mataram os cruzados os seus irmãos de fé, que haviam vivido em paz entre os muçulmanos. E ninguém encontrou nenhum tesouro.

13

Esta era a segunda noite em que ninguém dormia na casa de Aischa.

Haviam passado a anterior aterrorizados, enquanto os cruzados saqueavam a cidade. Felizmente, não tinham vindo todos, o que poupou algumas casas à loucura. Uns quantos ainda tentaram arrombar a porta de Malik Ibn Danaf, mas nessa altura já a milícia punha fim à matança, permitindo que Aischa e os seus ficassem pelo susto. O que os levava a pensar que a sua família, por alguma razão, se encontrava sob a protecção especial de Alá, pois fora uma das poucas que sobrevivera completa ao cerco.

Nesta noite, de 23 para 24 de Outubro, estavam ocupados com outro tipo de actividade: reuniam todos os seus pertences, para que o mercador e os seus dois filhos os fossem depositar aos pés dos novos senhores de Lusbuna. Como ficara acordado entre o rei português e o alcaide, um contingente de trezentos cristãos ocuparia pacificamente a al-qasbâ, logo pela manhã, a fim de confiscar todos os haveres dos mouros e dos judeus. A cidade seria em seguida inspeccionada e, se algo mais fosse encontrado, sem ter sido entregue ou declarado, o dono da casa onde fosse feito o achado pagaria com a vida.

Assim se dedicava a família do mercador àquela ingrata tarefa e Aischa era a mais angustiada de todos. A moça via-se num grande dilema: que fazer com a cruz de esmeraldas, de cuja existência só ela sabia? Se a mostrasse a seu pai, quebraria a promessa feita à mãe no leito da morte. Por outro lado, caso o objecto fosse encontrado pelos cristãos, seu pai, como dono da casa, pagaria com a vida!

Mas os problemas da moça não ficavam por ali. Aischa possuía outro objecto, de cuja existência mais ninguém desconfiava: a chave que encontrara entre os pertences de Zubaida.

Não se decidia a ir ter com o pai, que via tão angustiado e ocupado. E a noite foi passando. Pouco antes do nascer do sol, estava

tudo reunido e pronto a ser transportado. Só coisas muito pesadas, como móveis, a maior parte dos tapetes e as alcovas guarnecidas com as suas almofadas de seda ficariam na casa. Malik Ibn Danaf tinha preparado uma lista e declararia todos esses bens na al-qasbâ.

O mercador veio então dizer às mulheres que se deitassem, a fim de descansarem um pouco, enquanto ele, os seus dois filhos e os criados iam depositar os seus pertences aos pés do inimigo vencedor.

Aischa sentia-se endoidecer e antes de se deitar rezou fervorosamente, na esperança que Alá lhe desse alguma resposta. Depois, caiu num sono agitado, que lhe provocou sonhos confusos. Alguém lhe dizia (sua mãe?) que jamais alguém encontraria aquela cruz. Logo a seguir, viu-se a regressar à casa, depois de a família ter sido expulsa, entrando lá furtivamente com a ajuda da chave, a fim de recuperar o objecto precioso. Sentia assim uma grande satisfação, ao pensar que os cristãos estavam convencidos de que haviam despojado a família de todas as suas riquezas!

Acordou antes das outras, excitada. Aquele sonho tinha com certeza sido a resposta solicitada a Alá! A casa estava sossegada, os homens ainda não tinham regressado da al-qasbâ. Aischa pegou na chave e enfiou-a numa longa fita, que amarrou à volta da cintura, de maneira a que ela ficasse lá entalada.

De tarde, vieram quatro cristãos armados inspeccionar a casa. A família e a criadagem estavam reunidas no jardim e, apesar das vestes das mulheres serem de linho grosseiro ou de burel e dos véus só lhes deixarem ver os olhos, os soldados miraram-nas cheios de cobiça.

Aischa esforçava-se por esconder a sua aflição, enquanto os cristãos faziam a ronda. Mas a certeza que Alá lhe dera nos sonhos confirmou-se: os homens deram-se por satisfeitos, ao constatar que tudo condizia com os haveres declarados por Malik Ibn Danaf!

Antes de mandarem a família embora, informaram ainda que os cristãos pertencentes à criadagem eram livres de ficarem na cidade. A maioria, no entanto, não tencionava desligar-se da família do mercador. Sem posses, receavam ficar entregues à sua sorte. Eram moçárabes e os portugueses vindos do norte olhavam-nos com desconfiança.

Além disso, sabiam que o seu patrão receberia a ajuda do irmão rico de Batalyaws. Também os escravos não precisavam de abandonar a família, a fim de se tornarem livres, dado que Malik Ibn Danaf já os havia presenteado com a liberdade, seguindo o conselho do próprio Profeta Maomé expresso no Corão. Assim se alegrou o coração de Aischa, ao ver que a sua amada Flora deixava a casa a seu lado.

Este foi porém o seu único momento de conforto. Sentia-se capaz de matar os quatro estranhos, que olhavam trocistas para aquela que fora uma das famílias mais ricas de Lusbúna e que agora se afastava, depauperada e de cabeça baixa. Nem sequer o seu único burro de carga que sobrevivera ao cerco podiam levar. Transportavam eles próprios a escassa roupa e algumas peças de louça barata, com que tinham sido autorizados a ficar.

Malik Ibn Danaf e os seus juntaram-se aos outros, judeus incluídos, que se dirigiam com as suas trouxas às portas ocidentais de Lusbuna. Mas, enquanto os judeus saíam pela bâb al-hadid, a Porta do Ferro, a fim de ocupar o seu bairro a sudoeste da cidade que haviam deixado no início do cerco, os muçulmanos dirigiam-se à bâb al-khawkha, na intenção de se aquartelarem nas casas vazias do bairro de Alcamim, pois grande parte dos seus habitantes havia perecido. Muitos mouros tencionavam partir, mas para alguns as perspectivas noutro lado não seriam melhores do que as que ali teriam.

A família de Aischa contentou-se com uma casita minúscula, meia destruída, na parte baixa do arrabalde, pois sabia que ficaria ali pouco tempo. Assim que Malik Ibn Danaf viu os seus alojados, pôs-se a caminho de Batalyaws com Abu, o filho mais velho, e dois dos criados mais robustos. A cidade na margem esquerda do Guadiana ficava a três ou quatro dias de distância. Regressariam com carroças para levarem os outros. Rashid e o resto dos criados ficaram a velar pela segurança das mulheres.

Aischa tinha cerca de uma semana para decidir se arriscaria voltar à casa, como se vira fazer no sonho, a fim de recuperar a cruz que Zubaida lhe mostrara esperançosa: "Só tu, a minha única filha, deverás tirar proveito dela." Mas, quando já escurecia e todos se sentavam silenciosos à volta da fogueira, onde se grelhava peixe, a

moça cada vez mais se convencida do perigo e da insensatez daquela ideia. O novo dono da casa dificilmente encontraria a valiosa peça.

A cruz ficaria para sempre escondida naquela cave...

Que ficasse! Aischa sentiu-se furiosa com a mãe, que ainda a martirizava com aquela promessa. Tivesse ela Zubaida ali à sua frente, dir-lhe-ia: "Devias era ter deixado a cruz enterrada lá no sítio, onde fora a herdade da tua família. O maldito objecto não irá nunca beneficiar ninguém, só traz azar!" Não era a cruz o símbolo dos cruzados?

Os cruzados... Surgiu-lhe a imagem do estrangeiro, a lavar a cara e os cabelos cor de ouro na água do esteiro... "Pertencerás a um cruzado", tinha-lhe dito a mãe, "e vós os dois ireis guardar a cruz...".

— Não comes?

Estremeceu, ao ouvir a pergunta de Rashid, e deu-se conta que todos a observavam, por ela não notar que Flora lhe estendia um prato de peixe grelhado.

— Não tenho fome.

— Ninguém aqui está menos triste do que tu — retorquiu o irmão, mais severo do que o costume. — Mas a vida continua. E se há algo de que neste momento não precisamos, é de que alguém fique doente.

Aischa suspirou, pegou no prato e lá se forçou a comer o peixe.

No dia seguinte, a moça afastou-se da casita bem cedo, sem que o irmão e os criados notassem. Soprava vento, ela apertou melhor o véu à volta da cabeça e aconchegou-se no seu manto escuro.

Subiu as ruelas íngremes do bairro de Alcamim, até chegar ao sopé da imponente muralha. Deveria mesmo aventurar-se do outro lado, depois de já ter sobrevivido ao pior? Continuaría ela a gozar da protecção especial de Alá, como a sua família durante o cerco? Tinha sido realmente Alá quem lhe enviara os sonhos na manhã anterior?

— Que estás aqui a fazer?

Virou-se e deu de caras com Rashid, que era afinal mais vigilante do que ela pensava.

— Eu... queria apenas estar sozinha.

O irmão aliviou a expressão severa e replicou:

— Como te compreendo!

— A sério?

— Não é nada fácil. Nascemos em Lusbuna, esta cidade é o nosso lar...

— Nem sei como o pai aguenta.

— Porque pensas que ele se fez logo ao caminho? Podia ter-me mandado com Abu a Batalyaws e poupar-se às canseiras de tão longa marcha. Mas ele não aguentava olhar para Lusbuna do lado de fora, sabendo que nunca mais regressaria à sua casa e ao seu estabelecimento.

— A nossa casa... O que irá acontecer com ela? Quem irá lá morar? Os olhos esverdeados de Rashid cintilaram:

— Isso tentarei eu descobrir.

— Que queres dizer?

— Ibn Errik toma hoje posse oficial da cidade. Distribuirá as casas mais ricas e mais bonitas entre os seus aliados. E eu estarei lá!

— Por Alá, não é perigoso? Tiveste que te despojar das tuas armas, nem um punhal te deixaram.

— O rei não nos proibiu de entrar na cidade e prometeu ao alcaide velar pela nossa segurança. Na sua presença, pelo menos, ninguém se atreverá a usar de violência contra um mouro desarmado.

A cabeça de Aischa começou a fervilhar: o facto de saber a quem a casa iria pertencer, poderia ajudá-la a tomar uma decisão... Rashid acrescentou:

— Não pretendo apenas saber o que acontecerá à casa. Quero ver esse rei!

— Ibn Errik? — perguntou ela agitada. Ouvia a voz da mãe: "Viverás o teu futuro ao lado de um cristão e el-rei D. Afonso Henriques proteger-vos-á."

— Leva-me contigo Rashid!

O irmão apontou-lhe os olhos arregalados:

— Endoideceste?

— Por favor! Também quero ver esse Ibn Errik... Alá o amaldiçoe!

— Mas eu seria incapaz de te defender em caso de perigo.

— Acabaste de dizer que não será perigoso.

— Para um homem, talvez não.

— E para uma mulher, muito menos. Os homens representam uma ameaça maior e são mais susceptíveis de serem atacados.

- Às mulheres esperam outro tipo de perigos.
 - Ora, quem é que me desonraria na presença do rei e dos seus fidalgos?
 - Mede as tuas palavras!
 - Por favor Rashid! Tenho o rosto coberto. Se alguém fosse atrevido, só precisarias de dizer que sofro de uma doença horrível, que me enche as faces de cicatrizes repelentes.
 - E achas que qualquer um engole uma história dessas?
 - Os cristãos são medrosos, principalmente esses majus dos confins do norte.
- O rosto de Rashid começou a esboçar um sorriso. Aischa insistiu:
- Eles são tão ignorantes, que têm medo do que as mouras escondem atrás dos véus. Tomam-nos por bruxas!
- O irmão não aguentou e desatou às gargalhadas:
- Por Alá, porque é que não consigo negar-te favor nenhum?

14

— Porque é que hás-de ir hoje à cidade? — perguntou Hadwig.
— Para ficar perto do rei — respondeu Konrad.
— Esperas algum favor especial dele?! Gunther intrometeu-se na conversa e ironizou:

— Ele não vai distribuir as terras pessoalmente. Encarregará funcionários disso.

— A propósito — inquiriu Hadwig, virado para o ruivo, — sempre decidiste também tu ficar aqui?

— E verdade. Já em criança levava uma vida errante, não criei raízes em sítio nenhum. Fui enjeitado depois de nascer, nem faço ideia de quem me pôs no mundo. E não quero mais saber dos Invernos gelados da nossa terra. Aqui, pelos vistos, arrebanharei um senhorio, o que é mais do que algum dia poderia imaginar.

— Serei então o único de nós os três que seguirá viagem — lamentou-se Hadwig e acrescentou, com um sorriso malicioso: — Se calhar, até sentirei a vossa falta.

Os outros riram-se. Konrad disse depois:

— Espero que nos tornemos a encontrar um dia, para que me possas contar o que viveste na Terra Santa.

O vento amainara e Konrad tinha a certeza de que nunca vivera um dia 25 de Outubro tão quente. A manhã ia adiantada e ele encontrava-se nos jardins da alcáçova, a parte mais alta da cidade. As suas calças e a túnica de linho eram frescas, mas não amarrara os cabelos e sentia-se suar na nuca. Juntamente com Julião e Tomé, procurou a sombra de um grande carvalho.

Tinham dali uma boa vista sobre o Tejo, que brilhava como prata à luz do sol e cuja margem sul se espalhava numa enorme baía, de seis milhas de largura. A majestade do rio impressionava Konrad, que nunca imaginara pousar os olhos num que fosse mais largo que o Reno.

Os três esperavam por el-rei que, juntamente com os seus fidalgos, clérigos e os comandantes dos cruzados, inspeccionava o seu novo castelo e os paços do alcaide. Já mandara içar a bandeira branca com a cruz azul de Portugal no cimo da torre de menagem, ao lado da qual fora ainda construída uma cruz de madeira.

A torre media umas boas quarenta jardas de lado e dominava o recinto da alcáçova. Os jardins eram esplêndidos: canteiros de rosas e jasmins, árvores frondosas, caminhos ladrilhados... E água, por todo lado: canais, fontes, repuxos. Konrad perguntava-se porque é que os mouros se davam ao trabalho de construir tanto repuxo! Para que quereriam tanta água? Não se contentavam com uma fonte para se abastecerem? Antigamente, no castelo de seu pai, nunca ninguém tinha morrido à sede, fosse gente ou animal.

Julião dizia ao seu amigo estrangeiro que esperava poder abrir uma ferraria em Lisboa, pois no Porto havia sido apenas empregado.

— Mas aqui — dizia ele, — poderei com certeza realizar o meu sonho. Os ferreiros mouros e judeus tiveram que deixar as suas tendas. Tentarei a minha sorte junto dos funcionários d'el-rei.

— Eu exijo terras — replicou Konrad. — E um ou dois cavalos. Ferreiro teria eu sido em Colónia.

— E já agora — atalhou o português, um pouco atrapalhado, — quais são os teus planos em relação à Ausenda?

— Planos? São muito simples e pensei que fossem do conhecimento de todos: tomar conta dela e da criança.

— Pensei que... talvez casasses com ela...

— Casar com ela? — retorquiu Konrad, pouco à vontade, pois lembrou-se de como tinha desejado a moça no dia em que ela lhe tratara do braço. A ideia era-lhe porém absurda, pois ele só se via casado com uma fidalga. E havia outro motivo mais forte: — Não me passa pela cabeça casar com a moça que foi do meu irmão!

Mudou de assunto, virado para Tomé:

— E quais são os teus planos?

— A única coisa que aprendi foi a cozinhar e a servir à mesa, lá na taberna onde trabalhei. Espero poder ficar com o Julião... ou contigo.

Como senhor de terras, precisarás de um cozinheiro, não?

— Claro. Mas para isso podias ter ficado no Porto.

— E continuar a trabalhar para o taberneiro bêbedo que me dava cabo das costas com o cabo da vassoura por dá cá aquela palha? Tenho a certeza que tu me tratarás melhor.

Konrad confirmou, rindo-se e dando-lhe palmadas no ombro.

A comitiva real surgiu. D. Afonso Henriques, de espada à cinta, trazia a sua cota de armas branca adornada com a cruz azul e o manto azul claro. O cabo do seu punhal, incrustado de pedras preciosas, cintilava ao sol. Como não trazia o capelo na cabeça, Konrad reparou que já se distinguiam brancas no meio dos cabelos escuros, que lhe caíam até aos ombros. D. Afonso aproximava-se dos quarenta, mas a sua figura atlética fazia-o dez anos mais novo.

Os acicates tilintavam ao ritmo dos seus passos decididos, enquanto ele se dirigia ao pano norte da muralha da alcáçova, parando em frente à porta junto da torre da cisterna. Tinha sido precisamente ali que o tal Martim Moniz sacrificara a própria vida, a fim de facilitar a entrada dos seus camaradas na alcáçova. D. Afonso ordenou que se gravasse o rosto e o nome desse herói naquele lanço de muro.

Em seguida, anunciou a criação da paróquia de Santa Cruz, que abrangeria todo o recinto da alcáçova, em homenagem aos cônegos regrentes de Santa Cruz de Coimbra. Surpreendeu os seus acompanhantes ao nomear o clérigo inglês Gilbert de Hastings primeiro bispo de Lisboa, decidindo que o paço episcopal se estabeleceria junto ao lanço oriental da muralha, onde se encontravam as habitações dos antigos funcionários e militares do alcaide mouro. A mesquita que ali havia seria transformada na igreja de Santa Cruz da Alcáçova.

A comitiva atravessou depois a Porta da Alcáçova e percorreu as ruelas pela colina abaixo, até atingir a mesquita aljama, já limpa dos cerca de 200 cadáveres e mais de 800 doentes que os cristãos lá haviam encontrado, testemunhas da miséria e do sofrimento passados durante o cerco. No largo que lhe dava acesso, já se havia reunido uma pequena multidão de curiosos, entre eles, mouros e judeus. Embora a presença destes surpreendesse alguns dos cristãos, ninguém se atrevia a causar confusão na presença d'el-rei, que até cumprimentou os infiéis com um aceno de mão.

D. Afonso declarou que, enquanto não fosse construída a sé catedral de Lisboa, a mesquita faria as vezes desta, criando ali a paróquia de Santa Maria da Sé.

O recém-nomeado bispo iria purificar o templo durante uma missa solene, no dia de Todos os Santos.

E o soberano continuou a honrar os cruzados. As capelas dos dois cemitérios seriam aumentadas. A que se situava a oeste da cidade, onde repousavam ingleses e franceses, seria transformada na Igreja dos Mártires. E, no cemitério a leste, mandaria construir um mosteiro, que se chamaria de S. Vicente. As relíquias deste santo, que se encontravam em pleno território mouro num promontório junto ao mar, seriam trasladadas para Lisboa. Para primeiro presbítero de S. Vicente, o rei nomeou o prelado Ruardo, ficando assim o novo mosteiro a cargo dos Eremitas Agostinhos flamengos.

Além de honrado, Konrad sentiu-se emocionado: os restos mortais de Johann, que quisera seguir a vida eclesiástica, iriam repousar num mosteiro e monges rezariam pela sua alma. Talvez devesse apresentar-se a D. Afonso Henriques e agradecer-lhe em nome do irmão. Como cavaleiro, era digno de um acto desses. Seria agora a altura certa para revelar a sua verdadeira identidade e as suas intenções a el-rei?

Hesitava. Enquanto ganhava coragem, percorreu a pequena multidão no largo da mesquita com o olhar... Quando viu algo que lhe gelou o sangue nas veias! A cerca de dez passos à sua esquerda, um turbante branco coroava um rosto escuro, no meio do qual brilhavam dois olhos esverdeados!

A respiração de Konrad acelerou e a sua mão direita agarrou instintivamente o cabo do punhal. Os desejos de vingança, entretanto adormecidos, tornaram a despertar e a tomar conta de todo o seu ser. Via Johann a esvaír-se em sangue nos seus braços, os olhos angustiados do miúdo pregados nos seus. Konrad perdeu qualquer sentido de tempo e de espaço, esqueceu-se de tudo o que o rodeava, até da comitiva real.

Os seus pés puseram-se em movimento em direcção ao mouro, a mão segurava o punhal desembainhado à altura do peito. Sem se dar conta dos olhares siderados e das pessoas que se desviavam à sua

passagem, aproximou-se do infiel, até só precisar de estender o braço para lhe trespassar o coração...

Um grito abafado por um véu fê-lo estacar. Konrad olhou para a moça ao lado do mouro, que mirava o seu punhal aterrorizada. Depois desta pequena hesitação, ele já se preparava para tornar a fixar a sua atenção no homem, quando a moça pousou os seus olhos nos dele, olhos que brilhavam em vários tons de castanho, como duas pedras de âmbar.

Konrad ficou-se perplexo. Não era só o brilho e a cor daquele olhar que o prendia. A moura parecia agora surpreendida! Como se o conhecesse, mas se admirasse de o ver ali!

Konrad nem se apercebeu do tilintar dos acicates. Uma mão forte agarrou-lhe o braço e ele nem queria acreditar no que via: era el-rei em pessoa! Os cavaleiros da escolta de D. Afonso Henriques logo se aproximaram, de espada na mão, mas, a um sinal do soberano, tornaram a embainhar as armas. D. Afonso apoderou-se do punhal de Konrad e declarou:

— Não se verterá mais sangue! Konrad, despertado do seu torpor, reagiu:

— Este homem matou o meu irmão!

— O quê? — espantou-se o mouro, que se virou para o rei: — Alteza, não faço ideia a que ele se refere.

— Bandido — rugiu Konrad. — Bem vi como trespassaste o corpo do meu irmão com a tua espada!

— Tens a certeza do que dizes? — perguntou el-rei.

— Foi ele! Sereis capaz de me mostrar um outro infiel com olhos destes?

D. Afonso examinava o mouro, quando falou a moça ao lado dele:

— O meu irmão não é nenhum criminoso!

Todos se viraram para ela, que, sem se intimidar com os olhares masculinos, apontou o indicador a Konrad e acrescentou:

— Este cruzado é um mentiroso!

Os olhos de âmbar encaravam-no desafiantes, Konrad quase explodia de indignação.

— Esclareçamos isto — anunciou D. Afonso. — Conta lá a tua história, cruzado!

Ouviu atentamente o relato e declarou no fim:

— Mentiroso não serás, mas isso não te dá o direito de matares este homem. Ele e o teu irmão encontravam-se no meio de um combate.

— O meu irmão caiu desamparado, sem hipóteses de...

— Devia então ter tido mais cuidado — interrompeu-o o rei. — Ordeno-te que deixes este mouro em paz!

— A minha paz só a encontrarei depois de o ter matado!

D. Afonso olhou-o furioso e Konrad apercebeu-se do seu atrevimento: havia contestado uma ordem do soberano! E antes que se pudesse desculpar, o monarca, que ainda segurava o punhal dele, ordenou a um dos seus fidalgos:

— Tira-lhe a espada e prende-o, até que os seus compatriotas se façam ao mar! Nessa altura, devolve-lhe as armas e assegura-te de que ele seguirá viagem com os outros.

— Assim farei, meu rei e senhor — retorquiou o fidalgo e, a um sinal seu, dois cavaleiros agarraram Konrad pelos braços, um terceiro apoderou-se-lhe da espada.

Deus do céu, pensou ele, como me meti numa alhada destas? Vim aqui com a intenção de agradar ao rei e afinal ele manda-me para o calabouço e expulsa-me da sua terra. O que será da Ausenda e da criança?

D. Afonso já lhe havia virado as costas e os dois cavaleiros arrastavam-no com eles. Konrad titubeou:

— Mas eu... só queria...

— Esperai!

Todos estarreceram. Konrad abriu os olhos de espanto, ao constatar que o autor deste comando fora Arnulf de Aarschot, que se aproximava agora d'el-rei, juntamente com um prelado alemão, que serviria de tradutor. O comandante, ao contrário de muitos dos seus soldados que tinham feito amizade com portugueses, não dominava os dialectos latinos que se falavam por estas paragens. Konrad ouviu surpreso como Arnulf pedia clemência por ele.

— Ridículo — atirou D. Afonso. — O homem apenas ficará encarcerado por uns tempos, para que arrefeça os seus ímpetos. Depois, é livre de seguir com os outros.

— Mas aí é que está o problema, alteza — retorquiu Arnulf. — Ele pretendia ficar aqui.

Konrad sentia a esperança crescer dentro dele, enquanto o prelado traduzia estas palavras para latim, mas o rei replicou impaciente:

— Ele próprio não soube aproveitar a oportunidade.

— Mas...

— Esta conversa acabou — vociferou D. Afonso.

Mais uma vez, Arnulf de Aarschot espantou os presentes ao ajoelhar-se perante o monarca:

— Desculpai se insisto alteza, mas devíeis saber que este homem vos prestou um grande serviço.

O comandante alemão contou como Konrad havia evitado, no último momento, o assalto ao acampamento português.

D. Afonso olhou-o surpreendido e tornou a vir ter com ele:

— Como te chamas?

— Konrad.

— E o que é que tu fazias na tua terra?

— Trabalhava numa ferraria.

D. Afonso lançou-lhe um olhar desconfiado:

— Tens em teu poder uma espada e um punhal valiosos. Acaso roubavas os clientes?

— Não, eu nasci filho de cavaleiro... e também o sou! Expressões de espanto fizeram-se ouvir por entre a multidão boquiaberta. O monarca arqueou as sobranceiras surpreso. Konrad prosseguiu:

— O meu pai perdeu o seu feudo num torneio de cavalaria, morreu pouco depois e deixou-nos, a mim e ao meu irmão, na miséria.

D. Afonso observou-o pensativo e dirigiu-se depois ao mouro:

— E tu, quem és?

— Rashid Ibn Malik Ibn Danaf — respondeu orgulhoso. E, depois de uma curta hesitação, acrescentou: — Filho de um dos mercadores mais ricos de Lusbuna!

— Não me digas — replicou D. Afonso. Em seguida, exigiu que as armas de Konrad lhe fossem devolvidas e ordenou:

— Rashid, tu vais-nos mostrar onde era a casa do teu pai!

Depois de trocarem olhares perplexos, os irmãos mouros obedeceram, seguidos por Konrad, o rei e uma pequena multidão. Enquanto caminhava, Konrad observava o par à sua frente e lembrou-se do que o ferreiro Otmar em certa ocasião proferira: "Os sarracenos escondem a beleza das suas mulheres de sangue quente atrás de véus.". E tornou a lembrar-se dos olhos de âmbar...

Mas que ideias se lhe metiam na cabeça? Ela era afinal a irmã do homem que matara Johann!

O mouro parou, apontou para uma travessa e anunciou:

— Morávamos aqui.

Por ordem d'el-rei, abriu-se a porta. Depois de passar um corredor curto, Konrad constatou admirado que não era só na alcáçova que existiam jardins.

El-rei aproximou-se do repuxo no centro e suspirou:

— Estes jardineiros mouros são verdadeiros artistas.

Sem saber porquê, Konrad olhou para a moura. Os olhos de âmbar haviam escurecido, fixavam o repuxo numa tristeza infinita.

E um desassossego apoderou-se do cruzado, parecido com o que sentia quando ouvia os cânticos saudosos dos infiéis.

— Vem comigo Konrad — exigiu D. Afonso e os dois deram uma volta rápida pela casa.

— Agrada-te? — perguntou o monarca, quando ainda se encontravam a sós, no salão principal.

— Confesso que nunca tinha visto uma casa tão bonita.

— E eu já agora confesso que, à semelhança dos outros reis hispânicos, tento imitar na minha corte a luxúria e a decoração dos palácios mouros.

— É mesmo?

— Para desagrado da Igreja — acrescentou, com um travo de ironia, — que aí vê o pecado da vaidade e da luxúria.

Depois de um curto silêncio, el-rei declarou:

— Esta casa pertence-te, cruzado Konrad!

— Oh eu... eu nem sei o que dizer...

— As jóias, as baixelas em ouro e prata e os brocados foram levados para a alcáçova. Mas podes ficar com os móveis e os tapetes de seda que aqui se encontram. — Depois de uma pausa, acrescentou: — Como os outros que aqui ficam, tens ainda direito a

terras. Escolhe umas vinte jeiras nas redondezas e vai depois ao castelo falar com os meus funcionários, para que eles tratem dos documentos necessários.

— Assim farei. Agradeço-vos muito, alteza.

D. Afonso mirou-o novamente dos pés à cabeça.

— Tens realmente postura de cavaleiro e Arnulf gabou-te a voz de comando e a oratória. Talvez um dia te dê um grande senhorio e te faça meu vassalo, precisarei de novos guerreiros neste reino que vai crescendo. Mas terei de te conhecer melhor, tens que me provar que mereces uma honra dessas.

— O meu maior sonho é ser um cavaleiro de pleno direito e provar--vos-ei que mereço a honra de me tornar num vassalo real.

— Muito bem. Mas há ainda algo que exijo de ti.

— Falai, alteza.

— Regressemos ao jardim.

Na presença de todos os outros, el-rei declarou:

— Konrad, terás de esquecer a tua vingança e jurar deixar o mouro Rashid viver em paz!

Ele e o mouro trocaram olhares hostis. Konrad sentia-se incapaz de cumprir a jura exigida pelo monarca. Mas, seguindo mais uma vez um impulso inexplicável, fixou a moura e foi incapaz de desiludir a expectativa que lhe via no olhar:

;e aos seus cavaleiros: nos ao caminho. Tenho convidados à espera na alcáçova.

Uma vez sozinho, Konrad voltou ao salão e novamente admirou os tapetes de parede e os do chão. Depois, abriu um dos armários e deparou com copos e uma elegante garrafa. O seu pai nunca possuía garrafas ou copos de vidro!

Em seguida, entrou na sala onde vira os livros. Eram pelo menos cinquenta! Perguntava-se para que é que alguém precisaria de tanto livro, quem tencionaria ler aquilo tudo? Agarrou num e abriu-o. As folhas não eram de pergaminho. Já ouvira dizer que os sarracenos possuíam um material chamado papel, mas nunca o tivera diante de si. Era brilhante e extremamente flexível. Konrad apalpou as folhas com cuidado, pois rasgavam-se facilmente. O Johann é que gostaria disto, pensou. Estes livros também estavam ilustrados, mas não com figuras humanas ou de animais, como os dos cristãos.

Percorreu as várias divisões e não parava de se admirar com os pequenos arcos na habitual forma de ferradura, que encimavam algumas portas e que assentavam em elegantes colunas de madeira. Também a decoração no estuque à volta de portas e janelas o impressionava. Distinguia motivos florais, padrões geométricos e estrelas, que infinitamente se repetiam, mas também símbolos que ele não identificava.

Muitos quartos, sobretudo no primeiro andar, estavam separados uns dos outros por cortinas leves e coloridas, sobre os leitos repousavam almofadas sem fim. Deixou-se cair numa dessas alcovas confortáveis. Um aroma a alfazema e a rosas envolveu-o, algumas das almofadas continham no seu interior ervas e flores secas.

Suspirou encantado. E perguntou-se se a irmã de Rashid teria dormido naquele leito. Os seus dedos deslizaram por cima de uma almofada de seda vermelha e, mais uma vez nesse dia, se lembrou dos cânticos mouros. Será que a moça também sabia cantar?

Levantou-se num salto.

O que é que o levava a sonhar com aquela moura, que o acusara à frente de toda a gente de ser mentiroso? Nem sequer lhe vira o rosto. Devia ser bem feia!

No quarto ao lado desta câmara, descobriu uma grande tina forrada a azulejos. Seria uma tina de banho? Nesse caso, porque é que se tinham dado ao trabalho de decorar os azulejos? Aos mouros não chegavam as habituais cubas de madeira para chapinharem na água, onde, entre os cristãos, até reis e imperadores se banhavam?!

A barriga começou-lhe a dar horas. E mal podia esperar para contar as novidades aos amigos.

15

Julião e Tomé já haviam informado Ausenda, Hadwig e Gunther sobre o que se passara na praça da mesquita, de maneira que todos esperavam cheios de impaciência por Konrad. E arregalaram os olhos, quando este os pôs a par das novidades. Na casa havia espaço para todos, dizia ele. Alugaria divisões no rés-do-chão ao Julião, onde este poderia montar a ferraria.

— E tu — disse, dirigido a Tomé, — cozinharás para nós. Receberás um salário e terás aposentos de graça.

— Combinado.

— Não sei se me dará jeito morar na tua casa — disse Gunther. — Depende de onde ficarem as minhas terras. Além de que planeio construir o meu próprio lar.

— Se os nossos terrenos fizerem fronteira — replicou Konrad — e não se situarem longe da cidade, poderás também morar connosco, enquanto não tiveres a tua casa. E ajudar-nos-emos mutuamente a tratar das terras.

— Sim, vendo as coisas por esse lado...

— Teremos que contratar gente. Nas aldeias há-de haver quem procure trabalho. — E como lhes pagaremos no início?

— Vendemos tapetes de seda. Valem bom dinheiro e há montes deles na casa.

— Já quase acho uma pena ter que seguir viagem — lamentou Hadwig.

— É claro que morarás connosco, enquanto aqui estiveres — replicou Konrad.

— E quando nos mostras a casa? — perguntou Grather.

— Mais tarde. Primeiro quero ir ao castelo agradecer a Arnulf de Aarschot. Se não fosse ele, estava neste momento no calabouço.

Assim que Arnulf soube que Konrad lhe queria falar, permitiu-lhe acesso aos seus aposentos. E, depois de uma conversa amigável, em que o comandante lhe elogiou os valores morais, ao saber que ele

ficava em Portugal para criar o filho do irmão, Konrad procurou os funcionários d'el-rei. Estes não só lhe asseguraram que os documentos estariam prontos dentro de dias, como o informaram de que teria direito a ficar com dois cavalos e um burro, que haviam pertencido ao mercador mouro e que deveriam ser belos animais, pois tinham sido poupados durante o cerco.

Konrad, que mal acreditava na sua sorte, informou-os da sua intenção de montar uma ferraria para um amigo português e perguntou se teria direito ao equipamento necessário. Sim, disseram os funcionários, com certeza se arranjará alguma coisa.

Konrad regressou satisfeito à companhia dos seus amigos:

— Esta noite, nenhum de nós dormirá numa tenda. Mudemo-nos para a nossa casa nova!

— Para que é que queres tantos canteiros? — perguntou Tomé. — Capoeiras seriam mais úteis.

— És capaz de ter razão — replicou Konrad.

— Talvez não fosse má ideia criar também uns porcos — propôs Gunther.

— Veremos se na Primavera há leitões à venda. Entraram na maior divisão da casa e Konrad anunciou:

— Esta é a sala principal, onde comeremos e onde receberei as visitas.

— Temos que construir cadeiras e uma mesa de jeito — sugeriu Julião.

— Porque raio usam os infiéis mesas tão baixinhas? — admirou-se Gunther.

— Ora — retorquiu Hadwig, — eles não se sentam nas almofadas?

— Eu tiraria os tapetes do chão, que se sujam depressa — atalhou o ruivo. Levantou um deles e acrescentou: — Olhem que ladrilhos bonitos! Quem é que precisa dos tapetes? Mais vale espalhar um pouco de palha por aí.

— Muito gostaria de saber — atirou Hadwig, — como é que os infiéis conseguem manter os tapetes tão limpos.

— Talvez tivessem criados só para isso — sugeriu Konrad.

— Mesmo assim — retorquiu o loiro a abanar a cabeça. — Como se ossos e restos de comida nunca tivessem caído neste chão!

— Como é que eles alimentam os cães? — soltou Gunther.

— Não mantêm animais em casa — respondeu Julião. Os portugueses conheciam um ou outro pormenor sobre a vida dos mouros.

— É verdade — concordou Konrad. — Também os cavalos e o burro que el-rei me deu se encontram noutra parte da cidade. Anda Julião, que eu mostro-te onde montarás a tua ferraria.

Entraram na biblioteca, que, como todas as divisões do rés-do-chão, possuía uma porta directamente para o jardim.

— Valha-nos nosso Senhor — lançou Gunther. — O que iremos fazer a tanto livro?

— Mudamo-los para um quarto que não usemos — respondeu Konrad.

— Para quê? Ah é verdade, tu sabes ler alguma coisa! Pois vai precisar de muito tempo para...

— Essa escrita esquisita eu não sei ler.

— Então, é livrarmo-nos logo da tralha!

Konrad, que tinha a certeza de que Johann guardaria os livros, tornou a recusar a proposta do ruivo, que retorquiou irritado:

— Como queiras. Afinal, tu é que és o dono da casa. Percorreram o rés-do-chão, onde Gunther, Julião e Tomé ficariam

instalados. Admiraram as câmaras com as suas alcovas de luxo e espantaram-se com a sala dos banhos que tinha até uma lareira. Sobre esta, havia uma caldeira pendurada a uma corrente que saía da chaminé. Assim se aquecia a sala e a água ao mesmo tempo. Chegados ao primeiro andar, Konrad disse:

— Irei servir-me da câmara maior, ao fundo do corredor. — Dirigiu-se a Ausenda: — E tu dormirás nesta aqui.

— Este quarto é para mim? — Os olhos de Ausenda brilhavam de entusiasmo pela primeira vez depois da morte de Johann. — Posso mesmo dormir numa destas camas, com todas estas almofadas macias?

Konrad olhava desagradado para a cortina à entrada e declarou:

— Construiremos aqui uma boa porta!

— Para quê? — perguntou ela.

— Para que estes rufias não se ponham com ideias!

— Não te preocupes — atalhou o ruivo cínico. — Construiremos aí uma porta tão pesada, que a Ausenda só a conseguirá mover com a ajuda de um exército.

Konrad não achou graça, mas já Ausenda anunciava:

— Já não saio daqui. Estou tão cansada.

— Calha bem — retorquiu e, virando-se para os outros: — Vejamos a cozinha!

Pelo caminho, Hadwig perguntou:

— Já reparaste que só há fogueiras nas salas de banho?

— E não é que tens razão? — espantou-se Konrad. — Fartar-nos-emos de tiritar no Inverno.

— Pensei que nesta terra não fazia frio — atirou Gunther.

— Talvez não tanto como na vossa — esclareceu Julião, — mas que dá para tiritar, lá isso dá.

— E como é que os infiéis se aqueciam? — retorquiu o ruivo. — Terão as mulheres deles sangue tão quente, que incendeiam as camas?

Desataram às gargalhadas, até que Tomé replicou:

— Sempre ouvi dizer que os mouros possuem braseiros em cobre, que transportam para os quartos a aquecer.

— Na ferraria teremos que construir um forno — lembrou Julião.

— A chaminé transportará calor para o andar de cima.

— É verdade — confirmou Konrad e acrescentou: — Nos aposentos privados chegarão os braseiros, mas não prescindo de uma grande lareira no salão.

— Pelo menos na cozinha tem que haver uma lareira — lembrou Tomé.

Havia, mas não era tão grande como eles tinham pensado. Gunther admirou-se:

— Os mouros não assam leitões ou caça grossa no espeto?

— Carne de porco não comem — esclareceu Julião. — A sua religião proíbe-os.

— De resto — acrescentou Tomé, — cozinham em potes de barro. Estufam mais do que assam, mesmo o cabrito, por eles muito apreciado.

— Olha, um alçapão — reparou Hadwig. — Cá está o depósito subterrâneo!

— Onde se escondem os tesouros — completou Gunther, de olhar cobiçoso.

Lá dentro, havia bilhas de azeite, quase vazias, e um pequeno cesto com grãos de trigo, mais nada.

— Então onde é que está o teu tesouro, Gunther? — troçou Hadwig.

— Talvez debaixo do chão. Examinaram o solo e Konrad concluiu:

— Há décadas que ninguém cava neste chão de terra batida. Além disso, não há mais nenhum alçapão, nem sequer uma pequena abertura.

Gunther mostrava-se desiludido e Konrad atirou:

— Esquece os tesouros, homem! Vamos mas é pescar alguma coisa para a ceia. Com a fome que sinto, os peixinhos vão-me ser mais valiosos do que ouro e prata.

No dia seguinte, Konrad examinou entusiasmado os dois cavalos que lhe pertenciam. Selou o mais novo, um castanho musculoso, e afastou-se a galope da cidade. Há muito tempo que ele não se sentia tão livre e feliz, nem se deixava irritar pelo céu encoberto. Fora afinal educado para lutar a cavalo, houve uma altura na sua vida que passava mais tempo a cavalgar do que a caminhar. No início, o animal estranhou o cavaleiro desconhecido, mas o talento de Konrad depressa fez com que os dois encontrassem a sua harmonia, atravessando as colinas a galope, em direcção à costa. O cavalo parecia incansável. Konrad já ouvira falar das qualidades das cavalgaduras dos infiéis, mas esta era ainda melhor do que imaginara. Era pequena, mas em contrapartida ele nunca montara nenhuma que fosse tão ágil.

Três horas mais tarde, chegaram ao cabo onde a costa interrompia a linha norte-sul, fazendo uma curva para leste, permitindo que o oceano se aproximasse do Tejo. Konrad desmontou para que o cavalo pudesse descansar, afagou-o e aproximou-se do precipício.

O vento soprava, as ondas chicoteavam as rochas abaixo dos seus pés, gotículas salgadas salpicavam-lhe as faces. Konrad inspirou o ar carregado de iodo. O oceano estendia-se até ao horizonte... E ele deu-se conta que avistava o fim do mundo! Sempre ouvira dizer

que a Terra era uma superfície rodeada pelo oceano, em cujo centro se encontrava Jerusalém. Partindo deste sítio, o fim do mundo parecia ser fácil de atingir.. Esta ideia começou a assustá-lo e, enquanto pedia a Deus que o protegesse de tais perigos, afastou-se do precipício. Abrigou-se do vento atrás duma rocha e, rodeado de tomilho e medronheiros, comeu o seu farnel, enquanto o cavalo pastava.

De regresso à cidade, conduziu o animal num trote sem pressas, apesar da chuva miudinha que começara a cair, pois pretendia observar a região.

Cinco milhas a noroeste de Lisboa deparou com uma seara abandonada. Devia ter pertencido a algum mouro que morrera durante o cerco, ou que teve que a deixar. Konrad cavalgou ao longo da seara, que se alongava para norte, sobre duas colinas. Atingiu um vale de pastagens e viu à sua frente uma encosta cheia de videiras, também abandonadas. Tenho que mostrar isto ao Gunther, pensou, nestas terras cultivaríamos trigo e vinho e alugariamos as pastagens. O seu cérebro fervilhava de planos e ele nem se dava apercebia de que estava molhado até aos ossos.

Transformar-se-ia num senhor rico e o rei haveria de fazer dele um seu vassalo. Casaria depois com uma fidalga e constituiria família. E talvez um dia tivesse posses suficientes que lhe permitissem viajar à sua terra, a fim de a mostrar aos seus filhos.

Gunther agradou-se das terras e, passados três dias, os dois tinham tratado de todas as formalidades necessárias para que se tornassem donos delas.

Também na casa se trabalhava afincadamente. Uma semana mais tarde, tinham construído uma grande mesa e cadeiras, vendido tapetes aos fidalgos portugueses, recebido equipamento para a ferraria e começado com a construção de um forno e de uma grande lareira.

16

Aischa sonhara novamente com o cruzado! Começava em jeito de pesadelo: ela e Rashid fugiam de um gigante de cabelos loiros, que os queria trespassar com um punhal. Mas, ao virar-se para trás, ela deparava com os olhos azuis acinzentados, que na praça da mesquita lhe tinham deixado os joelhos fracos. Assim se sentia incapaz de resistir ao cruzado e parava, deixando Rashid fugir sozinho. Dava-se conta, porém, de que o cruzado se encontrava mais longe do que ela pensava. Aischa via-se de repente sobre as muralhas de Lusbuna, observando o estrangeiro que lavava a cara no esteiro. Seguindo um impulso irresistível, ela lançava-se na sua direcção... mas ele desaparecia e ela caía desamparada... até que acordava aflita.

Ainda bem que partimos amanhã, pensou ela naquele dia.

Na companhia de dois criados do tio Yussuf, Abu havia chegado na véspera, com duas carroças puxadas por cavalos. Malik Ibn Danaf ficara em Batalyawas a descansar, pois a viagem a pé, durante três dias e duas noites sem dormir, tinha-o arrasado.

Aischa ainda tinha contudo uma tarefa importante a cumprir: recuperar a cruz de esmeraldas! Ao fim e ao cabo, uma família arruinada como a dela não deveria desperdiçar tal preciosidade. O objecto parecia atraí-la... como os braços do cruzado, nos seus sonhos.

Na verdade, a oportunidade que se lhe oferecia parecia-lhe ser o sinal de Alá, pelo qual ela esperara: estava-se a 1 de Novembro, Todos os Santos para os infiéis, e o novo bispo de Lusbuna iria, numa missa solene, purificar a mesquita aljama. Um sacrilégio, aos olhos dos muçulmanos, mas Aischa sentia que lhe era oferecida uma oportunidade de beneficiar de tal acto: todos os cristãos de Lusbuna assistiriam à missa e também a antiga casa de seu pai ficaria vazia.

Alá, que já havia concedido dois milagres à sua família, haveria de a proteger até ao fim.

Depois do desjejum, Flora e a criada moura Bedur foram mandadas buscar água. Aischa ofereceu-se para as acompanhar, o que provocou protestos das duas esposas de seu pai. Mas os dois irmãos, os únicos que realmente a poderiam proibir de ir, encontravam-se de visita ao cunhado Suleiman.

As três tinham chegado ao esteiro, quando Aischa se queixou de dores de barriga.

— O melhor é ir-me deitar. — disse.

— E eu acompanho-vos. — replicou Flora.

— Não é preciso, não é tão longe como isso. E como é que a Bedur sozinha há-de transportar as bilhas cheias de água?

Flora ainda hesitou, mas acabou por ficar com a outra.

Aischa pôs-se a caminho do arrabalde, mas, em vez de ir direita à casita que lhes servia de abrigo, subiu as ruas íngremes, até chegar à bâb al-khawka, ou Porta da Alfafa, como os cristãos lhe chamavam. Não entrou na cidade, antes percorreu o caminho que circundava o monte da alcáçova pelo poente e norte, atingindo a encosta leste da fortaleza. Ali se lhe deparou um cenário que a fez arquejar perplexa: o cemitério islâmico havia sido arrasado pelos cruzados! As sepulturas estavam escavacadas, as pedras tumulares, muitas delas danificadas, espalhavam-se pelo terreno, assim como caveiras e outros ossos humanos.

Por Alá, o que os levou a fazer isto? Andariam à procura de objectos valiosos? Não saberão eles que os muçulmanos, por mais ricos que sejam em vida, são sepultados sem haveres, envoltos apenas num lençol e metidos num caixão simples, a fim de que nos lembremos de que somos todos iguais perante Alá? E a campa da minha mãe, em que estado a deixaram estes selvagens?

Aischa dirigiu-se à sepultura de coração angustiado.

Mas a campa de Zubaida estava intacta! A sua volta amontoavam-se lápides danificadas, mas a dela mantinha-se ilesa, com a sua inscrição: Tudo quanto existe sobre a Terra está destinado a desaparecer. Só Alá é eterno. Como se Zubaida tivesse gritado aos cruzados: não danifiquéis a minha sepultura, sou cristã como vós!

Aischa paralisou alguns momentos, fixando a pedra tumular. Os caracteres árabes pareciam-lhe dançar diante dos olhos. E a presença da mãe tornou-se forte, tão física, que a moça perguntou alto:

— Diz-me mãe: faço bem em ir buscar a cruz? Regressarei sã e salva?

Não obteve resposta, o silêncio tornou a envolvê-la. Aischa sentiu-se tonta, fechou os olhos... e a voz de Zubaida soou-lhe na cabeça:

— Não percas mais tempo, Aischa! Vai filha, vai!

Abriu os olhos sobressaltada e levou a mão à testa suada. O sol ia aquecendo, mais do que seria de esperar numa manhã de Novembro, e Aischa despiu o manto, que a incomodava. Lembrou-se então de que aquela peça de roupa, além de ser quente, a poderia atrapalhar nos seus movimentos e, antes de se dirigir à Porta do Almocavar, escondeu-a entre um monte de lápides danificadas.

Assim se dirigiu à cidade, envergando uma larga túnica de linho grosseiro, que quase lhe chegava aos pés, por baixo da qual trazia umas calças igualmente largas. Um véu negro cobria-lhe a cabeça e o rosto. Preocupava-se com a reacção da sentinela, apesar de, por ordem de Ibn Errik, os soldados serem tolerantes com mouros e judeus.

A sentinela logo lhe perguntou o que é que ela ali queria. Aischa fingiu não saber falar bem o dialecto latino e, à mistura com árabe, balbuciou algo sobre pretender despedir-se de uma antiga criada moçárabe, pois partiria no dia seguinte para longe. O soldado mirou-a da cabeça aos pés. Ela afigurou-se-lhe com certeza inofensiva, pois ele acabou por encolher os ombros e deixá-la passar.

Aischa desceu as ruelas até à zona da Porta de al-hammã, mantendo-se longe da mesquita. Perto da sua antiga casa, tornou a parar e observou a rua. Também aqui estava tudo sossegado, a missa já começara. Aischa cruzou as pontas do seu véu à volta do pescoço e amarrou-as num nó bem apertado, para que ele não se deslocasse ou lhe caísse, caso precisasse de fugir.

Chegada à entrada da casa, encostou uma orelha à porta. Estava tudo tão sossegado, que se diria que, não só a casa, mas a cidade inteira fora abandonada. Levantou a túnica, tirou a chave que tinha entalado no cinto das calças, abriu a porta, dirigiu-se ao jardim pé ante pé... e quase lançou um grito de horror! Os azulejos, que haviam ladrilhado os caminhos entre os canteiros de flores,

amontoavam-se em vários cantos. O repuxo não funcionava. E os cristãos construíam algo que lhe parecia serem capoeiras!

Por Alá, o que fazem à nossa casa? Não resistiu à tentação de dar uma olhadela ao salão, apesar de não dever perder tempo.

Também lá ficou horrorizada: em vez de tapetes de seda, havia palha seca no chão. Uma mesa gigantesca, rodeada de cadeiras grotescas, atravancava a sala. A parede do seu lado esquerdo estava arruinada, pedras amontoavam-se. Também ali os infiéis construíam algo... uma lareira?

Um pressentimento atingiu-a: será que aqueles analfabetos tinham ousado destruir a biblioteca? Depois de uma curta hesitação, resolveu ir ver. Antes não o tivesse feito. A biblioteca estava irreconhecível, tantos eram os destroços. Em vez de livros, viu ferramentas e uma bigorna!

Regressou ao jardim e encostou-se a uma parede, respirando fundo. Quando se recompôs, tratou de ir à cozinha, pois já perdera imenso tempo.

Pelo menos, ali não mudara grande coisa. Na lareira, onde ardiam umas brasas, encontrava-se uma das panelas de barro vermelho com bojo estriado que a sua família fora obrigada a deixar. Levantou o testo, mas logo o cheiro do toucinho a repeliu. Aproximou-se do alçapão e, assim que entrou no depósito, fechou-o, para se sentir mais segura. Sabia que penetrava luz suficiente por entre as tábuas da porta.

No canto certo, contou, a partir da direita, seis tijolos e depois sete para cima. No entanto, quando quis abrir o buraco, deparou com uma resistência inesperada. Arquejou perplexa. Parecera tão fácil quando a sua mãe o fizera!

Manteve a calma, tornou a ir à cozinha e munuiu-se de uma grande colher de pau. Bateu com ela contra o tijolo, até que este cedeu. Tirou o outro à esquerda, enfiou a mão no buraco e logo deu com a caixa. Abriu-a e deparou com a bolsa de linho, em cujo interior se encontrava a cruz!

Aischa admirou o ouro e as pedras preciosas... e quase não controlava a sua alegria: consegui! Obrigada minha mãe, obrigada!

Resolveu não levar a caixa consigo, apenas a bolsa de linho, onde meteu a chave, junto com a cruz. Agora, só precisava de sair dali o

mais depressa possível. Amanhã, partiria para Batalyaws e mal lá chegasse, daria a cruz ao pai e contar-lhe-ia toda a história, embora tivesse prometido à mãe não o fazer. Mas a família encontrava-se numa situação desesperante e a peça valiosa aliviaria as dívidas que o pai se via obrigado a fazer junto do irmão. Começariam uma vida nova! E esqueceriam os horrores do cerco de Lusbuna!

Preparava-se para subir a escada do alçapão... quando ouviu ruídos vindo do jardim. Passos aproximavam-se da cozinha!

Ala me proteja!

Pensou depressa: se fosse apanhada, ninguém deveria descobrir o tesouro nela. Devolveu a caixa ao buraco com a cruz novamente lá dentro.

Entretanto, já alguém andava na cozinha. Ainda bem que o alçapão estava fechado. Mesmo assim, Aischa agachou-se atrás de umas bilhas de barro.

Durante algum tempo, ouviu atentamente o que se passava por cima dela. Só distinguia uma pessoa, que parecia atarefada, e respirou fundo. Nem tudo estava perdido. A cozinheira, ou cozinheiro, regressara pelos vistos antes dos outros, a fim de vigiar a sopa que deixara na panela e preparar o resto do almoço. Mais tarde, quando todos estivessem a comer no salão, sentados à volta da mesa grotesca, ela teria oportunidade de tornar a apoderar-se da cruz e de se esgueirar pelo jardim.

Relaxou, preparando-se para a espera. Mas de repente o alçapão abriu-se!

Aischa obrigou-se a prender a respiração, apesar do nó que dera para segurar o véu parecer esganá-la. Por entre as bilhas, viu um homem baixo e magro, de caracóis escuros, a descer a escada e a aproximar-se de uns alhos pendurados. Depois de ter cortado duas cabeças, ele dirigiu-se novamente à saída.

A moça acalmou-se. Mas o homem parou a meio da escada, observando intrigado a parede onde a caixa estava escondida! Será que, na minha pressa, não tapei tudo como devia ser? Apercebeu-se porém de que ele não observava a parede, mas o chão... onde jazia a colher de pau esquecida!

O homem apanhou-a, olhou à sua volta e lançou receoso:

— Está aí alguém?

Segurava a faca na mão, com a qual cortara as cabeças de alho. Não era grande, mas ainda assim uma arma.

— Está aí alguém? — repetiu e, embora hesitante, começou a examinar os cantos.

A minha única possibilidade, pensou ela, é fugir enquanto ele se encontra longe de mim... e rezar para que suba a escada mais depressa do que ele.

A escada encontrava-se no meio da divisão, Aischa à esquerda desta. O homem estava agora de costas voltadas, para procurar do outro lado. Ela deixou o esconderijo e correu para a saída.

— Mas que diabo... — praguejou ele ao virar-se.

Ela estava praticamente na cozinha, já só tinha dois degraus para vencer, quando ele a agarrou por um pé e a puxou. Perderam os dois o equilíbrio e Aischa caiu por cima dele. Felizmente, a faca escapou-se-lhe da mão e só se imobilizou a uns dois passos de distância.

Ela tentou levantar-se, mas o cozinheiro agarrou-a por um braço, rugindo:

— Seu danado!

Toma-me por um homem, pensou ela com um certo alívio. Na sua tentativa de se libertar, a chave caiu-lhe do cinto. Ele agarrou-lhe os braços com violência e, logo a seguir, as costas dela bateram com força na terra batida. Ela abafou um grito de dor, para que ele não descobrisse que lutava com uma mulher.

Ele sentou-se por cima dela e Aischa viu horrorizada como ele levantava a túnica e mexia no cordel que servia de cinto às suas bragas... e que ele usou para lhe prender os pulsos.

— Bandido — rosnou ele, ao levantar-se. Aischa não se atrevia a mexer-se.

— Onde diabo arranjaste esta chave?

Ela manteve-se calada. O cozinheiro acabou por se afastar dela, mas, depois de apanhar a faca, aproximou-se novamente. Aischa sentiu-se entrar em pânico.

Ele limitou-se porém a agitar a faca no ar, enquanto berrava:

— Devia era cortar-te a goela, seu desgraçado, mas deixo o teu castigo a cargo do dono da casa. Tapaste-te bem! Mas fica descansado, havemos de trocar do teu focinho estúpido!

Subiu a escada às gargalhadas e fechou o alçapão.

As costas doíam-lhe, o chão debaixo delas era frio. O que lhe aconteceria, quando o cozinheiro regressasse com o dono da casa? Este homem de caracóis era um português. Queria isso dizer que a casa já não pertencia ao cruzado Konrad? Teria ele afinal resolvido continuar a sua viagem?

Aischa suava frio, o nó do véu abafava-a. Enquanto pensara que, no caso de ser apanhada, o seria por esse Konrad, não sentira grande medo. Porquê, não sabia. Mas fora essa no fundo a razão que a levava a cometer esta loucura. Não lhe passara pela cabeça a possibilidade de cair nas mãos de estranhos!

O medo era tanto que se sentiu enjoar e teve que lutar com todas as suas forças contra o vômito.

Assim que o dominou, sentou-se, mas tudo girava à sua volta. Não conseguia controlar o bater dos dentes, a corda à volta dos pulsos cortava-lhe a carne. Apoiada nos cotovelos, rastejou até à parede, onde se encostou.

O que é que eu fiz? Abu tem razão, não sirvo para nada, sou uma desobediente! Havia regressado a esta casa por causa da cruz que pertencera a sua mãe... ou por causa dos cabelos dourados que vira a brilhar ao sol na praça da mesquita?

Envergonhava-se por se ter deixado dominar por impulsos pecaminosos, irritava-a a sua própria estupidez. Tinha com certeza a ver com o sangue cristão que lhe corria nas veias.

Suava e tremia cada vez mais, até que perdeu os sentidos.

O alçapão abriu-se e Aischa piscou os olhos perante o feixe de luz que entrou na cave. Nunca tivera a boca tão seca e o cordel à volta dos pulsos apertava-a tanto, que não sentia as mãos. Viu o cozinheiro a descer a escada.

— Reza pela tua alma, bandido! O dono da casa ficou uma fúria ao saber o que se passou.

Puxou-a pelo cordel, obrigando-a a levantar-se. Ela mal conseguia andar e parara de se perguntar o que lhe aconteceria.

No salão tinha-se acabado de comer. Aischa mantinha os olhos baixos, não se atrevia a encarar fosse quem fosse.

— Aqui está o patife — anunciou o cozinheiro. Deixou-a sozinha no meio da sala e sentou-se à mesa.

— Mas o que é que ele veio aqui procurar? — ouviu um deles perguntar, sem sombra de dúvida, mais um português.

— Talvez tenha fome, vós já reparastes que magricela ele é? Este falava com uma pronúncia esquisita e ela olhou-o esperançada. Mas deu com uma cabeleira ruiva e engoliu em seco de desilusão.

— E onde é que ele arranjou o raio da chave? — perguntou o cozinheiro.

— Se calhar trabalhava aqui — opinou um, cujos cabelos pareciam brancos, apesar de ainda ser novo.

Gerou-se silêncio.

Ela já vira quatro homens, faltava um. Encheu-se de coragem e dirigiu o olhar para a cabeceira da mesa, onde se sentava o dono da casa... E deparou com o cruzado Konrad!

Apesar do alívio, o coração desatou-lhe numa correria e os joelhos falhavam-lhe. Só com grande esforço se manteve de pé.

Konrad levantou-se e, sem tirar os olhos dela, aproximou-se devagar. O de cabelos brancos perguntou:

— O que tencionas fazer com ele? Sê clemente, se é que ele tem realmente fome.

Konrad parou em frente dela, observou-lhe os olhos e sorriu cínico:

— Vejamos finalmente o que se esconde por baixo deste véu! Desapertou-lhe o nó, arrancou-lhe o véu... e deu um passo atrás, de respiração contida e olhar esbugalhado, quando os caracóis negros se soltaram.

— Uma destas — exclamou o cozinheiro. — Uma donzela cristã não seria mais bonita!

O outro português, um musculoso de bigode escuro, desatou às gargalhadas:

— Mas que pacóvio que tu me saístes! Não notaste que andavas à pancada com uma coisa assim?

Os outros também se começaram a rir, excepto Konrad, que não parava de a fixar, e o cozinheiro, que replicou em sua defesa:

— A cave é escura... E ela tem umas calças vestidas!

Aischa lembrou-se de que as cristãs nunca usavam calças compridas, só aos homens era permitido o uso de tal peça de roupa.

— Não dá para acreditar — atirou o ruivo. — Uma beleza destas... e o parvo do homem...

Ria-se tanto, que não conseguiu acabar a frase. Konrad virou-se e deu um murro na mesa:

— Chega! Até pareceis uns imberbes que nunca viram um rabo de saias!

Obedeceram-lhe, mais por espanto do que por respeito, e ele anunciou:

— Esta é a filha do mercador mouro que aqui vivia.

— Ah, isso explica a chave — volveu o de cabelos brancos. Konrad virou-se para ela:

— O que é que foste procurar ao depósito?

Aischa encheu-se de coragem. Algo nos olhos do cruzado lhe dizia que ele jamais lhe faria mal:

— Acreditas mesmo que te diria uma coisa dessas?

— Ai és respondona? Estou a ver que tenho que te dar uma lição!

— Pensas que tenho medo de ti?

Ele aproximou-se mais dela:

— Penso!

As pernas tremiam-lhe... mas não de medo. Os olhos dele, que à luz do sol se lhe tinham afigurado azuis, eram agora cinzentos... o que ainda a encantava mais. E o cheiro que dele emanava agradava-lhe, apesar de, como todos os cristãos, ele não usar qualquer tipo de perfume. Aischa via o peito forte à altura dos seus olhos e notou que ele respirava como se estivesse agitado. Teve que baixar o olhar, de contrário, ter-se-ia deixado cair contra ele:

Porque é que o cristão exercia tal efeito nela? Um cruzado, pertencendo a essa horda que tanto sofrimento havia trazido à sua gente! Numa tentativa de se fortalecer com o ódio que sentia pelos invasores, concentrou-se no cordel que lhe cortava a carne dos pulsos e atirou:

— Quem tem medo de quem? Porque é que cinco homens mantêm as mãos de uma mulher presas? Receais que vos transforme em ratos ou coisa parecida? Vós cristãos não passais de uns ignorantes, de uns...

— Estás a ir longe demais, sua desgraçada — soltou o ruivo, levantando-se. — Vais ver a tarefa que eu...

Konrad fê-lo parar. Depois, desembainhou o punhal. Aischa assustou-se, ao lembrar-se de como ele avançara sobre Rashid na praça da mesquita. Mas ele agarrou-lhe as mãos e limitou-se a cortar o cordel.

Os pulsos ardiam-lhe como fogo e ela não conseguiu evitar um gemido. Konrad observou as feridas e, inesperadamente, ralhou ao cozinheiro:

— Mas o que é que te passou pela cabeça?

— Então não sabes? Pensei que fosse um patife. Konrad virou-se para ela e perguntou:

— Queres comer alguma coisa?

De facto sentia fome, mas não comeria nunca da sopa temperada com toucinho. Apesar de também haver pão, queijo e figos sobre a mesa, ela limitou-se a afirmar:

— A única coisa que quero é voltar para junto da minha família. O cruzado arqueou as sobrancelhas de espanto:

— Pensas que, depois de teres assaltado a minha casa, eu te deixo ir como se nada fosse?

Irritou-a a maneira como ele dissera "a minha casa". Replicou:

— Não roubei nada!

— Então porque é que aqui vieste?

— É segredo!

O ruivo intrometeu-se:

— Eu sabia que havia algo escondido nessa cave!

— Ele tem razão? — perguntou Konrad. Ela não respondeu e o outro insistiu:

— Temos que procurar o tesouro!

— E arriscarmo-nos a destruir o depósito, talvez sem razão? — retorquiu Konrad. — Não, eu tenho uma ideia melhor: ela fica aqui até falar!

— Mas eu não posso ficar aqui! Partiremos amanhã para Batalyaws.

— Então diz-nos o que procuraste!

Depois de uma curta reflexão, ela achou que seria melhor desviar--lhes o pensamento da cave:

— Se realmente procurei algo, porque é que haveria de estar escondido no depósito?

— Não foi lá que o Tomé te encontrou?

— Porque me escondi lá, quando ouvi os passos dele. Seja o que for, poderia estar escondido em qualquer canto da casa. E quem vos diz que se trata de algo valioso? Talvez o seja só para mim.

Gerou-se um silêncio perplexo, até que o português de bigode soltou:

— Estas mouras são cheias de truques!

— Esta história é muito simples — sentenciou Konrad. — Ela fica aqui até falar.

— Não me podes manter presa!

— E quem me proibirá?

— Eu não falarei nunca!

— Então não mais sairás daqui — replicou ele, com um sorriso irónico.

Aischa baixou o olhar. Ele deixá-la-ia de facto ir, caso ela dissesse a verdade? Perderia a cruz, mas seria livre de partir com os outros para Batalyaws... e nunca mais o veria!

— A minha família vai-se amanhã embora — repetiu baixinho, como se quisesse convencer-se a confessar.

— Pois irá, mas sem ti! Calha bem. A Ausenda precisa de companhia. De onde surgia essa mulher, assim de repente?

— Quem é a Ausenda?

— Já vais ver. Está recolhida no seu quarto, não se sentia bem depois da missa, nem sequer quis comer. Deve ter estado tempo demais em pé.

— Está doente?

— Não, está prenhe.

Aischa arquejou. Seria o filho dele?

— A Ausenda precisa de uma companhia feminina — insistiu ele.

— Anda, vamos ver se ela já quer comer alguma coisa.

Aischa não se opôs. Já não pensava na família, só queria descobrir quem seria essa mulher.

Antes de deixarem a sala, Konrad lançou aos outros:

— Assim como a Ausenda, também a moura não é para as vossas garras!

Para espanto de Aischa, dirigiram-se à sua antiga câmara. Porém, à entrada, quedou-se atónita perante uma porta grosseira. Konrad

bateu e perguntou:

— Podemos entrar?

— Podem — respondeu uma voz doce.

Ele abriu a porta e Aischa angustiou-se perante a visão de uma moça nova e bonita, sentada em cima da cama que pertencera a sua mãe. Os cabelos negros caíam-lhe brilhantes pelas costas, os olhos doce, de forma amendoada, eram pretos. Konrad disselhe:

— Trouxemos-te de comer.

Pôs o tabuleiro com o pão e o queijo em cima de uma mesinha e Aischa fez o mesmo à tigela dos figos que transportava.

— Obrigada. Estou melhor e começo a sentir fome.

— Ainda bem — replicou ele. Ausenda olhou-a desconfiada e perguntou:

— Quem é ela?

Depois de estarrecer por um momento, Konrad virou-se para ela:

— Como te chamas afinal?

— Aischa.

— É a Aischa — disse ele a Ausenda — e far-te-á companhia.

— Ainda bem. Estou bem farta de estar sozinha, aqui metida neste quarto.

— Quanto menos esses rufias te puserem os olhos em cima, melhor

— replicou ele, severo. Ao sair, ordenou: — Mantende a porta bem fechada!

Aischa sentou-se estafada em cima da sua cama antiga e, pelos vistos, futura.

— Tens um nome bem esquisito — disse Ausenda, observando-a melhor. — E as tuas vestes também são... — Arregalou os olhos. — És uma infiel?

— Sim — suspirou ela, — é assim que vós nos chamais. Ausenda pôs-se de pé e recuou, como se tivesse avistado o diabo, até que foi contra a parede. Aischa perguntou:

— Mas o que é que te contaram sobre nós? Não precisas de ter medo de mim.

A moça não parecia acreditar nela.

— Se te servir de sossego, digo-te que a minha mãe era cristã. Ausenda acalmou-se realmente:

— A sério?

— Eu até sei dizer preces cristãs e conheço muitos dos vossos hábitos. Além disso, sempre viveram cristãos connosco aqui em Lusbuna.

— Esses moçárabes não são como nós.

— Os moçárabes adaptaram-se à nossa maneira de viver. Mas praticam o culto cristão.

Ausenda tornou a sentar-se na cama, pegou numa fatia de pão e num pedaço de queijo e disse, enquanto mastigava:

— O Konrad nunca me exporia a nenhum perigo. Se ele acha que és inofensiva...

— Tu e ele... vós sois... casados?

— O quê? — espantou-se a outra e desatou a rir. — Mas que ideia!

— Quer isso dizer que não foi ele que te emprenhou? Ausenda parou de rir e respondeu entristecida:

— Não, foi o irmão dele que morreu.

O alívio de Aischa logo deu lugar a um certo desassossego, ao lembrar-se de que o irmão de Konrad morrera a combater com Rashid. Manteve-se calada, a fim de esconder a sua ansiedade. Notou porém que Ausenda continuava a comer e acalmou-se, o que lhe permitiu sentir que estava igualmente cheia de fome. Pegou nalguns figos e perguntou:

— Quando nasce?

— Penso que lá para Março ou Abril.

— Tu... amaste muito esse irmão do Konrad?

— Muito... nunca ninguém fora tão bom comigo.

— Não?!

— Foi ele que me tirou do bordel.

— Do bordel?!

Foi a vez de Aischa se levantar assustada e de dar dois passos atrás.

— O que é que tu fazias lá?

— O que é que havia de ser? Dava-me aos homens.

— Tu eras uma rameira? Oh, desculpa...

— Não faz mal.

— Mas tu és... tão nova!

— Tenho catorze ou quinze anos, não sei bem.
— Posso perguntar-te como foste lá parar?
— O meu pai vendeu-me à dona.
— O quê? O teu pai? — Aischa sentou-se ao lado dela. — Como é que ele foi capaz?

— Precisava de dinheiro — respondeu Ausenda, encolhendo os ombros. — Nós éramos muitos filhos. Além disso, gastava muito nas tabernas, estava sempre bêbedo.

— Mas como é que ele pode vender a própria filha a um bordel? Ele não se preocupava com a tua segurança e a tua honra?

— Honra? — Riu-se. — Gente como nós não tem disso. Ele dava--nos é pancada, a mim e aos meus irmãos, quase todos os dias. Não te disse que andava sempre bêbedo?

Aischa sempre julgara que as rameiras o eram por vontade própria, por terem o pecado no sangue. Pelo menos, assim lho tinham dito. A ideia de que uma moça pudesse ser obrigada a exercer tal ofício, era-lhe inconcebível.

Comeram em silêncio durante alguns momentos, até que a moura perguntou:

— Não te era difícil dares-te assim... aos homens...? A outra encolheu mais uma vez os ombros:

— Entre isso e levar pancada todos os dias, venha o diabo e escolha! Pelo menos, no bordel não passei fome.

A consternação de Aischa não parava de crescer. Ausenda acrescentou:

— Não estive lá muito tempo. — Sorriu. — Eu e o Johann fugimos à dona. Deve ter ficado furiosa, nem chegou a recuperar o dinheiro que por mim pagou.

17

Rashid não concebia a ideia de partir para Batalyaws sem Aischa. Mas já procurava há horas pela cidade e os cristãos olhavam-no cada vez mais desconfiados. Resolveu encaminhar-se para a Porta do Almocavar, onde o irmão o esperava junto com os dois criados do tio.

Por vontade do irmão mais velho, nunca teriam procurado Aischa. Tinham sido obrigados a adiar a sua viagem e Abu achava que a moça não merecia tanto deferimento. Na sua opinião, o sangue cristão que lhe corria nas veias corrompia-lhe o cérebro. Só as lágrimas de Jamila o tinham levado a concordar com a busca.

Um dos criados segurava um manto escuro e Abu anunciou:

— Encontrámos isto. Penso que talvez pertença a Aischa. Rashid examinou-o e disse, com um nó na garganta:

— Sim, é dela. Onde o encontraram?

— Por baixo de um monte de lápides que esses cães majus destruíram. Ali perto da campa da mãe dela.

— Isso não me agrada nada. Ela veio com certeza despedir-se da mãe ao almocavar e alguém a assaltou pelo caminho!

O irmão fungou irritado:

— Porque é que ela não nos disse que queria cá vir?

— Talvez quisesse estar sozinha e nós nunca teríamos autorizado uma coisa dessas.

— E com razão. Se foi isso de facto o que aconteceu, só prova que ela foi atrevida e inconsciente. Como sempre! O pai deveria ter sido mais severo com ela.

Rashid manteve-se calado e Abu anunciou:

— Teremos que partir sem ela!

— Já pensaste como o pai se irá sentir, quando chegarmos a Batalyaws sem a Aischa?

— Eu sei que ele tem um fraco por ela... a filha da bruxa cristã que o enfeitiçou.

— Acaba com isso!

— Seja como for, o que queres que façamos? Adiar a viagem, sabe-se lá por quanto tempo, para teimar numa busca que não dará em nada? Não estamos em posição de calcorrear as ruas de Lusbuna, abaixo e acima, a nosso bel-prazer. Além disso, as nossas mães e restantes irmãs já foram obrigadas a dormir no chão e a prescindir dos seus banhos há tempo demais. Viremos as costas a esta maldita cidade!

Rashid sabia que não lhe adiantava contestar uma decisão do irmão mais velho, o representante do pai na ausência deste. Mas ao serão dirigiu-se à casa que coubera em sorte ao cunhado Suleiman. O marido da sua irmã Fátima, também um mercador, tencionava ficar em Lusbuna. Como muitos outros, mantinha a esperança de poder retomar os seus negócios, assim que os cruzados tivessem partido e a vida adoptasse um ritmo normal. Os mouros haviam-se aquartelado no antigo bairro de Alcamim provisoriamente, pois planeavam construir casas novas e até uma mesquita. O rei português concedia-lhes essa liberdade, conquanto eles se mantivessem fora das muralhas.

Rashid pediu permissão ao cunhado para falar a sós com Fátima.

— Venho pedir-te um favor — disse ele à irmã. — Se descobrires a Aischa, viva ou morta, manda-me notícia a Batalyaws.

— E já pensaste na possibilidade de que algo de tão terrível lhe tenha acontecido, que ela, mesmo que viva, não mais seja digna de pertencer à nossa família?

— Já pensei em tudo, mas peço-te que me informes, seja qual for o teor da notícia.

— Está bem, se é isso mesmo que queres...

— É... e tenho a certeza de que o pai louvará esta minha atitude. Partiram no dia seguinte, Jamila e Flora num pranto inconsolável.

E não fora Rashid um homem, teria também libertado as suas lágrimas.

O frio chegou em fins de Novembro. Hadwig e os outros cruzados já se tinham feito ao mar há semanas. Konrad, Ausenda, Gunther, Julião e Tomé chegavam a casa, depois de terem assistido à missa dominical, quando Aischa lhes surgiu irritada, de braços cruzados sobre o peito. Andava sempre de cabeça coberta, mas já não tapava totalmente a cara.

— Preciso de te falar, Konrad!

Há-de detestar-me para o resto da vida, pensou ele, por eu a ter impedido de partir com a família. Aischa evitava a companhia dele e raramente tomava as refeições no salão. Parecia pelo menos dar-se bem com Ausenda.

— O que se passa desta vez? — perguntou ele.

— O braseiro da câmara que partilho com Ausenda bem podia ter melhor aroma.

Os outros três homens afastaram-se a revirar os olhos. Na opinião deles, o dono da casa deveria pôr um fim às reclamações constantes da moura.

Konrad virou-se para Ausenda e repetiu espantado:

— O braseiro podia ter melhor aroma?!

A rapariga limitou-se a encolher os ombros, já lhe chegava o privilégio de dormir num quarto tão luxuoso. Estava sempre satisfeita... Ao contrário da moura exigente, a quem ele perguntou:

— E a que havia de cheirar o braseiro, senão a brasas?

Aischa abanou a cabeça, como se desdenhasse da ignorância dele.

— Basta espalhar ervas aromáticas sobre as brasas.

— O quê?

— Nos aposentos privados o braseiro deve ser aromático!

— Não me digas.

— Antigamente tínhamos incenso, mas...

— Incenso? Como na igreja? O que é que vós mouros tendes a ver com isso?

Ela suspirou impaciente:

— O incenso cheira bem. Mas como agora não o há, dar-me-ia por satisfeita com algumas ervas.

Por enquanto, Konrad controlava a sua fúria. Encantava-o a pele delicada do rosto dela, os olhos de âmbar... E ansiava ver-lhe novamente os caracóis, que ela escondia. Achava que nunca pousara os olhos em mulher tão bonita... Mesmo quando ela o olhava cheia de presunção, como agora!

— Não temos ervas para isso.

— Então trata de as arranjar!

— Não fales assim comigo! — Agarrou-a por um braço. — Não sou teu criado! Soubesse eu que passarias a vida a atazanar-me a paciência, bem te tinha deixado ir.

Depois de uma hesitação, ela retorquiu:

— Eu própria as posso arranjar. Não é preciso ir longe e far-me-ia bem apanhar ar fresco.

— Acaso te esqueces que és minha prisioneira?

— Vem comigo, se me queres vigiar o tempo todo! E a Ausenda também, naturalmente.

— No estado dela, ir apanhar ervas?

— Que mal é que tem? — soltou Ausenda inesperadamente. — Olha a grande coisa!

— Levamos o burro — acrescentou Aischa — e ela pode montá-lo, caso se sentir cansada.

— Está bem — concordou ele. — Vamos depois do almoço.

Konrad e as duas moças deixaram a cidade pela bãb al-hammã, a que os cristãos chamavam Porta de Alfama, e dirigiram-se para as colinas a norte, onde colheram tomilho e alecrim. Apesar dos protestos dos outros dois, Ausenda insistia em ajudá-los.

Quando os cestos carregados pelo burro já estavam cheios, os três sentaram-se a descansar e comeram a merenda de pão e uvas.

— A noite aproxima-se fria — disse Aischa, aconchegando-se no seu manto.

— Fria ou fresca? — replicou Konrad. — Nem sequer haverá geada.

— A geada é rara — volveu ela e, depois de uma curta hesitação, perguntou-lhe: — Na tua terra há muita, não?

— Se há! Durante semanas inteiras, sem nunca derreter.
— É mesmo? — soltou Ausenda de olhos arregalados.
— A geada e a neve fazem parte dos nossos Outonos e Invernos como o grande oceano faz parte da costa portuguesa.
— Que coisa — admirou-se a rapariga. — Os figos e as melancias não se estragam?

Não só Konrad, também Aischa se riu. E as gargalhadas espontâneas da moura encantaram-no tanto, que ele se esqueceu de responder. Assim, foi ela quem disse:

— Não há lá frutos desses.
— Então o que há?
— Bem... peras e maçãs deve haver... Não é, Konrad?
— O quê? Oh sim... e cerejas, ameixas, muitas framboesas e groselhas, por exemplo.

— Gostava de ver neve — suspirou Aischa e, pousando os seus olhos nos dele, exigiu: — Explica-me como ela é!

A ânsia no olhar dela provocou-lhe uma onda de calor, que lhe turvava os pensamentos.

— Como... como é a neve? Sei lá! Quero dizer... imagina um manto branco e frio a cobrir campos, montes e cidades...

— Então, é como a geada! — replicou Ausenda e ele estremeceu, pois mais uma vez havia esquecido a presença da rapariga.

— Não... a neve cai do céu, formando uma camada que pode atingir vários pés de altura, até ser mais alta do que um homem, principalmente nas montanhas.

— Santo Deus — volveu Ausenda. — E quanto tempo demora até derreter?

— Depende. Se o tempo amaciar o suficiente, pode desaparecer bem depressa.

A rapariga comia agora as suas uvas pensativa e ele virou-se para Aischa:

— Talvez vos leve algum dia à minha terra. Aí poderíeis ver a neve...

Ficaram por momentos presos no olhar um do outro. Mas depressa se apagou a chama que ele vira nas pedras de âmbar e ouviu-a dizer seca:

— Não é preciso ir tão longe para ver neve. Aqui também a há, nas montanhas.

Na sua desilusão, Konrad deu-se conta que ficava realmente frio. Levantou-se e propôs:

— Vamos indo. Os dias são curtos.

— Podemos ir à campa do Johann? — perguntou Ausenda.

— Sim, fica a caminho.

Perto do cemitério já se tinha aberto um grande buraco, a fim de se construírem os alicerces do mosteiro de S. Vicente.

— Eu fico aqui — disse Aischa, — a tomar conta do burro.

— Ora — retorquiu Konrad, — porque não havemos de o levar connosco?

— E para que é que havemos de andar com ele pelo meio das campas?

— Sinceramente, não vejo onde está o...

— Eu vou andando — interrompeu-o Ausenda impaciente e afastou-se deles.

— A visita a um cemitério cristão incomoda-te? — perguntou ele.

— Não é isso. Eu não me sentiria bem defronte da campa do Johann. Ainda não falei com a Ausenda sobre... Já lhe contaste de quem sou irmã?

— Não... Mas ela sabe porque razão tomei posse da casa.

— Ainda não deve ter ligado uma coisa com a outra, pois parece gostar de mim.

— Isso não quer dizer nada. Nunca se habituou a que lhe dessem importância ou a que a respeitassem.

— Mesmo assim, não lhe digas nada. Parte-se-me o coração quando penso que a criança dela ficou órfã de pai antes de nascer.

A mistura de beleza e tristeza no rosto dela despertava em Konrad a necessidade de a consolar:

— Eu é que fui inconsciente, ao arrastar o meu irmão inexperiente numa aventura destas. Mas eu só queria que ele conhecesse um pouco da vida, antes que resolvesse enclausurar-se.

Olharam-se e, pela primeira vez, estabeleceu-se empatia entre eles. Ambos se sentiam culpados pela morte de Johann e procuravam consolar-se mutuamente. Konrad teve mesmo a

impressão de que ela estava prestes a cair-lhe nos braços e afagou-lhe a face.

De repente, ela cobriu a cara com o véu e murmurou:

— Vai ter com a Ausenda. Não a deixes sozinha.

Soavam as vésperas, quando chegaram a casa. Ouviram gargalhadas vindas do rés-do-chão... e não só dos três homens que lá viviam. Konrad praguejou interiormente e disse às duas moças:

— Ide à cozinha preparar o vosso braseiro, que eu já vou ter convosco.

Dirigiu-se à sala dos banhos, onde Gunther, Julião e Tomé se encontravam na companhia de rameiras. As labaredas iam altas na lareira e todos eles seguravam copos de vinho. Konrad bradou:

— Acaso esqueceste de que nos encontramos em pleno jejum do Advento?

— E daí? — retorquiu Gunther. — Resolvemos divertir-nos como mouros. Não são nada burros, os infiéis!

Estas palavras soltaram novas gargalhadas dos seus companheiros.

— Seria pedir-vos demais, terdes um pouco de respeito por Ausenda e Aischa?

— Porque fazes tanto arraial à volta dessas duas? — soltou Tomé, de falar arrastado. — Uma rameira e uma moura!

— Ainda não percebeste? — atirou Julião, antes que Konrad pudesse reagir. — Pretende guardá-las só para ele. Então não desapareceu hoje a tarde inteira com as duas?

Os outros gargalharam de novo e Konrad replicou furioso:

— Comentários desses podem-te custar a tua amada ferraria!

— Não te agites — retorquiu Gunther. — Andas muito crispado. Faz-te falta um pouco de divertimento.

— É isso mesmo — atalhou Tomé. — No teu lugar, pegava na infiel e juntava-me aqui aos rapazes. Assim, podíamos todos ver o que é que ela esconde debaixo das suas vestes mouriscas...

Konrad arrancou-o da água. As rameiras guincharam assustadas. Gunther e Julião saltaram da tina e seguraram o dono da casa.

— Acalma-te lá — lançou o ruivo. — Não liguês ao Tomé! Já bebeu demais e não sabe o que diz. Mas desculpar-se-á, não é rapaz?

— Claro — retorquiu o cozinheiro. — Peço desculpa.

Konrad virou-lhes as costas. Antes de sair, atirou por cima do ombro:

— Não façais muito barulho!

Depois de ter ajudado as duas moças a levar o braseiro para o quarto, Konrad disselhes:

— Aconselho-vos a ceardes aqui.

— E vais tu comer sozinho na sala? - admirou-se Ausenda.

— Eu vou-me já deitar. Não tenho fome.

Foi o que fez, mas não conseguiu adormecer. Pensava nos acontecimentos dessa tarde, em como Aischa tinha colhido o tomilho e o alecrim bem-disposta, sem deixar transparecer o seu carácter de menina caprichosa. E até lhe sorrira várias vezes. Também o acontecido à entrada do cemitério lhe passava pela cabeça, sentia a pele do rosto dela entre os dedos. Naquele momento, estabelecera-se uma ligação forte entre eles, que o fizera acreditar que o destino cumprira a sua tarefa ao cruzar as suas vidas.

Lembrou-se das palavras irreverentes do Tomé. Aischa usava sempre as túnicas de burel largas que haviam pertencido às criadas mouras da família e que ela descobrira nos baús. Entre as fidalgas cristãs, havia uma nova moda: um vestido que se apertava dos lados, através de laços, realçando o busto e a cintura. Tentou imaginar a figura da moura num desses trajes. Ela era esbelta, devia ter uma cinta delgada. E as suas vestes deixavam, ainda assim, adivinhar dois seios que não eram grandes, mas bem formados...

Suspirou, furioso. Porque perdia tempo com pensamentos destes? Não planeava tornar-se vassalo d'el-rei D. Afonso Henriques? Com uma moura a seu lado, estragaria o seu futuro. Casaria com uma fidalga, como competia ao seu estatuto! E amaldiçoava-se por ter feito Aischa sua prisioneira. Agora, a família dela estava longe e, moura ou não, custava-lhe pô-la na rua.

Metera-se numa bela дума alhada!

Virou-se para o outro lado e tentou mais uma vez adormecer, mas ouviu as gargalhadas vindas do rés-do-chão. Saltou da cama, vestiu-se à pressa e foi procurar divertimento nos banhos públicos. A abstinência do Advento que a levasse o diabo!

Aischa vivia de consciência pesada. Não deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance, a fim de se juntar à família? Não lhe seria difícil escapular-se daquela casa. Konrad, que passava os dias na herdade, estava negligente quanto à segurança dela, nos últimos tempos, parecia até que se esquecera da sua presença! E a sua irmã Fátima morava com o marido Suleiman no arrabalde. Dar-lhe-iam abrigo e tratariam de mandar notícia a Batalyaws.

Mas Aischa hesitava. Assim como Abu, Fátima nunca gostara dela e as duas tinham-se dado tão mal, que Aischa suspirara de alívio quando a irmã casara. A moça repetia a si própria que a repelia depender da caridade da irmã e do cunhado, por pouco tempo que fosse. A verdade, porém, era que dificilmente conseguiria despedir-se de Konrad para sempre.

O sentimento de culpa martirizava-a e, à medida que os dias iam ficando curtos, estava cada vez mais depressiva e de mau humor. Neste serão, pouco antes do Natal, sentia-se mais oprimida do que nunca. Tinha que arranjar maneira de banir a tristeza do seu espírito e resolveu cear junto com os outros.

Ainda se ouvia martelar na ferraria do Julião, Konrad e Gunther já tinham regressado a casa. Na altura da colheita das azeitonas e da confecção do azeite, ocupavam-se com a construção de uma cerca à volta das suas pastagens, pois não possuíam oliveiras e as suas searas e videiras já haviam sido preparadas para o pousio do Inverno.

Aischa não se incomodava com o facto de terem que prescindir de carne, ovos e manteiga durante o jejum do Advento. Estava pelo menos poupada à carne de porco e ao tempero constante das sopas com toucinho.

Geralmente, comia-se caldo de legumes engrossado com farinha de castanhas, peixe frito e fruta, o que, não raro, incluía nozes e figos secos.

Mas, a partir de 6 de Janeiro, dia da Epifania, em que se festejava o baptismo no rio Jordão, os cristãos tornariam a empanturrar-se de carne de porco. Houvera a matança, tinham sido feitos enchidos, os presuntos estavam no sal e seriam depois secos ao ar. Aischa esperava então poder aproveitar das galinhas, que aliás também a enervavam, pois esgravatavam e cacarejavam na capoeira, onde outrora houvera canteiros perfumados de jasmim.

Felizmente, ainda havia algumas flores. E Maria, a criada que Konrad contratara, sabia cuidar de rosas e pretendia semear ervas aromáticas, que, segundo ela, deviam estar sempre à mão, para fazer chás e unguentos, não fosse alguém ter uma dor de barriga. Além disso, eram úteis na cozinha.

Maria, uma mulher gorda dos seus cinquenta anos, começara a trabalhar na casa há um par de semanas. Ajudava em tudo o que fosse preciso, pois, além do cozinheiro Tomé, não havia mais criadagem na casa. Maria dera quinze filhos à luz e casado os seis que sobreviveram à infância. O marido fora um dos primeiros assalariados a trabalhar nas terras de Konrad e Gunther, mas morrera de repente. Nessa altura, falava-se nas aldeias da região que o conhecido cavaleiro franco (francos eram os estrangeiros em geral) procurava uma criada. A mulher, vendo-se sozinha, resolvera candidatar-se ao lugar. Konrad concordou em tê-la à experiência por algum tempo e, para já, ela agradava a todos. Movia-se com uma destreza surpreendente para o seu corpo e despachava numa hora o trabalho para que outros precisariam de duas ou três.

Neste serão, Maria ajudava Tomé na preparação da ceia e Aischa acompanhou Ausenda ao salão, onde Gunther acendia a lareira. Ausenda foi-se logo sentar perto do fogo, que começava a pegar, mas a moura estarreceu à porta. Nem queria acreditar no que os seus olhos viam: Gunther, que tinha um monte de livros a seu lado no chão, agarrou num, arrancou-lhe as folhas e atirou-as para o fogo.

— Que estás a fazer? — perguntou ela, assim que recuperou a voz.

- Então não vês? Cuido de aquecer esta sala.
- E precisas de destruir os livros para isso?
- A lenha está húmida. E este... papel arde bem.
- Acaba já com isso!

— Ah deixa-me em paz! Aischa aproximou-se dele:
— Ordeno-te que pares já com isso!
— Não te atrevas a ordenar-me seja o que for, sua presunçosa! Fosse eu o dono desta casa e já te tinha mostrado como se educam rabugentas como tu.

A moça paralisou de indignação. Ausenda puxou-a por um braço:

— Anda, senta-te ao pé de mim. Mas Aischa sacudiu a amiga.
— Pensas que vou assistir sossegadinha ao destruir dos livros?
— Fecha os olhos — atirou Gunther. — Ou vai para o teu quarto, como de costume! Afinal, o que te deu hoje para vires aqui?

Preparava-se para rasgar o próximo livro, quando Aischa tentou arrancar-lho das mãos. O ruivo vociferou:

— Endoideceste ou quê?
— Tira as tuas garras destes livros!
— Desaparece estafermo! — bradou ele, dando-lhe um empurrão. Depois de dar dois desequilibrados passos atrás, Aischa estatelou-se no chão. Ausenda foi ter com ela:

— Ai meu Deus! Magoaste-te?

Cega de raiva, a moura não respondeu. Gunther já se virara para a lareira e pretendia continuar com a sua tarefa, quando ela lhe saltou às costas e lhe apertou o braço à volta do pescoço. O véu que trazia na cabeça caiu ao chão, descobrindo-lhe os cabelos presos num rabo-de-cavalo.

— Credo — lançou Ausenda e foi à procura de Konrad.

Entre praguejos, o ruivo deixou cair o livro, libertou-se dela e espetou-lhe uma bofetada. Com lágrimas de raiva nos olhos, Aischa preparava-se para igualmente o esbofetear, mas ele agarrou-lhe o braço e torceu-o com tal violência, que ela gritou de dor.

— O que vem a ser isto? — vociferou Konrad, que acabava de entrar na sala, à frente dos restantes habitantes da casa. Agarrou Gunther pelas vestes e berrou-lhe: — O que é que te passou pela cabeça?

— Essa moura é o diabo! Mantém-na longe de mim, ou eu deixo esta casa!

— Ele estava a queimar os livros — gritou Aischa. Ausenda e Maria tentavam em vão acalmá-la. — São obras de arte, não lenha de

fogueira!

Konrad virou-se para o ruivo:

— Podias ao menos ter-me perguntado se podias utilizar os livros.

— Ora essa! Eles não estão para aí? Como é que eu ia adivinhar que essa bruxa faz tanta questão duma tralha destas?

— Eu não sou nenhuma bruxa! Mas sabes o que tu és? Um imbecil! Os burros que pertenciam ao meu pai eram bem mais espertos do que tu.

— Expulsa-a desta casa! — exigiu Gunther ao dono.

— Ninguém me pode expulsar da minha própria casa!

Aischa estava fora de si, as lágrimas da indignação corriam-lhe pelo rosto, algumas madeixas tinham-se soltado do seu rabo-de-cavalo.

— Já é tempo de te acalmares — voltou Konrad indignado com aquela saída dela. Tentou agarrar-lhe o braço, mas ela sacudiu-o de si.

— Não te atrevas a tocar-me, cruzado! Seus bárbaros! Porque é que viestes de tão longe, expulsar-nos das nossas casas e da nossa cidade? Transformastes a nossa vida feliz num inferno. E matastes o meu noivo! Não fosse o maldito do cerco e eu seria uma mulher casada, respeitada e rica! Assim, não passo de uma moura sem eira nem beira!

Silêncio abateu-se sobre a sala. Os outros olhavam-na como se de repente tivessem uma estranha diante de si e ela apercebeu-se, mais do que nunca, de como pertenciam a mundos diferentes.

— Odeio-vos — bradou, desfeita em lágrimas, e foi-se fechar no quarto.

Três dias mais tarde, na véspera de Natal, Aischa estava sozinha na sua câmara, que não mais deixara depois do acontecido. Ausenda continuava a dormir lá, mas as duas mal se falavam.

Aischa arrependia-se de se ter referido a Amir, arrastando-o para o mundo decadente em que ela vivia e de que não se conseguia libertar. Nos seus pesadelos, via a cruz de esmeraldas no meio das chamas do inferno, que clamava com a voz da mãe: "Vem ter comigo, junto com o cruzado!" Mas como era possível que a sua

própria mãe a quisesse atrair para as chamas eternas? Teria Zubaida um pacto com Satanás? Era Konrad o diabo?

Aischa sentia-se endoidecer, chegava a desejar a morte, se fosse essa a única maneira de encontrar paz.

Naquele serão, agarrou num alaúde que encontrara na casa, mas ainda não tocara uma única vez. Sentia agora grande necessidade de o fazer e começou a dedilhar as cordas, primeiro hesitante, depois mais solta.

Mas não se atrevia a cantar.

Interrompeu-se, quando a porta do quarto se abriu. Ausenda entrou, titubeando:

— Desculpa, não te queria incomodar, mas ouvi-te tocar...

— Toquei alto demais? Alguém se queixou?

— Oh não. Só quis escapar à tristeza do salão. Nem sequer se cantam canções de Natal. Konrad anda cabisbaixo desde a tua discussão com o Gunther.

A moura não disse nada, resistindo à tentação de perguntar o que Ausenda queria dizer com aquele "cabisbaixo". A rapariga perguntou-lhe a medo:

— Tens saudades do teu noivo?

Aischa manteve-se calada e Ausenda acrescentou:

— Como te compreendo! Também sinto falta do...

— Não! — Interrompera-a tão arisca, que a outra arregalou os olhos. — Eu... ele... Não é a mesma coisa.

— Que queres dizer?

— Foi o meu pai que combinou o casamento com o pai dele... — odiava-se por fazer questão de dizer que não estivera verdadeiramente apaixonada por Amir.

— Entre nós cristãos é a mesma coisa. Pelo menos, assim fazem os pais das fidalgas... ou outros que se preocupam com a honra das filhas.

Formou-se silêncio entre elas, até que Ausenda perguntou:

— Qual é então o teu problema?

— Eu... não devia estar aqui... — a garganta secou-se-lhe e só com esforço conseguiu dizer: — Regressarei em breve para junto da minha família!

— Queres ir sozinha até... Badalos, ou lá como a cidade se chama?

— Na verdade, uma das minhas irmãs casadas ficou aqui, mora no arrabalde.

— Oh, não sabia. Não nos tinhas dito nada.

Aischa sentia-se mais desesperada do que nunca. Agora, já não havia desculpa para que não abandonasse aquela casa. Para se convencer a si própria que aquela seria a melhor solução, disse:

— Não pertenço ao vosso mundo.

Ausenda baixou os olhos e murmurou:

— Não gostas de nós, pois não?

— Gosto. Eu... disse que vos odeio, mas não é verdade.

— Ainda bem. Eu gosto muito de ti.

— Oh Ausenda, serás capaz de me desculpar?

— Claro — replicou a outra com um sorriso. Aischa afagou as cordas do alaúde.

— Disseste que o Konrad andava cabisbaixo... Deve estar furioso comigo...

— Não sei, dá-me mais a impressão de que está triste. Não me tinhas dito que sabias tocar alaúde.

— Até hoje não me apetecera tocar.

— Também sabes cantar?

Aischa hesitou, mas acabou por responder: Sei.

— Não queres cantar agora?

— Não conheço canções de Natal.

— Mas vós os mouros não cantais cantigas de amor? Canta uma! Pensarei no Johann, mesmo sem entender as tuas palavras.

Aischa não conseguiu resistir ao pedido de Ausenda, que vinha ao encontro da sua própria vontade. A voz clara e triste espalhou-se pela casa.

Konrad não pregara olho. Quando todos excepto a moura almoçavam na sala, disse ele a Ausenda:

— Não sabia que a Aischa sabia cantar.

— Eu também não. Mas tem uma voz bonita, não achas?

— Para quem gosta... — replicou Julião. — A mim, esse cantar queixoso não me diz nada.

Depois de uma curta hesitação, Konrad inquiriu:

— Sente a falta do tal noivo que morreu?

— Não, ela sente é a falta da família e pretende regressar para junto dela. Uma das suas irmãs mora no bairro dos mouros. Se Aischa for ter com ela, o cunhado mandará notícia a Badalos para que venham buscá-la.

Konrad não conseguiu evitar engolir em seco, mas ninguém parecia ter notado. Gunther atirou satisfeito:

— Vamo-nos finalmente libertar da moura? Só é pena que nunca nos tenha dito o que veio procurar ao depósito»

— Não me digas — atalhou Julião, — que ainda alimentas a esperança de que um tesouro lá esteja escondido!

— Então diz-me: o que é que ela lá queria?

— Que sei eu? — replicou o português, com um encolher de ombros. — Se calhar veio à procura de uma estupidez, como o alaúde...

— Arriscar a própria vida por uma ninharia? Pode ser doida, mas não é burra.

— Não sentirás a falta dela? — perguntou Ausenda a Konrad, tirando-o do torpor em que ele caíra.

— Eu? Porque haveria?

— Bem... eu gosto dela e esperava que tu tentasses fazer com que ela desistisse dos seus intentos.

— O que te leva a pensar isso?

— Sei lá... por seres tu o dono da casa.

— Pois enganas-te! — Acrescentou baixo: — Afinal, ela odeia-me.

— Isso saiu-lhe naquele momento. A mim e à Maria ela já pediu desculpa.

— E quem é que seria capaz de te odiar? — lançou Julião inesperadamente. Ausenda olhou-o surpreendida.

Konrad não se apercebeu deste percalço, tão ocupado estava com as suas conjecturas. Acabou por dizer:

— Que se vá! Já há muito que não é vigiada, pode sair quando quiser.

— Será o melhor — insistiu Gunther. — Ela é diferente de nós.

— E depois? — replicou Ausenda. — Eu gosto dela na mesma.

— Ora — retorquiu Konrad, — assim que tiveres que tratar do teu filho, esqueceste de que alguma vez houve uma Aischa.

— Nunca a esquecerei — volveu a rapariga, de olhos húmidos. — Nunca tive uma amiga como ela. Ela é tão meiga... e tão bonita!

Konrad aclarou a garganta e declarou:

— Chega desta conversa! Tenho outra coisa para vos dizer. Como sabeis, faço anos em Janeiro, logo a seguir à Epifania, o que é uma sorte, pois posso festejar sem restrições.

— Haverá uma festa? — admirou-se Maria.

— Sim... mas não é para vós. — Piscou o olho aos amigos. — Aqui a rapaziada quer ficar à vontade. Nesse dia, nenhum de nós trabalhará e vós manter-vos-eis nas vossas câmaras, entendido?

— Poderia aproveitar a oportunidade — perguntou a criada — para ir visitar uma das minhas filhas?

— Até te dou dois dias livres.

— Muito agradecida, D. Conrado.

— E tu Ausenda, fecha-te no quarto, mesmo para comeres!

— Já entendi - resmungou, como uma criança amuada. Konrad tinha acabado a sua refeição. Levantou-se e acrescentou, como se se tivesse lembrado de repente:

— Ah é verdade. Avisa a tua amiga moura de que terá de fazer o mesmo... Caso ela ainda aqui esteja!

20

Aischa adiava todos os dias a decisão de deixar aquela casa para o dia seguinte e, com o passar do tempo, a urgência do acto parecia diluir-se.

Na Epifania, depois do almoço farto, do qual ela não fez parte, Ausenda surgiu no quarto e lembrou-a de que dali a dois dias não o poderiam deixar a partir da tarde, pois Konrad queria festejar com os seus companheiros.

— O que será que pretendem fazer? — perguntou Aischa.

— Ora, o que é que os homens fazem quando entendem que se devem divertir? Arranjarão mulheres!

— E achas que as trazem para aqui?

— Porque não? Já o fizeram.

— O Konrad não — atirou, do que se arrependeu imediatamente.

— Ele é como os outros, — replicou Ausenda, com um encolher de ombros.

Depois de um curto silêncio, Aischa afirmou:

— Nesse dia também deveríamos fazer algo que nos agradasse.

— A mim, o que mais me agrada é comer bem.

— E eu gosto de um bom banho quente.

— Coisa que também comecei a apreciar, desde que vivo nesta casa.

— Então diz lá, o que te apetece comer?

— Porco não pode ser, por tua causa, mas eu também gosto muito de galinha.

— Pediremos à Maria que mate uma, antes de ir para a casa da filha. Depois ajudas-me a cozinhá-la à moda moura: assaremos pequenas espetadas no churrasco, temperadas com pimenta e cominhos.

E estufaremos grão-de-bico e legumes em alho e azeite, no pote de barro.

Dois dias mais tarde, as duas moças deliciaram-se com as espetadas de frango, enquanto os homens se embebedavam na sala, no meio de grande algazarra. Não receberam, no entanto, visitas e ao fim da tarde saíram.

Ao serão, as duas gozavam o seu banho, envolvidas pelas labaredas da lareira. Perante a barriga de Ausenda, Aischa deu-se consigo a conjecturar sobre como se sentiria caso estivesse grávida de Konrad. E sentiu-se corar. Felizmente, a água quente pusera Ausenda sonolenta e a rapariga mantinha os olhos fechados.

Aischa fixou as chamas, que pareciam entrar dentro dela, ao imaginar que, em vez de Ausenda, Konrad dividia o banho com ela. Mas lembrou-se de que ele bem poderia estar a fazer isso com outra. Os banhos públicos ainda funcionavam. E, ao contrário dos tempos em que os mouros governavam a cidade, tinham deixado de ser um local respeitável e reservado às mulheres uma vez por semana. Agora, só as de reputação duvidosa os frequentavam... junto com os homens.

— Achas que foram ter com mulheres? Ausenda estremeceu, acordando da sua sonolência:

— Não sei, nem me interessa.

Tornou a fechar os olhos, mas Aischa não se conseguia controlar:

— Sabes se Konrad tem alguma... barregã?

— Acho que não, nunca de tal ouvi falar.

— E ele... pretende casar?

Depois de uma curta reflexão, Ausenda respondeu:

— Quando ele recebeu a casa, lembro-me de ter falado em procurar uma fidalga para casar.

— Uma fidalga?!

Aischa arrepiou-se, não obstante o calor que a envolvia. Ouvir falar destes planos desconhecidos, era como se a Ausenda falasse de um Konrad que lhe era estranho.

A outra não se dava conta da sua aflição, entretida a deslizar as mãos sobre a água, enquanto dizia:

— El-rei acabará por lhe dar um senhorio. Aqui em Lisboa ele já é muito conhecido e respeitado.

A moura engoliu em seco:

— E bem capaz de já ter uma fidalga em vista!

— Não sei... — replicou a outra distraída. De repente, porém, pousou o olhar em Aischa e inquiriu: — Porque te interessas assim tanto por isso?

— Eu? Quero lá saber...

— Então porque me fazes todas essas perguntas?

— Ora... Imagina que ele casava. A mulher dele logo trataria de se ver livre de mim!

— Porquê?

— Será possível que não saibas? — atirou furiosa. — Ela não queria ter uma moura por perto!

— Quem sabe... talvez como aia...

— Aia? — gritou Aischa, as mãos cerradas em punhos debaixo da água: — Para tua informação, preferia morrer a tornar-me na aia de uma fidalga cristã de nariz empinado!

— Desculpa... Falei sem pensar.

Cruzando os braços sobre o peito, Aischa disparou:

— Irei amanhã ter com a minha irmã!

— Oh, pensei que tivesses mudado de ideias...

— Não se trata de mudar de ideias, é algo que tem que ser feito! Sentia que romperia em pranto a qualquer momento. Abandonou a tina e embrulhou-se numa toalha.

— Já te encheste do banho?

— Já. Vou-me deitar.

Aischa acordou cheia de sede. Ainda não entrava claridade por entre as adufas de madeira rendilhada que protegiam a janela e Ausenda dormia profundamente na cama ao lado. A moura agarrou no jarro em cima da mesinha de cabeceira, mas este não tinha nem uma gota de água. Levantou-se furiosa, pôs um manto pelos ombros e saiu do quarto às apalpadelas, em direcção à cozinha.

Enquanto descia as escadas que conduziam ao pátio, perguntava-se se deveria revelar à Ausenda o conflito em que vivia. Talvez a moça tivesse alguma sugestão... Não, que ideia! Apesar da passagem pelo bordel, a rapariga revelava uma ingenuidade e uma inexperiência de vida muito grandes.

Chegada à cozinha, acendeu um candil de azeite e serviu-se de água. Enquanto bebia, lembrou-se como antigamente trocava confidências com Jamila e até com a escrava Flora.

Mas quem lhe podia valer agora? Talvez a Maria. Afinal, casara quatro filhas.

Aischa sentia-se desperta, sem ponta de sono, e resolveu dar uma volta pelo pátio. Apesar de ser Janeiro, não fazia grande frio, chegava-lhe o manto que tinha posto sobre a camisa de dormir. Pegou no candil e deixou a cozinha.

Caso se tornasse na concubina de Konrad, ficaria condenada por toda a eternidade... Mas que dizer das concubinas de califas e sultões, cujos haréns chegavam a albergar centenas de mulheres? A maior parte delas não tivera escolha, eram-lhes dadas, algumas ainda virgens, pelos próprios pais, que assim asseguravam a sua influência. O que, para as moças, era até considerada uma honra! O Corão permitia a um homem casar-se com um máximo de quatro esposas, mas não impunha limite quanto ao número de concubinas e escravas. Estariam todas elas condenadas? Como podia Alá permitir tal injustiça?

Antigamente punha questões deste tipo a seu pai, sem no entanto conseguir respostas satisfatórias. E Abu costumava dizer que o sangue cristão lhe corrompia os pensamentos.

A moça deixara a capoeira atrás de si e chegou à porta do salão. Perguntou-se se os homens já teriam regressado. E haveria ali vestígios da festa?

Entrou. A sala não estava totalmente escura, ainda ardiam brasas na lareira. Que estranho, porque é que ninguém as apagara? Em cima da mesa, encontrava-se louça suja, algumas canecas vazias tombadas, restos de vinho manchavam o tampo de madeira.

Já tinha resolvido dar meia-volta e sair dali, quando se apercebeu de um leve suspiro. Tornou a virar-se e observou os cantos da sala com mais atenção. À sua direita, ao fundo, viu algo... Um leito improvisado, almofadas haviam sido espalhadas no chão! E uma manta cobria corpos adormecidos! Por Alá, pensou, deixa-me sair daqui antes que me descubram.

Rodou sobre os calcanhares, a porta estava a um passo de distância... mas uma suspeita fê-la estarrecer. Como se não tivesse influência sobre o seu corpo, este virou-se de novo. Com o coração aos saltos, Aischa estendeu o braço que segurava o candil... E reconheceu-o!

Konrad dormia sobre o lado direito, a coberta deixava ver o ombro nu, sobre o qual repousava um braço de mulher! Sobre a outra almofada, Aischa só viu um mar de cabelos.

Arquejou mais alto do que pretendia. E ele sobressaltou-se. A moura paralisou de consternação, enquanto ele afastava o braço que o cobria e levantava o tronco, piscando os olhos por causa do candil.

— Quem está...?

Interrompeu-se, ao reconhecê-la. Fixou-a como se não soubesse se sonhava ou se estava acordado. Até que falou:

— Mas o que é que tu...?

A mulher ao lado dele ergueu-se. Os olhos da moura pousaram sobre os seios nus. Ouviu-a perguntar:

— Quem é ela?

Aquela voz funcionou como um abanão. Aischa deixou a sala num ápice e, chegada ao quarto, mudou de roupa como um furacão. Ausenda acordou num sobressalto:

— O que foi?

— Tenho que ir — respondeu, enquanto juntava algumas coisas numa trouxa.

— Agora? Mas ainda nem é dia.

— Adeus Ausenda. Sentirei a tua falta e desejo-te as maiores felicidades.

Pôs um véu por sobre os cabelos soltos e desapareceu. Já rodava a chave na fechadura da porta da entrada, quando Konrad lhe agarrou um braço:

— Aonde vais?

— Larga-me!

— Não podes sair assim sozinha, na escuridão...

— Konrad! — Ausenda surgiu atrás deles. — O que...

— Volta para a cama — vociferou ele.

Aischa, de costas, apercebeu-se de que a rapariga se afastava assustada.

— Larga-me — repetiu. — Estás-me a magoar.

— Vais ter com a tua irmã? Ela lançou-lhe um olhar furioso.

— O que é que isso te interessa?

— Muito mais do que tu pensas.

— Ai sim? E como explicarás esse teu interesse à tua amiga?

- A minha...? Oh, mas ela é...
- Quero lá saber quem ela é e o que pretendes fazer com ela.
- Pois a mim parece-me que te interessa, e muito.
- Não me faças rir!

Ele agarrou-lhe brusco no outro braço, a trouxa e o véu já meio solto caíram ao chão.

— Tu queres ir embora porque me viste com ela, certo? Ela não respondeu.

— Ficaste doida de ciúmes. Vamos, confessa!

Olhavam-se nos olhos e ela estava prestes a confessar... quando se deu conta que ele cheirava à mulher que dormira com ele!

— Seu cruzado repugnante, mas o que é que se te meteu na cabeça?

Estupefacto, ele soltou-lhe os braços, encarando-a cheio de desilusão. Aischa sentiu as lágrimas e apressou-se a apanhar a trouxa e o véu. Virou as costas a Konrad e tornou a levar a mão livre à chave, quando sentiu que ele lhe tocava nos cabelos. Primeiro, ao de leve, depois, começando a acariciar os caracóis... Como se quisesse ficar com uma recordação palpável dela.

Depois daqueles momentos de hesitação, a moura afastou-se dele em passo de corrida.

Mas não em direcção à rua!

A porta da entrada ficou fechada e ela regressou ao quarto, onde, perante o espanto de Ausenda, se atirou em pranto para cima da cama.

21

Passado uns dias, Konrad arrependia-se de não ter resistido ao impulso de lhe acariciar os cabelos, obviamente o motivo que a levava a ficar.

O que confirmava as suas suspeitas: apesar de tentar desesperadamente provar o contrário, Aischa não se conseguia libertar dele. Mas ele via-se num grande dilema: nunca poderia casar com ela; por outro lado, pretendia tornar-se vassalo de D. Afonso Henriques. Teria que formar família... e, no entanto, não o poderia fazer com uma moura!

Claro que a poderia manter como barregã. O problema era que ele a respeitava mais do que supusera e custava-lhe estragar-lhe o futuro. Aischa havia recebido uma educação esmerada, era até mais letrada do que ele. E ainda estava em condições de viver honradamente, poderia casar com um mouro rico de Batalyawes...

Era isso mesmo que ele lhe haveria de dizer!

Numa tarde de domingo, em que os outros três homens se divertiam numa taberna e as mulheres conversavam no jardim, Konrad planeava a construção de prateleiras para os livros amontoados num quarto que ninguém usava. Tirava as medidas no vão de parede que escolhera para o efeito. Só era pena que as prateleiras fossem esconder parte das pinturas islâmicas que enquadravam portas e janelas.

Fez uma pausa no seu trabalho para observar a decoração. Concentrou-se nos sinais que ele não conseguia identificar e que se misturavam com os motivos florais e os padrões geométricos.

— Em que pensas?

Surpreendeu-se, ao dar com Aischa à porta do quarto. Ela envergava a sua nova túnica cor de vinho, que costurara com a ajuda de Maria e que debruara com florinhas brancas.

O véu de linho, pousado sobre a cabeça, não lhe tapava o rosto e permitia ver que ela trazia os cabelos soltos.

Konrad aclarou a garganta e retorquiou:

— Bem... eu perguntava-me se estes sinais esquisitos teriam algum significado especial.

Ela aproximou-se:

— Quais? As inscrições?

— Inscrições? Tu queres dizer: letras e palavras?

— Sim.

— E como se chega à ideia de utilizar a escrita como enfeite?

— A mensagem de Alá chegou-nos através das mensagens e das pregações do Profeta Maomé, que foram reunidas no livro sagrado. Por isso, a caligrafia nos é tão importante e se tornou numa das artes islâmicas.

— E porque é que se misturam as palavras com os motivos florais e os outros desenhos?

— As flores e as estrelas representam o Paraíso de Alá. No meio delas, citam-se as suras do Corão, ou a hâdith.

— Hâdith?

— Uma palavra árabe que significa tradição. Há mensagens baseadas em expressões ou acções do Profeta, que não estão no Corão, mas que a tradição trouxe até aos nossos dias.

Konrad apontou para as pinturas que ficariam escondidas pelas prateleiras e perguntou:

— O que está ali escrito?

— A schahada, a nossa profissão de fé: "Não há outro Deus a não ser Deus e Maomé é o Seu Profeta".

— "Não há outro Deus a não ser Deus..." Isso também nós o podíamos dizer.

— Cristãos e judeus são por nós considerados ahl al-kitâb, ou seja, Gente do Livro, por serem igualmente seguidores de uma revelação sagrada escrita. O Profeta, Alá o tenha em glória, não renegou as escrituras bíblicas. Referiu-se a Abraão como o Pai do Islão e reconheceu, entre outros, Moisés, João Baptista e Jesus Cristo como profetas.

— É mesmo? Então porque nos combatemos com tanto ódio?

— Uma das razões será o facto de nós muçulmanos rejeitarmos o mistério da Trindade. Deus é Um e Único, não são dois ou três.

Cristo era um profeta, um messias, mas não era filho de Deus! Deus não precisa de um filho a Seu lado para reger sobre o Universo. Não precisa de ninguém, é Todo-Poderoso. E o próprio Cristo anunciou a vinda de um outro profeta depois dele, chamado Maomé!

— Quem disse?

— Assim está escrito no Corão.

Konrad sentia-se incapaz de argumentar, nem sequer lera a Bíblia, pois não sabia hebraico nem grego e muito pouco de latim. Acabou por dizer:

— O Johann teria podido conversar contigo sobre essas coisas... E gostava de livros, queria ser copista.

— Ele ter-se-ia então interessado pela nossa escrita artística.

— Se não estivesse morto — atirou azedo. Mas logo se arrependeu. — Desculpa, eu não quis acusar-te...

— Nenhum de nós se deveria sentir culpado pela morte dele. Morrer cedo foi o destino que lhe coube em sorte.

— Sim, acho que tens razão.

— Cada um de nós tem o seu destino irrefutável. Assim o dizem os poemas e as cantigas.

— Essas cantigas mouras mexem comigo... até me tiram o sono.

— Oh... — ela estava desolada. — Peço desculpa se te incomodei, quando a Ausenda me pediu que cantasse.

Konrad achou que aquela era uma boa deixa: sim, as cantigas incomodavam-no e ela devia ir ter com a irmã o mais depressa possível. Mas a desilusão nos olhos de âmbar era-lhe insuportável. E ouviu-se dizer:

— Não... tu não me incomodaste... gostei muito da tua voz. Até te queria pedir que cantasses para mim!

— Agora?

— Porque não?

Por momentos, ela não reagiu. Depois, anunciou:

— Vou buscar o alaúde.

Surgiu pouco depois com o instrumento. Sentou-se em cima da alcova que se encontrava naquele quarto e perguntou:

— O que queres ouvir?

— Não faço ideia, não sei o nome das cantigas. — Sentou-se ao lado dela. — Canta a tua preferida!

— Então, vou cantar um poema de Ibn Sara de Shantarín, intitulado O Zéfiro e a Chuva. Gosto tanto dele, que compus uma melodia.

— Tu? Ela corou:

— Sim... às vezes as melodias formam-se-me na cabeça... Konrad olhou-a espantado. Entre os cristãos, só trovadores e jograis compunham cantigas, nunca tinha ouvido dizer que uma mulher também estivesse em condições de o fazer.

Aischa começou a dedilhar as cordas, depois a cantar, nos tons saudosos que tanto o confundiam. Havia estrofes que se repetiam e ela cantou uma delas no dialecto latino de Lusbuna:

*Se buscas remédio no sopro do vento
Sabe que em suas baforadas há perfume e almíscar.
Vêm a ti carregadas de aromas como mensageiros
Com saudações da amada.*

O desassossego que Konrad costumava sentir transformava-se num desejo compulsivo, que se lhe assomava fatal. O cantar da moura tecia uma teia à sua volta, que parecia prendê-lo para sempre!

Quando ela acabou, ele tirou-lhe o alaúde das mãos, apertou-a nos braços e tentou beijá-la. Mas ela desprendeuse dele e encarou-o com uma tristeza infinita nos olhos de âmbar:

— Ninguém pode iludir o destino! Resta-nos aceitá-lo... e enfrentá-lo.

— E qual é o nosso, Aischa?

— O teu, é tornares-te vassalo de Ibn Errik... O meu, está em Batalyaws, onde me tornarei numa esposa obediente e...

— Não! — Ao ouvir aquelas palavras saídas da boca dela, apercebeu-se o quanto o repugnava a ideia de a saber casada com um mouro de Batalyaws! Agarrou-lhe nas mãos e retorquiu: — Não foi o destino que nos uniu? Porque haveria de ser o teu irmão a matar o meu? Porque haveria eu de receber a casa que era do teu pai?

— Eu... não sei...

Konrad tentou novamente beijá-la, mas ela sussurrou:

— Dá-me mais algum tempo... Preciso de pensar.

— Pensar em quê? Já não aguento muito mais... De quanto tempo precisas ainda?

— Não sei.

Virou-lhe as costas e deixou-o sozinho.

Teria Konrad razão? Interpretaria ela mal os sinais do destino, ou estavam eles a brincar perigosamente com ele? Aischa sentia dificuldades em distinguir entre certo e errado. As regras, pelas quais ela sempre regera a sua vida, pareciam diluir-se.

Tudo agora era diferente! Lusbuna havia-se transformado em Lisboa, cidade pertencente ao reino cristão de Ibn Errik. O bispo inglês D. Gilberto havia fundado paróquias, como a de S. Vicente de Fora, a leste da cidade, que seria dominada pelo mosteiro a construir perto do cemitério dos cruzados, onde jazia Johann. Do lado ocidental, tinham sido criadas, igualmente fora de muros, as paróquias de Nossa Senhora dos Mártires, junto ao cemitério de ingleses e franceses, e a de Santa Justa e Rufina, uma nova igreja que tirava o protagonismo à antiga Santa Maria de Alcamim.

No interior das muralhas, já o rei português, logo a seguir à conquista, anunciara a criação de Santa Maria da Sé e de Santa Cruz da Alcáçova, onde se situava agora o palácio episcopal. Outras paróquias se seguiriam e os mouros, entre eles sua irmã Fátima e o cunhado Suleiman, iam-se estabelecendo a norte de Lisboa, construindo um novo bairro na encosta nascente da colina onde os portugueses haviam montado o seu acampamento durante o cerco.

Mas Aischa não pertencia a esse bairro. Sentia-se tão longe desse mundo!

Descurava inclusive as suas orações... Em vez do chamamento do muezim do alto do minarete, era o tocar dos sinos que ditava o ritmo quotidiano. Ao nascer do sol soavam as primas e a meio do dia as sextas. Entre elas, havia as tércias, de tarde, as nonas e ao pôr-do-sol tocavam as vésperas, anunciando o fim do dia de trabalho. Mais tarde, havia ainda as completas, quando todos se deitavam. Os cristãos não eram todavia obrigados a rezar a todas estas horas, só os monges e as freiras nos seus mosteiros e os clérigos em geral.

E espantavam-na com mais excentricidades! Aproximava-se um novo período de jejum, a Quaresma, que começaria na quarta-feira de cinzas e se prolongaria até ao Domingo de Páscoa. Antes disso, porém, todos queriam gozar o mais que pudessem: era o tempo do Entrudo.

Na semana anterior à quarta-feira de cinzas, começava o tempo invertido, em que a perversão e o sarcasmo eram permitidos. O celibato dos prelados, por exemplo, era um tema deveras apreciado. Muitos homens disfarçavam-se de clérigos, riam-se de histórias obscenas e frequentavam os bordéis. A estupefacção de Aischa era total. Os muçulmanos nunca seriam capazes de trocar da sua fé nem dos seus líderes religiosos.

Terça-feira era o último dia do Entrudo, a última possibilidade de diversão sem limites, antes que todos se submetessem ao jejum e à penitência. Konrad, Gunther e os que com eles viviam foram convidados a passar a noite festiva de segunda-feira em casa de um criador de gado que alugava as pastagens dos estrangeiros, ou dos francos, como lhes chamavam. Os dois já haviam desistido de tentar dizer aos portugueses que não eram francos, pois envolviam-se em explicações que ninguém entendia.

Aischa anunciou a Ausenda que ficaria em casa, argumentando que, como muçulmana, não se sentiria bem numa festa dessas. Na verdade, decidira provocar o destino: esperaria por Konrad, na esperança de que ele regressasse a casa antes dos outros, a fim de vir ter com ela. Caso contrário, faria as suas trouxas ao nascer do sol e iria ter com Fátima!

A moura sentou-se em cima da sua alcova, encostada às almofadas. Um candil de azeite ardia sobre a mesinha de cabeceira.

De vez em quando, ouvia a algazarra dos foliões que passavam na rua. Todos se divertiam, numa noite de pecado tolerada pela Igreja... A bem da verdade, o Islão não condenava os prazeres carnavais como a religião cristã. Pelo contrário: a consumação da paixão entre um homem e uma mulher era considerada uma amostra do que esperava os crentes no Paraíso. Iria ela experimentar esses prazeres, antes que nascesse o novo dia?

O tempo ia passando, fez-se tarde... e Aischa começou a duvidar que Konrad viesse ter com ela. Teria ela hesitado tempo demais e

decidira ele não mais esperar pela sua resolução? Além disso, era bem possível que ele tivesse encontrado alguém do seu agrado, nesta noite de folia. Talvez uma formosa fidalga cristã, ao lado da qual ele podia construir um futuro de glória...

Aischa sentiu lágrimas nos olhos. Mais do que nunca, apercebeu-se de quão difícil lhe seria viver sem Konrad. Mesmo que soubesse que em Batalyaws a esperava uma vida ao lado do rei mouro, nunca arranjaria forças para ir ter com Fátima!

Na rua passiva mais um grupo de foliões. Riam-se a bandeiras despregadas e pararam mesmo por baixo da sua janela. Contavam algo sobre uma matrona virgem de seios grandes, mas Aischa não conseguia entender tudo. Estavam bêbedos, falavam todos ao mesmo tempo, os homens gargalhavam, as mulheres guinchavam.

Foram-se afastando...

E Aischa ouviu outros ruídos: Konrad subia as escadas, ela conhecia o som das botas dele sobre os degraus de madeira.

Ele bateu à porta do quarto, mas não esperou que ela respondesse para a abrir. Quedou-se à entrada, observando-a em silêncio. Aischa decidiu-se a falar, mas teve que engolir em seco para encontrar a voz na garganta que se lhe tinha apertado:

— A Ausenda ficou bem?

Ele pareceu surpreendido com aquela pergunta, mas respondeu:

— Oh sim. A Maria tomará conta dela e os outros já se habituaram a respeitá-la. Nunca se cansa, é incrível a força e a saúde que ela reúne naquele corpo frágil!

Entrou e livrou-se do manto. Ela gostava de o ver naquela túnica azul, cujos decote e punhos ela própria debruara com medalhões vermelhos e amarelos. Konrad sentou-se em cima da outra cama, as costas contra a parede, e acrescentou:

— A festa estava bem animada. O dono da casa contratou muitos bobos e jograis... Mas eu prefiro ouvir-te cantar!

Aischa olhou-o muito séria, em silêncio. Depois replicou:

— Se foi para isso que vieste, fizeste-lo em vão. Hoje não cantarei!

— Ora essa! Porquê?

Ela levantou-se, aproximou-se do alaúde pendurado na parede, afagou as cordas e exalou:

— Não me apetece lamentar amores impossíveis!

Não se deu conta de tudo o que se passou a seguir, sentia-se flutuar num sonho. Deu consigo no quarto de Konrad, onde o luar penetrava por entre as adufas, cujo rendilhado se desenhava no rosto dele. Rendeu-se a beijos que se lhe assomaram mais doces e embriagantes do que licor de mel. Sentiu-o desapertar-lhe os laços da camisa por sobre o peito, afagar-lhe os seios, provocando nela uma cadência de novas sensações tão vertiginosa, que ela era incapaz de as gozar plenamente.

Abandonou-se às carícias, que a arrancavam do mundo terreno, para uma dimensão que a encantava e a assustava ao mesmo tempo.

A mistura de prazer e dor que ele provocou ao penetrar nela deixou-a incapaz de distinguir o deleite do incómodo. Mas mesmo este a fazia sentir-se mais viva do que nunca... Como se tivesse passado todo o resto da sua vida adormecida!

Ao nascer do sol, naquela quarta-feira de cinzas, Aischa caiu num sono profundo e consolado de criança, fazendo suas as palavras do poeta cordovês Ibn Hazm:

*Se me dizes que é possível subir ao céu
digo que sim e que sei onde fica a escada.*

22

Konrad e Gunther passavam os dias nas suas propriedades. Apesar de terem assalariados, arranjavam sempre que fazer, quanto mais não fosse supervisionar o trabalho daqueles. Além disso, Konrad ajudava Gunther na construção da casa.

Todas as manhãs, deixavam Lisbona montados nos seus cavalos, através da Porta do Ferro, para evitar as ruas íngremes do bairro de Alcamim. Cavalgavam ao longo do esteiro, rodeando o arrabalde, até ao sítio onde o curso de água se dividia em duas ribeiras, que circundavam o monte onde os portugueses tinham montado o seu acampamento durante o cerco. Na encosta dessa colina, em frente à alcáçova, os mouros construía o seu novo bairro. Konrad e Gunther atravessavam ali a ribeira e os mouros cumprimentavam-nos, principalmente os mercadores, que não desperdiçavam a oportunidade de agradar aos dois cavaleiros francos, donos de boas terras.

Konrad via agora esta gente com outros olhos e admirava-lhes a coragem e o empenho. Não só construía casas, também uma mesquita, e organizavam um novo suq. Aproveitavam ainda o facto de aquela zona, devido aos arroios e charcos, ser bastante alagadiça e, fazendo uso dos métodos árabes de irrigação, como noras, chafarizes e poços, iam cultivando almoínhas no seu esmero habitual.

O Julião era bem sucedido como ferreiro especializado em armas. Fidalgos portugueses começavam a estabelecer-se na região, o que lhe trazia muitas encomendas. E a amizade com Konrad permitia-lhe trocar experiências e impressões com alguém vindo de uma terra longínqua, que conhecia outras técnicas.

Assim se chegou ao Domingo de Páscoa, que poria um final no jejum da Quaresma, não sem antes todos os crentes terem assistido à missa na antiga mesquita aljama, onde o bispo D. Gilberto celebrava a ressurreição do Senhor. Era porém desejo do prelado a demolição

daquele templo e a construção de uma sé catedral de raiz, para o que já recebera o consentimento d'el-rei D. Afonso Henriques.

Aischa preferiu mais uma vez ficar em casa, apesar da sua fé no Islão continuar a esmorecer. As profecias de sua mãe pareciam concretizar-se, o que significava que Zubaida falara de facto com o Deus cristão! Ainda se cobria com o véu em público, mas principalmente com receio de se cruzar com a sua irmã Fátima ou o cunhado Suleiman.

Neste Domingo de Páscoa, e em consideração por ela, tinha-se resolvido comer cabrito, que já assava no forno. Apesar dos outros ainda se encontrarem na missa, Aischa não estava sozinha: um cachorrinho de quatro meses, a quem se tinha dado o nome de Ruço por ter o pelo castanho a dar para o ruivo, fazia-lhe companhia. Konrad pretendia educar o Ruço como cão de caça.

Aischa não fora habituada a partilhar a casa com animais, mas reconhecia que este ser de olhos vivos e orelhas de pontas dobradas a entretinha e fazia sorrir. Naquela idade, o cachorro pouco maior era do que um gato e ela achava graça ao vê-lo dedicar-se a uma das suas ocupações favoritas: assustar as galinhas. Ruço corria entusiasmado à volta da capoeira, nos passos desengonçados de quem tem as patas grandes demais para o corpo. Num cacarejar alarmado, as galinhas atropelavam-se umas às outras e o cachorro, orgulhoso com a confusão que provocava, apoiava-se na grade com as patas dianteiras, a boca entreaberta, como se sorrisse, a língua de um vermelho vivo pendurada, os olhos brilhantes e expressivos pregados na moura, como se esperasse a sua aprovação.

De repente, todos os sinos de Lisbona desataram num repicar ensurdecedor: Cristo ressuscitara, a missa solene chegara ao fim. Aischa dirigiu-se a uma janela do primeiro andar para ver passar a procissão. Colchas de seda coloridas guarneciam as suas e as janelas dos vizinhos. Pouco depois, lá vinham os porta-estandartes nas suas opas vermelhas e o bispo D. Gilberto, debaixo do pálio, segurando a custódia que abrigava o Santíssimo na sua redoma de vidro.

Quando Konrad e os outros chegaram a casa, começou o banquete. Ao Ruço eram atirados restos suculentos, uma porcaria que não agradava à moura, mas que ela aprendera a suportar, como outros hábitos cristãos.

Só Ausenda parecia não se deleitar com a carne, depois de tanto tempo de jejum. Aischa, sentada a seu lado, perguntou-lhe:

— Passa-se alguma coisa contigo?

— Sinto-me mal hoje. Tive dores durante a procissão.

Quando já comiam a sobremesa, um creme que Maria confeccionara com muitos ovos e açúcar, um luxo que Konrad autorizara naquele dia, Ausenda deixou cair a sua pequena colher de pau, pousou as mãos sobre a barriga e anunciou, quase sem respiração:

— Acho que vem aí a criança.

Foi um alvoroço. Aischa e Maria preparavam-se para ajudar a rapariga a ir para o seu quarto, quando Konrad tomou o lugar da criada e ordenou:

— Vai buscar a parteira! E se ela se recusar a vir por ser Domingo de Páscoa, diz que lhe pagarei o dobro.

Assim que Ausenda chegou ao aposento, ele tratou de desaparecer, pois nascimentos não eram coisa de homens. A moura ficou sozinha com a futura mãe, que se torcia de dores, rezando para que Maria e a parteira viessem depressa.

Mal chegou, a parteira pediu muita água quente e toalhas limpas. Aischa e Maria foram tratar de tudo e, ao regressarem ao quarto, a mulher, depois de já ter examinado Ausenda, era de opinião que o parto se daria sem grandes percalços, pois, como ela dizia, "a criança já queria furar".

Uma hora mais tarde, o sofrimento da jovem mãe chegava realmente ao fim e o recém-nascido berrava a plenos pulmões. A parteira regozijou-se:

— Mas que rapazinho cheio de vida! Nos anos que já levo de experiência, raramente tratei de um recém-nascido com tanta genica. E tem a pele clarinha dos cavaleiros francos.

— Vou dar a novidade ao Konrad e aos outros — disse Aischa.

— Espera — pediu Ausenda. — Não sei se o Konrad já tem um nome em vista para o sobrinho, mas diz-lhe que eu gostava que ele tivesse o nome do pai, que nesta terra se diz João.

Konrad congratulou-se com o nascimento do sobrinho e achou o nome apropriado.

Quando Aischa foi novamente ter com Ausenda, o pequeno João mamava e a jovem mãe lamentou:

— Que pena que o Johann não o possa ver!

A moura sentiu um aperto na garganta. Sentou-se na beira da cama e replicou:

— Gostaria de falar contigo sobre a morte dele.

— Por causa do teu irmão?

— A história é-te então conhecida?

— Claro.

— E apesar disso és minha amiga?

— Tens um coração generoso, foste boa comigo desde o início.

Além disso, não tens culpa do que aconteceu durante os combates.

Observaram o bebé em silêncio, até que Aischa disse:

— O Rashid também.

— O quê?

— Também o seu coração é generoso. Ele nunca mataria ninguém, se não se tivesse que defender a ele próprio.

— Acredito. E não te preocupes. Já há muito que me conformei com a ideia de que Johann morreu no meio de uma guerra. Não faz sentido perguntar quem matou quem.

— As saudades ainda são muitas?

Depois de uma curta reflexão, Ausenda respondeu:

— Algumas, mas ele deixou-me um filho... E há outra coisa...

— A que te referes?

— Tens que me prometer que não dirás a ninguém o que te confiarei agora, sobretudo a Konrad!

— Mas o quê?

— Promete Aischa, senão não te digo nada!

— Está bem, prometo-te.

Depois de manter a moura suspensa por mais alguns instantes, a rapariga anunciou:

— Começo a interessar-me por alguém...

— Por Alá, como é que isso é possível?

— Foi o que eu pensei — retorquiu Ausenda ofendida. — E se tu reages logo assim, que dizer de Konrad?

— Desculpa... É que a gente pensa sempre que pertences ao Johann.

— Claro, porque o Konrad assim o quer. Mas o Johann está morto... E eu estou viva!

— E esse alguém... O que é que ele sente por ti?

— Não sei, ele nunca me disse nada. E eu não me atrevo a falar com ele sobre isso.

— Quem é ele?

Ausenda hesitou e acabou por retorquir:

— Desculpa-me se não te respondo a essa pergunta. Pelo menos, enquanto não souber o que ele sente por mim.

— Não tenhas tanto medo do Konrad. Irá num primeiro momento surpreender-se, como eu. Mas compreenderá que tentes procurar a tua felicidade...

— Ora, Konrad agirá sempre como se o irmão ainda estivesse vivo.

Algumas semanas mais tarde, Konrad constatou ao acordar que Aischa o observava, apoiada no cotovelo direito. A luz do sol começava a despontar por entre o rendilhado das adufas. Ela sorriu e ele afagou os caracóis negros, que repousavam sobre o seu peito.

— Já estás acordada há muito tempo?

— Há algum. Estava à espera que também despertasses.

— Porquê?

— Quero mostrar-te uma coisa...

— Oh! — Ele forçou-a a deitar-se e pôs-se sobre ela. — Tens mais surpresas para mim, além do fogo que arde cada vez mais quente em ti?

— Pára com isso! Estava a falar a sério.

— Eu também estou a falar a sério.

Começou a acariciá-la, mas ela agarrou-lhe a mão e disse:

— Temos que nos levantar antes dos outros.

— Num domingo?

— É importante!

Escapuliu-se-lhe e enfiou uma camisa larga e comprida pela cabeça. Ele limitava-se a observá-la surpreendido e ela insistiu:

— Mexe-te! Temos que ir à cave!

— À cave? — Levantou-se num salto, murmurando: — Não me digas que o Gunther tem razão!

Aischa não respondeu. Konrad seguiu-a até à cozinha e entrou atrás dela no depósito. Observou espantado como ela, numa certa esquina, contou os tijolos e, tirando dois, fez surgir uma caixa do buraco.

— O que está aí dentro?

Aischa sentou-se no chão e ele fez o mesmo em frente dela. Depois, ela deu-lhe a caixa e disselhe:

— Abre-a!

Assim que Konrad viu do que se tratava, estarreceu perante o ouro e as pedras preciosas:

— Pelas cinco chagas de Cristo! A quem pertence?

— A mim.

— A ti... só?

— Só a mim. A minha mãe deixou-ma.

— Compreendo. E tu escondeste-a dos invasores cristãos.

— Para dizer a verdade, foi a minha mãe que a escondeu... do meu pai.

— O teu pai não sabe que esta cruz existe?

— Nem ele, nem nenhum dos meus irmãos ou parentes.

Ele tornou a observar o valioso objecto. De repente, começou-se a rir e Aischa lançou irritada:

— Não faças barulho! Qual é a graça afinal?

— Desculpa, mas quando penso que o Gunther tinha razão todo este tempo...

— Ele não pode saber de nada. Ninguém pode. Resolvi mostrar-te porque não há mais ninguém neste mundo em quem mais confie. Não me desiludirás, pois não Konrad?

— Claro que não.

— Mostrei-te por uma outra razão: trago este segredo comigo há sete anos e já não aguento mais. Além disso, não sei o que hei-de fazer com ela. Tens alguma sugestão?

Konrad reflectia. Uma coisa daquelas só se vendia em situações de grande aperto, o que não era o caso. A renda que o Gunther e o Julião lhe pagavam e o aluguer das pastagens proporcionavam-lhe a ele, Aischa, Ausenda e João uma vida confortável. Além disso, teria vinho suficiente para poder vender algum. E no ano seguinte colheria trigo com fartura. Tinha que transformar as terras que o

monarca lhe oferecera num caso de sucesso, a fim de lhe provar que merecia um vasto senhorio, com o seu próprio castelo. O objectivo da sua vida, tornar-se num vassalo real, estava mais do que nunca ao seu...

— Estranho, não é?

Konrad deu-se conta que já silenciava há muito tempo e balbuciou:

— O quê?

— Todos nós desejamos riqueza. Mas quando uma pequena fortuna nos chega às mãos, não sabemos o que fazer com ela.

Observaram a cruz. As quatro esmeraldas brilhavam, a cor do ouro enfeitiçava... Aischa soltou:

— Tenho medo dela!

— Medo?

— Sim. A minha mãe nem precisava de a ter na mão, bastava-lhe falar dela para que adivinhasse o futuro.

— Credo — disse ele, benzendo-se. — Até parece bruxaria!

— Por isso, penso que ela nos possa trazer azar.

Konrad forçou-se a vencer o receio e a superstição, custava-lhe renegar tal objecto:

— Não tenho tanta certeza. Afinal, se não fosse esta cruz, não estaríamos aqui juntos.

— Eu sei. — Aischa baixou o olhar: — Agora, se isso nos trará sorte ou azar...

— Pensei que me amasses.

— E o nosso amor não será a nossa desgraça?

— Claro que não.

Konrad não estava seguro daquela resposta, apesar de a ter dado sem hesitar. Resolveu tornar a concentrar-se na cruz:

— Tornemos a pô-la onde estava. Se tem que continuar um segredo, não consigo imaginar um esconderijo melhor, agora que já ninguém fala de tesouros escondidos na cave.

Quando tudo estava de novo no seu lugar, ele sugeriu:

— Voltemos para a cama.

— Mas faz-se tarde. Perderás a missa.

— E depois? Como vós mouros dizeis: é preciso ir aproveitando os bocadinhos de Paraíso que Alá nos proporciona.

Aischa abafava o riso, enquanto subiam as escadas. Chegados ao quarto, atiraram-se para cima da cama, livraram-se atabalhoadamente das suas vestes e depressa as gargalhadas abafadas deram lugar a gemidos de prazer.

23

Aischa entrou no quarto de Ausenda, que se preparava para mudar as fraldas do filho, e pediu:

— Deixa-me fazer isso!

— Com todo o prazer — replicou a outra, sentando-se. — A Maria também está sempre ansiosa por tratar do João. Ele pode não ter pai, mas tem três mães. Desconfio que nem os bebês fidalgos gozam de tantas atenções.

Aischa riu-se, embrulhou o pequeno em panos de linho frescos e sussurrou:

— Eu tenho um bom motivo para o fazer. Preciso de me ir acostumando.

— Oh, não me digas que estás prenhe!

Aischa acenou com a cabeça e Ausenda abraçou-a:

— Desejo-te a mesma felicidade que sinto quando olho para o meu filho!

— Obrigada.

— O Konrad já sabe?

— Sim, disselhe ontem.

— Não sentes vontade de festejar, de fazer algo diferente? Porque não damos um passeio com o Ruço até àquele prado bonito, do outro lado do esteiro?

— Não sei se será boa ideia afastarmo-nos tanto da cidade.

— Oh vamos! Sabes, eu costumava brincar com os meus irmãos e os nossos cães num prado perto de casa. É das poucas boas recordações que tenho desse tempo.

Aischa aproximou-se da janela, o sol sorria-lhe de céu azul.

— Está bem. Gozemos este lindo dia de Junho.

Depois do almoço, Ausenda deu de mamar ao João. Em seguida, deixou-o adormecido aos cuidados de Maria e, na companhia do Ruço, as duas moças dirigiram-se à antiga *bâb al-khawkha*, agora Porta da Alfafa. Desceram as ruelas do bairro de Alcamim até

chegarem à nova igreja de Santa Justa e Rufina, perto do ponto onde o esteiro se dividia nas duas ribeiras. Atravessaram a do lado nascente, junto ao novo bairro dos mouros, e continuaram até ao prado.

Os três brincaram entre papoilas e margaridas. As moças tentavam ensinar o cão a devolver-lhes os paus que atiravam longe, mas o Ruço parecia mais interessado em fugir com eles, a fim de os poder roer

descansado.

Deixaram-se finalmente cair sobre a erva. Aischa já há muito que tirara o véu da cabeça e, com a brincadeira, tinham-se soltado às duas moças várias madeixas dos seus rabos-de-cavalo. Ausenda propôs:

— Vamos colher flores para fazermos coroas com elas. Enquanto trabalhavam nas coroas e o Ruço não se cansava de caçar

borboletas, disse Aischa:

— Nunca mais me contaste nada sobre uma certa pessoa...

Ausenda suspirou, corada:

— Estou tão apaixonada.. .E ele disse-me que queria casar comigo.

— Estás a falar a sério?

— Estou... Mas o Konrad não pode saber de nada!

— Como não? Pretendeis casar em segredo?

— Não, mas quero esperar até ao fim do luto.

— Do luto? Mas ninguém está de luto!

— Bem... como as viúvas têm que esperar um ano para tornar a casar, eu acho que o Konrad aceitará melhor a situação se deixarmos correr um ano sobre a morte do irmão.

— Então tereis que esperar ainda mais de três meses.

— Assim será.

— Não sei... Cá para mim, isso não adiantará de nada. E se o Konrad entretanto descobrir tudo? Pensará que agistes por trás das suas costas e aí é que o caldo está entornado!

— Ele não descobrirá nada, se tu não lhe contares. Continuaram a fazer as coroas em silêncio, até que Aischa perguntou:

— Não me queres dizer de quem se trata?

— Não. Não te zangues comigo, mas sinto-me mais segura assim.

— Como queiras. Só espero que saibas o que estas a fazer.

O tom de censura saiu-lhe mais forte do que pretendia e, sentindo Ausenda ofendida, acrescentou:

— Pensando bem, sei por experiência própria que os apaixonados raramente sabem o que fazem.

As duas riram-se e enfeitaram-se com as coroas.

— Regressemos a casa — disse Ausenda. — Já é tempo de dar outra mamada ao João.

Fizeram-se ao caminho, com o Ruço a saltitar à volta delas. Aischa estava tão orgulhosa da sua coroa de flores silvestres, que nem para atravessar a ribeira no sopé do arrabalde dos mouros se cobriu com o véu.

Já iam a caminho da igreja de Santa Justa e Rufina, quando três mouras se aproximaram delas. Aischa estremeceu perante a que usava um véu verde-escuro e que soltou:

— Parece impossível! Não queria acreditar naquilo que o Suleiman me disse, mas constato que ele tinha razão. Tu és uma vergonha para a nossa família!

— É a tua irmã? — perguntou Ausenda, pois não tinha entendido as palavras proferidas em árabe.

Aischa confirmou com um aceno de cabeça. Fátima prosseguiu:

— Abu tem razão. Trazes o pecado no teu sangue cristão!

— Não digas mais nada até me ouvires...

— De ti não quero ouvir nada! Chega-me o que o meu esposo me contou.

— O que é que ele sabe sobre mim?

— O teu cruzado já é conhecido em todo o lado, sua tonta. E toda a gente sabe que o franco te mantém como concubina!

— Eu não sou nenhuma concubina!

— Ai não? Olha para ti! De cabeça e rosto descobertos, os cabelos desalinhados e enfeitados com porcaria, para chamar a atenção dos homens.

— Não é nada disso. Eu apenas...

— Cala-te pecadora! Tenho vergonha que sejas minha irmã. Não procures a minha ajuda quando caíres em desgraça!

— E quem te disse que eu precisarei da tua ajuda?

— Ora, o que será de ti, quando o cruzado se encher dos teus serviços e te puser fora de portas?

— Konrad nunca fará uma coisa dessas!

— Não me faças rir. Ele precisará de um herdeiro e casará. Ver-te-ás no meio da rua mais cedo do que pensas, junto com as outras rameiras, que é onde mereces ficar!

— Deixa-me em paz Fátima!

Afastou-se chorosa, em passo de corrida, Ausenda só com dificuldade a alcançou. Ela tinha-se coberto com o véu e não respondia às perguntas da amiga. Assim que chegaram a casa, recolheu ao seu quarto.

O mais assustador era que Fátima tinha dado expressão aos receios que Aischa reprimia. Konrad nunca conseguiria obter a simpatia e os favores do rei português com uma moura a seu lado. E uma nova preocupação atormentava-a: era bem possível que a irmã avisasse o resto da família. De uma maneira ou de outra, a sua felicidade poderia chegar ao fim mais depressa do que ela imaginava. Que seria da sua criança?

Konrad chegou tarde a casa, o dia longo de Junho já se transformara em noite. Não demorou muito a surgir-lhe no quarto, onde ela estava encolhida em cima da alcova, com os joelhos dobrados entre os braços.

— Ausenda disse-me que falaste com a tua irmã. O que é que ela te disse para te pôr nesse estado?

— Ela e Suleiman sabem tudo sobre nós e talvez mandem informar o resto da família.

Konrad encolheu os ombros:

— Haveria de acontecer, mais cedo ou mais tarde.

— E não tens medo do que possa acontecer?

— Medo, eu? De um punhado de mouros?

Aquilo ofendeu-a. Ele falava realmente como um cruzado, como se a sua fosse gente inferior. Replicou irritada:

— Não sabes do que eles são capazes! Lisboa deixou de ser segura para nós. Temos que fugir!

— Fugir? Eu não posso sair daqui. De que viveríamos? Lembra-te de que teríamos que levar a Ausenda e o João connosco.

— E não te passa pela cabeça que Ausenda talvez encontre alguém que queira casar com ela?

— Com a Ausenda?! Eu sei que ela é boa moça, mas nunca te esqueças de que foi...

— Ela é nova e bonita. Acreditas mesmo que conseguirás afastar os homens dela para o resto da tua vida?

— Ai não, que não consigo! Ausenda que dedique a sua vida ao filho do Johann. Já lhe chega! Com um passado como o dela, é uma sorte que eu me tenha comprometido a tomar conta dos dois.

— Oh, Konrad...

— Como é que te lembraste agora de uma coisa dessas? Não me digas que ela já se meteu com algum...

— Claro que não!

A resposta saiu-lhe rápida demais. E deixou-lhe um gosto amargo na boca. A última coisa que pretendia seria mentir a Konrad. Além disso, não sabia realmente com que tipo de homem a Ausenda estava envolvida. Prometera à amiga não revelar o romance dela, mas não seria melhor abrir-se com Konrad?

Ele olhou-a desconfiado, mas regressou ao tema inicial:

— Acalma-te! Porque haveria Fátima de mandar notícia à tua família? Ela sabe que, mantendo a boca calada, evita problemas a toda a gente. O teu pai e os teus irmãos meter-se-iam em sarilhos, vindo a Lisboa molestar um cruzado que foi recompensado por el-rei.

Era verdade. Ainda por cima, a irmã dela estava convencida de que Konrad a poria na rua. Fátima não queria deixar escapar uma satisfação dessas. Mas... teria razão? Aischa não se aguentou:

— O que farás comigo, quando te encheres de mim?

— Mas quem te disse que eu me encherei de ti?

— Chegou a altura de enfrentarmos a realidade! — Levantou-se e pôs-se em frente a ele. — Que será de mim, quando fores um vassalo real e precisares do teu herdeiro?

Viu-o engolir em seco e sentiu a desilusão crescer dentro dela. Ele replicou:

— Nunca te enganei, Aischa. Tu sabias desde o início...

— E terás coragem de me pôr na rua? — gritou-lhe furiosa. — Não terás escrúpulos nem de abandonar o teu filho?

— Pôr-te na rua? Mas quem... Já estou a ver porque é que a tua irmã te deixou neste estado. — Agarrou-lhe as mãos. — Prometo-te que nunca te abandonarei! Pensas que conseguiria dormir sossegado, sabendo-te a ti e ao nosso filho na miséria?

Era um alívio, pelo menos no que dizia respeito à criança. Mas ela começou a perceber o que para ele representava uma possibilidade: mesmo casado, mantê-la-ia como barregã e não lhe deixaria faltar nada.

Sim, era essa a vida que lhe estava destinada. Fátima tinha razão: não passar; de uma concubina!

E pensar que quase se tornara numa das senhoras mais consideradas de Lusbuna.

Mas isso fazia parte de outro tempo, Lusbuna já não existia...

Os olhos humedeceram-se-lhe, desfocando o rosto de Konrad à sua frente. Prescindiria do amor dele, se tivesse o poder de apagar o último ano da sua vida e regressar a uma Lusbuna onde os cruzados não surgiriam e onde ela viveria o seu futuro ao lado de Amir?

Ele afagou-lhe os ombros e declarou:

— Nunca amei nenhuma mulher como te amo a ti, Aischa. E sei que nunca amarei, aconteça o que acontecer.

Ela caiu-lhe nos braços. Konrad era a sua vida, para o bem ou para o mal.

Duas semanas mais tarde, os dois senhores francos afastavam-se da cidade montados nos seus cavalos, ao nascer do sol, como de costume. Ruço seguia-os, pois Konrad já iniciara a educação do cãozito e mantinha-o todo o dia consigo.

Konrad estava mais uma vez perdido nos seus pensamentos, sem ouvir o que o amigo lhe dizia, que habitualmente acabava por se calar irritado.

Apesar de na presença de Aischa se mostrar despreocupado, o encontro desta com Fátima inquietara-o. E se os mouros viessem mesmo de Batalyaws, com o intuito de limpar a honra da família? Pela sua própria segurança não temia, mas pela de Aischa. Embora Julião e Tomé estivessem sempre em casa, ele ponderava se deveria arranjar mais alguém. Ao Julião daria com certeza jeito contratar um ajudante para a sua ferraria.

Estas preocupações deixavam-no esquecido. Já iam a meio do caminho, quando ele fez estancar o seu cavalo, soltando:

— Maldição!

— O que foi agora?

— Esqueci-me de pedir um martelo ao Julião para consertar a cerca.

— Não sabia que tínhamos uma cerca danificada.

— Só o constatei ontem ao fim do dia, e é do meu lado das pastagens.

— Se me tivesses dito, talvez eu hoje me tivesse lembrado do martelo.

Konrad suspirou enervado e Gunther acrescentou:

— Essa moura vai ser a tua desgraça!

— Já te disse que não gosto de comentários desses.

— Mas tens que aceitar o facto de que ela é diferente de nós. Ela só servirá para te prejudicar e...

— Acaba com isso, estás a pôr em causa a nossa amizade! Gunther parecia querer responder-lhe, mas controlou-se. Depois de um curto silêncio, perguntou:

— Ora bem, o que pretendes fazer?

— Regresso a casa. Aproveitarei para trazer também alguns pregos, a cerca precisa de ser reparada o mais depressa possível.

— Tu sabes que eu tenho hora marcada com os pedreiros. Gostaria de ter uma parte da minha casa pronta antes do Inverno, de maneira a poder mudar-me para lá.

— Vou ter contigo à obra ao início da tarde.

Seguido pelo Ruço, Konrad cavalgou de regresso à cidade.

Assim que entraram no jardim, o cão, estafado, foi-se estender à sombra. Konrad entrou na oficina do Julião. O fogo ardia, mas o ferreiro não estava lá. Ao fundo da ferraria havia um canto separado do resto por uma cortina. E foi de lá que veio a voz dele, assim que Konrad começou a vasculhar:

— Já aí chego!

Ele deve pensar que sou um cliente, disse Konrad para consigo. Mas, irritado como estava, nada disse e continuou a vasculhar entre os pertences do amigo. Logo encontrou um martelo, mas não via

pregos de jeito. Entre praguejos, aproximou-se da cortina e empurrou-a bruscamente para o lado:

— Onde é que tu enfiaste...

Nem queria acreditar no que os seus olhos viam: Ausenda libertava-se à pressa do abraço do ferreiro!

— Mas que diabo se passa aqui?

— Fica calmo — pediu Julião. — Explicar-te-emos tudo.

— Vai para o teu quarto! — ordenou Konrad à rapariga.

— Não te zangues! Nós só...

— Vai para o teu quarto! Não o repetirei uma terceira vez!

Ausenda obedeceu, de lágrimas nos olhos. Julião balbuciou:

— Deixa-me explicar-te...

— Traidor! Tu assististe a tudo! Conheceste o meu irmão e sabias como ele estava enfeitiçado por ela.

Como pudeste fazer uma coisa dessas ao Johann?

— O Johann está morto há quase dez meses!

Konrad só se controlava com um grande esforço e decidiu acabar logo ali com a discussão:

— Tens tempo até à sexta hora para desapareceres daqui. E, por mim, leva a tralha que quiseres!

— Mas eu...

Konrad agarrou-o pelas vestes e sibilou por entre os dentes cerrados:

— Não abuses mais da minha paciência patife, se é que tens amor à vida!

Sacudiu-o de si e os dois faiscaram-se com o olhar. O ferreiro era forte e quase tão grande como ele. Mas a obediência estava-lhe no sangue. Apesar de, devido à situação extraordinária de Konrad, os dois manterem uma relação de camaradagem desde que se tinham conhecido, Julião não se esquecia de que tinha perante ele um cavaleiro de sangue nobre. Virou-lhe as costas e começou a arrumar as suas coisas.

Konrad entrou de rompante no quarto de Ausenda. Ela chorava sobre a cama, o bebé dormia no berço.

— Sempre soube que trarias problemas — vociferou ele. — Demorou mais do que o que eu pensava, mas o tempo acabou por me dar razão!

João acordou e começou a berrar. Ausenda balbuciou:

— Estás enganado...

— Prometi ao Johann tomar conta de ti e da criança e fá-lo-ei, custe o que custar. Mas não penses que continuarás a fazer de mim parvo!

— Konrad!

Esta era a voz de Aischa atrás dele. Maria também surgiu, mas logo tornou a desaparecer com o João aos berros nos braços. Konrad gritou com Aischa:

— E tu sabias de tudo!

— Deixa a Ausenda em paz! Peço-te que falemos a sós.

Também ela o queria intrujar? Ainda há poucas horas, Gunther insinuara que ela não era de confiança. Erraria ao confiar numa moura? Virou-se para a Ausenda e ameaçou:

— Não te atrevas a deixar este quarto!

A sós, na câmara que partilhava com Aischa, inquiriu, mais desesperado do que furioso:

— Não me digas que não posso confiar em ti!

— Eu sabia que Ausenda tinha um namorado, mas só agora me apercebi de que se tratava do Julião.

— Santo Deus, e porque não me disseste nada?

— Prometi-lhe guardar segredo. E ela disse-me que ele pretendia casar com ela.

— E tu acreditaste numa coisa dessas?

— Não via razão para duvidar.

— Talvez ela própria acredite nisso. Mas ela foi uma rameira, nunca nenhum homem casará com ela.

— Porque estás tão certo disso?

— Eu sei como essas coisas funcionam, enquanto tu não fazes ideia nenhuma.

— Mas o Julião é nosso amigo. Custa-me a aceitar que ele lhe tenha mentido.

— Porque gostas da Ausenda e lhe desejas felicidade. Mas o mundo tem as suas próprias regras e não se compadece com os nossos desejos.

— Nem sequer tentaste conversar com ele.

— Para quê? Confiei nele, pensei que fosse meu amigo. — Os olhos humedeceram-se-lhe. — Meu Deus, ele conheceu o Johann! E eu prometi ao rapaz tomar conta dela e do filho. Se soubesse como falhei...

— Não podes evitar que a rapariga se apaixone...

— Acaba com essa tua conversa! É de leres tantos desses malditos poemas! Sabes quem é que nos levou ao bordel onde ela trabalhava? O Julião e o Tomé. Se calhar, até já se tinham eles próprios servido dela.

— E mesmo que assim fosse? Que culpa é que ela tinha? Limitava--se a obedecer à dona da espelunca. E afinal o que é que vós homens exigis de nós? Vós não vos divertis como e quando quereis?

Konrad emudeceu de assombro e indignação. Por muito menos do que aquilo espancavam-se esposas. E de repente ele não sabia como havia de reagir. Nunca tinha batido numa mulher e não se sentia capaz de levantar a mão contra Aischa. Mas agarrou-lhe o braço com força e declarou:

— Tu e a Ausenda tornastes-vos amigas e compreendo que a queiras defender.

Por isso, estou disposto a perdoar-te. Mas não tornes a dizer coisa semelhante!

Afastou-a com um safanão e deixou-a sozinha.

Vivia-se a última semana do Julho quente. Julião depressa arranjava trabalho, pois já era conhecido. Morava numa estalagem barata no bairro de Alcamim, junto à Porta do Ferro, onde se situavam as ferrarias dos moçárabes. Aischa suspeitava que Ausenda se encontrava com ele, mas não frequentemente, para isso faltava-lhes tempo e local. Julião dividia um quarto com outros dois, a única possibilidade que tinha de o pagar. Além disso, trabalhava todo o dia e ao serão Konrad estava em casa, o que tornava a Ausenda impossível sair sozinha. O mesmo acontecia aos domingos, o único dia livre do Julião.

Contudo, mesmo aos empregados e ajudantes de ferreiro se dava uma pequena pausa para comer e era precisamente nestas alturas que Ausenda, de vez em quando, se escapava de casa, para regressar pouco depois. Não dizia a Aischa nem a Maria aonde ia e as duas também não lhe faziam perguntas. O único homem em casa era agora o Tomé, mas também ele parecia ignorar estas escapadelas. Se sabia o que se passava, calava-se, a fim de não prejudicar o ferreiro, de quem continuava amigo. Era do conhecimento de todos que passava as tardes de domingo com ele.

Nos últimos três dias, porém, Ausenda não saía de casa, pois o pequeno João andava com febre.

Já tinham soado as tércias a meio da manhã, mas Maria ainda não regressara do rio, aonde se dirigira bem cedo com um cesto de roupa. As duas jovens velavam junto ao berço, agora mais descontraídas. Depois de uma noite agitada, o João melhorara e dormia sossegado.

— Tu também devias dormir — disse Aischa à amiga. — Deita-te depois do almoço.

— Estou tão cansada que me deito já. Almocem sem mim, que eu como qualquer coisa mais tarde.

— Pois eu vou já à cozinha a ver se ainda há morangos.

— Ainda não te encheste de morangos? — volveu a outra trocista. — Come-los aos quilos!

— Não sei o que se passa comigo. Nunca fui tão doida por eles.

— É de estares prenhe! Não te lembras como eu, no Inverno passado, só queria castanhas, quando normalmente não lhes ligo nenhuma?

Mas na cozinha Tomé desiludiu a moura:

— Já não há morangos.

— Pois eu preciso deles agora!

— Então devias cuidar de que não acabassem — atirou ele seco. Ela suspirou:

— Tens que compreender que eu não estava habituada a cuidar dessas coisas. No tempo do meu pai, havia sempre tudo aquilo que eu queria.

— Não te preocupes! Vou ao mercado depois do almoço.

— Não, vou eu agora.

— Mas vamos já comer.

— Tu, que és homem, não entendes esta minha ansiedade. Além disso, vejo que preparas mais uma das tuas sopas cheias de toucinho.

— Ainda há vaca guisada de ontem.

— Oh, não me apetece nada comê-la outra vez. Nunca gostei muito de vaca e, ao pensar no guisado de ontem, fico logo enjoada.

— Valham-me todos os Santos. Vós prenhas sois difíceis de contentar!

— Quem te disse? Afinal, ficarei satisfeita com um cesto de morangos.

— Não te posso deixar ir sozinha. O Konrad nunca me perdoaria.

Estas palavras puseram Aischa pensativa. Tinha todavia a impressão de que a criança na sua barriga sentiria falta de qualquer coisa, se ela não satisfizesse este seu desejo.

— Fica descansado — acabou por dizer. — Cobrir-me-ei com um véu barato. Toda a gente me tomará por alguma criada.

— Pois sim, mas é em mim que o Konrad descarrega a sua ira.

— Virei em tua ajuda — retorquiu ela, já a sair da cozinha. Do meio das escadas ainda lançou: — Eu saberei acalmá-lo.

Cobriu a cabeça e o rosto com linho grosseiro e fez-se ao caminho com um cesto de verga enfiado no braço.

Embora a oferta de especiarias ou de brocados não fosse tão variada, o mercado de Lisboa, na paróquia de Santa Maria da Sé, junto à antiga mesquita, ganhara nova vida e recuperara um pouco do encanto de antigamente.

Aischa até resolveu dar uma volta maior do que a que tinha planeado e, depois de comprar os morangos, destapou a cara para os poder ir comendo.

Viu sedas à venda e suspirou nostálgica. Já há tanto tempo que não envergava tecidos finos! Mas não se deixou vencer pela tristeza. Virou-lhes as costas, resolvida a regressar a casa, quando reparou que na esquina à sua esquerda o seu cunhado conversava com outros dois mouros. Apressou-se a tapar a cara, mas notou que Suleiman a reconheceria, pois lançou-lhe um olhar desdenhoso. Apesar do calor, a moça sentiu um arrepio e tratou de sair dali.

Assustou-se ao soar das sextas, pois era mais tarde do que pensara. E o olhar ostensivo do cunhado não lhe saía da cabeça. Observara-a como quem ri da desgraça alheia! Saberla ele alguma coisa que lhe era desconhecida? Aischa acelerou os seus já apressados passos.

Ao chegar às imediações da Porta de al-hammã, respirou fundo, embora ainda tivesse que dobrar umas quantas esquinas. As ruelas estavam vazias a essa hora de maior calor, cães dormiam nas travessas sombrias. A cal das paredes reflectia a luz do sol, Aischa piscava os olhos, sentia-se tonta.

Ouviu passos atrás de si. A princípio, não lhes deu muita importância, mas notou que se aproximavam dela. Ainda bem que estou quase a chegar, pensou, acelerando mais uma vez. Quem quer que viesse atrás dela fez o mesmo!

Ora, perguntou-se, para que me hei-de inquietar? É de certeza alguém esfomeado que não vê a hora de chegar...

Agarraram-lhe no braço e, quando ela quis gritar, uma mão tapou-lhe a boca. Deixou cair o cesto e, antes que tivesse plena consciência do que lhe estava a acontecer, já havia sido puxada para uma das travessas escuras. Uma voz masculina sussurrou em árabe:

— Não faças barulho, se queres que te poupe a vida!

A voz era-lhe desconhecida. E a sua tentativa de se libertar foi recompensada com uma ponta de punhal encostada às suas costas.

— Não me obrigues a fazer-te mal! Se ficares sossegada e me acompanhares até ao novo bairro, nada tens que recear.

Coberta pelo véu e com a mão do estranho a apertar-lhe a boca, Aischa mal conseguia respirar.

— Não sejas burra — tornou ele a avisar. — Vou tirar-te a mão da cara, devagar, mas se gritas...

Completo a frase pressionando a ponta do punhal, quase lhe furava as costas.

— Então, ficas calada?

Ela acenou com a cabeça e ele cumpriu a sua palavra, embora mantivesse o punhal na mão. Aischa virou-se para ele, mas, como calculara, não o conheceu.

— Quem és tu? O que queres de mim?

— De ti, não quero nada. Limito-me a seguir ordens.

— E quem te manda?

— Verás! Não percas a calma e caminha normalmente, enquanto nos dirigimos à bâb al-khawkha. Lembra-te de que não hesitarei em espetar-te o punhal, caso me ponhas em dificuldades. Sê razoável e não nos dificultes a vida!

— Vens a mando do meu cunhado, o mercador Suleiman, não vens? O que é que ele pretende? Meter-me medo?

— Cala a boca e faz o que te disse!

— E tu achas que eu vou contigo assim, sem mais nem menos? Logo ele lhe levou a arma à garganta, apenas o véu lhe separava o pescoço do gume cortante.

— Não me obrigues a cortar-te a goela, desgraçada! Aischa limitou-se a engolir em seco.

— Caminha a meu lado, de maneira a não chamares a atenção. Vamos!

Agarrou-lhe no braço, mantendo o punhal na outra mão, disfarçado na manga larga, e assim se dirigiu com ela à porta referida. Aischa teve vontade de gritar por Konrad. Se ele lhes surgisse! Estava tanto calor, porque não resolvia ele regressar a casa mais cedo?

A frustração transformou-se em raiva e lançou entre dentes:

— Não sabes com quem te metes. Pertenço a um dos homens de mais prestígio aqui em Lusbuna e que tudo fará para me resgatar. Estarás morto, ainda antes do sol se pôr!

Sem lhe largar o braço, ele virou-se e quase se encostou a ela, a fim de esconder o punhal que lhe apontava à barriga. Aischa arquejou perplexa e perguntava-se se ele sabia que ela estava grávida.

— Serás tu quem não verá o cair desta noite, se não me obedeceres. Continua, até ao bairro onde vive a nossa gente!

Havia movimento no suq improvisado do bairro mouro. Do meio do véu, Aischa atrevia-se a lançar um olhar suplicante a algumas pessoas, na esperança de que alguém notasse o seu desespero, mas ninguém parecia dar-lhes importância. Era como se ela desse todos os dias uma volta pelo mercado, na companhia daquele homem.

Já havia casas construídas, mas a maior parte ainda não estava pronta e muitos mouros viviam em tendas. Aischa não fazia ideia onde moravam Fátima e Suleiman e ficou aterrorizada, quando o homem parou em frente de uma das tendas e ordenou:

— Entra!

— Está alguém lá dentro? — perguntou ela receosa.

— Entra! — repetiu ele e empurrou-a através da abertura, ficando de fora.

A tenda era confortável, estava guarnecida de tapetes e almofadas. Encontrava-se lá um único homem... E, ao reconhecê-lo, Aischa nem teve tempo de gozar um certo alívio, pois logo se viu atingida por um tipo de medo diferente daquele que havia sentido até agora. Abu, o seu irmão mais velho, vociferou:

— Barregã!

Arrancou-lhe o véu da cabeça, puxou-a pelos cabelos até ao meio da tenda e bateu-lhe com as costas da mão com tal brutalidade, que ela logo se estatelou no chão. Um dos anéis dele tinha-lhe rompido o lábio e a barriga começou a doer-lhe.

Abu tornou a agarrá-la pelos cabelos, forçando-a a levantar-se.

— Acabaste em concubina de um desses cães estrangeiros!

— Espera — soluçou ela. — Ouve...

— Nunca esperei outra coisa de ti, rameira! Socou-a com o punho cerrado.

Novamente no chão, com o nariz a sangrar, Aischa sentiu as dores de barriga aumentarem, provocando-lhe um grande enjoo. E, quando se apercebeu que Abu desapertava o cinto, gelou-se-lhe o sangue.

A primeira chicotada quase desmaiou e viu-se aterrorizada com a ideia de perder a criança. Mas, quando contava com a segunda pancada, ouviu uma voz:

— Chega Abu!

O pai acabava de entrar na tenda.

— Ela ainda não levou nem metade daquilo que merece.

— Disseste que chega. Deixa-me a sós com ela! Abu dirigiu-se contrariado para a saída.

— Manda-nos uma das criadas de Fátima — ordenou-lhe ainda o pai — Para que lhe lave a cara e a penteie.

O mercador sentou-se nas almofadas e esperou que Aischa fizesse o mesmo. Os caracóis dela caíam-lhe em desordem, o sangue que lhe jorrava do lábio e do nariz sujava-lhe as vestes. Ela respirava fundo, a fim de vencer o vômito.

— Eu não te teria batido assim, contentar-me-ia com uma bofetada e um raspanete. Mas tu sabes como é o Abu.

Pensará ele que me conforta com isso, perguntou-se furiosa. Começou a tremer e encolheu-se, abraçando os joelhos flectidos.

— Contava estar aqui antes de ti — continuou o pai, — mas chegaste, ainda eu rezava na mesquita improvisada.

Fez uma pausa. Aischa continuou calada, tentando controlar o enjoo e as tremuras.

— Tens que admitir que pecaste muito.

Estas palavras despertaram-lhe a culpa, da qual ela nunca se livrara. Mas recusou-se mais uma vez a falar.

A criada entrou na tenda, pousou uma bacia de água no chão e humedeceu uma toalha de algodão. Limpou-lhe o sangue do rosto, penteou-lhe os cabelos e amarrou-lhos.

Apesar do desconforto que os músculos pisados lhe provocavam, Aischa já não sentia dores de barriga e vencera finalmente a má disposição, o que a levou a concluir que não perderia a criança. Mas se o desconhecido que ali a trouxera lhe tivesse realmente espetado o punhal no estômago, não lhe provocaria uma dor mais profunda do

que a que a falta do abraço e do consolo de Konrad agora lhe despoletava. Resolvida a tentar tudo, a fim de regressar para junto dele, anunciou, assim que a criada foi dispensada:

— Tens razão, meu pai. Pequei para lá do suportável. Sei que estou condenada por toda a eternidade. Deixa-me ir, já não há lugar para mim na tua casa!

— Pois eu sou de opinião diferente.

— Que... — balbuciou espantada — que queres dizer?

— Quando soube a vida que levavas, mergulhei num grande desespero. Porém, antes de tomar uma atitude impensada, da qual mais tarde me arrependeria, procurei o conselho de um ulama.

Disse ao sábio do Corão que me recusava a dar-te como perdida, por tanto te amar.

Aischa havia esquecido quão paciente e carinhoso o pai era. Os olhos humedeceram-se-lhe.

— És tão parecida com a tua mãe! Sinto falta dela, apesar de saber que ela nunca encontrou um lugar para mim no seu coração. Mas tu sabes que ela sempre foi a minha preferida.

A moça começou a chorar e escondeu o rosto entre os joelhos flectidos. Deu-se com ela a desejar que seu pai fosse tão violento como Abu, pois ser-lhe-ia mais fácil resistir-lhe.

— Se daqui para a frente — prosseguiu ele, — viveres em minha casa em recolhimento e seguireś à risca os ensinamentos do Profeta, o ulama é de opinião de que terás hipótese de salvação.

— Não! É tarde demais. Eu...

— Nunca é tarde. A misericórdia de Alá é infinita.

— Mas tu ainda não sabes tudo. Eu... darei à luz a criança do cristão.

Aischa viu a perplexidade estampada no rosto dele e sentiu um fio de esperança. Não se importaria mesmo de levar mais tarefa, conquanto ele no fim a mandasse embora.

No entanto, depois de Malik Ibn Danaf reflectir por uns instantes de olhos fechados, retorquiu:

— Isso, no fundo, pouco altera a situação, o teu pecado não é maior por teres emprenhado. Além disso, tem que haver igualmente salvação para o ser inocente que cresce dentro de ti. Permitirei que a

tua criança cresça em minha casa, para que também ela seja educada na fé verdadeira.

Aischa nem acreditava no que ouvia: o pai oferecia-lhe a possibilidade de retomar uma vida honrada, coisa que ela pensara que nunca mais lhe fosse possível. Teria o direito de recusar tanta bondade?

— Com a preciosa ajuda do teu tio, consegui retomar os meus negócios. Devo muito dinheiro a Yussuf, mas possuo um novo estabelecimento e vivemos numa casa bonita, apesar de não ser tão grande como a de Lusbuna. Lá nascerá a tua criança e dedicar-lhe-ás a tua vida, assim como aos ensinamentos do Corão. Como o Profeta, Alá o tenha em glória, nos ensinou, a vida do verdadeiro crente é um caminho que conduz à revelação divina: Sabei que a vida terrena não passa de um jogo e de um gracejo e de um adorno.

Velarei para que não te desvies da fé verdadeira, de maneira a que não precisas de recear o dia do Julgamento Final.

Aischa sentia-se esmagada. Talvez Alá lhe tivesse destinado um pai tão bondoso para que ela tivesse direito a uma segunda oportunidade. Como lhe fora possível afastar-se tanto da sua religião? Tinha-se deixado encantar pelos pagãos, ignorando o aviso do Profeta: As obras dos infiéis assemelham-se às miragens do deserto, que o sedento toma por água, mas que, em as alcançando, nada encontra.

No entanto, ao pensar que nunca mais veria Konrad, sentia-se cair no infinito, rodeada de desconsolo, escuridão e frio. Nunca as palavras do poeta cordovês lhe pareceram tão verdadeiras:

*Quando me vou de ti, os meus passos
São os do prisioneiro a quem levam ao suplício.*

Talvez tivesse que ser assim, para que merecesse o Paraíso, seria esta a razão porque tanto o amava. Um sacrifício que também beneficiaria Konrad, que estava agora livre para viver a sua vida. Esta constatação foi a que mais contribuiu para se conformar com as novas circunstâncias. No fundo, sempre soubera que seria aquele o seu destino!

Malik Ibn Danaf dispensou-a com as palavras:

— Descansa o resto do dia. Partiremos amanhã bem cedo.

Aischa foi guiada à tenda onde Fátima vivia com os dois filhos e deitou-se estafada num canto que fora preparado para ela. Mas nem teve tempo de fechar os olhos, logo ouviu o tom cortante da irmã:

— Tens uma sorte em o nosso pai ser tão misericordioso!

— Porque me incomodas? Não tenho nada para falar contigo.

— Não merecias tamanha compaixão! Dependendo de mim, o pai nunca saberia de nada. Mas tive que mandar notícia, prometi-o a Rashid.

— ARashid?

— Ele ficou inconsolável, quando desapareceste. Veio ter comigo e tive que lhe prometer que o informaria no caso de te descobrir. Por mim, bem tinha esperado até que o cruzado te pusesse no meio da rua.

— Combina contigo, desejares a infelicidade alheia. Pois muito terias que esperar, Konrad não faria nunca uma coisa dessas.

— Agora podes dizer o que quiseses... Se calhar, até que ele prometera casar contigo!

— E casaria, se pudesse!

Fátima desatou às gargalhadas:

— Não só não és uma pecadora infame, como também uma barata tonta.

Aischa não conseguia controlar mais a sua fúria:

— Porque me martirizas? Até parece que me invejas!

— Mas o que se te meteu na cabeça? Eu sou a esposa respeitada de um mercador e tu não passas...

— ... de uma concubina, não é? Pois pequei! E sabes que mais? Fui tão feliz que não me arrependo de nada. Voltasse atrás e tornaria a fazer tudo o que fiz!

— Sua descarada!

— Esse teu azedume só prova que nunca foste tão feliz como eu fui. Apaixonei-me por Konrad mal o vi e tu limitaste-te a casar com o noivo que te impuseram!

Fátima afastou-se dela a fungar de raiva, o que levou Aischa a sorrir, apesar da tristeza e do cansaço.

25

A tarde já ia adiantada e Konrad ajudava Gunther na construção da casa, quando viu Tomé a cavalgar ao seu encontro. Logo um mau pressentimento o atingiu. O que é que o cozinheiro vinha ali fazer àquela hora? Saltou do andaime e perguntou:

— O que se passa?

Tomé desmontou. Não era capaz de encarar Konrad e custava-lhe a falar:

— É a Aischa...

— Sentiu-se mal?

— Não, ela... desapareceu.

— O quê?!

— Sinto muito, eu sei que não a devia ter deixado sair sozinha...

— Que estás para aí a dizer, seu desgraçado?

— Ela estava tão decidida... E tu sabes como ela...

Konrad deitou-o ao chão com um murro, mas quando se preparava para o socar mais uma vez, Gunther e alguns dos pedreiros seguraram-no.

— Acalma-te homem!

— Só me acalmarei, quando esse bandido tiver levado a sua conta!

— Deixa-o ao menos explicar o que aconteceu!

Gunther tinha razão: ele tinha que saber exactamente o que se passara.

Tomé, que se levantara e sacudia a terra da túnica e das calças, contou como Aischa fora sozinha ao mercado e como ele e as outras duas mulheres tinham esperado por ela em vão. Ele fora à procura dela e logo encontrara o cesto e os morangos espalhados pelo chão, a não mais que vinte passos de distância da casa.

Mais, não sabia. Konrad tinha ganas de desfazer o cozinheiro e bradou-lhe:

— Estás despedido, desgraçado! Se tens amor à vida, nem sequer voltes a cruzar-te comigo na rua!

— Mais um que se vai — comentou Gunther. — E tudo por causa das duas...

— Acaba com esses teus comentários — atirou-lhe Konrad. — Quem sabe em que perigo Aischa se encontra?

— Perigo? Aí há mão da família dela. Não lhe farão mal.

— Eu próprio me certificarei disso — declarou, montando o seu cavalo.

— Endoideceste? — gritou-lhe Gunther. — Não te metas com esses mouros!

— Pois eu vou com ele — anunciou Tomé inesperadamente. — Quer ele queira, quer não. Também quero saber o que aconteceu à moça.

Do cimo do cavalo, Konrad lançou-lhe um olhar de poucos amigos. Reconhecia, no entanto, que poderia precisar de ajuda, Tomé trouxera um punhal enfiado no cinto. Acabou por resmungar:

— Anda lá então!

Os dois afastaram-se a galope.

Gunther ainda se dirigiu ao andaime, mas estacou a meio do caminho e gritou aos pedreiros:

— Continuai sozinhos! Vemo-nos amanhã!

Lançou-se para cima da sua montada e cavalgou atrás dos amigos.

Konrad bem perguntava onde morava o mercador Suleiman, mas os mouros, mesmo os que normalmente o cumprimentavam, não pareciam interessados em informá-lo. Nestes tempos difíceis, os muçulmanos haviam-se unido mais do que nunca. Ajudavam-se uns aos outros na construção de casas e no retomar das suas actividades e profissões, fossem eles artesãos ou mercadores. Os novos, os fortes e os de mais posses apoiavam os velhos, os fracos e os pobres. Por isso, já todos sabiam que o mercador Malik Ibn Danaf viera de Batalyaws com o filho Abu, a fim de recuperar a filha que o cruzado mantivera como concubina.

Quanto mais tempo os três cristãos se demoravam no arrabalde, mais mouros saíam para a rua e mais ameaçadores eram os semblantes escuros que os observavam.

— Esquece! — aconselhou Gunther. — Somos só três. O melhor é darmos à sola enquanto é tempo.

— Tenho pelo menos que saber onde ela está. Esta incerteza deixa-me maluco.

— E estes mouros não estão para brincadeiras. Quando jazeres para aí numa poça de sangue, que importa qual o destino que deram à moça?

— Andas à minha procura cruzado?

Konrad virou-se e viu um homem dos seus trinta anos, que conhecia de vista. Ao lado dele encontrava-se um outro, mais novo. Ambos tinham os braços cruzados sobre o peito. Por baixo dos turbantes brancos, os olhos escuros faiscavam ódio.

— Se o teu nome é Suleiman, sim, procurei-te.

— Encontraste-me. O que queres de mim?

— Perguntar-te o que é feito de Aischa.

— Ai ela desapareceu?

— Não te faças de desentendido! Tenho a certeza de que estás envolvido nessa história.

— Pelo amor de Deus — sussurrou Gunther. — Não o provoques ainda mais!

— Vós cristãos não tomais bem conta das vossas mulheres — atirou Suleiman trocista.

Konrad reprimiu a sua ira e insistiu:

— Diz-me onde ela está!

— O que queres da minha irmã? — inquiriu o jovem ao lado de Suleiman e Konrad sabia que se tratava de Abu, pois Rashid conhecia ele.

— Em primeiro lugar, quero saber se se encontra bem.

— Não tens nada a ver com isso. Konrad aproximou-se de Abu:

— Tenho sim! E muito!

O jovem mouro pôs a mão à volta do cabo do seu punhal e exigiu:

— Recua cruzado!

— Não me mexo, enquanto não me disseres onde está a Aischa.

— Sê razoável, homem — sugeriu Gunther, alguns passos mais atrás.

— Devias dar ouvidos ao teu amigo — anunciou Abu e desembainhou o punhal.

Konrad fez o mesmo e um murmúrio de inquietação e expectativa percorreu a pequena multidão à volta deles. Os dois observavam-se atentos, ferozes, o mínimo gesto poderia significar a morte de um deles...

— Acabai com isso!

Um homem mais velho surgiu de entre a multidão:

— Embainhai as vossas armas!

— Quem és tu? — perguntou Konrad.

— Chamo-me Malik Ibn Danaf.

Konrad recuou e embainhou o seu punhal, como sinal de respeito perante o pai de Aischa. O mercador agarrou o braço do filho, que pelos vistos não queria desistir tão depressa, e exigiu:

— Tu também Abu! — Depois, pôs-se em frente a Konrad e perguntou: — O que queres da minha filha?

— Está contigo?

— Está.

— Graças a Deus. E encontra-se bem? Ela... está prenhe.

— Eu sei. E sim, ela está bem.

— Gostaria de lhe falar.

— Impossível. E agora, trata de desapareceres daqui!

— Não, eu tenho que a ver!

— Aviso-te: mesmo a minha paciência tem os seus limites.

— Como pai da criança dela, tenho o direito de...

— Direito? Já não te chega o que fizeste à minha família?

— Não foi minha intenção prejudicar ninguém.

— Ai não? Pois olha que levas a cabo os teus intentos duma maneira bem estranha. Vós majus viestes de terras longínquas, cercastes a nossa cidade e expulsastes-nos das nossas casas.

Konrad engoliu em seco, lembrando-se que Aischa também já o acusara do mesmo. Malik Ibn Danaf aproximou-se bem dele e atirou-lhe à cara:

— Tu apoderaste-te da minha casa e desonraste a minha filha. Não te chega?

— Mas eu... não a considero desonrada...

— Ora, que podes tu fazer por ela? É por demais conhecido que um infiel não está autorizado a casar com uma muçulmana. Devias

ter pensado nisso, antes que fosse tarde demais. Desaparece, se é que queres poupar a tua vida e a dos teus dois amigos!

— Obedece-lhe — sugeriu Gunther. — Já é uma sorte que ele nos deixe ir sem mais.

— Eu tenho pelo menos que a ver... Hás-de permitir uma despedida...

— Não há despedidas! Nunca mais a verás! Konrad emudeceu por instantes, depois balbuciou:

— Tratarás bem dela e do meu filho?

— Maldição! — soltou Abu. — O meu pai já te deu mais explicações do que as que tu mereces.

— Peço-te que me digas — suplicou Konrad ao mercador.

Abu já se preparava para desembainhar o seu punhal novamente, mas o pai impediu-o com um gesto e declarou:

— É óbvio que te preocupas com o destino dos dois por isso te digo: tratarei da Aischa como sempre o fiz. E a criança será educada como se fosse minha.

Era um alívio. Mas Konrad não se achava capaz de sair dali sem se despedir dela e insistiu:

— Deixa-me vê-la... uma última...

— Adeus cristão!

Malik Ibn Danaf virou-lhe as costas. Abu e Suleiman fizeram o mesmo.

— Espera — implorou Konrad, dando um passo ao encontro deles, mas logo Gunther e Tomé o agarraram.

— Não sejas burro — disse o ruivo. — Uma sorte destas não se tem todos os dias.

— Tratemos de desaparecer daqui — reforçou Tomé. — Antes que a matilha se atire a nós!

Lá o arrastaram dali para fora.

— Acredita que é muito melhor assim — opinou Gunther. Anoitecia e os três encontravam-se numa taberna, sentados à volta de canecas de vinho. Konrad, que ainda não tocara na sua, balbuciou:

— Conseguirei esquecê-la?

— Claro que conseguirás! Os mouros pertencem a outro mundo. Konrad observava a mesa de olhar sofrido. Tomé propôs:

— Bebe lá alguma coisa! Sentir-te-ás melhor.

Levou a caneca aos lábios e esvaziou-a de um só gole. Depois, bateu com ela em cima da mesa, enquanto inspirava o ar às golfadas. Tomé tornou a enchê-la e Gunther sentenciou:

— Era bonita, sim senhor, mas só mais uma mulher, como tantas outras...

Konrad fulminou-o com o olhar e Tomé logo sugeriu:

— Bebe mais uma!

Konrad fê-lo. Desta vez, ficou-se pela metade do conteúdo, mas já não comia há muitas horas e o vinho começou a subir-lhe à cabeça.

— Não queres que o rei te dê um senhorio? — lembrou Gunther.

— Não queres tornar-te num seu vassalo? Para isso só há uma solução: continua a trabalhar. Merecerás as terras e depois... tens que tratar da tua descendência.

Konrad bebeu o resto da caneca e tornou a enchê-la.

— Casas com uma bela duma fidalga e constituís uma bela duma família!

Konrad tornou a beber um bom trago. Já não conseguia ver claro, esfregou os olhos e o rosto, passou os dedos por entre o cabelo. O ruivo prosseguiu:

— Já era tempo da moura regressar à sua gente. Não sonhas com o teu castelo, desde que o teu pai perdeu o dele? Não é esse o objectivo da tua vida?

— Tens razão! É isso mesmo!

— Foi até uma sorte o pai dela prontificar-se a aceitá-la de novo na sua casa. Pelo menos, sabes que a criança não morrerá à fome.

— Sim... — Konrad falava arrastado. — Eles ficarão bem... não achas?

— Claro. Esquece toda a história!

— Esquecerei...

Tentou levar a caneca aos lábios, mas esta escorregou-lhe da mão e o vinho espalhou-se pelo chão. Incapaz de segurar a cabeça, deixou-a cair em cima da mesa.

Seria um ano de bom vinho, o Verão corria quente e seco. Por vezes, formavam-se trovoadas, que não chegavam ao ponto de danificar as plantas e as árvores de fruto, eram sim uma bênção dos céus, que regava as pastagens, os pomares e as hortas.

Konrad parecia viver bem sem Aischa. Nunca falava dela e trabalhava mais do que nunca.

Ausenda, porém, sentia muito a falta da amiga e queixava-se. Konrad mantinha-se calado, até que num serão explodiu num acesso de fúria e proibiu a todos de, dali para a frente, se referirem a ela.

A atmosfera entre os habitantes da casa, que nunca mais fora a mesma, piorou depois deste episódio. Tomé deixava-se contagiar pela tristeza das duas mulheres, pois também Maria tinha saudades da moura. E Gunther protestava contra aquele ambiente sorumbático, não perdia uma oportunidade de dizer como o alegrava o facto de ir mudar de casa antes do Inverno.

Konrad quase nunca estava com os outros, desaparecia mesmo aos domingos, junto com o Ruço, que se tornara a sua sombra. Num domingo de Agosto, quando todos almoçavam, excepto o dono da casa, Maria lamentou:

— D. Conrado nem sequer vai à missa connosco! Além disso, é pecado trabalhar num dia santo. Até Deus Nosso Senhor descansou ao sétimo dia, depois de ter criado o mundo.

— E quem te diz que ele vai trabalhar? — lançou o ruivo. — Para mim, isto é mas é uma história de saias.

Maria emudeceu num primeiro momento, mas acabou por dizer:

— O que num domingo também é pecado!

— Acaba com essas lamúrias! Não precisamos de ser catequizados, muito menos à mesa.

— Porque achas que se trata de uma mulher? — inquiriu Ausenda. — Ele deu-te a entender alguma coisa?

— A bem da verdade, não. Mas custa-me a acreditar que vá trabalhar num dia destes.

— Mas se não vai às terras — insistiu a moça, — para que é que haveria de levar o Ruço com ele?

— O diabo do cão não o segue para todo o lado? E quem sabe, talvez até lhe seja útil.

— Num encontro amoroso? — admirou-se a criada.

— Sim, para montar guarda. — Gunther piscou o olho a Tomé e acrescentou: — Não vá algum marido ciumento surpreender uma cena menos própria...

Os dois desataram às gargalhadas, indignando as mulheres. As ausências de Konrad davam mais liberdade a Ausenda, cujo namoro com Julião persistia. Maria aconselhou-lhe prudência:

— Se D. Conrado descobre, nem quero pensar nas consequências. E a mim chega-me de desgraças.

— Ele já não quer saber de nós!

— Eu não me fiava nisso.

— Ele não se interessa por nada, nem sequer pelo João. Só a quinta e o cão parecem existir na vida dele.

— De qualquer maneira, não vos descuideis!

Ausenda parecia porém ter razão. Num certo dia, Konrad regressou a casa inesperadamente cedo e a rapariga não estava lá. Maria, receando uma desgraça, foi acender uma vela junto da figura da Virgem Maria que mantinha no seu quarto. O que, pelos vistos, funcionou, pois quando Ausenda surgiu, Konrad não esboçou o mínimo interesse em saber onde ela tinha estado.

No primeiro domingo de Setembro, o dono da casa foi à missa com os outros. Estava mais comunicativo, parecia animado. Durante o almoço, conversou com Gunther sobre a aproximação das vindimas e a necessidade que teriam em contratar mais assalariados. No fim da refeição, perguntou a Tomé:

— O Julião ainda mora na mesma estalagem?

Gerou-se silêncio, Ausenda trocou um olhar preocupado com Maria. Tomé respondeu:

— Mora... porquê?

— Preciso de falar com ele. Até logo. Ausenda arranjou coragem para perguntar:

— Passa-se alguma coisa?

Ele observou-a por uns instantes. Mas os olhos cinzentos formavam um bloco de gelo, escondendo qualquer tipo de sentimento e intenção, como só os cruzados vindos do norte o conseguiam fazer.

Foi um dos companheiros de quarto do Julião que abriu a porta, mas assim que Konrad perguntou por ele, o ferreiro anunciou-se:

— Aqui me tens. O que queres?

— Falar contigo.

— Não acho que seja boa ideia.

— Ouve ao menos o que tenho para te dizer!

Embora contrariado, o outro acabou por aceitar a proposta:

— Desçamos à taberna!

No rés-do-chão da estalagem, reinava um sossego de tarde domingueira. Mesmo assim, Konrad escolheu uma das mesas mais recatadas. Os dois sentaram-se frente a frente e Julião mandou vir vinho.

O cão castanho-ruivo de orelhas dobradas, que, como sempre, não descolava do dono, começou a farejar o chão, à procura de restos de comida. Aproximou-se demais dos cães do taberneiro, que, incomodados no seu sono, lhe rosnaram. Mas o jovem animal era suficientemente esperto para não se meter com a matilha inteira. Além disso, descobrira um osso. Os outros, moles e de barriga cheia, deixaram de lhe ligar, quando o viram alojar-se debaixo da mesa do dono, para roer com toda a calma o precioso achado. O taberneiro servia nesse momento o vinho aos dois homens.

Julião bebeu um gole e inquiriu, mantendo o tom antipático:

— O que queres afinal?

— Eu sei que tu e a Ausenda vos encontrais.

— E depois? Nunca fui homem de segredinhos. Ela e eu podemos não ter onde cair mortos, mas somos pessoas livres e não temos nada a esconder.

Depois de levar a caneca aos lábios, Konrad perguntou:

— Tens mesmo intenções de casar com ela?

— Não sei se já reparaste, mas tu és o único a duvidar disso.

— E não te incomoda o passado dela?

— Incomodar? Olha o grande passado! Eu sinto-me é cheio de sorte por uma moça bonita como ela ter engraçado com um homem como eu. Não sou nenhum cavaleiro que aspira aos favores d'el-rei! Mas sou invejado, havias de ter visto os olhos dos meus companheiros de quarto quando a conheceram!

— Já que assim é, podes tornar a mudar-te para minha casa.

— Estás a falar a sério?

— Achas que me dava ao trabalho de vir aqui só para te contar histórias?

— Não, eu... E a ferraria? Posso recuperá-la?

— Podes. Tu és um bom ferreiro e mereces a tua própria loja.

— Com esta não contava eu!

Os olhos escuros do Julião brilhavam de contentamento. Konrad adivinhava um sorriso debaixo do bigode farfalhudo e sugeriu:

— Brindemos às nossas pazes!

Esvaziaram as canecas e tornaram a enchê-las. Julião disse:

— Será bom regressar ao meu quarto sossegado e limpo, apesar de entretanto me ter tornado a habituar à confusão... Os meus companheiros, como estivadores, suam no Verão tanto como eu à boca do forno. E só temos direito à cuba do banho uma vez por semana, o que aliás já é uma sorte. — Suspirou. — Quando penso nas tinas dos mouros, com aqueles azulejos bonitos!

Konrad sorriu. Depois de uma curta hesitação, Julião declarou:

— Quero que saibas que sempre respeitei o teu irmão. Quando ele apareceu no barco com a Ausenda, eu ainda não lhe ligava nenhuma. Achava-a magrinha demais e, além disso, nunca tive paciência para moçoilas tímidas. Mas, durante o cerco, aqueles serões à volta da fogueira do acampamento mudaram tudo. Nunca tinha visto cabelos a brilhar tanto à luz das chamas como os dela. E os olhos amendoados começaram-me a pôr ideias na cabeça. Mas fui-me segurando, o teu irmão era tão bom rapazito...

A tristeza escureceu os olhos de Konrad, que esvaziou a caneca de um trago. Julião prosseguiu:

— A morte dele no fundo não mudou nada, ela continuava a pensar só nele... Mas, depois do João nascer, ela começou a ir à ferraria, perguntar-me como iam as coisas... às vezes, trazia-me qualquer coisa de comer, sem que eu tivesse pedido nada.

É claro que não aguentei aquilo muito tempo... Pretendia, no entanto, falar logo contigo, mas ela fez-me jurar que não o faria. Tinha medo que tu não nos entendesses.

— E tinha razão.

Depois de um breve silêncio, Julião insistiu:

— Eu gostava do teu irmão e juro que nunca lhe desejei a morte!

— Johann deixou porém um filho e tens que me prometer que tratarás bem o pequeno.

— Estás a brincar comigo?

— Tratar bem dele nem chega! Tu e a Ausenda tereis outros filhos e, apesar do meu sobrinho dever ficar a saber quem foi o seu verdadeiro pai, não deverá sentir-se tratado de maneira diferente dos seus irmãos.

— Trató-lo-ei como se fosse meu.

— Serás capaz?

— Claro, estou tão habituado ao pequeno, que já nem consigo imaginar a Ausenda sem ele.

Depois de mais um gole de vinho, Julião quis saber:

— O que te fez mudar de ideias? Que eu saiba, não falaste com a rapariga sobre isso.

— Não, ela não sabe de nada.

— Então?

Konrad baixou a cabeça e respondeu:

— Dei-me conta da palermice que era evitar a vossa felicidade, quando de resto não existe qualquer obstáculo...

— Quer isso dizer que ainda pensas na Aischa? Konrad não respondeu.

— Ausenda contou-me que tu nunca falas dela.

— Pensei que assim fosse mais fácil esquecê-la.

— Mas eu sei que tu trabalhas para mereceres o teu senhorio...

— Trabalho para estar ocupado. O senhorio já não me interessa.

Julião arregalou os olhos:

— Pensei que esse era o maior sonho da tua vida!

— Deixei de ter sonhos.

— Toda a gente tem sonhos.

— Então, eu sou uma excepção.

— Não te podes deixar abater dessa maneira, homem! Konrad suspirou e acrescentou, com um encolher de ombros:

— Dou comigo a perguntar-me o que estou aqui a fazer, nesta terra. Agora que o João arranjou um padraço, desconfio que acabarei por regressar à minha, contentando-me em herdar a melhor ferraria de Colónia. — Acrescentou, mais baixo: — Se a Hildrun ainda estiver solteira...

— E o que será da tua herdade e da tua casa?

Konrad não respondeu, limitando-se a encolher os ombros mais uma vez.

Pedro e Ausenda casaram duas semanas mais tarde. Konrad bebeu tanto durante os festejos, que teve que ser carregado para a sua cama. A partir daí, embebedar-se passou a fazer parte dos seus hábitos. Durante o dia, o trabalho mantinha-o ocupado. Mas, assim que regressava a casa, sentia uma grande tristeza apoderar-se dele.

Uma certa noite, quando já todos dormiam, dirigiu-se à cave, a fim de ir buscar a cruz de esmeraldas. Logo deu com o alaúde, que para ali se atirara, e lembrou-se duns versos de Ibn Zaidun, que Aischa costumava cantar no dialecto românico de Lusbuna:

*De noite éramos ladrões,
Roubávamos prazer,
Enquanto o destino dormia.*

Tinha sido realmente um erro brincar com o destino! Agora, sentia-o na pele, cruel como nunca!

Estava frio na cave e Konrad lembrou-se de que um jarro de vinho o esperava no quarto. Mas levaria a cruz de esmeraldas consigo. Não era, porém, o valor do ouro e das pedras preciosas que o movia. Aischa e ele eram os únicos que sabiam da existência da cruz, que assim se tornava num objecto que o aproximava dela.

Tirou-a do esconderijo e logo viu Aischa sentada diante dele, pedindo-lhe para não contar a ninguém...

Chegado ao quarto, bebeu até à inconsciência.

E assim continuou. Cada vez lhe custava mais levantar-se cedo. No entanto, chegadas as vindimas, havia mais do que nunca que

fazer e, se ele não reagia aos chamamentos de Gunther, a língua do Ruço na sua cara tirava-o da cama. Levantava-se furioso, a praguejar com o cão. Mais tarde, dava graças a Deus e ao animal, pois descobrira o encanto das vindimas e do fazer do vinho.

As uvas eram carregadas em cestos e lançadas no lagar, para serem pisadas. Com as suas cantorias e danças, os pisadores transformavam o trabalho monótono numa verdadeira festa, que dissipava tristezas.

Chegado a casa, contudo, Konrad recolhia-se na sua câmara, a fim de não incomodar os outros com as suas bebedeiras, prescindindo muitas vezes da ceia. O Ruço, que dormia no chão ao lado da alcova, era a única testemunha do estado em que ele ficava e os olhos fiéis do animal pareciam espelhar compreensão pelo estado de alma do dono.

Quando começou a fermentação das uvas, que durava semanas, uma nova tarefa esperava por Konrad, Gunther e os seus assalariados: era Outubro, tempo de semear o trigo. Primeiro, havia que revolver a terra com a charrua, puxada por uma junta de bois, que também tratava de destruir as ervas daninhas. Uma grade de madeira alisava em seguida o terreno e distribuía as sementes.

Este trabalho duro não possuía o encanto das vindimas e Konrad sentia cada vez mais dificuldades em arranjar motivação para se levantar. Só o fazia para não deixar Gunther sozinho a braços com a tarefa, de resto, as terras não lhe interessavam. Que apodreçam, praguejava, sob o efeito do vinho. Até a surpresa no olhar do Ruço, quando o lambeu da cara do dono não o arrancava da cama, o começou a incomodar.

A 11 de Novembro, dia de S. Martinho, provou-se o vinho novo e pouco depois chegou a época da matança dos porcos e da confecção de enchidos e presuntos. Tudo isto dava azo a festejos, que os cristãos gozavam bem, antes que se entregassem ao jejum do Advento. Foi neste mês que Gunther se mudou para a parte habitável da sua casa e levou o Tomé consigo, pois Maria contava agora com o apoio de duas moças de cozinha. Depois desta mudança, o estado de Konrad piorou.

Os dias eram pequenos e, sem azeitonas para colher, o trabalho rareava. Konrad não se levantava antes do soar da sexta hora, a meio

do dia, nem o martelar na ferraria do Julião o arrancava da cama. Raramente saía, só de vez em quando se barbeava e penteava. O Ruço ganhava horas a fio, até que Maria ou Ausenda o punham fora de portas, para que o animal pudesse ao menos aliviar-se.

— Isto não pode continuar assim!

A voz de Ausenda troava na cabeça latejante de Konrad e ele berrou-lhe:

— O que estás aqui a fazer?

— Pretendo arrancar-te dessa cama.

— Já é tarde?

— Tarde demais para perguntares.

— Precisas de gritar dessa maneira? Dói-me a cabeça.

— Oh, tenho tanta pena que gritarei cada vez mais alto, até que te ponhas de pé.

— Desaparece desgraçada! Deixa-me em paz!

Em vez de lhe obedecer, ela aproximou-se da alcova. Konrad lançou-lhe um olhar furioso, mas ela deixou-se ficar ali especada, de braços cruzados sobre o peito. Tinha os cabelos cobertos por um véu de linho fino, segurado por um aro no alto da cabeça, como competia a uma mulher casada.

— Levanta-te e vai tratar do teu cão! Eu pu-lo fora, mas ele não pára de ganir à porta.

— Acabará por desistir e dará uma volta.

— E não queres ir ver as tuas terras?

— Não há lá nada que fazer.

— Há sempre que fazer, nem que seja ir ver se está tudo bem. Quem sabe, se não há uma cerca danificada, ou se algum animal nas pastagens adoeceu?

— Pára de me atazanar, sua chata! Depois de um curto silêncio, ela soltou:

— Tal pai, tal filho!

Assim que recuperou do seu estarrecer, ele sentou-se e balbuciou:

— O que disseste?

Ausenda não respondeu. Deu meia-volta e ia a sair, quando ele pediu:

— Espera! O que queres dizer com isso?

— Já não me contaste mais de mil vezes como o teu pai se deixou arruinar pela bebida e vos deixou, a ti e ao Johann, com uma mão à frente e outra atrás? Despreza-lo por isso e, no entanto, não és melhor do que ele.

— Não podes comparar a minha situação com a dele. Eu não tenho herdeiros.

— Quer dizer que se os tivesses não te deixavas ir abaixo? Então arranja-os!

— Para quê? Para me tornar num vassalo real? Poupa o teu discurso! Já há muito que desisti disso.

Depois de uma pequena pausa, ela comentou:

— Se é a; sim, bem podias ir buscar a Aischa!

— O que vem a ser isso agora?

— Não querias aparecer a el-rei com uma moura ao lado. Mas, já que não te interessas por isso...

— Nem por isso, nem por ela, nem por coisa nenhuma. Já não te tinha dito que não me falasses nela?

— E porque te incomoda tanto, se ela já não te interessa?

— Acaba com isso, com mil diabos! — Saltou da cama e pôs-se em frente a ela, vestido com a túnica que há dias não tirava do corpo, o cabelo desgrenhado e a barba de uma semana. — Não vês que eu apenas tento esquecê-la de uma vez por todas? Pára de me martirizar!

— Mas se esquecê-la significa arruinar a tua vida, mais valia arranjar maneira de a recuperares!

— Recuperá-la? A família dela matava-me, assim que me visse!

— E preferes matar-te bebendo? Se a vida não te interessa, porque é que não hás-de morrer a lutar pelo teu amor? Era uma atitude bem mais de cavaleiro!

Estas palavras deram-lhe que pensar. Olhou Ausenda surpreendido e exclamou:

— Como tu mudaste!

— Mudei?

— De uma mocinha tímida, que não tinha onde cair morta, tornaste-te numa mulher confiante e esperta.

Ela sorriu:

— Sim, sou feliz e não preciso de rezear o futuro. E sabes uma coisa? Devo muito ao Johann e ao Julião, mas o principal devo-o a ti.

— A mim? Pensei que me limitara a ser um obstáculo à tua felicidade. O Julião tinha logo tomado conta de ti, depois que o Johann morreu.

— E eu tê-lo-ia recusado, nessa altura. Não era de um amante que eu precisava, mas de um irmão, que tomasse conta de mim sem exigir nada em troca. E foi precisamente isso que tu fizeste. Salvaste-me a vida e eu agora quero fazer o mesmo por ti.

Ele suspirou, sentou-se na beira da cama e, de olhar perdido no chão, retorquiu:

— Mas porque é que eu haveria de lutar por Aischa? Não iria a lado nenhum.

— A vida que levas também não te leva a lado nenhum.

Se, de qualquer maneira, te apetece mandar tudo para o inferno, o que tens a perder?

Dito isto, deixou-o sozinho.

Depois de uma curta reflexão, Konrad lavou-se, barbeou-se e foi ter com o Ruço, que ainda gania à porta e que, ao vê-lo, saltou por ele acima numa explosão de alegria. Konrad foi passear com ele, enquanto reflectia na conversa que tivera com Ausenda. Ao serão, sentou-se à mesa com os outros e só bebeu o suficiente que lhe permitisse empurrar a ceia.

No dia seguinte, deixou a cidade ao nascer do sol, montado no seu cavalo castanho. Foi ter com Gunther e Tomé e informou-se do que havia para fazer. Começou novamente a trabalhar e deixou de se embebedar.

Mas só o facto de acreditar que tornaria a ver Aischa, o impedia de tornar a afundar-se na bebida. Porque sabia agora que eles não tinham brincado com o destino. Este só começara a ser cruel, ao ser contrariado, quando ele fora separado da sua moura a força.

A moura era o seu destino... para o bem ou para o mal.

A Epifania foi festejada na casa do Gunther. Julião, Ausenda, Maria e as duas criadas regressaram à cidade ainda nesse serão, mas Konrad ficou três dias com o ruivo e com o Tomé.

Regressou a casa num fim de tarde chuvoso. Depois de trocar as vestes ensopadas, juntou-se aos outros, que ceavam no salão. Sorriu ao ver o João, de nove meses. Maria dava-lhe a comer uma papa de farinha de castanhas adoçada com mel. O pequeno, com uma colher na mãozita, tentava mexer a papa ou levá-la à boca, enquanto dava gritinhos de satisfação. Konrad alegrava-se de ver tanto do Johann no sobrinho: os cabelinhos eram loiros, os olhos castanho-claros e a pele branca como a neve.

Depois da ceia, Ausenda preparava-se para ir deitar o filho, mas Konrad pediu-lhe:

— Deixa a Maria fazer isso. Preciso de falar contigo e com o Julião. Os três sentaram-se à lareira e o ferreiro perguntou:

— Há novidades?

— Partirei na Primavera para Batalyaws!

Julião olhou-o estupefacto, Ausenda quis saber:

— Vais sozinho?

— Sim... se não contarmos com o Ruço e os dois cavalos.

— E achas que conseguirás recuperar a Aischa sem ajuda? Konrad respirou fundo.

— Com ou sem ajuda, as possibilidades são mínimas. Mas tenho pelo menos que tentar saber se ela e a criança estão bem. Enquanto conseguir permanecer incógnito em Batalyaws, ficarei lá.

— Incógnito? — admirou-se Julião. — Esqueces que tanto o pai dela, como os dois irmãos, te conhecem?

— Tentarei a minha sorte como pedinte.

— Como pedinte?! — ecoaram os dois.

— Coberto com um carapuço e sentado na beira das ruas, ser-me-á possível observar o que se passa à minha volta. Talvez as minhas

observações me dêem alguma ideia de como poderei raptar a Aischa e o meu filho.

Além de estupefactos, os dois pareciam preocupados. Ele acrescentou:

— É claro que levarei dinheiro, tudo o que poupei durante o último ano. Terei naturalmente que o esconder bem.

— E se os parentes dela apesar de tudo te descobrirem? — replicou Julião.

— Tenho que arriscar. Sem Aischa, não aguento mais viver aqui, nesta casa e nesta cidade, onde tudo me lembra dela. E não mais regressarei a Lisboa. Caso consiga fugir com ela, irei ter com o rei!

— Com D. Afonso Henriques? — admirou-se Julião. — Se lhe surgires com uma moura ao lado, ele nunca te dará um senhorio!

— Não é isso que pretendo dele, apenas que me venda um pedaço de terra... Ou me indique alguém que o faça.

— Oh — soltou o ferreiro, — tencionas vender esta casa e as tuas terras para poderes pagar a tua nova herdade?

Não, Konrad tencionava utilizar a cruz de esmeraldas como pagamento. Mas não lhes queria revelar isso. Não porque não confiasse nos dois, mas porque a cruz, um segredo que partilhava só com Aischa, se lhe tornara sagrada. Só com a moura a seu lado, ele se serviria da cruz. Caso contrário, trataria de fazer com que ela desaparecesse: enterrá-la-ia ou lançá-la-ia ao mar. Assim como o amor que os unia, ficaria o seu símbolo perdido para toda a eternidade.

— Não venderei nada — replicou. — Teria outra solução, mas não me pergunteis qual. Não vos posso dizer.

Os dois lançaram-lhe olhares inquiridores, mas estavam tão habituados a respeitá-lo, que não insistiram no assunto. Konrad prosseguiu:

— Apesar do filho de Johann ter encontrado uma família, deverá beneficiar do meu património. Por isso, dou-vos esta casa!

— O quê? — arquejou Ausenda.

— Não — retorquiu Julião, — eu não posso...

— Pensa bem, antes de recusares — interrompeu-o Konrad.

— O vosso primeiro filho já vem a caminho e sabe Deus quantos se seguirão. Precisareis de uma casa grande. Além disso, possuis

aqui uma bela ferraria, que vos proporcionará uma vida sem preocupações. E é uma vida dessas, no seio de uma grande família, que desejo para o meu sobrinho. Peço-te que aceites! Fá-lo pelo João e pelos teus futuros filhos! O ferreiro ficou sem jeito:

— Eu não sei se...

— Dar-me-ias uma grande alegria — reforçou Konrad. — E deixar-me-ias de consciência mais tranquila.

— Se é assim... Nem sei como te agradecer... Calculo, no entanto, que apenas o João deverá herdar a casa.

— Não, deixai-a a quem quiserdes. O João não precisará dela.

— Não?!

— Já combinei tudo com o Gunther, que, não preciso de o dizer, acha os meus planos completamente disparatados, mas que ainda assim se comprometeu a tomar conta das duas herdades, até que o João atinja a maioridade e tome posse da minha. Lá, o moço poderá construir a sua própria casa.

Os dois olhavam-no perplexos. Konrad acrescentou:

— Antes de eu partir, e juntamente com Gunther, iremos ter com o alcaide d'el-rei, a fim de tratarmos de todos os documentos necessários.

Gerou-se silêncio. A chuva caía incessantemente, lavando os telhados, lavando as ruas. Apagando o passado.

— Partiria já amanhã — disse por fim Konrad. — Ou, melhor dizendo, já o teria feito antes do Natal. Mas Aischa contava com a criança em Dezembro e achei por bem não causar confusão em Batalyaws por essa altura. E já agora poderei esperar até que mãe e filho tenham ultrapassado os primeiros meses. Além disso, a viagem será mais fácil na Primavera. Informei-me sobre as terras por onde passarei: o Inverno não é longo, mas mais frio do que aqui perto da costa, e o Verão é quente como o inferno. Vou logo a seguir à Páscoa.

Julião começou a mexer-se desconfortável na sua cadeira até que falou:

— Já ponderaste que pode não ter corrido tudo bem com a paridura?

— Credo homem — atirou Ausenda. — Valha-me Nossa Senhora!

— Essas coisas acontecem todos os dias, mulher!

— Se a criança morreu — replicou Konrad, — tentarei de qualquer maneira recuperar a Aischa. Que ela própria esteja morta, é algo em que para já me recuso a acreditar.

— Sentiremos a tua falta — disse Ausenda, que já levava um lenço aos olhos. — Mas fico contente por teres decidido lutar pela tua moura.

Os documentos necessários foram lavrados, a viagem preparada e, depois da Páscoa, todos se despediram de Konrad à bâb al-hammã, agora chamada de Porta de Alfama, que dava acesso ao bairro onde tinham morado os mercadores mouros ricos e onde agora o ferreiro Julião, vindo do Porto a fim de participar no cerco de Lisboa, possuía a sua casa e a sua ferraria.

Ausenda, que estava novamente prestes a dar à luz, atirou-se chorosa para os braços de Konrad.

— Voltarei a ver-te?

— Estamos todos nas mãos de Deus. Só Ele te poderia responder. Mas tomarás bem conta do meu sobrinho, não é verdade?

— Isso, não precisas de o dizer. — Encarou-o com os olhos rasos de lágrimas, mas sorrindo: — E quem sabe? Talvez nos visites um dia, na companhia de Aischa. Aí, poderás ver com os teus próprios olhos como o João cresceu.

Ele suspirou e, depois de uma curta hesitação, replicou apenas:

— Aconteça o que acontecer, tentarei dar-vos notícia.

— Deus te guie! Konrad sorriu:

— Espero que Alá também.

Depois das despedidas, fez-se ao caminho, montado no seu cavalo preferido, levando o outro a reboque com a bagagem, o Ruço no seu encalço. Envergava vestes humildes, pois pretendia desempenhar bem o seu papel de pedinte em Batalyaws.

Havia cavalgado umas cinquenta jardas, quando olhou para trás. Ausenda, Julião, Gunther, Tomé e Maria acenavam-lhe e ele olhou, pela última vez, para as muralhas de Lisboa, ou Lusbuna, com as suas torres quadradas e que, a partir do rio, galopavam cerro acima, até à alcáçova. Quando ele, há quase dois anos atrás, avistara pela primeira vez esta cidade, sentira logo que lá encontraria algo de importante. Depois da morte de Johann, convencera-se de que o seu

futuro aqui pertencia. Agora, uma mulher decidia sobre o rumo a dar à sua vida... como Johann previra.

Virou-se e cavalgou ao encontro do seu destino irrefutável.

Konrad cavalgou várias milhas Tejo acima, ao longo da zona fértil que os mouros denominavam al-Balâta. Naqueles terrenos alagados periodicamente pelo rio, o trigo e a cevada cresciam a grande velocidade, em muitos anos colhia-se o cereal duas vezes. Mas enquanto Konrad não deixasse para trás a zona pantanosa, com a sua rede de pequenas ilhas e ilhotas, não teria oportunidade de atravessar o Tejo. Até Shantarín não precisou contudo de ir, pois, assim que o leito estreitou, logo encontrou barqueiros que transportavam viajantes e respectivos animais de uma margem para a outra, nas suas barcas e jangadas.

Chegado ao outro lado, Konrad galopou na direcção do sol nascente. Desde que D. Afonso Henriques havia conquistado Shantarín e Lusbuna, aquela zona, antes tão perigosa para os cristãos, tornara-se segura, pois os mouros mal se atreviam a norte de al-Qasr Abû Dânis (Nota 7) e de Évora. Assim, Konrad não via razões para se apressar, exigindo esforço desnecessário aos seus animais. Fazia longas pausas e permitia-se dormir toda a noite, com o Ruço vigilante a seu lado.

Quanto mais penetrava no interior, mais acidentado se tornava o terreno. Quase não se viam árvores, notava-se que no Verão a seca reinava por aquelas paragens. O que tinha as suas vantagens: era por demais conhecido que salteadores e outros foras-da-lei preferiam a protecção das florestas. Giestas, madressilvas, loureiros, silvas e outros arbustos mais pequenos, como alfazema, tomilho e alecrim, só serviam de esconderijo a lince, raposas e lebres. Konrad deparava com ribeiros e riachos, onde pescava, e com a ajuda do Ruço ia apanhando uma lebre ou outra.

Nota 7 - Alcácer do Sal.

Os cavalos alimentavam-se de ervas, que ainda abundavam nesta altura do ano.

Apesar de Konrad se refrescar nos ribeiros, não mudava de roupa, pois, quanto mais usada e suja esta estivesse, mais ele convenceria como pedinte. Sobre a sua túnica, envergava um capote curto, munido de carapuço. Esfregou as vestes com pedras, até surgirem buracos no linho grosseiro. Deixou igualmente crescer a barba para dificultar o seu reconhecimento.

Nesta zona, a fronteira cristã do lado português corria mais a sul do que no reino vizinho de Leão. Batalyaws encontrava-se exactamente entre o oeste cristão e o leste muçulmano. Depois de quatro dias de viagem, Konrad avistou a Serra da Ossa do seu lado direito e, no dia seguinte, começou a ver aldeias com hortas e pomares soberbos, sinal de que Lelbax (Nota 8) e Batalyaws já não ficavam longe. Espantava-o o facto de os mouros conseguirem desenvolver plantações tão viçosas numa região tão seca, para não falar de cearas infinitas de trigo e cevada. Através dos seus sistemas de irrigação notáveis, os infiéis ganhavam a água do Guadiana para os seus campos: noras distribuía-na por diques e canais, alguns subterrâneos! Além disso, viam-se chafarizes e cisternas nas aldeias.

Do cimo de um outeiro, Konrad avistou as muralhas de Batalyaws, com a alcáçova como sempre no ponto mais alto e o Guadiana a seus pés, cheio de barcas e de gente. A cidade situava-se no cotovelo que o rio formava ao dirigir-se para sul, o que lhe conferia protecção adicional. Tal como em Lisboa, também estas muralhas estavam guarnecidas de vários torreões quadrados. Os merlões possuíam, todavia, um remate piramidal.

Konrad tanto se habituara a pensar em Aischa como um sonho inalcançável, que mal podia acreditar que ela se encontrava ali tão perto, por detrás daquelas muralhas. Forçou-se a manter a calma, pois teria que ponderar bem todos os seus passos. Para começar, e por mais que lhe custasse, voltou para trás, a fim de esconder a parte mais valiosa da sua bagagem antes de atravessar o Guadiana.

Nota 8 - Elvas.

Fora do alcance de qualquer aldeia, descobriu uma planície de sobreiros. Meteu-se por entre as árvores, desmontou e olhou à sua

volta. Não se apercebia nem de movimentos nem de ruídos. Também o Ruço e os dois cavalos se mantinham descontraídos, a melhor prova de que não havia viva alma por perto, fosse gente ou animal. Konrad pegou na pá que trouxera e abriu um buraco à sombra de um dos sobreiros. Lá dentro, depositou a sua espada, o capelo e a cota de malha, tudo cuidadosamente protegido por uma coberta de linho. Por cima, pôs o saco de couro que continha o seu dinheiro e a cruz preciosa. Em seguida, tapou tudo bem.

Apesar de estar convencido de tornar a encontrar o local da cova sem dificuldades, desembainhou o punhal, ao lado do qual bamboleava uma pequena bolsa de dinheiro, e marcou o sobreiro com um A... de Aischa.

Regressou ao rio, atravessou-o numa barcaça e cavalgou para sul, ao longo da margem esquerda, pois era seu intento procurar alojamento fora da cidade. Na primeira aldeia por onde passou, perguntou por um estábulo que tratasse dos cavalos dos viajantes, mas constatou que ali não havia nada disso. Na próxima povoação, disseram-lhe, algumas milhas a leste dali, encontraria um estábulo desses. Konrad confirmou satisfeito que, tanto os mouros, como os moçárabes e judeus desta região, entendiam os dialectos que ele aprendera com os portugueses e os moçárabes de Lisboa.

Já escurecia, quando chegou à aldeia indicada, mas não lhe foi difícil encontrar o dito estábulo, que pertencia a um ferreiro judeu. Ao deparar com as vestes rasgadas e sujas de Konrad, o homem apressou-se a dizer:

— Se pretendes tratamento adequado para os teus cavalos, terias que estar em condições de abrir os cordões à bolsa.

— De quanto precisas para tratar dos dois?

Depois do judeu lhe indicar o seu preço, Konrad retorquiou:

— Pago-te isso, mais um terço. O outro olhou-o desconfiado:

— E porque farias uma coisa dessas?

— Para pagar a tua descrição. Pretendo ficar incógnito.

Como o judeu se mostrava cada vez mais céptico, Konrad tirou dinheiro da sua pequena bolsa e estendeu-lhe várias moedas com as palavras:

— Aqui te pago três dias adiantados, pelo preço de quatro.

— Esperas mesmo que eu acredite que esse dinheiro e estes dois belos cavalos te pertencem?

— Não sou nenhum ladrão — replicou, de olhar seguro, e acenou com a mão que ainda segurava as moedas. — Fazemos negócio, ou não?

Apesar de ainda se mostrar desconfiado, o judeu agarrou no dinheiro e encarregou um dos seus dois ajudantes de alimentar e tratar das montadas. Konrad, que precisava de informações, resolveu dispersar a suspeita:

— Também já trabalhei numa ferraria.

O homem olhou-o de facto agradavelmente surpreendido:

— E ferravas cavalos, como eu?

— Bem, a nossa especialidade eram as armas, mas fazíamos quase tudo, ferraduras incluídas.

— Como te chamas?

— Johann! — Achou por bem não revelar o seu nome.

— Eu chamo-me Samuel. Tu vens de longe, não vens, do reino dos francos?

Como para os portugueses, também para os habitantes desta região tudo o que estivesse para lá das grandes montanhas que confinavam com o reino basco, era "o reino dos francos". Konrad sabia que não se deveria envolver em explicações que ninguém entendia e respondeu:

— Venho, mas vivi quase dois anos no reino cristão de Portugal.

— Ah, isso explica que entendas tão bem os dialectos moçárabes. O que te traz aqui?

— Quanto menos souberes, melhor para ti.

— Não me digas — replicou o judeu, novamente desconfiado.

— Paguei pela tua discrição, Samuel. Não espalhes a notícia que tratas dos cavalos de um franco. E, se me vires na cidade, não me dirijas a palavra. Faz como se nunca na vida me tivesses visto... E não te surpreendas, se eu me comportar como um pedinte.

Os olhos de Samuel arregalavam-se cada vez mais. Konrad acrescentou:

— Além disso, pretendo pernoitar com o meu cão aqui, nos teus estábulos.

— Queres dormir aqui e viver como um pedinte? Porquê, se tens dinheiro? Ou não tens tanto como isso?

— Tenho o suficiente.

— Que garantias me dás? Supõe que ajo de acordo com os teus desejos e tu nunca mais me tornas a pagar?

— De três em três dias, pagar-te-ei os próximos três em adiantado, junto com o terço prometido. No primeiro dia de pagamento em que não o faça, expulsa-me! É essa a minha garantia.

— Hm... Não sei... Tu és misterioso demais para os meus gostos. Quem me diz que não és um fora-da-lei perigoso? E eu tenho família, como aliás já tiveste oportunidade de constatar, pois viste os meus filhos ao chegares.

— Já te disse que não sou nenhum ladrão, muito menos perigoso. O que me traz a estas paragens pode ser um assunto incomum, mas não vos incomodarei. Dirigir-me-ei todas as manhãs à cidade para só voltar ao serão e passar a noite nos teus estábulos.

Samuel examinou-o atentamente e inquiriu:

— E tu prometes que pagarás todos os três dias o preço adiantado de quatro?

— Juro-te! — Konrad agarrou em mais uma moeda. — Hoje ainda te dou mais esta, se me trouxeres de comer e beber e me deres umas informações.

— Que tipo de informações?

— Primeiro, a comida e a bebida!

— Pronto, está bem — retorquiu Samuel, pegou na moeda e desapareceu.

Konrad deixou-se cair estafado em cima da palha. O judeu reapareceu pouco depois com uma malga de guisado de carneiro, um bom pedaço de pão de trigo e uma caneca de vinho. Os olhos de Konrad brilharam de satisfação. Começou a comer avidamente, de vez em quando atirava ao Ruço pedaços de pão ensopados no molho. Samuel sentou-se a seu lado, esperou que ele tivesse acalmado a primeira fome e tornou a perguntar:

— De que informações precisas?

Konrad empurrou a comida que ainda mastigava com um bom gole de vinho goela abaixo e inquiriu:

— Já ouviste falar de um mercador mouro de tecidos e tapetes chamado Malik Ibn Danaf?

Depois de uma curta reflexão, Samuel respondeu:

— Não.

Konrad olhou-o desiludido:

— Tens a certeza? A família dele é rica, deve ser muito conhecida.

— Bem, para dizer a verdade, Danaf é um nome bastante usado pelos mouros...

— Então, deves conhecer alguém na cidade com...

— Espera! Estou a tentar lembrar-me...

Samuel reflectia. E quando a paciência de Konrad já chegava ao fim, o homem gritou:

— Yussuf! Há um mercador muito rico em Batalyaws chamado Yussuf Ibn Danaf! Trocaste-lhe o nome.

— Não troquei, esse é o irmão do homem que eu procuro.

— Ele tem um irmão? Não sabia. Mas muitos mouros receberam parentes fugidos de Lusbuna, depois da cidade ter sido conquistada pelo rei português.

— É isso mesmo. Espero que o irmão de Yussuf ainda aqui more! Samuel explicou-lhe onde ficava o bairro dos mercadores. Apesar do cansaço, Konrad sentia uma euforia que lhe tornava bem difícil a espera até ao dia seguinte para entrar na cidade.

— O que queres dessa gente?

Konrad hesitava na sua resposta. Samuel observou-o, enquanto pensava alto;

— Coberto de trapos, mas com dinheiro na bolsa, para já não falar dos dois belos cavalos... É-se levado a pensar que sejas um fidalgo a viajar incógnito. Mas então porque haverias de ter trabalhado numa ferraria? Ainda por cima, um cristão estrangeiro... No teu lugar, não me meteria com uma família moura tão influente.

— Isso fica ao meu critério. Mas conto com a tua discrição. A minha vida estaria em perigo, se a parentela Ibn Danaf me soubesse aqui por estas paragens.

— Mas o que é que tu fizeste a esses mouros? Konrad não respondeu. E Samuel acabou por dizer:

— Apesar desse secretismo todo, algo me diz que posso confiar em ti. Mantenho que há algo de nobre no teu semblante... mesmo

com essa barba mal tratada!

Konrad sorriu.

— Já é tarde — disse o judeu e levantou-se. — Bem, põe-te à vontade, que eu...

— Ainda tenho uma pergunta. Há banhos públicos na cidade, não há?

— Claro mas apenas os ricos e os poderosos estão autorizados a frequentá-los, incluindo judeus e moçárabes.

— É mesmo?

— Só os que praticam mesteres considerados, como médicos ou estudiosos. Entre a minha gente, por exemplo, há muitos diplomatas versados em várias línguas e que são enviados como representantes do rei mouro às cortes estrangeiras. Agora, um cristão desconhecido e tão mal amanhado como tu... — Samuel abanou a cabeça. — Nunca lá serás admitido. Mas não te preocupes! Se quiseres tomar banho, ponho-te uma cuba à disposição.

— É simpático da tua parte — retorquiu Konrad, mais uma vez sorridente, — mas eu apenas pretendo saber em que dia da semana os banhos públicos estão reservados às mulheres.

Os olhos de Samuel tornaram-se a arregalar.

— Tu és mesmo um homem estranho, Johann!

— Diz lá, sabes?

— Às quintas-feiras.

— Hoje é segunda — reflectiu Konrad alto. — Tenho então alguns dias...

Abanando a cabeça, Samuel juntou a louça que o outro utilizara e desapareceu.

Na manhã seguinte, o judeu ainda se espantou mais, quando o estrangeiro lhe entrou pela ferraria adentro com o intuito de sujar a barba com fuligem! Konrad lembrara-se de que não haveria muitas barbas loiras em Batalyawes. E, já que estava com as mãos na massa, tratou também de sujar a capa e o capuz.

Tinha uma hora de marcha até à cidade. Tapou os seus cabelos amarrados com o carapuço, que puxou bem para cima do rosto. Aos camponeses, não-livres e pedintes não era autorizado o uso de armas e ele escondeu o punhal debaixo da túnica, junto com a pequena bolsa de dinheiro.

Acompanhado do Ruço, aproximou-se de Batalyaws vindo de leste e deu com uma imponente torre albarrã de uns cem pés de altura, que era octogonal, em vez de ser quadrada como as outras. Konrad rodeou--a e, alguns passos mais adiante, deparou com três lanços de escadas em ziguezague que conduziam a uma das portas da cidade e sobre cujos degraus se haviam abancado mercadores humildes e alguns pedintes.

A porta era encimada pelo habitual arco em forma de ferradura e por aí ele entrou em Batalyaws.

A primeira impressão encorajou-o: ele passava perfeitamente despercebido nesta cidade mercantil, onde se cruzavam pessoas de várias nacionalidades e religiões. A zona do mercado, ou suq, era aliás maior do que ele imaginara. Poderia tornar-se difícil encontrar os negociantes de tapetes e de tecidos sem perguntar a ninguém. Mas evitaria falar fosse com quem fosse. Nas ruelas labirínticas, sombreadas pelas habituais coberturas de pano, via sobretudo ourives, que trabalhavam a prata e o bronze, e perfumadores com os seus turíbulos fumegantes.

Entrou noutra zona, onde deparou com alfaiates, sapateiros e seleiros. Os arreios e as selas que estes últimos confeccionavam e vendiam eram tão admiráveis, que Konrad perdeu mais tempo do que pretendia a observá-los. Só os infiéis dominavam a arte de trabalhar o couro desta maneira, criando verdadeiras obras artísticas, que já eram conhecidas em toda a Cristandade, pelo menos desde as primeiras cruzadas, há cerca de cinquenta anos. Os cavaleiros cristãos ansiavam por decorar assim as suas montadas, se bem que fossem admoestados pelos prelados, pois a Igreja via aí o pecado da vaidade.

O tempo passava e Konrad resolveu tornar a concentrar-se no seu objectivo, mas, quando tentou ir à procura dos mercadores de tecidos, constatou que estava perdido. Errava pelas ruelas barulhentas e ia sempre dar ao mesmo sítio. Quando começava a desesperar, ouviu o muezim que, do alto do minarete, chamava os crentes para a oração do meio-dia. Logo muitos mouros se dirigiram à mesquita aljama, Konrad seguiu-os e viu-se perante o grande terraço murado, onde os muçulmanos se entregavam às lavagens rituais. Havia também pedintes nas imediações e ele, cansado,

resolveu procurar um canto, onde se sentou de pernas cruzadas e cabeça baixa, coberta com o capuz. Se ainda sentia receio de não conseguir representar este seu papel de maneira convincente, as suas dúvidas dissiparam-se, ao constatar que alguns passantes lhe lançavam moedas.

Ele e o Ruço, que se deitara a seu lado, descansaram, mas Konrad estava cheio de fome e sede. Reuniu as moedas que lhe haviam atirado e dirigiu-se à rua por onde tinha vindo. Parou, porém, à entrada. Na parte do suq onde estivera, não encontrara vendedores de produtos alimentares, seria melhor entrar numa outra ruela.

Uma boa ideia! Logo lhe chegou ao nariz o aroma das especiarias, principalmente cominhos e noz-moscada, viu camponeses moçárabes a apregoar os seus legumes. As esmolas que tinha na mão não chegariam para grande coisa, ainda bem que ele trouxera o seu próprio dinheiro. Disfarçadamente, tirou algum da sua bolsa e comprou pêssegos e tâmaras secos e pão.

Matou a fome e bebeu água de um chafariz. O Ruço não tinha tanta sorte, não iria longe com os restos que ia encontrando pelo chão, porém Konrad sabia que o animal poderia tirar a barriga de misérias ao serão, nos estábulos de Samuel.

A tarde já ia adiantada e Konrad ainda não encontrara os vendedores de tecidos e tapetes. Talvez só dê com eles amanhã, pensou. Viu todavia um grupo de mouras que levavam tecidos nos seus cestos das compras. Dirigiu-se à rua de onde elas tinham surgido e logo se deparou no meio dos estabelecimentos procurados. Controlou a sua euforia, pois teria que ser mais cuidadoso do que nunca. Caminhou ao longo da rua observando os mercadores, na esperança de ver uma cara conhecida, o que não era fácil, com o capuz tão puxado para cima do rosto. Além disso, já era tarde, os clientes começavam a rarear e um pedinte que se interessava por produtos tão caros daria nas vistas.

Só mais umas lojas, pensou, e regressarei ao estábulo. Amanhã, virei direito a esta rua e...

O coração deu-lhe um salto. Deparou com um grupo de mouros à conversa, no meio do qual distinguiu Abu! Resistiu à tentação de o observar e puxou o capuz ainda mais sobre o rosto. Passou pelo

grupo e sentou-se mais à frente, no chão, entre duas tendas. Os donos destas olharam-no contrariados, mas não o enxotaram.

Desta vez, não recebeu esmolas, mas a espera compensou: Abu acabou por se despedir dos seus interlocutores e fez-se ao caminho na companhia de um dos homens, que devia ser um criado, a avaliar pelas roupas humildes. Konrad levantou-se e seguiu-os.

Todo o cuidado era pouco, esperava sempre que os dois virassem uma esquina para avançar. Havia, no entanto, o perigo de os perder de vista na confusão das ruelas. Deixaram a zona do mercado e, depois de dobrar mais uma esquina, a desilusão apoderou-se de Konrad. Chegara a um ponto de onde partiam três ruas e não via nem sinal dos dois mouros. Olhou, o mais longe que pôde, ao longo de uma das ruas, sem sucesso. Tentou a segunda... Nada! Na terceira rua, porém, avistou o turbante branco e túnica de seda verde-escura de Abu, mesmo antes deste tornar a desaparecer na próxima curva.

Konrad perdera qualquer sentido de orientação e não sabia se este era o bairro do qual Samuel lhe falara. As casas eram grandes, de um branco imaculado, com adufas a protegerem as janelas, como ele aliás as conhecia de Lisboa. Os jardins e terraços só se viam depois de se atravessarem as bonitas portas, com as suas cantarias de rendilhados, que abriam para travessas privadas.

Depois de mais uma esquina, Konrad perdeu os mouros definitivamente de vista, como se estes se tivessem evaporado. Teriam entrado numa das casas? Excepto um pedinte, não havia mais ninguém naquela rua.

Seria aqui que Aischa morava? Hoje não o descobriria. O serão aproximava-se e não era de prever que alguém saísse de casa, mulheres muito menos. Além disso, sentia-se estafado e esfomeado e tinha mais de uma hora de marcha à sua frente. Resolveu regressar ao estábulo de Samuel. No dia seguinte, sentar-se-ia como pedinte nesta mesma rua. Pelos vistos, tinha um concorrente, mas esperava que o homem não lhe dificultasse a vida.

Se não fosse o Ruço, Konrad teria passado horas à procura de uma saída de Batalyaws.

Também no dia seguinte teve que confiar no faro e na esperteza do seu animal fiel, que fixava todos os cheiros e deixava a própria marca nas esquinas. Konrad bem se esforçara por decorar o

caminho, mas não tinham ainda deixado o suq, já ele hesitou num cruzamento. O Ruço, no entanto, logo se decidiu por uma das ruelas, como se a conhecesse, e o dono seguiu-o.

Chegaram contudo a um ponto em que o cão se virou para ele com a interrogação estampada nos olhos. Não era de admirar: Konrad reconheceu a rua onde, no dia anterior, perdera a pista de Abu e do criado deste. Desta vez não estava lá o pedinte. Tanto melhor, pensou ele, e sentou-se no chão.

Passaram alguns homens por ele, que não reconheceu. Depois, decorreram momentos infinitos, em que nada aconteceu. O sol brilhava cada vez mais forte, dissipando a frescura matinal. O Ruço dormitava, satisfeito por poder finalmente descansar, e o silêncio era tanto que se diria que as casas estavam abandonadas. Só no coração de Konrad reinava tumulto.

Lembrou-se de que talvez tivesse que esperar até ao serão, altura em que os homens regressavam do mercado, para ter a certeza de que esta era a rua certa. Suspirou, enquanto encostava a cabeça à parede atrás de si, e observou as casas que tinha defronte, brancas de cal. Aischa, pensou, moras atrás de um desses muros grossos? Se Deus, ou que seja Alá, me desse um sinal...

Ouviu uma porta bater numa das travessas à sua direita e virou-se instintivamente. Viu um homem... e reconheceu Rashid! Notara os olhos esverdeados no último momento, antes de baixar os seus e os proteger com a sombra do capuz.

Mas os passos de Rashid vinham ao seu encontro e ele quase entrou em pânico. Deus do Céu, reconheceu-me? O mouro, no entanto, limitou-se a lançar-lhe uma moeda aos pés e continuou a caminhar, sem olhar para trás.

Assim que ele desapareceu, Konrad dirigiu-se à travessa de onde ele surgira. Quase bateu à porta e chamou pelo nome da amada. Em vez disso, regressou ao seu lugar, sentou-se e observou a casa. No primeiro andar, onde normalmente se encontravam os aposentos das mulheres, deparou com duas janelas, bem protegida de olhares exteriores com as suas adufas rendilhadas.

Olhou para a moeda com os sinais árabes que Rashid lhe atirara. Teria Aischa segurado nela? Vê-la-ia ainda nesse dia? Não era provável, as mouras levavam uma vida muito recatada. Mas o dia

seguinte era quinta-feira, os banhos públicos seriam reservados às mulheres e ele esperava que também ela os fosse frequentar.

Ficou por ali mais algumas horas. Poucas pessoas passaram por ele, na sua maioria homens, mas também mulheres, duas saíram até da suposta casa de Malik Ibn Danaf. Meras criadas, envergavam roupas simples e não tinham a cara coberta, eram cristãs. Passado algum tempo, regressaram com hortaliças nos seus cestos.

Konrad saiu dali, antes que o serão se aproximasse e os homens regressassem do mercado, pois não queria chamar mais a atenção para a sua pessoa.

Konrad quase não tinha pregado olho e chegou bem cedo ao seu lugar, perto da casa de Malik Ibn Danaf. Via mais mulheres do que o habitual a passar na rua, algumas atiravam-lhe esmolas. Teve, no entanto, que esperar duas longas horas até que, da casa em questão, saíssem cinco muçulmanas envergando sedas e brocados coloridos, acompanhadas de criadas. Duas das mouras pareciam ser mais velhas, as outras três eram mais elegantes, de andar mais leve. Seria Aischa uma delas? Para obter a sua resposta, Konrad contava com a ajuda do seu fiel acompanhante.

E de facto! Assim que o cão, que dormitava, se apercebeu das vozes femininas, levantou a cabeça. As orelhas de ponta dobrada viravam-se em todas as direcções, o nariz húmido farejava o ar avidamente. De repente, pôs-se de pé e, se Konrad não o segurasse pela coleira, o animal teria ido direito ao grupo. Sibilou-lhe:

— Deita Ruço! Deita!

O cão obedeceu, mas começou a ganir baixinho, enquanto abanava a cauda. Era óbvio que sentira a presença de uma pessoa conhecida, o que fez com que a agitação de Konrad se tornasse difícil de suportar. As mulheres, no entanto, já haviam passado por eles. Ele seguia-as com os olhos... Até que a cabeça coberta pelo véu branco enfeitado a fios de prata se virou para trás! Mas logo se tornou a virar e desapareceu com as outras.

Era bem capaz de ser Aischa! O Ruço teria sido a razão que a fez virar a cabeça, pois de Konrad só se via um carapuço e uma barba suja, difícil de reconhecer, mesmo para ela.

A inquietação não o deixou permanecer sentado e foi à procura dos banhos públicos.

Quando lá chegou, viu algumas mulheres a conversar à entrada. Sentou-se do outro lado da rua, mas as mulheres lançavam-lhe olhares incomodados. Não havia rastro de mais nenhum pedinte e, depois de uns tantos olhares irritados, resolveu desaparecer dali.

Pelos vistos, nem sequer nas imediações do estabelecimento se tolerava a presença de homens, naquele dia.

Regressou à rua onde Aischa morava, pois sentia necessidade de a ver outra vez, nem que isso significasse avistar apenas o véu que a cobria.

As mulheres regressaram a meio da tarde. Konrad agarrou na coleira do Ruço e o seu olhar não mais largou o véu branco, cujos fios prateados brilhavam à luz do sol, fazendo jus aos versos de Ibn Hazm:

*Os meus olhos ficam fixos nela
Como os do náufrago que das ondas contempla a margem.*

Contudo, a mulher que envergava o desejado véu parecia querer esconder-se entre as outras e passar ao largo dele e do cão!

Konrad dificilmente aguentava a desilusão, pois tinha agora praticamente a certeza de que se tratava de Aischa, visto que ela não ficara indiferente à presença do pedinte na companhia daquele cão. Mas seria possível que ela não quisesse mais saber dele? O que poderia provocar uma mudança destas?

Regressou ao estábulo de Samuel de cabeça baixa. Procurava explicações para o comportamento estranho de Aischa e surgiu-lhe uma ideia: teria a criança morrido e queria ela começar uma vida nova, pondo definitivamente para trás das costas a fase a que ele pertencia? Konrad contara com muita coisa, estivera pronto para enfrentar qualquer perigo. Mas nunca lhe passara pela cabeça que Aischa não quisesse mais saber dele e sentia-se incapaz de lidar com essa nova situação.

Ao serão, apesar de já não comer desde a manhã, quase não engoliu nada daquilo que Samuel lhe trouxe. Ao contrário do Ruço, que se apressou a esvaziar a tigela posta de lado, como se tivesse medo que ela lhe fugisse. O judeu inquiriu em vão a razão de tanta tristeza.

Incapaz de adormecer, Konrad foi dar uma volta com o cão e, perante o céu estrelado, recuperou alguma esperança. Se ele, que

tudo planeara e que contara vê-la, vivia momentos de tão grande agitação, que dizer do estado de alma de Aischa?

Qual não seria a perplexidade e até o medo dela, ao constatar que ele se tinha atrevido a aproximar-se da casa da família?

Não desistiria. O dia seguinte era uma sexta-feira, o dia em que quase todos os muçulmanos se dirigiam à mesquita aljama, a fim de ouvir a pregação que se seguia às orações do meio-dia.

Os mouros chegavam aos magotes, o que dificultava a Konrad a tarefa de procurar a família de Malik Ibn Danaf. Via mal por debaixo do capuz e, para piorar ainda mais as coisas, perdera o Ruço de vista. O cão só o deixaria se tivesse farejado o rastro de alguma cadela com cio, o que normalmente não seria coisa que inquietasse o dono. O animal já conhecia a cidade e o caminho para o estábulo do Samuel. Mas Konrad via-se assim destituído do faro apurado.

Procurava em vão. Talvez Aischa nem tivesse vindo, muitas mulheres rezavam em casa, também às sextas-feiras.

Regressava ao estábulo, quando o Ruço se lhe juntou, como se tivesse surgido do nada. Konrad debatia-se com novas preocupações: a sua pequena bolsa de dinheiro estava vazia e, no próximo dia, teria que fazer novo pagamento a Samuel.

Na manhã seguinte, cavalgou até à planície dos sobreiros, onde estavam enterrados os seus pertences... se ainda ninguém os descobrira! Depois de abrir o buraco, suspirou aliviado ao constatar que tudo continuava como ele deixara.

Ao serão, quando queria dar o dinheiro ao Samuel, este surpreendeu-o com as palavras:

— Não posso aceitar tanto.

Konrad sentiu um arrepio na espinha. Teria o judeu a consciência pesada? Sentir-se-ia incapaz de manter o seu segredo e já teria dado com a língua nos dentes? Ia, ao fim e ao cabo, duas vezes por semana ao suq de Batalyaws e conhecia muitos mercadores.

— O que queres dizer com isso? — inquiriu furioso. — O que contaste sobre mim? E a quem?

Samuel olhou-o assombrado:

— Acalma-te, não é disso que se trata. Não me sinto bem a extorquir-te tanto dinheiro.

— Esperas mesmo que eu acredite nisso?

— Confesso que no início me puseste desconfiado, mas sei agora que nada tenho a temer de ti. Só preciso de te ver cavalgar para saber que foste educado como um fidalgo, com essa postura de cavaleiro que conduz a sua montada para o meio da batalha!

Mas como te encontras numa situação especial, seja ela qual for, presumo que as tuas reservas monetárias sejam limitadas. Por isso, prescindo a partir de agora do terço que me dás a mais.

— Mas tu trazes-me de comer todos os dias.

— Olha a grande coisa! Bem sabes que a minha mulher cozinha para nove pessoas. Temos cinco filhos, já deves ter reparado que o sexto vem a caminho, e os meus dois ajudantes vivem aqui connosco, dormem no sótão. Não é a tua porção que nos empobrecerá ou que matará a minha Raquel de trabalho.

— Gostaria, no entanto, que me informasses se ouvires falar de mim na cidade e também por isso te quero pagar.

— Faço-te então uma proposta: se eu tiver novidades para ti, dás-me nessa altura aquilo que achares adequado.

— O mais importante é que eu possa continuar a confiar em ti.

— Que isso não te roube o sono, homem! Mas já agora, há algo que devias ter em conta: assim como eu noto que tu não pertences à arraia--miúda, também outros mais cedo ou mais tarde o notarão. Como amigo te aviso: não te será possível fingires ser pedinte por muito mais tempo!

Konrad, que desconfiava que Aischa só saía de casa às quintas-feiras, resolveu acatar o conselho do judeu e, durante quase uma semana, evitou a cidade. E trabalhou para Samuel! Não foi fácil quebrar a resistência do homem, pois, convencido de que o estrangeiro era um fidalgo a viajar incógnito, a ideia de o ver a limpar os estábulos e a ferrar cavalgadas era-lhe exorbitante, quando não, um sacrilégio. Mas Konrad garantiu-lhe que endoideceria, se não tivesse nada que fazer. Além de que gostava sinceramente de tratar de cavalos, tarefa que aprendera durante os seus tempos de pajem e escudeiro. Com tudo isto, poupou dinheiro, pois Samuel não lhe exigiu pagamento por esse tempo.

Chegara todavia mais uma quinta-feira, oportunidade que Konrad não podia desperdiçar, e tomou o seu lugar de pedinte no bairro dos mercadores mouros. Estava expectante quanto ao

comportamento de Aischa, que já tivera uma semana para se habituar à ideia de que ele se encontrava em Batalyawas. Com o primeiro susto superado, tentaria ela entrar em contacto com ele?

À mesma hora da semana anterior, as mulheres da família de Malik Ibn Danaf saíram de casa, acompanhadas das suas criadas.

Avistar o mesmo véu branco com os fios prateados deu-lhe esperança: a sua dona, pelos vistos, queria ter a certeza de ser reconhecida! O Ruço levantou a cabeça, Konrad segurou-o pela coleira e ordenou-lhe que ficasse quieto.

Mas o cão ficava cada vez mais agitado e em breve Konrad compreendeu porquê: a mulher com o véu conhecido vinha direita a eles, enquanto as outras continuavam o seu caminho! Estaria a sonhar?

Ela parou à sua frente. Do fundo do capuz, Konrad procurou o olhar no meio do véu. Ao deparar com os olhos de âmbar, que igualmente procuraram os seus, sentiu como se tivesse engolido o sol e este lhe incendiasse o estômago. Ela atirou-lhe uma moeda e sussurrou:

— Mandarei a minha criada amanhã à mesquita aljama! Konrad perdeu o discernimento, alheou-se do perigo, só pensava que não podia desperdiçar esta oportunidade. Enquanto a sua mão direita ainda segurava a coleira do cão inquieto, agarrou com a esquerda o braço que acabara de atirar a esmola.

— Aischa...

— Larga-me! — sibilou ela, tão furiosa, que ele a largou como se o braço dela fosse um pedaço de ferro acabado de sair do forno. Em boa hora! Uma das mulheres mais velhas virou-se para trás. Mas aí, já Aischa se deslocava em direcção ao grupo.

Depois que dobraram a esquina, Konrad afagou o animal, que gania baixinho, murmurando, mais para ele próprio do que para o cão:

— Temos que ter paciência, meu amigo! Temos que ter paciência! O Ruço pousou o focinho no colo do dono, de olhar conformado, como se o tivesse entendido.

Konrad encostou preocupado a cabeça à parede atrás de si. Aischa estava aterrorizada. Tencionava, porém, fazer-lhe chegar

algum recado às mãos. As suas palavras: "mandarei a minha criada amanhã à mesquita aljama" não queriam dizer outra coisa.

Nessa sexta-feira, Konrad tomou o seu lugar nas imediações da mesquita. O muezim chamou à oração e os muçulmanos precipitavam-se para o interior do templo, enquanto os pedintes tentavam a sua sorte. Também ele recebia esmolas, das quais, no entanto, mal se apercebia, pois os seus pensamentos ocupavam-se com a questão se reconheceria a criada de Aischa. Já vira várias serviçais da família dela e procurava avidamente uma cara que lhe fosse conhecida...

— Deves estar cheio de fome. Toma lá!

Konrad estarreceu perante a mulher que lhe estendia uma tigela de barro. Devia ter os seus quarenta anos. O vestido e o véu, que lhe cobria o cabelo mas não o rosto, eram de burel azul-escuro, a cor, junto com o castanho, mais comum das vestes da plebe. Tinha traços rudes, os olhos estavam próximos demais um do outro e as sobrancelhas juntavam-se-lhe sobre o nariz. Além disso, encarava-o antipática.

Ele acabou por pegar na tigela. Ela sentou-se em frente a ele e deu-lhe uma colher. Konrad olhou para a açorda. Não tinha fome, acabara de comer al-bandaqa: bolas de carne picada e pão moído, muito temperadas. Contara, afinal, com um recado e não com uma malga de papa!

— Comei, por favor — sussurrou-lhe a mulher. — Para não levantardes suspeitas.

— Quem te manda? — perguntou ele, para se certificar.

— A minha senhora Aischa. Chamo-me Flora.

— Muito obrigado, — replicou ele em voz alta. — Que Deus recompense a tua alma caridosa!

Custava-lhe a comer, não apenas por não ter fome. A agitação mal o deixava engolir. Flora, depois de olhar para os lados, murmurou:

— A minha senhora preocupa-se com a vossa segurança e pede-vos que não torneis a procurar a nossa rua para pedir.

— Alguém suspeita de mim?

— Ainda não, mas o senhor Abu não gosta que pedintes rodeiem as nossas imediações. Não raro, expulsa-os pela própria mão. Podia

reconhecer-vos, se chegasse a esse ponto convosco.

— Mas eu preciso de a ver. Que outras possibilidades tenho?

— Nenhumas. A senhora Aischa é muito vigiada. Raramente pode vir à mesquita às sextas-feiras e já se pode dar por feliz ao ser autorizada a deslocar-se aos banhos com as patroas.

— Mas eu...

— Falai baixo, pelo amor de Deus... e continuai a comer! Depois de se ter obrigado a engolir duas colheres, Konrad perguntou:

— E a criança? Está viva?

— Claro. — Flora olhou-o nos olhos e acrescentou: — Tendes uma filha!

A garganta de Konrad apertou-se-lhe e ele teve que se esforçar para não cuspir a papa que tinha acabado de enfiar na boca. Num esforço enorme, conseguiu empurrá-la goela abaixo e balbuciou:

— Como se chama?

— Soraya, significa "a aurora".

Agora, Konrad engolia em seco, para vencer as lágrimas.

— A minha senhora foi autorizada a escolher o nome da filha.

— É saudável?

— Tem sempre muita fome, engorda bem.

Como se observasse algo de exorbitante na praça da mesquita, ele esquecera a açorda.

— Continuai a comer, por favor. É melhor que esvazieis a tigela. Ele não fazia ideia de como o conseguiria, mas obrigou-se a engolir uma colher atrás da outra.

— E a Aischa também está bem?

A mulher hesitava com a resposta e ele insistiu ansioso:

— Então? Flora suspirou:

— Não é fácil ver como uma mocinha que antigamente espalhava alegria à sua volta, ande agora sempre triste e mal fale. Ela... sente tanto a vossa falta!

— Diz-lhe que o meu coração também transborda de saudade. Flora olhou-o cheia de compaixão. Mas notou que a malga estava vazia e anunciou:

— Tenho que ir.

— Espera! Conta-me mais coisas...

— Não posso ficar aqui muito tempo. Arrancou-lhe a tigela das mãos.

— Virás outra vez?

— Não sei.

— Estarei todos os dias aqui, a esta mesma hora.

— É muito perigoso...

— Por favor, Flora!

— Falarei com a minha senhora. Mas não vos prometo nada.

Só passado três dias Flora voltou a aparecer com uma tigela de açorda.

— A minha senhora achou por bem esperar até que o pai e o irmão Abu viajassem.

Ela tem menos medo, quando é o senhor Rashid o responsável pela casa.

— Porquê?

— Ele é bondoso com ela.

Konrad arqueou as sobrancelhas de espanto. Não esperara uma coisa dessas do homem que matara Johann.

— Não comeis? — perguntou Flora preocupada.

— Como já, não te aflijas. Contas-me entretanto coisas de Aischa e Soraya?

Ela disselhe que os olhos da sua senhora haviam recuperado um pouco do brilho de antigamente, agora que ela o sabia perto e ouvia falar dele. Disse ainda que Soraya continuava forte e cada vez mais alegre. Por outro lado, Aischa estava seriamente preocupada com ele e pretendia saber quando é que ele regressava a Lisboa. Não tinha que tratar das suas terras, a fim de conquistar os favores do rei português? Konrad informou sobre a sua resolução, contou as novidades respeitantes a Ausenda, Julião e João.

Quando já se preparava para regressar a casa, Flora avisou:

— Não nos deveríamos encontrar neste sítio uma terceira vez.

— Tens outra sugestão?

— Amanhã irei ao mercado, comprar fruta e hortaliças. Tentarei ir sozinha, mas não sei se o conseguirei.

— Estarei lá à tua espera.

— Caso esteja acompanhada, peço-vos que não me dirijais a palavra!

Flora veio sozinha, viu-o sentado numa esquina e estendeu-lhe um pedaço de pão com as palavras:

— Não tenho dinheiro para te dar, mas poderás matar um pouco da tua fome.

— Obrigado — retorquiu ele. Mas levantou-se e acrescentou baixo: — Tenho algo importante para conversar contigo. Andemos um pouco.

— Não é perigoso?

— Limitar-nos-emos à zona do mercado, onde a esta hora há tanta gente. Quem é que irá prestar atenção a uma criada cristã e a um pedinte?

Caminhavam lado a lado, quando Flora murmurou:

— A minha senhora ficou desolada, ao saber da vossa resolução. Ela mantinha a esperança que vos tornasses num vassalo do rei português, assegurando o vosso futuro.

— Diz-lhe que não se preocupe. Ao contrário do que parece, não estou pobre de todo.

— Além disso, ela receia que alguém repare que eu ajudo sempre o mesmo pedinte.

— E eu tenho que falar com Aischa!

— Mas isso é impossível!

— E se fosse fora da cidade? Ela não poderia ir dar um passeio junto ao rio?

— A minha senhora não está autorizada a sair de casa sem que, pelo menos, uma das esposas do patrão a acompanhem.

— Tem que haver uma maneira. As duas esposas nunca saem sem ela?

— Saem, mas ela nunca fica sozinha. Tem ainda duas irmãs solteiras.

— Uma delas deve ser a sua preferida... Jamila, não é?

— Sim.

— Se as duas ficassem sozinhas, Aischa conseguiria de certeza escapar-se. Jamila não a denunciaria.

— Mas há sempre criados em casa, um deles até está encarregado de vigiar a porta. Mesmo que ele não conseguisse impedir a minha senhora de sair, logo iria avisar o patrão Rashid.

— Espera lá! — Konrad estacou e agarrou-a por um braço. — Não disseste que o pai de Aischa e o irmão Abu tinham viajado?

— Mas regressarão na sexta-feira. Estão em Lelbax, a apenas algumas horas de viagem daqui.

— E não disseste também que Rashid é bondoso com a irmã?

— Os dois sempre se deram bem. Mas ele nunca permitiria que...

— Temos que aproveitar esta oportunidade para nos encontrarmos! Flora olhou receosa à sua volta.

— Peço-vos que largueis o meu braço! Tenho que regressar a casa.

— Não te deixo ir sem que me prometas que falarás com Aischa sobre o que te disse agora. O pai e o irmão regressam daqui a três dias, temos portanto dois à nossa frente em que a vigilância não é tão apertada. E na quinta-feira? As outras mulheres não vão aos banhos?

— Mas a minha senhora também.

— Ela arranjará com certeza uma razão para não o fazer.

— Peço-vos que não exponhais a minha senhora a perigos, morro de medo que lhe aconteça alguma coisa de mal... Tomo conta dela desde que nasceu, é como se fosse a minha própria filha... E vós próprio deveríeis ter muito cuidado!

— Passarei os próximos dois dias junto ao rio — insistiu ele. — Digamos, cerca de meia milha a jusante do porto. Diz a Aischa que venha ter comigo!

— Eu não sei se devo...

— Promete-me Flora, por favor!

— Está bem. Dir-lhe-ei o que me pedis. Agora, se ela o fará... — Tornou a olhar à sua volta. — Tenho que ir.

— Esperarei junto ao rio!

Flora afastou-se sem mais uma palavra.

No dia seguinte, Konrad esperou em vão junto ao Guadiana. Só viu o movimento de camponeses, que se dirigiam à cidade e ao porto. De tarde, quando o sol de finais de Abril se tornou incomodativo, ele procurou a sombra de umas azinheiras que avistou ali perto. Reparou que entre elas se estava mais protegido de olhares alheios.

Regressou ao estábulo de Samuel de cabeça baixa, mas na manhã seguinte recuperou a esperança. Chegou bem cedo à margem do rio, andou para cima e para baixo, entretinha-se a atirar paus à água, que o Ruço lhe devolvia, enquanto lançava olhares na direcção da cidade. Sabia que as mulheres da família de Malik Ibn Danaf costumavam ir aos banhos públicos a meio da manhã. Quando ouviu ao longe o muezim a chamar os crentes para a oração do meio-dia sem ver sinais de Aischa, começou a desesperar.

Forçou-se a manter a calma. Sentou-se na areia e comeu a merenda de pão e um pedaço de galinha assada que a mulher de Samuel lhe preparara. Também o Ruço se pôde deliciar com os restos. O animal deitou-se depois a dormir, enquanto Konrad observava os arredores, impaciente.

Mais um barco de pescadores deslizava rio acima. Sentado na margem, Konrad seguiu-o com os olhos e lembrou-se da sua viagem há dois anos, dos enjoos de Johann e pensou em Hadwig, de quem nunca mais obtivera notícias. Mas já ouvira dizer que as cruzadas na Terra Santa tinham corrido mal. As campanhas de Konrad III da Alemanha e de Luís VII de França tinham sido desastrosas e a mortandade entre os cruzados fora enorme. Jazeria Hadwig também morto por lá? Se sim, a sua alma pelo menos fora salva, o Paraíso estava assegurado aos soldados de Cristo... Estaria? Por vezes, Konrad já não sabia o que pensar.

Quem eram afinal os infiéis? Ele próprio o era, aos olhos da família de Aischa.

O barco dos pescadores continuava rio acima, em direcção ao porto. O olhar de Konrad desviou-se para a margem... E ele pôs-se de pé num salto, ao ver duas mulheres ao longe. Reconheceu Flora, que vinha acompanhada de uma figura frágil, trajando um véu azul-turquesa e uma veste branca.

Konrad ficou como que agrilhado ao chão, mas o Ruço saltou entusiasmado de encontro a Aischa. Flora sentou-se à beira da água e, assim que Aischa se aproximou dele, Konrad tomou-a nos braços. O perfume do almíscar envolveu-o, enquanto as suas mãos afagavam o corpo, que sentia mais magro e frágil, por baixo das vestes de algodão. De repente, envergonhou-se por se lhe apresentar coberto de trapos, mal lavado. Ela, porém, não parecia incomodada com isso, a cabeça dela colava-se-lhe ao peito, os braços apertavam-lhe o tronco.

Quando ela finalmente aliviou o seu abraço, sussurrou:

— Espero que ninguém me tenha seguido.

Konrad espiou as imediações e não descobriu ninguém que parecesse vigiá-los. Disse, no entanto:

— Estaremos mais seguros entre as azinheiras. Lá chegados, ele murmurou, entre beijos:

— Nem acredito que te tenha aqui, nos meus braços.

— Nem eu... Ou estamos a viver um sonho?

Algo no olhar dela o assustava, como se ela confundisse realmente sonho e realidade.

— Não é um sonho, Aischa. Há um mês que deixei Lisboa...

— Porque o fizeste? Destruíste a tua vida... por nada!

— Não fales assim. O facto de estares aqui prova que ainda não perdeste a esperança.

— Eu não queria vir... — Parecia mais confusa do que nunca. — Agi como se não tivesse influência sobre a minha vontade... Devo ter endoidecido...

— Ora, vieste porque ainda me amas. Não digas o contrário Aischa, peço-te!

O olhar perdido humedeceu-se, ela começou a tremer ligeiramente:

— É perigoso demais... E temos que pensar na Soraya.

— Queres com isso dizer que lhe poderiam fazer mal?!

— Não, mas podiam tirar-ma.

— Porque não a trouxeste? Os meus dois cavalos encontram-se a menos de uma hora de marcha daqui.

— Mesmo que eu soubesse montar, não poderíamos cavalgar em fuga com um bebé de quatro meses. Rashid e os seus homens apanhar-nos-iam.

— Flora disse-me que Rashid era bondoso contigo.

— Julgas que me atreveria a vir aqui, se o meu pai e Abu estivessem em Batalyawas?

— Mais cedo ou mais tarde teremos que fugir — replicou ele, com uma certa brusquidão. — Isto não pode continuar assim.

Aischa empalideceu ainda mais e continuava a tremer.

— Não podemos fugir, Konrad.

— Porque não?

As lágrimas começaram-lhe a cair.

— Não sou capaz...

— Ora, sei melhor do que ninguém que és corajosa.

Ela deixou-se cair contra o peito dele e repetiu, soluçando:

— Não sou capaz.

— Que se passa contigo? Estás doente? Essa tua palidez não é normal... E emagreceste.

— Ando sem apetite... Muitas vezes penso que, se não fosse Soraya, já teria morrido.

— Mas isso é mais uma razão para te tirar daqui! Vamos agora! Vai buscar a nossa filha e...

— Não. Morro de medo que nos apanhem e me tirem a Soraya.

O que era feito do espírito combativo da moça que se infiltrara em sua casa e o olhava desafiante? Ela não estava realmente em condições de tomar uma atitude radical. Sem ver outra solução, Konrad anunciou:

— Irei ter com o teu pai, assim que ele chegar.

— Não faças isso! Quem sabe do que eles serão capazes...

— E se eu me declarar disposto a converter-me ao Islão?

Konrad nunca o tencionara fazer, mas não se arrependeu da resolução espontânea, ao ver o brilho nos olhos dela secar-lhe as lágrimas. Acrescentou:

— Teríamos que ficar em território mouro, o melhor seria mesmo aqui, em Batalyaws. O teu pai estaria disposto a ajudar-me? Eu poderia trabalhar para ele...

— Tu, como mercador? Serias feliz?

— A teu lado, sempre!

Os dois não tinham reparado que Flora se aproximara:

— Faz-se tarde, senhora.

— Vamos já — replicou Aischa e tornou a dirigir-se a Konrad: — É uma situação nova, na qual eu nunca pensara. Não nos devemos precipitar...

Reflectia preocupada mas Konrad congratulava-se com o facto de já não ver à sua frente o animalzinho medroso e aflito de há momentos. O semblante dela iluminou-se-lhe ainda mais, ao ter uma ideia:

— Falarei com Rashid, já hoje! Se o conseguir pôr do nosso lado, ele preparará o meu pai para a tua visita.

— É eu, o que devo fazer?

— Para já, esperar. O melhor será continuares a agir como pedinte, pelo mercado, ou junto à mesquita. Flora informar-te-á se fui bem sucedida e se poderás vir a nossa casa.

Konrad respirou fundo. Não lhe agradava ficar à espera, gostaria mais de ser ele a tomar a iniciativa. Mas Aischa conhecia melhor a família e resolveu concordar com a proposta dela.

— O meu pai chega amanhã. Se tu não receberes notícias minhas dentro dos próximos dois dias, é porque falhei nos meus intentos. Nesse caso, trata de desapareceres!

— Desaparecer? Não mais conseguiria sair daqui sem ti.

— Senhora — insistiu Flora — peço-vos...

— Quero saber-te vivo. — Aischa tinha novamente lágrimas nos olhos. — Mesmo que tenhas que viver longe de mim.

— Não irei a mais lado nenhum sem ti.

Puxou-a para si e beijou-a avidamente. Não a largava, Aischa teve que o repelir. Cobriu-se com o véu e afastou-se chorosa.

— O que vieste aqui fazer à loja? — perguntou Rashid ao criado que deveria vigiar a porta de casa.

— A senhora Aischa saiu sozinha com a sua criada.

— Não foi com as outras aos banhos?

— Não. Disse que não se sentia bem. A patroa Tarube quase ficou com ela, mas a senhora Aischa disselhe que não estragasse o seu dia por causa dela. Uma hora mais tarde, anunciou-me que se sentia melhor e que decidira ir ter com as outras, acompanhada da criada. Mas eu segui-a e vi que ela deixou a cidade.

— O quê?!

— Tive que me decidir: continuar a segui-la, ou vir avisar-vos. Resolvi vir, pois duvido que ela tencione fugir. Foi de mãos vazias e deixou a Soraya em casa com a criada Bedur.

— Que direcção tomou?

— Descia ao porto, quando virei para trás.

Rashid ordenou ao seu criado de confiança que tomasse conta da loja e dirigiu-se à Porta do Rio. Perguntava-se se esta atitude de Aischa teria alguma coisa a ver com o pedinte misterioso. Quando o informaram que Flora se encontrava sempre com o mesmo pobre, quase não acreditou. Flora era uma das criadas de maior confiança, servia há vinte anos em casa de seu pai e nunca causara o mínimo problema. Ele próprio, porém, a vira na companhia do pedinte, há dois dias atrás, no mercado. Não lhe parecia provável que a mulher estivesse envolvida numa aventura amorosa. Bonita ela não era, já ia nos quarenta e nunca tivera um namorado. Não lhe fora aliás possível avaliar a idade do homem, tão coberto ele estava com o capuz. Desconfiava agora que ele fosse um enviado do cruzado Konrad.

Rashid percorreu em vão a zona portuária. Viu pedintes, mas nenhum lhe parecia ser o tal misterioso, esse era grande e forte... Pensando bem, grande e forte demais para um pobre!

Encontrou conhecidos e conversou com eles, enquanto observava o que se passava à sua volta. Em seguida, dirigiu-se ao cais dos barqueiros, que atravessavam os viajantes de um lado para o outro. Quedou-se algum tempo a olhar para o movimento das barcas e das jangadas, mas de Aischa e Flora não viu nem sinal.

O que deveria agora fazer? Aonde ir?

Camponeses, que haviam vendido as suas frutas e legumes no suq, regressavam às aldeias, ao longo do rio, nas carroças vazias puxadas pelas suas bestas. Rashid seguiu um impulso e caminhou igualmente ao longo do Guadiana. Observava atentamente cada

pessoa que via, mas quanto mais se afastava do porto, menos movimento havia.

Já pensava em voltar para trás, quando avistou ao longe um véu azul-turquesa. Estacou, ao ver que Aischa e Flora saíam do meio de um aglomerado de azinheiras que havia perto do rio. Ter-se-iam encontrado ali com o pedinte? Apesar de não ver o homem em lado nenhum, Rashid obteve a sua resposta: um cão castanho-ruivo saltitava à volta das duas mulheres. De repente, o animal olhou para trás, como se tivesse ouvido alguma coisa, e logo desapareceu entre as azinheiras.

Rashid havia visto esse mesmo cão na companhia do pedinte. Ao pensar novamente na figura atlética do homem, foi atingido por uma nova suspeita e ansiava por examinar o estranho. Antes que Aischa e Flora o descobrissem, afastou-se da margem e agachou-se atrás de umas giestas.

Aproximou-se com cuidado das azinheiras, para não despertar o faro e a audição apurados do animal. Escondido atrás de uma das árvores, viu o pedinte deixar o local e dirigir-se na direcção do sol nascente. Rashid esperou que ele e o cão se afastassem bem para se atrever até à última árvore. O animal aproximou-se do dono com um pau entre os dentes. O homem atirou o objecto para bem longe, o cão correu entusiasmado atrás dele e trouxe-o de volta.

A brincadeira repetia-se, mas Rashid não precisava de continuar a observá-la para tirar as suas conclusões. Este indivíduo, pensou, tem tanto de pedinte como eu próprio! O homem não mostrava sinais de fome nem de maus tratos e movia-se confiante, de costas direitas, numa atitude quase senhorial. O capuz estava deitado para trás e, apesar de Rashid não reconhecer o rosto coberto pela barba, via cabelos doirados a cintilar no meio da fuligem... Não era um enviado, era o próprio Konrad!

Rashid suspirou desesperado. Oh Aischa, que hei-de fazer contigo? Amas este homem assim tanto, como pelos vistos ele também te ama? Não seria melhor deixar-vos em paz?

Para ele, a questão da religião não era tão importante como para Abu. O irmão mais velho odiava os cristãos e costumava tratar mal os moçárabes. Rashid, porém, mais à semelhança do pai, era tolerante, pois achava que cada pessoa estava marcada à nascença.

Não duvidava de que o Islão era a fé verdadeira, mas que culpa tinha uma criança nascida no seio de uma família cristã que a criassem nessa religião?

Além disso, apercebia-se agora de que o cruzado queria bem à irmã. Sempre desconfiara disso, apercebendo-se das saudades que Aischa tinha dele. E se ele estivesse disposto a cuidar dela e da filha, porque não haveria de ficar com elas? Nunca poderiam casar, mas Rashid conhecia muitos pais que ofereciam as suas filhas como concubinas a alcaides e outros homens poderosos, caso estes já tivessem as quatro esposas autorizadas pelo Corão. Não era considerada uma desonra, conquanto o homem em questão fosse suficientemente rico para tratar com dignidade todas as mulheres que pertencessem ao seu harém.

Além disso, Rashid preocupava-se com a saúde da irmã, que quase não comia e que perdera a sua espontaneidade. A depressão não combinava com a natureza dela, quanto tempo aguentaria um martírio desses?

Chegado ao estabelecimento, mandou um criado a casa, que se deveria certificar de que Aischa já lá chegara. A confirmação chegou pouco depois e Rashid respirou de alívio. E deu graças a Alá por o pai, o chefe da família a quem competia tomar uma decisão, regressar já no dia seguinte.

— O senhor Rashid não deseja falar-vos — informou Flora, embatocada.

Aischa arqueou as sobrancelhas espantada. A criada fora em seu nome pedir permissão para uma conversa a sós com o irmão.

— Ele deu-te alguma razão para isso?

— Não, mas receio que o seu desejo seja definitivo. Falou mais bruscamente do que o costume.

Será que os negócios lhe tinham corrido mal? Aischa não podia contudo adiar os seus intentos. Sem ligar às súplicas da criada, dirigiu-se ao rés-do-chão.

Rashid ceava no salão, aonde as mulheres só adquiriam acesso com a permissão expressa dos homens da casa, pois era ali que estes recebiam as suas visitas. Por isso, ao vê-la, Rashid levantou-se e perguntou irado:

— O que estás aqui a fazer?

— Manda os teus criados embora! Preciso de te falar.

Aischa, de tão resoluta que estava, agira espontânea, mas perguntava-se agora se não teria sido impulsiva demais. Já se preparava para pedir desculpa ao irmão, quando o ouviu dizer:

— Há muito que não te via tão exigente. Se ele é capaz de operar em ti tal mudança, já te mereceu!

— Ele?

Depois de ter dispensado os criados, Rashid respondeu irónico:

— Claro, o teu Konrad!

— Sabes então que me encontrei com ele?

— Sei, mas não tenciono falar contigo sobre isso.

— Tenho algo importante para te dizer...

— Poupa as tuas palavras! Desta vez não me convencerás de nada. Sei muito bem que se tivesse sido o Abu a ficar aqui, em vez de mim, não te tinhas atrevido a tal.

— Porque falas assim? Prezo tanto a tua amizade...

— Seja como for. O pai que decida amanhã sobre vós os dois!

— É precisamente sobre isso que te queria falar, dizer-te que...

— Deixa-me sozinho, Aischa!

— Mas o Konrad prontificou-se a converter-se ao Islão! Os olhos esverdeados brilharam estupefactos:

— Falas verdade?

Ela acenou esperançosa com a cabeça.

— Pronto, está bem — suspirou ele. — Anda, senta-te ao pé de mim. Ou já ceaste?

— Não. — Ela sentou-se. — Mas não tenho fome.

— Outra vez? Esqueces que amamentas a tua filha?

— Estou nervosa demais para comer. Só queria saber se tu amanhã intercederás a meu favor junto do pai. Conta-lhe o que Konrad decidiu!

— Contarei. Mas já agora diz-me uma coisa: como se permite ele ficar aqui tanto tempo como pedinte? Não tem que tratar do seu património?

— Ele deu tudo.

— É mesmo? E como é que ele pretende sustentar-vos às duas?

— Ele pondera tornar-se mercador e espera que o pai o ajude, depois que se tiver convertido.

Rashid reflectiu uns instantes e retorquiui:

— Não te queria tirar a esperança, mas digo-te que o pai dificilmente o fará.

— Achas?

— Muçulmano ou não, o pai nunca lhe perdoará o que ele te fez!

Aischa corou, baixou a cabeça e murmurou:

— Mas ele nada fez contra a minha vontade.

— Calculo... E convenço-me cada vez mais de que vós pertenceis um ao lado do outro.

Ela levantou a cabeça esperançosa:

— Dirás isso ao pai?

— Defenderei o teu caso tão bem quanto me for possível.

Malik Ibn Danaf e o seu filho Abu regressaram ao princípio da tarde. O mercador foi descansar, antes de falar com Rashid sobre os negócios. Ele e Abu traziam boas notícias de Lelbax, tinham ganho novos clientes. Gerou-se por isso uma atmosfera optimista durante a ceia, o que muito animou Rashid. Tinham acabado de comer e os criados limpavam a mesa, quando ele anunciou:

— Preciso de te falar a sós, meu pai.

Malik Ibn Danaf olhou-o admirado e foi o filho mais velho quem falou primeiro:

— O que tens para dizer ao pai, que eu não possa ouvir?

Abu implicava frequentemente com ele, sempre fora ciumento. A relação entre os dois irmãos decorria mais ou menos harmoniosa porque o pai contemporizava eficazmente em caso de desavenças.

— Faz-me lá esse favor — replicou Rashid e acrescentou irónico: — Afinal, já há uma semana que não vês nenhuma das tuas concubinas.

— Não fales assim comigo, como se tivesses autoridade para me dar ordens! Só sairei daqui, se o pai o exigir.

Rashid virou-se esperançoso para Malik Ibn Danaf, mas para sua surpresa este retorquiui:

— Porque é que o Abu não pode ficar?

— Bem... é que... eu não o posso dizer na sua presença.

— Trata-se de um problema pessoal teu? Depois de uma curta hesitação, Rashid respondeu:

— Sim, é isso.

— Pois muito bem! — Dirigiu-se ao mais velho: — Tem paciência e deixa-nos a sós!

Abu saiu da sala a fungar e como se os seus sapatos fossem pesados como o ferro.

— Qual é o teu problema, meu filho?

— Não se trata de mim — admitiu Rashid atrapalhado, — mas sim de Aischa.

— Como te atreves a mentir-me?

— Peço que me desculpes, mas ambos sabemos que Abu não gosta muito dela. Se ele ouvisse o que tenho para te dizer, era capaz de perder o domínio... E tu não desejas que ele a magoe, pois não?

Malik Ibn Danaf observou o filho em silêncio e inquiriu depois:

— Esse... Konrad foi visto aqui em Batalyawas?

— Como adivinhaste?

— No fundo, sempre contei com isso. Ele ficou visivelmente angustiado, quando lhe tirei a Aischa.

— Pois imagina que ele se desfez de tudo o que possuía e vive aqui há semanas como pedinte, apenas para estar perto dela!

O pai abanou a cabeça perplexo. Rashid acrescentou:

— Até se prontificou a converter-se ao Islão!

— Ele disse isso?

— A mim não... à Aischa.

— Eles encontraram-se?! Como permitiste uma coisa dessas?

— Acalma-te, meu pai! O cruzado pretende converter-se ao Islão, tornar-se mercador e espera poder contar com a tua ajuda.

Malik Ibn Danaf não parecia nada satisfeito, por isso Rashid reforçou:

— Sei que tu, como eu, te preocupas com a saúde de Aischa. Não é nenhum segredo que ela perdeu a alegria de viver e, além disso, quase não come. Isto ainda vai acabar mal!

— És capaz de ter razão. Lembra-me a mãe dela. Eu nunca acreditei que Zubaida sofresse de uma doença misteriosa, como os médicos diziam, ela recusava os alimentos por vontade própria. Pensou que podia esconder uma coisa dessas de mim! Eu bem gostaria de a ter salvo, mas não sabia o que fazer.

— Pois por Aischa há algo que podes fazer! O pai abanou a cabeça triste:

— Nunca a deveria ter ido buscar a Lusbuna! Mas tinha saudades e preocupava-me tanto com ela... Sempre pensei que o cristão a mantinha à força e a abandonasse, assim que estivesse cheio dela... Provou-me o contrário, quando foi ao arrabalde à procura dela. E eu quase lha devolvi... Era porém tarde demais para voltar atrás na minha decisão.

— Quer isso dizer que irás ajudar os dois?

Malik Ibn Danaf silenciou, sem deixar a expressão triste. Finalmente, respondeu:

— Não! Se esse infiel realmente se converter ao Islão, muito fará pela salvação da sua alma. Mas isso é coisa que lhe compete decidir e, seja qual for a sua decisão, eu não o ajudarei em nada.

— Mas...

Malik Ibn Danaf calou-o com um gesto e acrescentou:

— Fica descansado! Não permitirei que Aischa acabe como a sua mãe.

Informou Rashid da sua resolução e mandou depois chamar a filha.

Aischa entrou no salão a tremer. O pai evitou-lhe o olhar e ela virou-se para Rashid, mas o que viu nele não a animou.

— Senta-te — ordenou o pai e logo acrescentou, com um travo de desdenho: — Então, tu e esse infiel não vos dais um sem o outro!

A garganta de Aischa apertou-se-lhe, só com muito custo ela conseguiu falar:

— O Rashid não te contou que ele pretende...

— Isso, ele que resolva, eu não o obrigarei a nada!

Este início de conversa não era nada promissor. Ela engoliu as lágrimas e balbuciou:

— Pai, eu...

— Não precisas de me suplicar. Podes ir ter com ele!

O espanto deixou-a sem fala. De repente, porém, apoderou-se dela uma suspeita que logo lhe deu voz:

— E a Soraya?

— Irá contigo. Pensas que eu era capaz de te tirar a tua filha?

O alívio era tão brutal, que ela rompeu em pranto. Agarrou a mão do pai em agradecimento, mas ele repeliu-a e prosseguiu:

— Recuso-me a assistir ao teu definhamento, como assisti ao da tua mãe. Mas não podereis nunca contar com a minha ajuda! Já que escolheste o teu próprio destino, tens três dias para deixares a minha casa. Leva o que tu e a Flora conseguirdes transportar, pois também ela é livre de ir contigo. Não haverá nenhuma despedida, a partir de hoje não mais desejo falar-te ou ver-te.

Aischa estava paralisada, duas lágrimas grossas secavam nas suas faces pálidas. Nunca vira seu pai tão severo e frio. Nem sequer estava autorizada a dar-lhe um último abraço, ele não lhe desejaria boa sorte...

Mas era livre de ir ter com Konrad! Sentia uma vontade irresistível de agradecer ao pai, apesar de ele lhe ter proibido qualquer atitude desse género. Ainda inspirou o ar para falar, mas ele atirou:

— Estás dispensada!

Aischa tinha acabado de entrar na sua câmara, quando Rashid lhe surgiu e lhe disse:

— Eu sei que é duro ser expulso de casa, mas não lhe leves a mal. Ele não consegue agir de outra maneira. Sonhara com outro tipo de futuro para a sua filha preferida.

— Sim, como em Lusbuna, quando ele me queria casar com Amir. E eu tê-lo-ia feito com prazer, acredita-me! Mas depois veio o cerco... E o nosso mundo nunca mais foi o mesmo.

— Tens razão, minha irmã. Tenho muitas saudades de Lusbuna.

— Lusbuna já não existe Rashid!

— Eu sei. Mas Batalyawes não me diz nada. Também eu partirei depois do meu casamento, apesar de isso significar mais um golpe duro para o pai. Pelo menos, ele ainda tem o Abu. — Sorriu irónico.

— Que não precisará mais de ter ciúmes de mim.

— Mais uma razão para eu me alegrar com a minha partida. Jamila também casará em breve. O que faria eu nesta casa, sem vós os dois?

— E serás feliz? Apesar do teu amado ter empobrecido?

— Só sei que quero ir ter com ele, Rashid. A vida de Konrad é a minha vida, o seu destino é o meu destino.

Os olhos esverdeados brilhavam espantados:

— Um amor, como os poemas o cantam? Pensei que não existisse...

— Enganaste-te!

— Bem, o pai recusa-te a sua ajuda... Mas não me proibiu de te ajudar. Diz-me, o que posso fazer por ti?

Depois de uma curta reflexão, ela respondeu:

— Konrad tem dois cavalos, mas nem eu nem a Flora sabemos montar. Não me importaria de caminhar, mas por causa da Soraya seria bom que tivéssemos uma carroça.

— Arranjá-la-ei.

— Muito obrigada, Rashid.

— E não tornarei a permitir que Flora ande pela cidade à procura dele. Deixa-me tratar do assunto, combinarei tudo com ele.

— Está bem, se achas melhor assim.

Konrad perdera outra vez o rastro ao Ruço e procurava-o entre praguejos pelo mercado. Mas o muezim chamou à oração do meio-dia e ele logo tomou o rumo da mesquita, a fim de ocupar o seu lugar costumeiro como pedinte. Já esperara um dia inteiro e ainda não recebera notícias de Aischa. Contudo, e ao contrário do que ela lhe pedira, não fugiria. Se neste dia não recebesse nenhuma mensagem, iria apresentar-se no estabelecimento de Malik Ibn Danaf, não como pedinte, mas como cavaleiro! Não possuía vestes finas, mas lavar-se-ia e surgiria na presença do mercador mouro de cabeça levantada e espada à cinta.

Lá estava, sentado no chão, quando a luz do sol desapareceu à sua volta. Três mouros cercavam-no e ele pôs-se de pé num salto. Logo um deles avisou:

— Não faças asneiras!

Konrad viu os punhais enfiados nos cintos.

— Que quereis de mim?

— Apenas que nos acompanhes.

— E aonde me levais?

— Verás. Para evitar problemas, vejamos o que escondes por baixo dessa capa.

Dois seguraram-no pelos braços, o terceiro revistou-o.

— Ora, o que vem a ser isto? Um belo punhal... E uma bolsa de dinheiro! Ficarão mais seguros comigo. E agora mexe-te!

— Quem vos manda?

Não obteve resposta, o que não agourava nada de bom. Porque tinham vindo estes três mouros ao seu encontro, em vez de Flora? O que se teria passado na casa do mercador mouro? Que era feito de Aischa?

Chegados à zona portuária, entraram num armazém de brocados e tapetes finos. Os três homens estacaram com Konrad no meio deles. A sua frente, sentado em cima de almofadas, encontrava-se

Rashid. Ao deparar com os olhos odiosos, Konrad viu-se de novo no meio da escaramuça, perante as muralhas de Lusbuna. Johann tropeçava nos escombros, caía desamparado e o mouro não conhecia piedade... Não se conseguiu segurar:

— Primeiro o meu irmão, agora eu! Estás assim tão empenhado em acabar com a minha família? Só espero que consideres que a minha filha é tua sobrinha!

Rashid aproximou-se dele e declarou:

— Não levarei a mal a tua falta de educação, pois compreendo que estejas...

— Fui mal-educado? Estavas à espera de uma vénia, para que melhor me pudesses cortar a cabeça?

Rashid olhou-o furioso:

— Se quisesse acabar contigo, já o tinha feito há muito tempo, quando te ajoelhaste perante o teu irmão. Sorte a tua, que eu abomine a ideia de matar alguém à traição, mesmo no meio de uma batalha. Por isso te peço: acalma-te, antes que digas algo de que te arrependas! Afinal, tenho boas notícias para te dar.

Konrad não acreditava nele, mas a sua voz interior dizia-lhe que não o continuasse a provocar, quanto mais não fosse, para tentar saber de Aischa.

— Sou todo ouvidos — replicou.

— Aischa e a filha juntar-se-ão a ti, depois de amanhã.

O espanto era tão completo, que a máscara da ironia se desfez e ele suplicou:

— Peço-te que não brinques com uma coisa dessas! Prefiro que me digas a verdade, por mais terrível que ela seja.

Antes de responder, Rashid ordenou aos outros três:

— Esperai lá fora! — Como eles hesitassem, acrescentou: — Tudo bem, o cristão não me fará mal.

— Ah, pois não — replicou um deles. — Tenho o seu punhal em meu poder.

— E encontrámos também uma bolsa com dinheiro — disse um outro.

— Dai-me tudo o que lhe pertence — ordenou Rashid.

Os homens obedeceram e saíram.

— Sentemo-nos — disse o mouro, assim que os dois ficaram sozinhos.

— Aischa virá mesmo ter comigo?

— Sim, ela foi expulsa de casa.

— Expulsa? Ela não vos contou que eu me prontifico a converter ao Islão?

— Contou, o meu pai é que não se prontifica a ajudar-te.

— Porque não?

— Tenta pôr-te no lugar dele... Afinal, também és pai de uma filha. Konrad sentiu perplexo como o sangue lhe subia às faces e balbuciou:

— Nunca foi minha intenção desrespeitar a Aischa...

— Tens contudo que concordar que se trata de uma situação complicada. Mas o meu pai reconheceu que não adianta manter-vos separados. Além disso, está preocupado com a saúde dela.

— Ela pareceu-me mais magra...

— Não é só a saúde do seu corpo que nos vem deixando em cuidados, também a da sua mente. Anda muito melancólica. — Depois de uma curta hesitação, acrescentou, quase num murmúrio:

— E ficará talvez mais segura contigo do que o estaria aqui em Batalyaws.

— Que queres dizer com isso? Rashid respirou fundo.

— Os reis cristãos e os seus barões estão cada vez mais poderosos. Ibn Errik, por exemplo, transformou o seu condado num reino e libertou-se do poder do imperador hispânico, que, diga-se de passagem, é seu primo. Depois, conquistou Shantarin e Lusbuna e é claro não se dará por satisfeito com isso. Também o imperador vem conquistando território mouro. E Batalyaws, como cidade de fronteira, encontra-se em grande perigo.

— Mas eu ouvi dizer que o rei de Batalyaws tem um acordo com esse imperador.

— Sim, paga-lhe tributo, para melhor proteger a sua cidade... O que adia a derrota, mas não a evitará. Assim que os cristãos tiverem poder suficiente, não haverá acordos que lhes resistam. Talvez isso não aconteça no meu tempo, mas certamente no dos meus filhos ou netos. Por isso, deixarei Batalyaws daqui a três meses, assim que tiver casado.

— Para onde pretendes ir?
— Pretendo atravessar o estreito, estabelecer-me do outro lado, de onde a minha família originalmente veio.

O bisavô do meu pai aventurou-se em al-Andalus ao tempo do último califa, Hisham III.

— Mas no Magrebe não te livrarás da guerra.
Como resposta, Rashid recitou versos do poeta Ibn Sara de Shantarín:

*Os homens honram por ignorância o mundo
ainda que seja desprezível.*

*Por ele se querelam como cães
em disputa de caça ferida.*

Konrad admirou mais uma vez a capacidade dos poetas mouros em compor versos sobre todos os temas da vida. Rashid acrescentou:

— Não deve haver nenhum lugar no mundo livre de guerra. Em território magrebino, contudo, terei mais garantias de que a minha família viverá sob regência muçulmana.

— E os outros? Ficarão aqui?

— O coração do meu irmão Abu está cheio de ódio pelos cristãos, ele não acredita na vossa vitória. E o meu pai sente-se incapaz de recomeçar a sua vida noutro lugar, depois de já ter sido obrigado a deixar Lusbuna. As minhas irmãs solteiras estão sob a sua tutela, quando casarem, serão os seus maridos que decidirão sobre as suas vidas.

Depois de um curto silêncio, Konrad perguntou:

— Quando e como vem Aischa ter comigo?

— Encontramo-nos depois de amanhã, ao nascer do sol, no cais dos barqueiros. Aischa disse-me que tens dois cavalos.

— Tenho... os que já foram vossos.

— Mas vós precisareis de uma carroça, sobretudo por causa da Soraya. Tratarei de arranjar uma. Flora também irá convosco. Se Aischa é como fosse sua filha, Soraya é a sua neta.

Konrad via Rashid com outros olhos e sentia dificuldades em lidar com esta nova situação. Nunca lhe passara pela cabeça vir a simpatizar com este mouro, que lhe parecera o diabo da primeira vez que o vira. Balbuciou:

— Nem sei o que te hei-de dizer...

— Não podia deixar de ajudar Aischa. Sempre foi a mais esperta das irmãs, a mais viva. E sempre teve o condão de me animar, por mais profunda que fosse a minha tristeza.

O sol punha-se, quando Konrad chegou ao estábulo. De cauda a abanar, o Ruço lançou-se a ele e Samuel exclamou:

— Oh homem, bem preocupado fiquei ao ver o cão aqui chegar sem ti. E o animal também não encontrava descanso. Gania, dum lado para o outro, sem saber se havia de esperar por ti ou ir à tua procura.

— A culpa é dele! — Konrad usava um tom severo, mas afagava-lhe as orelhas. — Porque é que me fugiste, seu tratante?

— Bem — atalhou Samuel, — vejo que estás vivo e de saúde. Vou-te buscar alguma coisa de comer.

— Espera! Antes disso, preciso da cuba de banho.

Um dos empregados preparou-lhe um banho quente e Konrad lavou-se, barbeou-se e vestiu roupa que a mulher de Samuel lhe havia lavado.

Quando o judeu entrou no estábulo com uma tigela de estufado de frango e viu o estrangeiro majestoso, de cabelos compridos penteados, lançou:

— Eu sabia! És um cavaleiro, não és?

— Se calhar... — riu-se Konrad.

— Continuas misterioso?

— É coisa que não te ocupará por muito mais tempo. Partirei depois de amanhã!

A tigela quase se escapou das mãos de Samuel, que o olhava estupefacto. Konrad acrescentou:

— Fica descansado! Parece que tudo acabará bem.

— Não me digas que te arranjaste com a tal família moura!

— Para te ser sincero, ainda desconfio de uma armadilha... — Resolveu não entrar em pormenores e, como Samuel ainda o mirasse

espantado, exigiu, com um sorriso: — Venha de lá essa malga! Morro de fome.

No dia seguinte, Konrad cavalgou até à cidade, a fim de distribuir esmolas pelos pobres, numa tentativa de os compensar pelas que ele recebera indevidamente.

Caminhava pelas ruas de Batalyaws de costas direitas e cabeça levantada, fazendo tilintar os acicates nas botas de couro. Trazia o punhal à vista, enfiado no cinto. Os cabelos caíam-lhe pelos ombros e luziam dourados à luz do sol, que lhe dava a cor azulada aos olhos. E, apesar de as suas vestes não serem luxuosas, os passantes e os mercadores perguntavam-se quem seria aquele cavaleiro, a quem o cão do pedinte tão fielmente seguia!

Houve uma altura em que Konrad teve a impressão de não estar a ser seguido só pelo Ruço. Olhou à sua volta, mas não descobriu nada de suspeito. Não se costumava enganar em situações semelhantes, mas desta vez talvez tivesse apenas a ver com o facto de mal poder acreditar na sua sorte.

Ao serão, despediu-se da família de Samuel e dos empregados.

— Não me queres finalmente contar a tua história? — perguntou-lhe o judeu, assim que se encontravam a sós.

Konrad riu-se com ele. O homem ouviu o relato estarrecido e no fim comentou, a abanar a cabeça:

— Uma mulher! Eu devia ter adivinhado.

— Para te ser sincero, até há dois anos atrás eu não acreditaria que chegasse a este ponto. Mas o meu destino ficou marcado a partir do momento em que pousei a vista nos olhos de âmbar.

— Achas que podes confiar no irmão dela? Afinal, não tornaste a ver a tua amada.

— Rashid já por duas vezes me poderia ter matado e não o fez.

— Mesmo assim. Não é qualquer mercador mouro que deixa ir a filha com um cristão.

— Ele não a deixa ir, expulsou-a de casa. E ela tem uma filha do cristão. De qualquer maneira, não tenho outra hipótese que não seja confiar no Rashid.

— Pois agora que conheço a tua história, ainda te acho mais estranho do que antes! Tenho a certeza de que jamais te esquecerei, Johann.

Konrad perguntava-se se não seria mais honesto revelar o seu verdadeiro nome. Por outro lado, que diferença fazia? Ele e Samuel gostavam um do outro, independentemente de nomes, nacionalidade ou religião.

- Desejo as maiores felicidades a ti e à tua família!
- Também eu a ti. Deram um último abraço.

Com o Ruço e os dois cavalos, Konrad esperava junto ao cais dos barqueiros. As estrelas desapareciam à medida que o céu por sob a planície ia clareando. No horizonte, uma luz ainda débil anunciava o novo dia. Na encosta da colina à esquerda de Konrad, as muralhas de Batalyaws deixavam de ser meras sombras, já se distinguia o remate piramidal dos merlões. Uma pequena fila de camponeses com as suas bestas e carroças já esperava que se abrisse a Porta do Rio.

Quando se destrancaram os ferrolhos, a plebe teve que abrir alas para uma carroça maior, coberta por uma lona e puxada por dois belos cavalos. Konrad reconheceu Rashid ao comando, ao lado do qual se encontrava uma mulher coberta com o conhecido véu azul-turquesa, como se ela trouxesse na cabeça um pedaço do céu daquele dia que despontava e que significava o começo de uma nova vida.

Quando pararam, Aischa correu ao encontro de Konrad e os dois mergulharam num abraço, enquanto o Ruço saltitava à volta deles. Depois, ela mostrou-lhe a filha, que estava dentro do carro com Flora, e Konrad deparou com dois olhinhos azuis que o observavam como se ele fosse algo nunca visto.

Os homens desatrelaram os cavalos do mouro e aparelharam os de Konrad à carroça. A despedida, os dois ainda hesitaram, mas acabaram por se abraçar.

Um barqueiro levou-os até à outra margem e Konrad iniciou a sua viagem, guiando os cavalos com a mão direita, enquanto o seu braço esquerdo pousava sobre os ombros de Aischa. O Ruço havia saltado para dentro da carroça, onde se deitou ao lado de Flora e Soraya.

— Para onde vamos? — perguntou Aischa.

— Não para Lisboa, não tornarei atrás na minha decisão. De qualquer maneira, sempre tencionei recomeçar a minha vida noutro lado.

— Mas onde? Levas-nos para a tua terra?

— Só em última hipótese. Lá, a minha família caiu em desgraça e o ferreiro Otmar dificilmente me aceitaria de novo, se eu lhe surgisse com mulher e filha. Tentarei a minha sorte com o rei português.

Ela soltou-se dele e retorquiui:

— Tenho medo desse homem, Konrad! Que esperas dele afinal?

— Lembrar-lhe-ei de que ele admitiu fazer-me seu vassalo. E mesmo que ele não queira mais ouvir falar disso, dificilmente se recusará a vender-me terras.

Aischa olhou-o desconfiada:

— Tens assim tanto dinheiro?

— Não, mas... já vais ver. — Konrad parou o carro. — Acabámos de chegar ao local onde os meus pertences estão enterrados, à sombra daquele sobreiro grande. Queres ver como é que eu marquei...

O Ruço saltou para fora da carroça, a ladrar como um doido. Konrad viu quatro cavaleiros a galoparem ao seu encontro por sobre a planície.

— Quem diabo são eles? — perguntou-se, ao saltar para o chão.

— Alá nos valha — soltou Aischa, chegando-se a ele. — É o meu irmão Abu!

Começou a tremer e Konrad puxou-a para si:

— Tem calma! Ele não se oporia a uma decisão do teu pai.

— Dele, espero tudo.

— Talvez só nos venha dar algum recado...

Konrad acreditou até ao fim que os mouros viessem com boas intenções e não largou Aischa, que sentia tremer. E, quando desembainhou o punhal, já era tarde demais. Enquanto dois dos homens armados que acompanhavam Abu logo o agarraram, o terceiro arrancou-lhe a moura dos braços.

O Ruço arreganhou os dentes e engatou-se no antebraço de um dos que seguravam o dono. O homem deu um berro e largou Konrad, que se viu livre para lutar com o outro.

— Maldito cão — praguejou o que agarrara em Aischa. Desembainhou a espada e desferiu uma pancada violenta contra as pernas dianteiras do animal, que largou a sua vítima, num latir lastimoso.

O homem que ele mordera segurava o braço ensanguentado e Konrad já tinha o seu adversário praticamente sob controlo, quando Abu resolveu desmontar, fez um sinal ao seu terceiro ajudante que largasse Aischa e os dois caíram em cima de Konrad. Dominaram-no e amarraram-lhe as mãos atrás das costas. O Ruço rastejou para debaixo da carroça.

— Seus cobardes — berrou Konrad. — O que quereis de nós?

— Vim fazer justiça — replicou Abu.

— Contra as ordens do teu pai?

— Há muito que mereces o teu castigo, cão estrangeiro! Havia de o ter feito logo em Lusbuna. Tu manchaste a honra da minha família e pagarás por isso.

— Não digas asneiras — berrou Aischa.

— Não te atrevas a abrir a boca, desavergonhada! Verás como o teu amante será chicoteado e como eu mesmo terei a honra de lhe cortar a cabeça.

— Não! — gritou ela e lançou-se ao irmão. — Não permitirei que destruas a minha vida.

Abu tinha dificuldades em dominá-la. Aischa estava fora de si, o véu caíra-lhe por terra, os caracóis negros esvoaçavam. Mas o irmão acabou por lhe agarrar os braços. Atirou-a ao chão com uma bofetada e vociferou:

— Não ouves a tua filha a berrar? Vai ter com ela! Em pranto, Aischa lá se arrastou até ao carro.

Enquanto compunha os brocados em desordem, Abu anunciou triunfante:

— E agora tratemos de ti, cruzado! Se me limitasse a cortar-te a cabeça, não sofrerias o suficiente, por isso levarás primeiro dez chicotadas!

Dois dos homens despiram-lhe o tronco e amarraram-no a um dos sobreiros. Konrad lançou um olhar à carroça e congratulou-se com o facto de Aischa ter desaparecido no seu interior. Enquanto um dos homens preparava o chicote, dirigiu-se a Abu:

— Promete-me que levarás as duas de volta para o teu pai. Não me podes recusar este meu último desejo, qualquer condenado à morte tem direito a ele.

— Tu não tens direito a nada! Konrad arquejou perplexo e retorquiu:

— Vejo que o teu irmão tinha razão, quando me disse que tinhas o coração cheio de ódio. Não é a honra da tua família que te move!

Nem sequer te preocupas com a segurança e a felicidade da tua irmã e da tua sobrinha! Pretendes apenas descarregar a tua ira num cristão. Abu agarrou Konrad pelos cabelos, cuspiu-lhe na cara e bradou:

— Tens toda a razão! Hei-de acabar com a vossa corja maldita! A um sinal seu, o homem começou com as chicotadas.

Rashid levou os cavalos para o estábulo e, quando chegou ao estabelecimento, o pai deu-lhe os bons-dias, sem o olhar. Ele ainda hesitou, mas acabou por dizer:

— Correu tudo como planeado. Aischa e Soraya...

— Nunca mais digas os nomes delas na minha presença! Rashid suspirou desiludido e decidiu começar com a escrita, da qual era ele o encarregado. Ao sentar-se, olhou à sua volta e perguntou:

— Porque é que o Abu ainda não chegou?

— disse-me que precisava de ir ao armazém.

— Para quê?

O mercador encolheu os ombros:

— Sei lá. Não o conheces? O mais certo é ir à procura de uma seda para a dar a alguma nova amante, que para aí arranjou.

— É esbanjador com mulheres que não o merecem. Devia casar!

— Haverá de o fazer. Mas achas que modificará depois a sua maneira de ser?

— Ao armazém... — murmurou Rashid incrédulo. — Bem, se ele foi a outro lado, logo o saberemos. Ordenei ao criado que vigia a nossa porta que o mantivesse debaixo de olho.

O mercador pôs-se de braços cruzados em frente ao filho:

— E porque é que eu não fui informado disso?

— Só queria ter a certeza de que o Abu não fazia nenhuma asneira. Ele anda esquisito, desde que soube que a Aisch... da expulsão.

— Já te disse que não falasses nisso!

— Mas eu só...

O criado surgiu quase sem respiração e logo declarou, sem que ninguém lhe perguntasse nada:

— O senhor Abu deixou a cidade na companhia de três homens armados.

— Por Alá — soltou Rashid e dirigiu-se ao pai: — Permitirás que aconteça uma tragédia?

Malik Ibn Danaf não mostrava a mínima reacção.

— Por favor — insistiu o filho. — Aischa já sofreu o suficiente. Se acontece alguma coisa ao Konrad, será o fim dela. E era precisamente isso que tu querias evitar.

O pai observava-o mudo e Rashid não sabia como avaliar o olhar dele. Já pensava em agir por conta própria, quando o mercador falou:

— Temos aqui dois homens armados. Vamos pedir ao teu tio Yussuf que nos arranje outros dois e façamo-nos ao caminho!

Chegaram o mais depressa que puderam ao cais. Já na outra margem, Malik Ibn Danaf ordenou:

— Separemo-nos aos pares. Eles não podem estar longe.

Aischa encolhera-se a tremer dentro da carroça. Ainda bem que Flora conseguira acalmar a Soraya. A pequena devia ter fome, mas ela não estava capaz de a amamentar. Brevemente, Konrad estaria morto e também ela queria morrer. Seguiria o exemplo de sua mãe e recusaria os alimentos. E nem a Soraya a levaria a desistir de tal intento!

Estremecia, de cada vez que ouvia o chicote bater nas costas de Konrad. Aquilo torturava-a tanto que, se tivesse um punhal à mão, não hesitaria em espetar-se.

Ao mesmo tempo que contava as chicotadas, rezava para que aquele martírio acabasse depressa... quando ele acabou mesmo!

Só se apercebera de seis chicotadas. Teria contado mal? Ou teria a paciência de Abu acabado e já jazeria o corpo decepado de Konrad numa poça de sangue? Sentia-se desfalecer e, apesar de ouvir as vozes do irmão e dos outros, não os conseguia entender.

Antes que a luz lhe fugisse dos olhos, limpou o suor frio da testa com as costas da mão e olhou para Flora. A mulher parecia escutar algo, ao longe! Assim que conseguiu dominar o bater dos dentes, Aischa balbuciou:

- O que ouves?
- Cavalos!
- Cavalos?!
- Sim, vem aí alguém.

A mulher tinha razão! Aischa forçou-se a espreitar pela abertura da lona. E o que viu, deu-lhe forças para saltar para fora da carroça. O seu pai e Rashid vinham a toda a velocidade ao encontro deles. E, embora de costas ensanguentadas, Konrad ainda vivia.

Tanto do lado esquerdo da planície, como do direito, vinham, dois a dois, mais quatro cavaleiros, que se juntaram ao mercador e ao filho.

Todos travaram as suas montadas no meio de uma nuvem de poeira. Malik Ibn Danaf desmontou e caminhou furioso ao encontro de Abu:

- O que se te meteu na cabeça?
- Alguém tinha que fazer justiça — replicou o filho.
- Atreves-te a agir contra as minhas ordens? Acaso achas que já não sou capaz de tomar conta dos meus?

Abu não respondeu. O mercador aproximou-se bem dele e atirou-lhe à cara:

— Enquanto eu viver, serei eu o responsável pela justiça dentro da minha casa. E tu vergar-te-ás às minhas ordens, entendido?

Abu ainda hesitou, mas acabou por baixar a cabeça em obediência.

Entretanto, os recém-chegados haviam libertado Konrad e ajudavam-no a vestir a túnica. Sem forças, ele sentara-se encostado à árvore e Rashid chegava-lhe o seu próprio cantil. Aischa preparava-se para ir ter com eles, quando notou que o pai se aproximava dela. Não acreditava nos seus próprios olhos, quando o mercador pegou na bolsa de dinheiro que trazia ao cinto e lha estendeu.

- Não — arquejou ela e deu um passo atrás.
- Aceita, Aischa!
- Não posso...
- Mas é para a Soraya!

Especada à frente dele, notou que ele a olhava com o carinho de antigamente. Pegou na bolsa e sussurrou:

- Obrigada.

— Desejo-te boa sorte, minha filha! E, se puderes, manda-me notícias, estejas onde estiveres!

Aischa não aguentou e caiu-lhe nos braços.

Quando se desligou dela, Malik Ibn Danaf foi ter com Rashid e Konrad. Este último arranhou logo força para se levantar e o mercador perguntou-lhe:

— Estás em condições de continuar a tua viagem?

— Estou... Já me sinto melhor.

— Muito bem.

Virou-lhe as costas, impedindo Konrad de lhe estender a mão. Chegado ao cavalo, chamou:

— Despachemo-nos! Deixei a loja com um único criado! Desapareceram todos a galope.

Konrad e Aischa ainda se perguntavam um ao outro como se sentiam, quando o Ruço, encolhido debaixo da carroça, recomeçou com o seu latido miserável.

— Podes fazer alguma coisa por ele? — perguntou ela.

— Se o seu único problema é a perna partida, acho que sim. Em miúdo, o meu pai mostrou-me o que fazer numa situação dessas. Dessa vez, conseguimos curar um dos nossos cães.

— O teu pai devia possuir bom coração, se se preocupava com os seus animais.

— Sim, ele era generoso. Ocupava-se mais de mim e do Johann do que seria de esperar. Uma pena, ele ter sido fraco demais para reagir às desgraças que a vida lhe...

Soraya recomeçou a chorar.

— Tem fome — disse Aischa. — Já não lhe dou o peito há muito tempo.

— Vai ter com ela. Depois de tratar do Ruço, ainda terei de desenterrar as minhas coisas.

Konrad muniu-se de bandas de tecido para usar como ligaduras e procurou dois paus para servirem de talas. Endireitou o osso do animal o melhor que pôde e ajudou-o depois a deitar-se na carroça. Em seguida, pegou na pá, desenterrou os seus pertences, arrumou tudo no carro e puderam finalmente partir.

Aischa acordou a meio da noite com o choro faminto de Soraya. Ela, Flora e a criança dormiam na carroça, Konrad deitara-se no chão, com o Ruço a seu lado.

Tinham montado acampamento ao fim da tarde. Konrad estava tão esgotado, que logo se enrodilhara numa manta e adormecera. Nem quando as duas mulheres fizeram uma fogueira e prepararam a ceia, ele deu acordo de si. Não comera, ao contrário do Ruço, que, apoiado nas três pernas saudáveis, se afastara do acampamento para se aliviar e, depois de saciar fome e sede, se deitara ao lado do dono.

Depois de mamar, Soraya tornou a adormecer. Aischa deitou-a ao lado de Flora e espreitou para fora da carroça. Na fogueira, as brasas ainda ardiam, pequenos focos vermelhos no cinzentismo do luar. Quando ela se aproximou de Konrad, este estendeu-lhe um braço. E ela murmurou:

— Pensei que dormisses.

— A Soraya acordou-me. E eu fiquei à tua espera.

Ela enfiou-se debaixo da manta. A ansiedade que sentiam não permitia grandes romantismos. Mas nem a sofreguidão com que Konrad a possuía, nem a dureza do chão, incomodavam Aischa. O calor dele envolvia-a como uma redoma, no interior da qual ela experimentava o seu pedaço de Paraíso. Vezes incontáveis se vira em sonhos no interior desta redoma de prazer, que desaparecia, assim que ela acordava, arrepiando-se de frio e desilusão, na sua alcova confortável de Batalyaws.

Quando já descansavam, Aischa percorreu-lhe os cabelos macios com os dedos.

— Talvez seja melhor voltares para a carroça — disse ele. — É mais confortável.

— Não — replicou ela, colando-se mais a ele. — A Soraya deve ficar sossegada até ao nascer do dia. — Depois de um curto silêncio, perguntou: — Dizes-me agora como é que pretendes comprar terras sem dinheiro?

Ele pegou na sacola de couro debaixo da capa enrolada que lhe servia de almofada e tirou de lá a cruz.

— Foi o que eu pensei — exclamou ela, levemente irritada.
— Qual é o problema? Não é valiosíssima?
— É, mas traz azar.
— Foi esta cruz que nos juntou e há-de salvar-nos a vida! Ela observou o objecto por um momento e replicou:
— Gostaria tanto de acreditar nisso, meu amor.
Konrad puxou-a para si e amaram-se novamente à luz do luar, desta vez sem pressas.

Cinco dias mais tarde, Konrad guiava a carroça ao longo da margem sul do Mondego, passando por aldeias, hortas e pomares. Do outro lado do rio, via montes cobertos de pinheiros e faias. Barcos de mercadores e de pescadores deslizavam sobre as águas cristalinas, aproximando-se de Coimbra, onde el-rei D. Afonso Henriques estabelecera a sua corte e cujo casario se espalhava pela encosta de uma colina, junto à margem norte.

Konrad atravessou o rio por sobre a velha ponte romana, que desembocava perto da Porta de Almedina, a principal da cidade. Mas não entrou em Coimbra. Dirigiu-se ao mosteiro de Santa Cruz, algumas jardas mais à frente, onde ele pretendia procurar alojamento. Não conhecia as estalagens da região e queria velar pela segurança de Aischa e Soraya.

Aischa não poderia revelar a sua verdadeira identidade, teria que passar por moçárabe. Muitas dessas cristãs usavam vestes semelhantes às das mouras. E a moça seguraria o seu véu com um aro no alto da cabeça, deixando a cara descoberta.

Konrad disse ao cônego que os recebeu ser um cruzado que, juntamente com a mulher Beatriz (o nome cristão da mãe de Aischa), a filha e a ama desta, viajava pelo reino à procura de um melhor pedaço de terra do que aquele que, depois do cerco de Lisboa, lhe coubera em sorte. O cônego pôs-lhes duas câmaras à disposição na casa de hóspedes e os animais foram conduzidos aos estábulos. Tudo isto custava bom dinheiro. Os pobres tinham direito a alojamentos grátis, mas em salões comuns, desprovidos de privacidade.

— Espero que não tenhamos de ficar aqui muito tempo — disse Aischa a Konrad, quando já se encontravam na intimidade da sua câmara. — Se alguém descobre a verdade...

— Teremos que alimentar a mentira durante três dias pelo menos. El-rei concede audiências duas vezes por semana e precisamente ontem foi um desses dias.

— Conseguirei convencer como cristã?

— Claro, tu sabes até algumas preces de cor. Mas não te esqueças de que, como boa esposa e mãe, terás que me acompanhar todos os dias à missa.

— Que Alá me...

Ele pousou-lhe o indicador sobre os lábios e murmurou:

— Já passámos por tanto! Conseguiremos ultrapassar mais este obstáculo.

Passados os três dias, Konrad subiu as ruas íngremes e labirínticas de Coimbra, em direcção à alcáçova. Também aqui se notava a influência moura. Apesar da cidade já se encontrar há cerca de cem anos em poder cristão, viam-se muitos moçárabes e a zona do mercado fazia lembrar as de Lusbuna e Batalyawws. Na alcáçova, porém, aquilo que já tinha sido jardins, eram agora terreiros, por onde se passeavam, além dos cães, porcos, galinhas e patos.

O optimismo de Konrad evaporou-se, assim que ele deparou com a fila em frente da sala das audiências. Tinha-se feito ao caminho ao nascer do sol, mas presumia que a maior parte daquela gente havia pernoitado ali mesmo. Se ele não tivesse oportunidade de falar com o rei naquele dia, teria de esperar mais quatro, o que lhe custaria imenso dinheiro, para já não falar das dificuldades de Aischa em se adaptar às regras do mosteiro.

Não tinha outra hipótese, que não fosse tentar a sua sorte e ocupou conformado o seu lugar na fila. A sua volta, sentia a veneração por D. Afonso Henriques que já conhecia dos tempos do cerco. Muitos dos que ali estavam eram pobres que esperavam receber esmolas generosas, mas Konrad constatou que alguns, mostrando feridas e chagas, até acreditavam que o monarca seria capaz de fazer milagres e lhes daria a cura para as suas doenças! A maior parte consistia, no entanto, em camponeses ou artesãos, procurando uma solução para conflitos, ou outros, menos abonados, que traziam as suas filhas solteiras na esperança de as poderem deixar na corte como serviçais na cozinha, ou a tratar dos animais e das hortas.

As que não tiverem essa sorte, pensou Konrad, ainda acabam num bordel, como a Ausenda.

Ao soar da sexta hora, altura em que o sol atingia o seu zénite, el-rei interrompeu as audiências para ir tomar uma refeição. À plebe que esperava, foi servido um caldo de cebola com toucinho e um pedaço de pão escuro. Via-se que alguns raramente, ou nunca, tinham a oportunidade de engolir semelhante. Uns poucos foram-se embora logo a seguir, balbuciando uma desculpa qualquer, o que levou Konrad a pensar que ali tinham estado apenas para forrar o estômago.

As audiências foram retomadas à tarde, mas certos casos de conflitos demoravam a ser resolvidos. As perspectivas de Konrad iam piorando. O sol marchava sem piedade em direcção ao ocidente e a fila à frente dele pouco diminuía.

Quando, a meio da tarde, as nonas soaram, veio um soldado anunciar:

— Já não há tempo para todos.

Contou uns quantos e estendeu o braço mesmo à frente de Konrad. A aflição deste despertou-lhe o espírito resolutivo e passou por debaixo do braço do soldado, que resmungou:

— Não contei contigo.

— Tens a certeza? — retorquiu, aguentando o olhar do outro, que era aliás um palmo mais baixo do que ele.

Fosse por o guarda notar que aquele homem não havia recebido a educação humilde da plebe, fosse por estar cansado e não se querer chatear, acabou por dizer:

— Que seja! Mais um menos um... — À multidão atrás de Konrad gritou: — Só até aqui, ao franco. O resto que venha noutro dia.

A maioria afastou-se resignada, uns quantos todavia protestaram. Logo surgiram mais soldados, que os empurraram com o cabo das suas lanças, enquanto bradavam:

— É desandar! Desaparecei!

Konrad respirou fundo. Doía-lhe a cabeça e tinha novamente fome, mas sabia agora que iria ser recebido naquele dia. Pouco depois, criados distribuíram água e pão seco aos que ainda esperavam.

Com o passar do tempo, Konrad começou outra vez a desesperar. Dificilmente poderia impressionar D. Afonso Henriques, esgotado como estava e envergando túnica e calças de linho grosseiro. Apesar de ter botas de couro, parecia um camponês...

E tencionava tornar-se num vassalo real?! Apalpou a cruz de esmeraldas que, agarrada a um cordel à volta do pescoço, lhe caía sobre o peito, escondida pela túnica, e recuperou um pouco de coragem.

O sol já se punha, quando entrou finalmente na sala, na companhia de dois guardas. As paredes estavam enfeitadas com tapetes apresentando motivos de caça, mas também os havia com os desenhos geométricos de origem moura. O trono real, um cadeirão forrado a seda cor de vinho, encontrava-se no outro extremo da sala, em cima de um estrado com a altura de três degraus. À direita e à esquerda deste, sentavam-se os conselheiros reais, em cadeiras mais pequenas. Pergaminhos amontoavam-se em mesinhas à sua frente.

El-rei examinava documentos, que escrivães lhe apresentavam de ambos os lados. A sua veste vermelha, bordada com medalhões brancos e azuis, chegava-lhe abaixo dos joelhos, deixando ver um pouco das calças brancas e os sapatos de couro macio. O manto real preto, debruado a ouro, era segurado por sobre o ombro direito por uma fíbula também de ouro. Os cabelos ondulados, no meio dos quais brilhavam várias brancas, espalhavam-se-lhe pelos ombros.

Entre os conselheiros de D. Afonso, Konrad reconheceu o Prior do mosteiro de Santa Cruz. Os dois guardas quedaram-se à entrada e fizeram-lhe sinal que avançasse. Ele aproximou-se dos três degraus, à frente dos quais logo se ajoelhou. El-rei, ocupado com os documentos, disse, sem levantar a cabeça:

— Diz lá o que queres! Já não tenho muito tempo. Konrad esforçou-se por falar com voz firme:

— Alteza, sou um cruzado que participou no cerco de Lisboa e... Interrompeu-se, pois o soberano dignou-se a examiná-lo. E perguntou:

— Conhecemo-nos?

Konrad relatou o acontecido frente à mesquita aljama.

— Ah sim — lembrou-se o rei. — O tal mouro dos olhos esquisitos... Não te dei a casa do pai dele?

— De facto alteza e também recebi terras. E quando vos informei de que fora armado cavaleiro, dissestes-me que eu tinha a possibilidade de me tornar num vosso vassalo.

— Não tens aspecto de ter enriquecido com as minhas dádivas! Konrad engoliu em seco, antes de replicar:

— Desfíz-me de todas as minhas posses!

Um murmúrio de perplexidade percorreu os conselheiros reais.

— Ora essa! — fungou o soberano. — E porquê?

Konrad contou que viajara para Batalyaws a fim de recuperar a sua amada e a filha pequena. D. Afonso atirou incrédulo:

— Desfizeste-te de tudo por causa duma moura?!

— Peço a vossa compreensão, alteza. Acontece que...

— Meu rei e senhor — declarou de repente o Prior de Santa Cruz.

— Este homem recebeu alojamento no mosteiro. Ouço agora que trouxe uma moura para dentro dos nossos muros. Os dois vivem lá como um casal cristão! Peço-vos, por tudo quanto é sagrado: não deixeis impune tamanho sacrilégio!

Konrad sentiu-se tonto e balbuciou:

— Alteza, eu...

— Atreves-te a vir aqui reclamar um senhorio?

— Na verdade, preciso apenas de um pedaço de terra...

— Fazes-me perder tempo, além de que abusaste da hospitalidade dos irmãos de Santa Cruz. Merecias um belo dum castigo! Mas como participaste no cerco a Lisboa, pertencendo a esse grupo de cruzados que guardarei eternamente no meu coração, serei misericordioso e apenas te ordeno que deixes imediatamente o mosteiro e que nunca mais te atrevas a aparecer na minha corte!

— Mas eu tenciono...

— Esta audiência chegou ao fim! — declarou D. Afonso, levantando-se.

— Só mais um momento — suplicou Konrad. — Eu posso... Mas já os dois guardas o arrastavam em direcção à porta por onde tinha entrado, enquanto el-rei se encaminhava para uma outra saída, seguido pelos conselheiros, e os escrevães começavam a arrumar os pergaminhos. Konrad gritou:

— Eu posso pagar!

O monarca e os seus acompanhantes conversavam uns com os outros, aliviados por o dia ter chegado ao fim, e agiam como se ele não existisse.

O desespero de Konrad deu-lhe forças sobre-humanas. Libertou-se dos guardas, atarantados num primeiro momento. Correu na direcção do grupo de fidalgos, enquanto passava o cordel, ao qual estava agarrada a cruz, por cima da cabeça.

Contudo, a meio do caminho, tropeçou na lança que um dos guardas lhe atirou para o meio das pernas e caiu desamparado. As suas mãos bateram com força no soalho e ele perdeu o objecto precioso, que escorregou pelas tábuas e só parou mesmo em frente dos pés de D. Afonso Henriques.

Entre praguejos, os guardas agarraram-lhe os braços doridos, e arrastaram-no mais uma vez...

— Alto!

Os soldados estarreceram. Konrad, atordado pela queda, ouvia o eco da voz real a troar pela sala.

Para espanto dos presentes, el-rei levantou ele próprio a cruz do chão, foi ao encontro de Konrad e vociferou:

— Como é que uma coisa destas te foi parar às mãos?

— Pertence à... Aischa — balbuciou Konrad, ainda atordado.

— E onde é que a moura a foi desencantar?

— A cruz... — Konrad tentava ordenar as ideias — pertencia à mãe dela... uma cristã.

— Uma dessas!

— Falo verdade, alteza. A mãe de Aischa mantinha essa cruz escondida do marido mouro na cave da sua casa.

— E que mais sabes sobre essa história?

Konrad contou como a família de Zubaida (ou Beatriz) havia sido atacada pelos mouros e como ela fora escravizada e levada para Lusbuna. O monarca ouviu aquilo cheio de interesse e perguntou no fim:

— Como se chamava essa família?

— Não sei. Mas talvez Aischa...

— Desejo falar com a tua moura! Volta amanhã na sua companhia. Receber-vos-ei depois das tércias.

Konrad lançou um olhar ao Prior, que o encarava com cara de poucos amigos, e voltou a dirigir-se a D. Afonso:

— Significa isso que tenho permissão para passar mais esta noite no mosteiro?

— Sim... — replicou el-rei distraído, pois só parecia ter olhos para a cruz. — Sim... claro.

— Pela vossa saúde! — replicou o Prior. — A moura não pode ficar nem mais uma...

— Chega! — bradou D. Afonso irritado. O prelado olhou-o tão perplexo, que o monarca acrescentou: — Desculpai D. Teotónio, mas foi um dia longo e cansativo.

— Certamente.

— Tende paciência e deixai-os pernoitar mais uma vez no mosteiro. Eu tenho que ver essa Aischa com os meus próprios olhos e ouvir a história dela. É muito importante!

— Como queirais, D. Afonso!

— Permiti-me mais uma palavra, alteza — pediu Konrad. — Temos uma filha pequena, uma criança de colo, que não pode ficar muito tempo sem a mãe.

— Não tendes uma ama?

— Temos, mas a mulher não lhe pode dar de mamar.

— Pois por mim vinde todos — replicou o soberano com um encolher de ombros. — Lá se há-de tratar da criança. E esta cruz ficará em meu poder. Há umas coisas que preciso de esclarecer.

Aischa perguntava-se o que é que o rei queria dela, esse Afonso Henriques, ou Ibn Errik, cujo nome bastava para provocar o pânico entre a sua gente. Cobriu a cabeça com o véu branco enfeitado a fios de prata e Konrad achou que nunca a tinha visto tão bonita. As suas faces tinham ganho cor durante a viagem e os olhos de âmbar brilhavam orgulhosos, agora que ela não precisava mais de esconder a sua identidade. Flora, com Soraya nos braços, acompanhou o par.

Logo lhes permitiram a entrada no recinto do castelo e, apesar de el-rei ainda não se encontrar na sala das audiências, foram para lá conduzidos, onde se encontravam cadeiras à sua disposição.

D. Afonso Henriques surgiu com a cruz na mão, seguido por um escrivão, que* trazia pergaminhos antigos, e uma criada da corte, a quem el-rei ordenou:

— Encarrega-te da criança e da ama!

A mulher guiou Flora para fora da sala. A D. Afonso não escapou o olhar preocupado de Aischa, pois disselhe:

— A tua filha ficará em boas mãos. E caso tenha fome, a minha criada logo arranjará quem a amamente. — Acrescentou sorridente:
— Não faltam amas na corte. Depois do infante, há dois anos, Deus presenteou-nos com uma princesa, no Outono passado.

Aischa acalmou-se ao constatar que dentro do peito do temido monarca português havia lugar para um coração de pai.

— E agora tratemos deste assunto! — D. Afonso observava a cruz como se ela fosse um tesouro raro.

— Diz-me, Aischa: a tua mãe era cristã?

— Sim, alteza.

— A que família pertencia e como é que ela se apoderou desta cruz?

Aischa contou tudo o que sabia sobre a família de Zubaida. Quando disse como o seu avô se chamara e explicou onde tinha sido o senhorio dele, D. Afonso aconselhou-se com o escrivão, que consultou os pergaminhos e anunciou:

— O relato da moura condiz com o conteúdo dos documentos, meu rei e senhor.

— A tua mãe foi a única a sobreviver ao ataque? — quis saber o monarca.

— Não, também uma sua irmã foi levada como escrava para Lusbuna, mas morreu de febre antes de ser vendida.

— E tu foste a única criança da tua mãe?

— Antes de mim, ela deu à luz dois filhos mortos e ficou infértil durante anos. O meu nascimento foi considerado um milagre.

D. Afonso levantou-se, desceu os degraus do palanque, aproximou-se de Konrad, observou-o durante alguns instantes e anunciou:

— Dar-te-ei o teu senhorio, cruzado! Assim que recuperou a voz, Konrad titubeou:

— Alteza... eu...

— Não me agradeças a mim, mas à tua moura!

Ele virou-se para ela, de olhos arregalados. A curiosidade de Aischa deu-lhe a voz necessária para perguntar ao rei:

— Posso saber porque me conferis tamanha honra?

— Quando o meu pai, um cavaleiro borgonhês, casou com a filha de D. Afonso VI de Leão e ficou encarregado do governo do Condado Portucalense, já a cidade de Coimbra estava em posse dos cristãos, mas a região a sul do Mondego continuava perigosa. O meu pai queria povoá-la com a sua gente e três senhores do norte prontificaram-se a vir. É claro que os atraía sobretudo o facto de lhes serem concedidos senhorios maiores do que aqueles que já possuíam, mas, mesmo assim, o meu pai achou que a sua coragem deveria ser recompensada. Encarregou o melhor ourives de Entre Douro e Minho de fazer três cruzes de ouro enfeitadas com pedras preciosas, com as quais presenteou cada um dos senhores... Um deles era o teu avô!

Aischa arrepiou-se. Nunca os seus pensamentos se tinham ocupado com esse seu avô cristão, que ainda por cima fora um fidalgo.

— Dois desses senhorios — prosseguiu o rei, — foram pilhados pelos mouros, que nessa altura atacavam as povoações da região à procura de despojos. Arrasaram a vila de Soure e chegaram mesmo às portas de Coimbra, que porém não conseguiram reconquistar. Por isso, duas das cruzes eram dadas como desaparecidas... até que esta, por milagre, me surgiu ontem aos pés!

Depois de uma pausa, D. Afonso acrescentou:

— Tu és a única descendente de uma família que meu pai achou por bem recompensar generosamente. O dia da sua morte, tinha eu quatro anos, foi um dos mais tristes da minha vida. Lembro-me de todos os pormenores, apesar da tenra idade e de entretanto já se terem passado quase quarenta anos. Ontem, contudo, assim que pousei os olhos nesta cruz, foi como se ele regressasse por um momento a esta sala.

Konrad agarrou a mão de Aischa, que lhe devolveu um olhar onde brilhava a felicidade.

— Não vos alegreis antes do tempo — avisou el-rei. — As terras que vos darei situam-se perto da fronteira com Leão, numa região montanhosa, solitária e fria. Até lá neva!

Perante o tom dramático com que o soberano dissera as últimas palavras, Konrad quase desatou às gargalhadas.

— Mas venho dotando essas regiões de privilégios — prosseguiu D. Afonso, — a fim de atrair gente. É-me importante povoar essas terras fronteiriças. Mas há outra coisa! — Dirigiu-se a Aischa: — Eu sei que a vós muçulmanos não é permitida a conversão noutra fé. Contudo, o teu cavaleiro tornar-se-á num vassalo real e tereis de casar, quanto mais não seja, a fim de legitimar a vossa descendência. Para isso, precisarás de ser baptizada e de mudar o teu nome.

— Adoptarei o nome cristão da minha mãe. D. Afonso estendeu-lhe a cruz de esmeraldas:

— Guarda-a e transmite-a aos vossos herdeiros, para que se venha a saber que descendem de uma família acarinhada pelo conde D. Henrique!

Com uma pequena vénia, ela tomou-a nas suas mãos, a cruz que antigamente lhe metia medo. Mas Konrad tivera razão: salvara-lhes a vida!

Não era fácil para Aischa, ou D. Beatriz, como passou a ser chamada, aceitar o facto de Konrad participar nas batalhas do rei português contra os mouros. No entanto, ela sabia que essas lutas tinham muito mais a ver com Poder do que com Fé. Os reis e os barões hispânicos também se combatiam entre eles, muitas vezes, servindo-se de alianças que estabeleciam com os próprios muçulmanos. Além disso, era do seu conhecimento desde os tempos do cerco que D. Afonso Henriques muito respeitava os sufis e os muridinos, através das relações de amizade que estabelecera com Ibn Qasi. E tinha mouros mesteirais na sua corte, a quem autorizava a prática da sua religião.

De resto, D. Beatriz era generosa com os pobres da região, o que a tornou amada pelo povo, apesar de todos saberem que no seu peito batia um coração mouro, pois o seu cântico saudoso ecoava por entre os corredores do castelo, numa língua que ninguém entendia.

Principalmente no Inverno, quando as montanhas à sua volta se cobriam de neve, D. Beatriz dava expressão à saudade que sentia de Lusbuna, perdida para sempre.

FIM

SOBRE A AUTORA

CRISTINA TORRÃO - Nasceu em Castelo de Paiva em 1965. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (estudos ingleses e alemães) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Exerceu funções na delegação do Norte da Radiodifusão Portuguesa antes de emigrar para a Alemanha, onde vive actualmente.

Foi professora de português em várias escolas de Hamburgo.

Neste momento, vive em Stade com o marido, Horst Neumann, e dedica-se inteiramente à escrita, a nível profissional.

Em Julho de 2007, foi a vencedora da 2.a edição do Concurso Literário O meu 1º Best-Seller, do Modelo / Continente, em parceria com as Edições Asa e a revista Visão, com o livro A Moura e o Cruzado.

Com a chancela da Esquilo, publicou em 2008 o romance histórico Afonso Henriques — O Homem.